

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA NÍVEL MESTRADO

ROBERTO POLETTO

UMA TRAJETÓRIA POR ESCRITO:
PEDRO MONTENEGRO SJ. E SUA *MATERIA MEDICA MISIONERA*.

SÃO LEOPOLDO

2014

ROBERTO POLETTO

UMA TRAJETÓRIA POR ESCRITO:
PEDRO MONTENEGRO SJ. E SUA *MATERIA MEDICA MISIONERA*.

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção de título de Mestre, pelo
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Eliane Cristina
Deckmann Fleck.

SÃO LEOPOLDO

2014

P765t

Poletto, Roberto.

Uma trajetória por escrito : Pedro Montenegro SJ. e sua
Materia medica misionera / Roberto Poletto. – 2014.

218 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2014.

"Orientadora: Prof^a Dr^a Eliane Cristina Deckmann
Fleck."

1. Montenegro, Pedro de, 1663-1728. 2. Matéria médica
– América do Sul. 3. História. 4. Jesuítas. I. Título.

CDU 93/94

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

AGRADECIMENTOS

Ao concluir o processo de escrita desta dissertação, vários foram os meus sentimentos. Mas um deles se impõe neste momento: o da gratidão. Muitas foram as pessoas que, às vezes, sem querer e, às vezes, sem saber, tornaram os meus dias melhores. Nos últimos quatro anos, a minha trajetória pessoal quase se confundiu com a do irmão jesuíta que motivou este trabalho, mas também com a de muitas outras pessoas que, mesmo em meio às exigências cotidianas, tornaram a caminhada mais leve.

À mentora do nosso grupo de pesquisa, Eliane Fleck, professora, orientadora e amiga. Obrigado, em primeiro lugar, pela confiança que depositaste em mim, ao me convidar para ser bolsista de IC, no já longínquo novembro de 2009. Obrigado por me incentivar sempre... para que eu tentasse mais, tentasse fazer melhor. Meu crescimento como historiador se deve ao exemplo que vejo em ti! Obrigado pela oportunidade de escrever artigos em parceria e de participar de projetos de pesquisa, já como pós-graduando, e que foram fundamentais para esta dissertação. E, também, pela paciência que tiveste com os meus pequenos lapsos... os quais perdoaste com coração de mãe!

Aos *fleckianos*, com quem dividi muitos dias, discutindo temas que foram desde as teorias da história ao feminismo e compartilhando os lanches da tarde, deixo o meu agradecimento. Em especial, à Tarcila, à Elisa, à Mariana e ao Samuel.

Aos professores e colegas do PPGH, pelas aulas e pelas conversas descontraídas durante o café. A vocês, que estiveram sempre tão disponíveis para trocar ideias, textos e, até mesmo, para dar uma palavra de incentivo, meu obrigado!

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, especialmente, ao Prof. Dr. Paulo Moreira e à secretária Saionara Brazil.

Ao Centro de Estudios Sociales de América Latina (CESAL) da Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, especialmente, às professoras Andréa e Milagros e aos amigos Guille, Leo, Gordo e Pollo, pela carinhosa recepção, que fez com que eu me sentisse acolhido nos primeiros dias na Argentina.

Aos amigos de sempre, Marcos, Miguel, Jean, Romio, Éve e Axel (10)!

À minha família, por confiar em mim, pelos momentos felizes dos domingos desfrutados com mate e pipoca, falando de política com uns, xucrismo com outros, futebol com o Germano e o Iago, e até sobre a cor do ar com o Dudu, que “me assistia”, enquanto iniciava a escrita das considerações finais do trabalho! A vocês, obrigado pela presença!

Ao meu pai, pelo apoio e pelo orgulho de sempre, e, acima de tudo, pela autonomia que sempre me deste! “*Se tu quer, faz História, é tu que vai estudar!*”; “*Se dá pra ir pra Argentina vai, vou pra lá te visitar!*” Pela parceria, valeu véio!!

Por fim, um agradecimento muito especial para a minha mana, que espera de mim belas e longas palavras. Mana, tu sabes que não precisa ouvir nenhuma palavra para saber o quanto és importante para mim. Obrigada “pela mão” que me deste na organização das referências bibliográficas... pelas conversas, pelas comidas saborosas e pelas noites que viramos juntos organizando o material da pesquisa. Obrigado! E tu sabes... “*I’ll be there for you*”.

Agradeço, também, ao Conselho Nacional de Pesquisa Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio para a realização do curso de Mestrado, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que possibilitou a realização de minha missão de estudos na Argentina.

Dedicado à minha mãe... Sempre à Ela!

“Poder-se-ia dizer que a formalização da pesquisa tem, precisamente, por objetivo produzir “erros”– insuficiências, falhas – cientificamente utilizáveis.”

(CERTEAU, 1982, p. 86)

RESUMO

Esta dissertação tem como foco a trajetória de Pedro Montenegro. Nascido na Espanha, em 1663, ele atuou no Hospital Geral de Madri, onde realizou sua formação técnica. Anos mais tarde, imigrou para a América, onde, em 1691, ingressou na Companhia de Jesus, sendo que, mesmo como religioso, continuou exercendo ofícios ligados às artes de curar, tanto em Córdoba, quanto nas missões de *Apóstoles* e *Mártires*, onde faleceu em 1728. Para a reconstituição de sua trajetória, recorreremos à documentação relativa às instituições que fizeram parte sua vida, tais como o Hospital de Madri, o Protomedicato e a Companhia de Jesus. Ao irmão jesuíta Montenegro é atribuída a autoria da *Materia Medica Misionera*, de 1710, considerado um dos principais tratados de botânica médica do período colonial. A análise da obra nos possibilitou problematizar aspectos relativos à autoria e ao seu processo de elaboração e, também, identificar e avaliar as apropriações que seu autor fez das concepções europeias de medicina e as ressignificações resultantes do contato com as populações indígenas e das experiências que realizou com as plantas medicinais nativas americanas.

Palavras-Chave: Pedro Montenegro. *Materia Medica Misionera*. Trajetória. Apropriação. Ressignificação.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the trajectory of Pedro Montenegro. Born in Spain in 1663, he served at the General Hospital of Madrid where he accomplished his technical training. Years later, he immigrated to America, where, in 1691, became involved in the Company of Jesus, and even as a religious, continued to perform crafts involving the healing arts, both in Córdoba, and in the Apostles and Martyrs missions, where he died in 1728. In order to reconstitute his trajectory, we used the documentation of institutions that were part of his life, such as the Hospital of Madrid, Protomedicato and the Company of Jesus. The authorship of *Materia Medica Misionera* written in 1710 is attributed to the Jesuit brother Montenegro, a work considered to be one of the main treaties of medical botany of the colonial period. The analysis of the work enabled us to discuss aspects concerning the authorship and its preparation process and also to identify and evaluate the appropriations that its author did of European conceptions of medicine as well as the resulting reinterpretation obtained by the contact with the indigenous people and experiences that he made with the Native American medicinal plants.

Key-words: Pedro Montenegro. *Materia Medica Misionera*. Trajectory. Appropriation. Reinterpretation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1	
Planta baixa do Hospital Geral de Madri.....	33
IMAGEM 2	
Frontispício da Recopilación de las leyes del Protomedicato.....	46
IMAGEM 3	
Mapa ilustrado da Manzana Jesuítica de Córdoba.....	89
IMAGEM 4	
Mapa da América, com indicação dos deslocamentos de Montenegro.....	104
IMAGEM 5	
Inventário da Botica de Córdoba, realizado após a expulsão da Companhia de Jesus.....	127
IMAGEM 6	
Detalhe dos Instrumentos Cirúrgicos arrolados no Libro de Cirugia.....	131
IMAGEM 7	
Arrayán silvestre o negro.....	146
IMAGEM 8	
Tamarindo, nas obras de Piso e Montenegro.....	164
IMAGEM 9	
Árbol de la Copayba.....	165
IMAGEM 10	
Prólogo da Materia Medica Misionera.....	168
IMAGEM 11	
Dedicatórias.....	183

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O ENFERMEIRO.....	24
2.1 A FORMAÇÃO EM MADRI.....	24
2.2 O PROTOMEDICATO E O HOSPITAL DE MADRI: ALGUMAS QUESTÕES ADMINISTRATIVAS.....	39
2.3 MANIFESTAÇÕES DA RELIGIÃO E DA CARIDADE NAS <i>ARTES DE CURAR</i>	51
2.4 A TEORIA HIPOCRÁTICO-GALÊNICA E O MERCADO EDITORIAL NA ESPANHA DO SEISCENTOS.....	64
3 O JESUÍTA.....	76
3.1 POR QUE VIAJAR? POR QUE A AMÉRICA?.....	76
3.2 A FORMAÇÃO NA COMPANHIA DE JESUS.....	88
3.3 A TRAJETÓRIA MISSIONEIRA.....	102
3.4 ENTRE OS SABERES NATIVOS E A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS.....	116
4 O AUTOR DE BOTICA.....	130
4.1. SER AUTOR NO SÉCULO XVIII.....	130
4.2. PEDRO MONTENEGRO: O AUTOR DIDÁTICO.....	142
4.3. PEDRO MONTENEGRO: O AUTOR TÉCNICO E O “ESTADO DA ARTE”.....	153
4.4 A <i>MATERIA MEDICA MISSIONERA</i> : ENTRE APROPRIAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES.....	167
5 CONCLUSÃO.....	179
ANEXO A – TABELA DE DADOS BIO-BIBLIOGRÁFICOS DE MÉDICOS ESPANHÓIS.....	198
ANEXO B – ÍNDICE REMISSIVO DA MATERIA MEDICA MISIONERA.....	210

1 INTRODUÇÃO

No ano de 1663, em *Santa María*, na Galícia espanhola, nascia Pedro Montenegro¹. Além desta informação, são poucos os dados que temos sobre a sua vida. Sabe-se, em linhas gerais, que Montenegro saiu da Galícia, que, provavelmente, teve um aprendizado técnico como boticário ou cirurgião em Madri e que, posteriormente, imigrou para a América, onde entrou para a Companhia de Jesus. Tornou-se irmão, mas jamais abandonou sua profissão de formação, pois atuou diretamente no atendimento de doentes até o fim de seus dias no ano de 1728.

A vida desse homem, que foi *enfermero* – possivelmente com alguma experiência ou formação técnica –, viajante, jesuíta e, também, autor de uma obra de botânica médica, a *Materia Medica Misionera*, me servirá como pano de fundo, como um pretexto necessário para a ampliação do olhar sobre as experiências que ele e outros homens ligados às artes de curar, escritores ou não, religiosos ou não vivenciaram entre o século XVII e o XVIII.²

O tema e o problema de pesquisa que norteiam o trabalho têm relação com o subprojeto desenvolvido durante a Iniciação Científica³ e com o Trabalho de Conclusão de Curso⁴, no qual procurei, através da análise de Tratados de Medicina, compreender a aplicação das concepções médicas tanto as acadêmicas, quanto as mágico-religiosas na Europa do período moderno. Já o foco deste trabalho está na formação dos profissionais das artes de curar e as práticas de escrita comuns ao período do Antigo Regime,⁵ especialmente,

¹ A localização do povoado natal de Pedro Montenegro é incerta, porém Rodriguez (1966, p. 69) argumenta que: “*Nosotros nos permitimos modestamente, sospechar que pudiera ser la Santa Marina perteneciente al ayuntamiento de Allariz (Orense). Nos basamos para ello en dos razones respetables, una la de ser este pueblo inmortalizado por el martirio de la virgen de este nombre la más popular de Galicia, y otra el hecho de que el apellido Montenegro cuenta en dicho ayuntamiento con bien claras raíces.*”

² Nesse sentido, entendemos Pedro Montenegro como um sujeito que, por suas vivências, nos permite uma compreensão melhor do período estudado. Ele foi, como bem colocou Keila Grinberg (2002, p. 27), ao analisar a trajetória de Antonio Pereira Rebouças: “um desses homens que, como poucos, alargaram os parâmetros de seu tempo, esticando o elástico das possibilidades históricas a que estamos todos submetidos.”

³ Meu contato com o tema se deu durante minha participação como bolsista de Iniciação Científica-CNPq junto ao projeto “Medicina e Missão na América Meridional: Epidemias saberes e práticas de cura (séculos XVII e XVIII)”. O projeto é coordenado pela professora Doutora Eliane Cristina Deckmann Fleck e executado no Programa de Pós Graduação em História da Unisinos, contando com o apoio da FAPERGS e do CNPq.

⁴ POLETTO, Roberto. **Medicina Acadêmica Espanhola**: Continuidades de práticas mágico-populares e avanços científicos em Tratados de medicina do século XVIII. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011. 100p.

⁵ Antigo Regime é, segundo Ronaldo Vainfas (2000, p. 43), um: “Conceito para designar a dinâmica das sociedades ocidentais entre os séculos XVI e XVIII, a qual, no entanto, tende a dissolver-se durante o período – com a mercantilização das relações econômicas, com a formação do Estado Moderno, com a secularização do pensamento e com o avanço da alfabetização – para dar lugar a uma outra, bastante diferente, que rege predominantemente o mundo contemporâneo.”. Considerando que o conceito de Antigo Regime é bastante amplo e não dá conta das dinâmicas particulares de cada região, sempre que o utilizarmos estaremos nos referindo, especificamente, ao caso espanhol.

aquele da transição do XVII para o XVIII. Período em que Pedro Montenegro (1710, [1945], prólogo), por razões diversas e que serão exploradas no trabalho também tornou-se um *autor de botica*.

Diversos trabalhos já se detiveram na atuação dos jesuítas nas artes de curar e na importância dos tratados de medicina que eles escreveram. É importante destacar que as obras atribuídas ao jesuíta Pedro Montenegro já mereceram alguns estudos ou menções em artigos, os quais, em sua maioria, se dedicaram a destacar a atuação da Companhia de Jesus à *medicina do corpo e da alma*⁶ ou, então, à importância dos conhecimentos científicos que os jesuítas sistematizaram ou produziram nos vários continentes em que atuaram como missionários.⁷ Alguns historiadores brasileiros, como Heloísa Gesteira, já analisaram a *Materia Medica Misionera*⁸, empenhando-se em demonstrar como os jesuítas recorreram às

⁶ Além do artigo de Heloísa Gesteira sobre o tema e publicado em 2004, destacamos os de: FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Da mística às luzes: a medicina experimental nas reduções jesuítico-guaranis (séculos XVII e XVIII). **Revista Complutense de História de América**, v. 32, p. 153-178, 2006; FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Medicina e Missão na Província Jesuítica do Paraguai: saberes e práticas de cura (séculos XVII e XVIII). **Anais do 7º Congresso Latino-americano de História da Ciência e da Tecnologia**. Salvador, Bahia: Sociedade Brasileira de História da Ciência - SBHC, 2010, v. 01, p. 01-30; FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Sobre licores e xaropes: práticas curativas e experimentalismos jesuíticos nas reduções da Província Jesuítica do Paraguai (séculos XVII e XVIII). In: KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloísa. (Org.). **Ensaio de História das Ciências: das Luzes à Nação independente**. 1ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora da UERJ (EdUERJ), 2012, v. 01, p. 17-30; FLECK, Eliane Cristina Deckmann; POLETTO, Roberto. Esto es lo que yo buscaba (...) el conocimiento de las yerbas y su aplicación. **Anos 90** (UFRGS. Impreso), v. 19, p. 411-436, 2012; FLECK, Eliane Cristina Deckmann; POLETTO, Roberto. Circulação e produção de saberes e práticas científicas na América meridional no século XVIII: uma análise do manuscrito *Materia Medica Misionera* de Pedro Montenegro (1710). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impreso)**, v. 19, p. 1121-1138, 2012; FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Uma ordem de homens de religião e de ciência: difusão, produção e circulação de saberes médicos e práticas científicas pela Companhia de Jesus (América meridional, séculos XVII e XVIII). In: AMANTINO, Márcia Sueli; ENGEMANN, Carlos. (Org.). **Santa Cruz, de legado dos jesuítas a pérola da Coroa**. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2013, v. 1, p. 105-144.

⁷ Dentre as obras que abordaram as Ciências na América e que trazem informações sobre as obras de Montenegro, destacamos: FURLONG, Guillermo. **Medicos Argentinos durante la dominacion hispánica**. Buenos Aires. Huarpes, 1947; GARZÓN, Fernando. **Historia de la Ciencia en el Uruguay**. Del descubrimiento al fin de las Misiones Jesuíticas. Montevídeu: Tridincó S/A, 1996, Tomo I, 290 p.; MARTÍN, Carmen M; VALVERDE, José Luis. **La Farmacia en la América Colonial: el Arte de Preparar Medicamentos**. Granada: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada, 1995.

⁸ O manuscrito analisado por Gesteira encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sob o título *Curiosidad un libro de medicina escrito por los jesuítas en las misiones del Paraguay*, apesar de ter o ano de 1580 – um erro, com certeza, de datação – em sua portada, apresenta rigorosamente o mesmo conteúdo do manuscrito de 1710. É importante que destaquemos, também, que a denominação *Materia Medica Misionera* não foi a dada ao texto pelo o irmão jesuíta, mas, sim, aquela que lhe foi dada quando de sua primeira publicação, organizada por Manuel R. Trelles. In: TRELLES, Manuel Ricardo. **Revista Patriótica del Pasado Argentino**. Tomos I e II. Buenos Aires: Imprenta Europea, 1888. (Primeira Edição da *Materia Medica Misionera*)

artes de curar como uma estratégia de conversão⁹ e sua importância para o “estabelecimento de um *locus* de produção de conhecimento”¹⁰ (GESTEIRA, 2004, p. 75).

Diversas teses e dissertações defendidas nos últimos anos abordaram algumas das temáticas que também estiveram entre as minhas preocupações. Os trabalhos de SANTIAGO dos SANTOS (2003), GONÇALVES (2012) e VARELLA (2012), tiveram como tema questões relativas à medicina e às teorias médicas do período colonial. Já os trabalhos de FRANÇOSO (2009) e SPOSITO (2012), debruçaram-se sobre a circulação de saberes e as relações estabelecidas entre missionários e nativos. Por fim, os trabalhos de CERELLO (2007), BETTIOL (2008), CAVALCANTE (2008) e SANTOS (2012), tiveram como foco as práticas de escrita comuns ao período colonial.

Ao realizar a revisão bibliográfica, pude constatar que o problema de pesquisa que propus e a abordagem que dei tanto à reconstituição da trajetória, quanto à análise da obra do irmão jesuíta não foram ainda contemplados em trabalhos acadêmicos, o que justifica a sua realização.

O objetivo principal dessa dissertação foi o de, a partir da análise da *Materia Medica Misionera*, identificar e avaliar as apropriações que Montenegro fez das concepções européias e as ressignificações dessas concepções, devido ao seu contato com a cultura autóctone e das experiências que realizou com a flora nativa, pouco ou totalmente desconhecida na Espanha do seu tempo de formação. Constituíram objetivos secundários, a problematização de aspectos relativos à autoria, ao processo de escrita da obra e à circulação de conhecimentos e de produtos que a Companhia de Jesus constituiu nos séculos XVII e XVIII.

Dentre os trabalhos que foram fundamentais para a investigação, cabe destacar as obras de LE GOFF (1984), BELLINI (2005), MARTINS (2008), FREITAS REIS (2009) e ALMEIDA (2009) que me apresentaram os pressupostos da Medicina hipocrático-galênica, bem como sua evolução, desde o seu surgimento na Grécia Antiga até o século XVIII. Através deles, pude compreender que, para esta teoria, o funcionamento do corpo era garantido através do equilíbrio dos quatro humores básicos, assim como quais eram as principais terapêuticas indicadas para a cura de determinadas doenças.

⁹ Sobre o tema ver: EISENBERG, José. **As missões jesuíticas e o pensamento político moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000 e, ainda, FLECK, Eliane Cristina Deckmann. **Sobre martírios e curas: medicina e edificação nas reduções jesuítico-guaranis (século XVII)**. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, RS, v. XXXI, n. 1, p. 35-50, 2005.

¹⁰ Sobre a produção de conhecimentos jesuíticos, ver: CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e medicina no Brasil colonial. **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 61-75, 2005. CAMENIETZKI, C. Z. . Cientistas e religiosos. **Comciência**, Campinas, v. 65, 31 maio 2005.

Algumas obras me puseram em contato direto com a medicina praticada na Espanha dos séculos XVI ao XVIII e foram importantes para a melhor compreensão sobre a história e as características do espaço de formação nas artes de curar frequentado por Montenegro. Destaco aqui as obras de PERDIGUERO (1996), TERRADA (1996, 2007), LANNING (1997), OLARTE (1999), KATALIN (2006) e RODRÍGUEZ OCAÑA (2006).

A fim de melhor compreender o segundo momento da trajetória de Pedro Montenegro – aquele vivido na América –, entrei em contato com obras e autores que me esclareceram como se dava a formação de um jesuíta no período que analiso, assim como, as estratégias de evangelização empregadas pelos missionários junto aos autóctones. Dentre elas, destaco GARZÓN MACEDA (1916), FURLONG (1947), MAÑE GARZÓN (1996), GRUZINSKI (2001), FLECK (2004), GESTEIRA (2004), PAGE (2004), CASTELNAU-L'ESTOILE (2006) e AGNOLIN (2007).

Para compreender as práticas de escrita e de leitura no período, tanto para o universo leigo, como para a Companhia de Jesus e quais as noções de autoria que estavam presentes no período compreendido entre os séculos XVII e XVIII, tomei contato com os trabalhos de PÉCORA (1999), BOUZA (2001), PERKINS (2007) e FAULHABER e LOPES (2012). Por fim, destaco algumas obras que foram fundamentais para que eu refletisse sobre a trajetória de Montenegro, tais como LEVI (1996), GRENDI (1998), ROSENTAL (1998), GRINBERG (2002), CASTRO GOMES (2004), REIS (2008) e REVEL (2010).

O trabalho está fundamentado teoricamente na História Cultural que, como adverte Chartier (1990, p. 16-17), “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”. Considerei, também, fundamental, levar em conta “o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (CHARTIER, 1990, p. 17), na medida em que me propus a também analisar a obra *Materia Medica Misionera*, escrita por Pedro Montenegro, em 1710, cotejando-a com as obras de referência com as quais ele dialoga, contestando ou ratificando seus pressupostos.

Além de evidenciar o papel que as vivências pessoais de Montenegro assumiram na composição da *Materia Medica Misionera*, procurei, também, deixar clara a relação do sujeito, neste caso Montenegro, com os grupos a que pertenceu e com os lugares em que atuou e que frequentou. Ao falar sobre a produção historiográfica, Certeau (1982, p. 73) destaca que ela é “produto de um lugar”, tanto no sentido do pertencimento a um grupo [um lugar institucional], quanto de um determinado espaço geográfico [que é vivenciado e se impõe na relação com outros]. Nesta perspectiva, podemos considerar que a obra de

Montenegro é fruto do lugar de onde fala o jesuíta, no caso, a Companhia de Jesus, da produção a que ele tinha acesso, e, ainda, das experiências vividas por ele, tanto na Espanha, atuando junto ao Hospital Geral de Madri, como na América, desempenhando a função de missionário junto às populações nativas.

Recorri também a autores que, filiados metodologicamente à micro-história,¹¹ e que se valem da variação de escalas de análise¹², me inspiraram e me ajudaram no propósito de refletir e compreender as escolhas que os sujeitos fazem e as motivações para determinadas ações. Essa variação da escala¹³ permite ao pesquisador a construção de hipóteses, apesar das lacunas existentes na documentação consultada.¹⁴ As categorias teórico-metodológicas supracitadas permitem inverter a lógica perpetuada pela historiografia clássica, contada a partir da vida de reis, santos e governantes para, assim, reescrevê-la a partir de outros protagonistas que não os que foram celebrados.

A noção de trajetória foi fundamental neste trabalho, porém, em diversos momentos, dada a falta de informações sobre Pedro Montenegro, tive que dar voz às instituições ou a outros sujeitos que fizeram parte de sua vida e que me ajudaram na reconstituição dos contextos e na problematização dos temas – centrais ou não – que foram explorados. Dessa forma, a trajetória de Montenegro servirá, como já foi dito acima, de pretexto para a compreensão do período histórico, razão pela qual, o contexto¹⁵ será construído através do personagem.

¹¹ A microhistória, que surgiu na Itália, a partir de meados dos anos 70 do século XX, não pode ser qualificada como uma escola ou uma teoria em si, apesar das claras preocupações teóricas que lhe são inerentes. Ela é, antes de tudo, um método que permite ao pesquisador compreender, através da diminuição da escala de análise, as relações que surgem a partir de um sujeito ou local, tanto em uma perspectiva horizontal, como numa perspectiva vertical.

¹² A opção por uma diminuição na escala de observação é assim explicada por H. Espada Lima: “A escolha da pequena escala [...] estava ligada antes de tudo à convicção de que apenas a pequena escala permitiria revelar de modo menos impressionista as lógicas que informavam os comportamentos de indivíduos e grupos.” (ESPADA LIMA, 2006, p. 256).

¹³ Revel chama a atenção para a importância da variação das escalas de análise e para os ganhos que advêm de tal método: “o que está em jogo na abordagem micro-histórica é a convicção de que a escolha de uma escala peculiar de observação fica associada a efeitos de conhecimentos específicos e que tal escolha pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento. Retomando uma metáfora que foi muito utilizada nos últimos anos, variar a focalização de um objeto não é unicamente aumentar ou diminuir seu tamanho no visor, e sim modificar sua forma e sua trama. Ou então, para lançar mão de outro sistema de referência que a mim pessoalmente me parece mais elucidativo – o cartográfico –, a escolha de uma ou outra escala de representação não equivale a representar em tamanhos diversos uma realidade constante, e sim a transformar o conteúdo da representação mediante a escolha do que é representável.” (REVEL, 2010, p. 438).

¹⁴ A formulação de hipóteses diversas a partir do modelo de análise é uma das proposições de F. Barth, que sugere que submetamos nossos modelos às “tentativas de falsificação” (ROSENTAL, 1998, p.170). A validade da criação de tais hipóteses é destacada por Grendi: “O historiador pode, com proveito, imaginar e depois, pôr à prova esquemas interpretativos por meio dos quais se esforça para tornar esses processos inteligíveis.” (GRENDI, 1998, p. 261).

¹⁵ Em relação à contextualização, optei pela proposição feita por Giovanni Levi, para quem “Há uma relação permanente e recíproca entre biografia e contexto: a mudança é precisamente a soma infinita dessas inter-

A reconstituição da trajetória do sujeito estudado, considerando sua formação técnico-profissional na Espanha e seu ingresso e formação nos quadros da Companhia de Jesus na América, me permitiu uma melhor compreensão de como se deu a constituição de sua obra. Sobre isso, Gontijo (2004, p. 166), destaca: “[...] a crença na possibilidade de acesso aos bastidores da construção de uma obra ou livro e da formação de um autor ou escritor”. Meu interesse em relação a sua formação compreende, especificamente, o período em que o jovem Pedro assimilou determinadas teorias médicas e práticas terapêuticas e, ainda, aquele em que produziu obras que são tidas como referência na área de botânica e de farmácia. No caso de Montenegro, sabe-se que o mesmo iniciou sua formação por volta de 1679, no *Hospital General de Madrid* e que se atribui a ele a autoria de duas obras, a *Materia Medica Misionera* (1710) e o *Libro de Cirugia* (1725)¹⁶.

Para além das evidências das concepções relativas à formação e à medicina oficial, então praticada na Espanha, procurei identificar a influência que as práticas de escrita e de leitura existentes no período, exerceram sobre Pedro Montenegro. Neste sentido, dois conceitos foram fundamentais para a análise que apresento nesta dissertação: o de apropriação e o de resignificação. Roger Chartier (1994, p. 8) destaca que “Compreender os princípios que governam a ‘ordem do discurso’ pressupõe decifrar, com todo o rigor, aqueles outros que fundamentam os processos de produção, de comunicação e de recepção dos livros (e de outros objetos que veiculem o escrito)”¹⁷. Inspirado nesta proposição de análise formulada por Chartier, procurei verificar em que medida o jesuíta Pedro Montenegro, ao produzir as obras *Materia Medica Misionera* e *Libro de Cirugia*, tomou para si os discursos presentes nos Tratados, e, em que medida, os resignificou em função das experiências vividas [e dos experimentos realizados] na América Meridional.

Debruçando-se sobre o “ato de falar”, Certeau (1998, p. 40) destaca que a mesma “coloca em jogo uma apropriação, ou uma reapropriação, da língua por locutores” e, desse modo, “estabelece um contrato com o outro ‘o interlocutor’ numa rede de lugares e relações”. Assim, esses conceitos são operacionais, também, ao ato de escrever e, portanto, aplicáveis aos propósitos desta dissertação. Ao mesmo tempo em que se apropriava do discurso presente

relações. [...] Parece-me que assim evitamos abordar a realidade histórica a partir de um esquema único de ações e reações, mostrando, ao contrário, que a repartição desigual do poder, por maior e mais coercitiva que seja, sempre deixa alguma margem de manobra para os dominados; estes podem então impor aos dominantes mudanças nada desprezíveis.” (LEVI, 1996, p. 180).

¹⁶ Existem algumas polêmicas em torno da autoria das obras de Montenegro que serão problematizadas no decorrer do trabalho.

¹⁷ Ainda sobre esta questão, cabe destacar, como bem observado por De Certeau, que pelo fato de a leitura ser uma “produção silenciosa” ela é incapaz de “fazer um estoque”, a menos que “se escreve (a) ou registra (e).” (CERTEAU, 1998, p.49).

nas obras europeias, Montenegro estava, a partir delas, criando novos significados sobre estes conceitos através de sua produção escrita.

Chartier (1990, p. 24) demonstra como “um texto pode “aplicar-se” à situação do leitor” e, dessa maneira, “uma configuração narrativa pode corresponder a uma refiguração da própria experiência.” Aqui, encontramos a possibilidade de uma ressignificação das concepções europeias, pois, ainda que a teoria médica norteadora fosse originária do velho continente, o ambiente era o americano e os conhecimentos expostos, necessariamente, se combinaram e adaptaram ao local de produção. Ainda sobre a apropriação, Chartier (1990, p. 24) ressalta que:

No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo.

Chartier destaca, nesse excerto, a necessidade de um ponto de articulação que estabeleça relações entre texto/leitor. A possibilidade dessa análise encontra-se justamente na apropriação de determinadas compreensões e sua aplicação na produção de novos conhecimentos evidenciando a apropriação. Ao demonstrar as influências que recebeu, Montenegro nos fornece os meios para avaliar, de maneira crítica, a apropriação dos conceitos [e práticas] encontrados nos tratados médicos europeus, e, também, para observar em que medida essas concepções foram assimiladas *ipsis litteris* ou ressignificadas pelo e no novo local de produção.

No Prólogo do *Libro de Cirugia*, o autor deixava claro quais foram as influências mais marcantes para a escrita da obra, ressaltando que *o he sacado de autores clásicos y que son doctos para la Medicina*” Tal informação aponta para a apropriação de obras clássicas feita pelo jesuíta, que destacava também qual era o seu objetivo: *“el deseo de reunir en un Cuerpo, lo que no he podido hallar en libro alguno, quanto es preciso teniendo que caminar continuamente y por diversas partes; no pudiendo llevar muchos libros que me hallaba falta”* (MONTENEGRO, apud CREMADES, 1999, p. 19).

Em outro excerto, agora da *Materia Medica Misionera*, podemos observar como – ainda que se valesse de autores clássicos como referência –, em diversos momentos, Montenegro adotou ou recomendou procedimentos distintos daqueles por eles indicados, como se pode constatar na recomendação de que determinadas flores colhidas deveriam ser secas ao sol, diferentemente das informações contidas nos autores clássicos. Apoiado nas

experiências que realizava, Montenegro não descuida de defender-se de possíveis ataques: “Y aunque algunos dirán es bueno que este pobre ignorante quiera ir contra las reglas de un Dios Corides, Mathiolo, y Laguna, y otros muchos q.^e en esta facultad han escrito” (MONTENEGRO, 1710 [1945], *Modo de Recojer [...]*).¹⁸

Considerando a escassez de informações sobre a vida de Pedro Montenegro, recorri a fontes bibliográficas e documentais que poderiam nos auxiliar na reconstituição do tempo de sua infância e juventude na Espanha do século XVII e aquele que viveu na América, como irmão jesuíta. Para tanto, procurei informações sobre as instituições que fizeram parte de sua vida: o Hospital Geral de Madri, onde Montenegro iniciou a sua formação nas artes de curar, e sobre a Companhia de Jesus, na qual Montenegro ingressou posteriormente.

A Recompilação das Leis e Pragmáticas do Protomedicato¹⁹ foi organizada no ano de 1751, por Don Miguel Eugenio Muñoz²⁰. Essa recompilação procurava reunir as principais determinações reais que tivessem sido expedidas na Espanha ou anteriormente, considerando os reinos que viriam a formá-la, no que se referisse às artes de curar e a sua gestão. São tratadas, em linhas gerais, questões sobre a formação dos profissionais da saúde no reino, as funções do Protomedicato, como o controle das práticas, o exame dos profissionais e o combate ao curandeirismo.

As *Ordenanzas y Constituciones* do Hospital Geral de Madri²¹ foram publicadas pela primeira vez no ano de 1589, não por acaso o ano de oficialização do Protomedicato, porém a edição que analisamos é a do ano de 1611. Este documento nos oferece um panorama do funcionamento do hospital sob um ponto de vista administrativo. Dessa forma, são citadas as obrigações cabíveis a cada função, como se dava a captação de recursos, a triagem dos doentes dentro do hospital – com o encaminhamento dos mesmos às enfermarias –, a orientação quanto aos direitos e deveres dos doentes, assim como as características que se esperava encontrar nos funcionários, com destaque para a moralidade e a caridade.

¹⁸ Nesta dissertação, optamos por manter a grafia empregada por Pedro Montenegro na versão consultada da *Materia Medica Misionera*.

¹⁹ Além de serem de difícil leitura, por sua natureza eminentemente administrativa, os textos destas leis também reafirmam procedimentos e repetem determinações, caracterizando-se por constantes repetições e/ou sobreposições, dificultando a identificação das mais significativas alterações.

²⁰ Alguns dados sobre o organizador são apresentados na capa da Recompilação: “Don Miguel Eugenio Muñoz, del Consejo de su Magestad, Oidor de la Real Audiência de Valencia, Académico del Numero de la Academia Real de la Historia, Subdelegado del Real Proto- Medicato em la misma Ciudad, y Reyno.” (MUÑOZ, 1751, capa).

²¹ ORDENANZAS, y constituciones para el para el buen gobierno, y administracion del Hospital General de la Misericordia desta villa de Madrid, y de los demas Hospitales, por autoridad Apostolica y Real , a el reducidos. Madri: Por Juan de la Cuesta, 1611. Esta obra, apesar das poucas páginas, exigiu ainda maior atenção do que a “*Recopilación*”, por conter diversas abreviações e palavras em espanhol do século XVII.

Na História Bibliográfica da Medicina Espanhola²², de 1842-52, encontramos informações sobre os principais médicos, cirurgiões e boticários do Reino de Espanha desde o século XV até o início do XIX. Essa obra nos permitiu ter acesso a dados relevantes sobre as pessoas que compunham o “quadro de médicos” do período que estamos estudando. Com características semelhantes encontramos “A Botânica e os botânicos da Península Hispano-Lusitana”²³, de 1858, que apresenta, além de dados biográficos dos principais botânicos da Espanha, as obras que tiveram maior repercussão nesse campo específico de estudos.

*A Medula de Cirugia y Examen de Cirujanos*²⁴ foi publicada, inicialmente, no ano de 1691, porém, teve dez edições até o ano de 1749. Escrita por Manuel de Porres, essa obra tinha o claro objetivo de servir como base de estudos para os jovens aprendizes que estivessem se preparando para o exame de cirurgião. Sendo o próprio Porres um dos examinadores do Protomedicato, pode-se aventar que o livro tenha servido como orientação quanto aos conhecimentos que o órgão esperava que os candidatos demonstrassem ter. A obra torna-se ainda mais relevante para nosso trabalho se pensarmos que o autor trabalhou no Hospital de Madri, sendo, portanto, contemporâneo de Pedro Montenegro.

As Cartas Ânua da Província Jesuítica do Paraguai²⁵ também foram úteis para a investigação, considerando que nelas são encontradas algumas descrições do dia a dia dos jesuítas junto aos nativos americanos. Enfermidades diversas e, em particular, as epidemias são frequentemente descritas nas cartas e podem ilustrar algumas das medidas tomadas pelos missionários para tratá-las ou contorná-las. Uma recompilação dos trechos das Ânua referentes a Córdoba²⁶, organizado por Carlos Page, também trouxe dados sobre o colégio daquela que foi a principal sede jesuítica na América Meridional e onde Montenegro viveu por cerca de 10 anos.

²² MOREJON. Antonio Hernandez. **Historia Bibliográfica de la Medicina Española**. Madrid: Imprenta de la Viuda de Jordan e Hijos, 1842-52 T. I-VII

²³ COLMEIRO, Miguel. **La Botânica y los Botânicos de la Península Hispano-Lusitana**. Estudios Bibliográficos y biográficos. Madrid: Imprenta y Esteoreotipia de M. Rivadenera, 1858.

²⁴ PORRES, Manuel de. **Medula de Cirugia y Examen de Cirujanos**. Madrid: A costa de Pedro Joseph Alonso y Padilla, Librero de Camara de su Magestad, 1749.

²⁵ **CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY** São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisa (IAP/UNISINOS), Transcrição de Carlos Leonhardt, S. J. [1928], 1994. (mimeo) (1714- 1720); (1720- 30); (1730-1735). As Cartas Ânua tinham como base os relatórios anuais que o Provincial recebia dos superiores das residências, colégios, universidades e missões junto aos índios, sendo redigidas pelos secretários ou por pessoas com capacidade para escrevê-las, designadas pelo Provincial. Vale lembrar que cabia a esta correspondência unir, por meio da escrita, os diversos e esparsos membros da Companhia de Jesus, promover uma propaganda edificante que inspirasse novas adesões e, ainda, compartilhar as experiências alcançadas, de maneira a tornar as missões mais frutíferas pela troca de informações.

²⁶ PAGE, Carlos A. **El Colegio Máximo de Córdoba (Argentina) según las Cartas Anuas de la Compañía de Jesús**. Documentos para la História de la Compañía de Jesús en Córdoba. Tomo I. Córdoba: 2004.

O inventário da botica do colégio de Córdoba²⁷, feito após a expulsão dos jesuítas da América espanhola, também contribuiu significativamente para os objetivos desta dissertação²⁸. O levantamento dos bens da Companhia de Jesus foi realizado entre os anos de 1771 e 1772 e conduzido por Lorenzo Infante²⁹. Apesar de ter sido realizado mais de 50 anos depois da passagem de Montenegro por Córdoba, constata-se, ao cotejarmos os bens da botica que foram relacionados com os remédios indicados pelo jesuíta na *Matéria Medica Misionera*, a continuidade do uso de diversos compostos farmacêuticos durante aquele período. Este documento me permitiu ter acesso aos remédios – compostos, elixires, xaropes e sais, entre outros – que estavam à disposição desses religiosos encarregados do atendimento dos enfermos e, ainda, observar em que medida eles se utilizavam de elementos nativos ou europeus no tratamento das enfermidades.

Também foram de grande relevância os inventários realizados dos acervos das bibliotecas de outros colégios e reduções, pois podem nos revelar quais os livros que estiveram ao alcance de Montenegro. Dentre esses inventários, destaco aquele relativo ao Colégio de Córdoba³⁰ que possuía uma das mais importantes bibliotecas da América colonial do período. Os inventários realizados nos *pueblos* de *Apóstoles*³¹ e *Mártires*³², reduções em que Montenegro viveu e atuou, também foram analisados.

A análise de Tratados de Medicina publicados ou reeditados nos séculos XVII e XVIII também possibilitou a identificação dos pressupostos teóricos vigentes no período e da apropriação e da ressignificação que Montenegro fez de alguns procedimentos terapêuticos difundidos em tratados que foram referenciais para a escrita da *Materia Medica Misionera*. Lamentavelmente, nem todas as obras mencionadas por Montenegro se encontram disponíveis para consulta, de modo que a análise destes tratados será parcial.

²⁷ AHUNC, Documentos de la Junta de Temporalidades de Córdoba. CAJA nº 10, legajo 2, nº 27 - **Inventario formado por Lorenzo Infante Boticario en la ciudad de Córdoba de los bienes medicinales** (folios 4533r–4628r. julio 1772).

²⁸ Os jesuítas foram expulsos da América espanhola no ano de 1767, em meio ao processo de centralização do império espanhol conduzido por Carlos III, que ficou conhecido como período das Reformas Bourbônicas.

²⁹ Sabe-se apenas que era um boticário da cidade de Córdoba.

³⁰ FRASCHINI, Alfredo Eduardo (director). **Index Librorum Bibliothecae Collegii Maximi Cordubensis Societatis Iesu**. Edición Crítica Filológica y Bibliográfica. Buenos Aires, 2003.

³¹ AGNA, **Testimonio de lo actuado para el extrañamiento y ocupación de temporalidades de los Reg. de la C.^a e ymbentario del Pueblo de S^{tos} Apóstoles S.^m Pedro y S.^m Pablo**. Sala IX 22-09-04 División Colonia-Sección Gobierno Temporalidades de Misiones. 1767- 1768.

³² AGNA, **Compulsa de los Autos de Ymbentario de los bienes secuestrados a los Regulares de la Compañía de Jesus en el Colegio de los Santos Mártires de Japon**. Sala IX 22-09-04 División Colonia-Sección Gobierno Temporalidades de Misiones. 1767- 1768.

Dentre os tratados que foram referenciais para a *Materia Medica Misionera*, destacamos a obra de Guilherme Piso³³, intitulada “*India Utriusque Re Naturali et medica*”, de 1658, reeditada e traduzida em 1957, sob o título de “História natural e médica da Índia Ocidental”.³⁴ Este manual se constitui em uma das principais referências para o irmão jesuíta, sendo que teria se utilizado não apenas de seu texto, como também copiado as imagens presentes na obra. Outra referência para Montenegro foi o também espanhol Nicolás Monardes³⁵, autor do “*Libro que trata de las cosas que se traen de las Indias Occidentales, que sirven al uso de Medicina [...]*”³⁶, publicado em 1574. Por fim, destacamos o Tratado de Andrés Laguna, publicado originalmente em 1563, sob o título: “*Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca de la Materia Medicinal y de los Venenos Mortiferos [...]*”.³⁷

Em relação às obras escritas por Montenegro, foram localizadas cinco versões da *Materia Medica Misionera*, a primeira em publicada em 1888, por Ricardo Trelles na Revista Patriótica Argentina,³⁸ a segunda, em formato digital³⁹, disponível na Biblioteca do Paraguai,⁴⁰ a terceira uma edição recente, do ano de 2009⁴¹. Foram localizados também dois manuscritos, um na Biblioteca Digital da Espanha, que data de 1710 e que acreditamos tratar-se do original,⁴² e outro datado de 1790, portanto, mais de 60 anos após o falecimento de Montenegro – o que comprova a apropriação e a circulação da obra – que está sob a guarda do

³³ Viveu de 1611 a 1678; foi médico e naturalista e tomou parte da expedição holandesa ao Brasil comandada por Mauricio de Nassau. A partir dessa experiência, escreveu algumas obras, dentre as quais destacam-se a “*Historia Naturalis Brasiliae*” e a “*India Utriusque Re Naturali et medica*”, que será utilizada neste trabalho.

³⁴ PISO, Guilherme. **História natural e médica da Índia Ocidental**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1957.

³⁵ Nasceu em Sevilha, no ano de 1493, e fez formação em Alcalá de Henares. Apesar de nunca ter vindo à América, escreveu sobre as qualidades das plantas americanas em diversas obras sobre o tema. Faleceu no ano de 1588.

³⁶ MONARDES, Nicolás. **Primera y segunda y tercera partes de la Historia Medicinas de las nossas que se traen de nuestras Indias Occidentales que sirven en Medicina**. Sevilla: Alonso Escrivano, 1574.

³⁷ LAGUNA, Andres. **Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca de la Materia Medicinal y de los Venenos Mortiferos**. Traduzido de lengua Griega, en la vulgar Castellana, & ilustrado con claras y substanciales anotaciones, y con las figuras de innumerables plantas exquisitas y raras, por el Doctor Andres de Laguna, Medico de Julio III, Pont. Max. Valencia: Empreza de Claudio Maçè, 1651.

³⁸ TRELLES, Manuel Ricardo. **Revista Patriótica del Pasado Argentino. Tomos I e II**. Buenos Aires: Imprenta Europea, 1888. (Primeira Edição da *Materia Medica Misionera*)

³⁹ Cabe ressaltar a inegável importância das bibliotecas digitais nacionais e estrangeiras para a dissertação, pois nelas pudemos acessar um bom número das fontes que analisamos. O site do *google books*, assim como o da *Biblioteca Nacional Hispánica* merecem destaque pelo número de tratados médicos já digitalizados que disponibilizam aos pesquisadores interessados na História da Medicina e da Ciência.

⁴⁰ MONTENEGRO, Pedro. **Materia Medica Misionera**. Buenos Aires: Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945. A versão digitalizada da obra se encontra disponível no site da Biblioteca Digital del Paraguay. Esta foi a versão utilizada para análise ao longo da dissertação.

⁴¹ MONTENEGRO, Pedro. **Materia Medica Misionera. Herbolario guarani siglo XVII**. Córdoba: Buena Vista Editores, 2009.

⁴² Ibid. O original da obra estava localizado na Biblioteca Nacional da Argentina, porém quando da remoção deste e de outros manuscritos raros para o Archivo General de la Nación Argentina, o mesmo se perdeu. O fato de uma edição do mesmo ano estar localizada na Espanha nos faz pensar que pode tratar-se do original.

Instituto Anchieta de Pesquisas em São Leopoldo⁴³. Quanto ao *Libro de Cirugia*, ao qual não tivemos acesso, utilizaremos, exclusivamente, algumas passagens do prólogo da obra, que foi publicado na Argentina, por Garzón Maceda⁴⁴.

Em termos de metodologia de análise das fontes, realizei um estudo qualitativo das fontes e, a partir delas, constituí bancos de dados com as categorias que se fizeram mais recorrentes em cada documento e relevantes para os objetivos da dissertação. Do levantamento e da sistematização de dados relativos a estas categorias resultaram a “*Tabela de dados bio-bibliográficos de médicos espanhóis*” e o “*Índice Remissivo da Materia Medica Misionera*,” os anexos A e B, respectivamente.

No primeiro capítulo, priorizo as informações relativas à formação de um profissional nas artes de curar na Espanha dos séculos XVI ao XVIII. Considerando que Montenegro fez toda a sua formação técnica na Europa, foi importante observar o que envolvia esse processo, com destaque para a duração do período de estudos, as cátedras que deveriam frequentar, a necessidade de experiência junto a profissionais aprovados, para a posterior realização dos exames, assim como as regras de atuação/legitimação, tendo em vista as linhas tênues que separavam medicina e curandeirismo à época. Ressalto, também, a influência que a Igreja Católica e a teoria hipocrático-galênica ainda exerciam nesse período, assim como as obras médicas que circulavam, em função de sua aprovação e larga aceitação, na Espanha dos séculos XVII e XVIII. Ao desvendar esse ambiente de formação de Montenegro, pude fazer uma análise mais rica das concepções que o jovem galego possuía e defendia, tornando possível a avaliação das influências que aquele ambiente e aquela formação exerceram sobre ele.

No capítulo subsequente, analiso o período em que Pedro Montenegro atuou na América meridional. Este período se inicia com um novo momento de formação – em decorrência do ingresso na Companhia de Jesus – e com a responsabilidade, primeiramente, de atuar junto à botica do Colégio de Córdoba e, posteriormente, como missionário junto a índios já reduzidos na Província Jesuítica do Paraguai. Acredito que o contato com a flora nativa, assim como com as populações nativas possibilitou a Montenegro uma ampliação de seu conhecimento botânico e médico, assim como a possível ressignificação de algumas de

⁴³ MONTENEGRO, Pedro. **Materia Medica Misionera**. [1710], 1790 (manuscrito). O Instituto Anchieta de Pesquisas foi fundado em 1956, com o intuito de desenvolver e difundir as pesquisas realizadas por seus membros no ainda incipiente espaço universitário brasileiro. Na atualidade, além de manter pesquisas, especialmente no campo da arqueologia, estão sob sua guarda diversos documentos de autores referenciais para o estudo das missões jesuíticas na América.

⁴⁴ GARZÓN MACEDA, F. **La Medicina en Córdoba**. Apuntes para su Historia. Tomos I- II- III. Buenos Aires: Talleres Gráficos Rodrigues Giles, 1916. (Edição Parcial do *Libro de Cirugia*).

suas concepções. Para a reconstituição da trajetória de Montenegro foi fundamental considerar sua inserção em ambiente bastante distinto daquele com o qual estava habituado e que, ao menos na visão da época, se caracterizava pela barbárie e pela desassistência tanto espiritual, quanto em termos médicos.

No último capítulo da dissertação, o foco esteve voltado para o processo da escrita da *Materia Medica Misionera* e, para tanto, considerei interessante problematizar as noções de autoria vigentes no século XVIII. Um sem número de manuscritos circulava por cidades e povoados, sendo que, partindo-se de um texto original, eram realizadas adições ou subtrações, conforme os interesses – individuais ou institucionais [Estado ou Igreja] presentes em cada momento histórico. Partimos, então, dos seguintes questionamentos: O que era, de fato, ser autor no Século das Luzes? Quem poderia apresentar-se como tal ou ser assim definido? Para responder a eles, cotejei a obra de Montenegro com as de seus referenciais, com o intuito de evidenciar as possíveis apropriações e ressignificações, modificadas pelo tempo ou pelas relações institucionais que se desenvolviam, assim como possíveis acomodações entre concepções.

Pedro Montenegro foi um dos muitos jesuítas que escreveram obras de caráter científico durante o período em que missionaram na América. A Companhia de Jesus pode ser considerada uma das propulsoras do conhecimento sobre o “novo mundo” em diversas áreas, tais como a medicina, a astronomia e a engenharia. Sua atuação como homens de ciência foi fruto tanto de uma qualificada formação, geralmente, realizada na Europa, quanto das experiências e observações cotidianas realizadas na América ou em outros continentes em que a Companhia se fez presente. Além disso, é preciso considerar que um sem número de obras – de moral, de teologia, de medicina, enfim – circularam entre a América e a Europa, aumentando as possibilidades que esses padres e irmãos jesuítas tinham de apropriar-se e de ressignificar conhecimentos e, mais do que isso, de difundir-lo no “campo fértil da América”. Como bem destaca Agnolin (2007, p. 430):

[...] se nós identificarmos, nessa época, estruturas antinômicas entre aquelas do conhecimento científico e aquelas que dizem respeito às oscilações e inquietações da vida religiosa, se nós colocarmos uma distinção demasiado nítida entre esses dois universos culturais, corremos o risco de não compreender uma inteira época na qual não existiu, de forma tão nítida, uma tal separação entre a concepção do homem, a visão do mundo natural e o obsequio para a lei divina.

Espero que este trabalho, que teve como fio condutor a trajetória de Pedro Montenegro, instigue outros historiadores a pesquisarem sobre a vida de outros religiosos –

jesuítas ou de outras ordens religiosas – que não reduziram sua atuação à evangelização ou ao atendimento espiritual, dedicando-se às mais variadas áreas do conhecimento científico, contribuindo, assim, para o debate em torno da existência de uma dicotomia entre prática científica e a religião, visão difundida por uma parcela considerável de historiadores.⁴⁵

⁴⁵ Autores atuais, tais como, Cañizares Esguerra, Miguel de Asúa, María S. Di Liscia, entre outros, têm procurado dar ênfase à atuação prática dos jesuítas radicados na América, porém separando sua atuação de um fazer científico.

2 O ENFERMERO

2.1 A FORMAÇÃO EM MADRI

Após um longo período de expansão, iniciado com as Grandes Navegações⁴⁶ e, especialmente, após a integração de Portugal e de suas colônias ao Império espanhol, período que ficou conhecido como União Ibérica⁴⁷, a Espanha viveria, no final dos Seiscentos, um momento bastante difícil, devido à situação econômica desfavorável. A população estimada para o início da centúria era de 7.500.000 pessoas, mas a diminuição no decorrer dos anos anteriores era evidente.⁴⁸ As frequentes guerras, a imigração para a América e as constantes epidemias, decorrentes das dificuldades econômicas e da falta de concepções adequadas de tratamento e assepsia parecem ter sido as principais causas da diminuição dos índices demográficos.

No ano de 1666, quase todas as províncias da Espanha foram atingidas por pestes, fato que se repetiria no ano de 1672, “*efecto, sin duda, de la gran esterilidad y sequedad que venia experimentando.*” Os anos seguintes não parecem ter encontrado uma modificação no quadro, sendo que “*variánronse las estaciones; las primaveras eran frias y secas, los estíos frios y húmedos, los otoños húmedos y calientes, con flores y frutos vernaes, y los inviernos cálidos*” (SÁMANO, 1850, p. 330). Ao serem apontadas como as responsáveis pelas epidemias, as mudanças ocorridas nas estações anuais – que subvertiam as qualidades quente/frio e seco/úmido – parecem apontar para uma avaliação que muito se aproxima da

⁴⁶ As Grandes Navegações possibilitaram um aprofundamento das relações comerciais a nível mundial, com as distâncias outrora tidas como intransponíveis e os mares tidos como perigosos e não navegáveis cada vez mais conhecidos. Falando sobre as viagens que atravessaram todo o século XV e culminaram com a descoberta do novo continente pelos espanhóis e do Brasil pelos portugueses, Falcon (2000, p. 21) destaca que: “São estas navegações e explorações do mar oceano que constituem, em conjunto, os chamados grandes descobrimentos e navegações dos séculos XV e XVI. Dada a considerável significação histórica dos grandes descobrimentos marítimos realizados pelos povos ibéricos, sua menção se tornou praticamente obrigatória sempre que se tenta enumerar os principais acontecimentos e transformações tidos como marcos decisivos do início dos tempos modernos.”

⁴⁷ Após o desaparecimento de dom Sebastião no ano de 1578, durante uma batalha contra os mouros, seu tio-avô, o cardeal dom Henrique, assumiu o trono vindo a falecer dois anos depois. Assim, Felipe II, Rei da Espanha e neto do rei português, dom Manuel I, assumiu também o trono português. O período conhecido como União Ibérica durou de 1580 a 1640 e implicou na união política entre esses dois Estados tendo como soberanos os reis espanhóis.

⁴⁸ José Terrero (1981, p. 308) nos apresenta dados que levam em conta a população espanhola desde o início do período de expansão até o século XVII: “*La población, aunque los datos son poco seguros, se cree que era escasa y con tendencia a disminuir. Colmeiro supone que de los diez millones de los tiempos de los Reyes Católicos (1482), bajó a ocho en la época de Felipe II (1594), y quedó reducida a 7.500.000 en 1610.*”

principal teoria médica vigente durante o Antigo Regime espanhol, a teoria hipocrático-galênica⁴⁹.

A segunda metade do século XVII, no entanto, já não encontrava um ambiente de aceitação irrefutável da teoria hipocrático-galênica e as inovações trazidas de outras partes da Europa⁵⁰ tendiam a fazer aumentar as discussões e as teorizações acerca das práticas médicas, que envolviam posturas pró ou contra os hipocrático-galênicos. Da mesma forma, a literatura médica produzida na Espanha do período parece indicar reações a algumas dessas novidades. No ano de 1670, Don Tomás de Murillo publicou obra em defesa da medicina grega e das sangrias sob o título: *“Favores de Dios ministrados por Hipócrates y Galeno su intérprete, príncipes de la medicina. Grandezas, créditos, y utilidades de la medicina griega, muy útiles para todos estados y facultades.”* A obra, que a julgar pelo título carrega um conteúdo altamente apologético seria uma resposta à D. Agustín Gonzalo Bustos de Olmedilla, *“médico inventor de novedades y opiniones dañosísimas, y contrarias á la salud de todos los mortales”* (MOREJON, 1847, p. 336).

Alguns anos depois, em 1682, Juan Guerrero escreveu obra contrária a um dos defensores da *“água de la vida”*⁵¹: *“Sol de la medicina que alumbra á los que ignoran la verdadera doctrina de Hipócrates y Galeno, contra el memorial y papel de el agua de la vida de D. Luis de Aldrete y Soto [...]”* Essa obra, no entanto, não se posiciona contrária aos conhecimentos químicos aplicados à medicina que então se difundiam, antes buscava problematizá-los com o rigor que seria necessário para sua validação, mostrando que *“la química era una ciencia de gran importancia en medicina, pero los que obraban sin método, y sin un exacto conocimiento de ella, eran unos alquimistas impostores, cuyas preparaciones medicinales se debían prohibir antes que corriesen por el pueblo”* (MOREJON, 1850, p. 124).

Nota-se, pelos excertos acima, que as disputas sobre os métodos e medicamentos que alcançariam a eficácia prometida eram constantes na Espanha do XVII. A ineficiência de muitas práticas tornava a situação delicada em todas as esferas da sociedade e nem mesmo a

⁴⁹ Conjunto de saberes baseado nas concepções do grego Hipócrates e do romano Galeno que serão problematizadas adequadamente no decorrer do trabalho.

⁵⁰ Nessa época já se conhecia melhor a anatomia humana, devido aos estudos de Andreas Vesalius e seu *“De Humani Corporis Fabrica”* (1543), já se aceitava a ideia da circulação sanguínea no corpo humano, fruto dos trabalhos de William Harvey com seu *“De Motu Cordis”* (1628) e já se discutia a introdução de elementos químicos na produção de medicamentos, discussão iniciada mais de um século antes com o suíço Paracelso (1493- 1541).

⁵¹ Não encontramos nenhuma referência específica sobre a *água da vida*, mas vale mencionar o grande número de *águas* que eram usadas pelos praticantes das *artes de curar*. Bluteau (1728) relaciona diversos tipos de águas, entre simples e compostas, naturais e artificiais.

realidade que tinha a sua disposição os médicos mais bem preparados da corte, e muitas vezes de fora dela, estavam livres dos contratemplos que uma doença causava. Os últimos monarcas da dinastia Habsburgo passaram a história como reis fisicamente fracos, geralmente, acometidos pelas mais diversas doenças, fruto dos constantes casamentos consanguíneos realizados pela família real a fim de manter o poder da coroa centralizado na dinastia⁵². Alguns dados sobre a saúde dos monarcas espanhóis, evidentemente mais bem documentados que os da população em geral, servem para ilustrar a realidade da medicina em todo o reino. Quando da morte de Felipe IV, no ano de 1665, diversos foram os médicos consultados, e, um deles, Gaspar Brabo de Sobremonte Ramirez⁵³, escreveu uma *Relación*, intitulada *Enfermedad y muerte de Felipe IV*, que ao ser transcrita por Morejon foi referida como uma curiosa *relacion que hace de la muerte* de Felipe IV, na qual é relatada a evolução da doença do monarca.

Ramirez inicia a descrição da *Enfermedad y muerte de Felipe IV*, destacando que “*Desde su temprana edad fue molestado de una fluxion catarral, para la que no hizo remedio alguno*”. A causa de sua morte teria sido uma *nefritis calculosa*⁵⁴, mas o mais interessante nesta descrição é o fato que após os médicos da família real tentarem, sem sucesso, recuperar a saúde de Felipe IV, outros curadores ofereceram seus serviços ao Rei. Vale destacar a opinião de Ramirez sobre os mesmos e sobre o tratamento indicado ao monarca:

Ni la misma celsitud de la M. R. està libre de las asechanzas de hombres charlatanes y vagamundos, viles, de ninguna buena opinion, à quienes lês parece serles permitido todo género de maldad; pues no faltaron algunos que prometiendola salud al Rey, esforzaron su atrevimiento para lograr concepto y fortuna en el vulgo. Entre los embusteros hubo un presbítero italiano, que entrando em palácio efrecia asegurar la vida del Rey, si se le permitia aplicarle cierto emplastro (cuya composicion no manifestaba) de el que él usaba, y con el que cedia se habia curado de todos sus males, y aseguraba que no habia enfermedad alguna, que cierta y

⁵² A importância da saúde do monarca para os vassallos é expressa também na Recompilação dos documentos do Protomedicato, através de uma interessante e relativamente conhecida analogia que é feita entre o Reino e um corpo: “*En esto milita una superior Ley, porque es de las de primera consideracion, la que previene, que la salud del Pueblo es suprema ley, y no inferior la máxima, de que la salud del Principe pende la tranquilidad de la Republica, aviendo una perfecta armonia entre el bien del Soberano, y los Vassallos; y siendo em lo político tan cierto como em lo natural, que quando la cabeza padece, todos los miembros sienten su dolor, que participan por precisa dependencia.*” (MUÑOZ, 1751, p. 68) Tal concepção tem origem no *Corpus Ecclesiae Mysticum* da Igreja Católica e foi “dogmatizada” pelo papa Bonifácio VIII: “*Instalados pela fê somos obrigados a crer em uma única Igreja, Católica e também Apóstólica [...], sem a qual não há salvação nem remissão dos pecados [...], que representa um único corpo místico, cuja cabeça é Cristo e a Cabeça de Cristo é Deus.*” (KANTOROWICZ, 1998, p. 126).

⁵³ Nasceu em Aguillar de Campoó, vale de Valderebible, diocese de Burgos, por volta de 1610. Graduou-se em Valladolid e lá lecionou diversas cátedras, tornando-se, por fim, médico de câmara de Felipe IV. Segundo Morejon: “*Este sábio profesor fue otro de los grandes hombres que florecieron em el siglo XVII.*” (MOREJON, 1846, p. 317)

⁵⁴ Nos dicionários de época, encontramos apenas a seguinte informação sobre nefritis: “*inflamación de los riñones/ nefritico.*” (PICATOSTE, 1887, p. 747).

evidentemente no se curase al momento... La imposibilidad de curacion de la enfermedades del rey, especialmente hallándose en la agonía, nos hizo conocer que el tal presbítero era un engañador, vagamundo é impostor, de aquellos que no tienen domicilio, y por lo mismo descarados para prometer imposibles (MOREJON, 1846, p. 326).

Como todos os filhos homens de Felipe IV com sua primeira esposa haviam falecido, foi entronado Carlos II, fruto de segundas núpcias com sua sobrinha Mariana de Áustria. Este passou a história como “*el hechizado*” e não conseguiu deixar descendência para a continuidade da casa dos Habsburgo na coroa espanhola. Com seu falecimento, após a Guerra de Sucessão,⁵⁵ assumiu o trono Felipe V, o primeiro monarca da casa dos Bourbon. Interessanos nesta breve reconstituição, contextualizar como as dificuldades e limitações apresentadas pela medicina oficial abriam espaço para “curandeiros” e “enganadores”, assim como para a crença de que qualquer pessoa e até mesmo o monarca poderia vir a ser enfeitado.

Cabia ao Protomedicato, a fiscalização das práticas de cura que, por fugirem da forma de atuação então tida como científica, eram consideradas charlatanice e é sobre esta instituição que a partir de agora nos debruçaremos. O Protomedicato foi fundado, oficialmente, no ano de 1589, durante o reinado de Felipe II, porém, antes mesmo de haver um Estado espanhol constituído, já havia formas de organização que se propunham a padronizar e controlar as atividades ligadas às artes de curar. Na *Recompilación das Leis e Pragmáticas* do Protomedicato espanhol, sua origem é remontada a Roma antiga, constando no título segundo do livro número doze do Código Justiniano (MUÑOZ, 1751, p. 126). Na Espanha, durante o reinado de Juan II (1406- 54), foi instituído um conselho encarregado de fiscalizar e dar autorização àqueles que quisessem praticar a medicina, e que, comandado pelo médico do rei, teria a função de também julgar possíveis crimes desses profissionais (LANNING, 1997, p. 27).

Estudos atuais têm apontado para a falta de fontes sobre o Protomedicato e a dificuldade de serem reunidas informações sobre suas formas de organização e atuação⁵⁶, no

⁵⁵ O conflito iniciou-se em 1704 e mobilizou boa parte da Europa em favor dos dois principais candidatos ao trono, Filipe, duque de Anjou, e o arquiduque Carlos da Áustria. Os apoios se dividiram entre Filipe, que era neto de Luís XIV, razão pela qual pôde contar com a França e com a própria Espanha, enquanto o arquiduque da Áustria recebeu apoio da Holanda, Inglaterra, Áustria, Sabóia e da Prússia. Portugal teve papel controverso, iniciando o conflito em favor de Filipe e, posteriormente, transferindo seu apoio ao arquiduque Carlos. A guerra durou cerca de 10 anos e acabou com o duque de Anjou entronado, com o título de Filipe V.

⁵⁶ María Luz Lopes Terrada (1996, p. 24), uma das autoras que mais trabalhou com questões relacionadas à medicina na Espanha do Antigo Regime, procura ressaltar tais dificuldades, especialmente, em se tratando de trabalhos voltados para os séculos XVI e XVII: “*no se puede decir que, en conjunto, poseamos la información necesaria para trazar las grandes líneas de funcionamiento y actuación de esta institución, clave en el control político y social del ejercicio y práctica de la medicina a lo largo de casi tres siglos, en ninguno de los trabajos hasta ahora publicados.*” Acreditamos que as pesquisas referentes ao século XVIII sejam facilitadas

entanto pode-se afirmar seu papel central como “*marco institucional desde donde el incipiente Estado Moderno trató de controlar todo aquello relacionado con el ejercicio y práctica de la medicina, así como a las personas dedicadas a cualquier tarea relacionada con la sanidad*” (TERRADA, 1996, p. 17). Pretendemos, assim, através do cotejo entre a Recompilação dos documentos referentes ao Protomedicato, os catálogos de livros – que foram referidos na Introdução e que serão tratados de maneira mais aprofundada no sub capítulo IV – e as informações levantadas sobre os médicos do período e sobre o próprio Montenegro, reconstituir seu período de formação.

Entre o início do controle das práticas com Juan II (1406- 54) e a oficialização do Protomedicato, com Felipe II (1589), há outro momento que parece ilustrar o processo de organização pelo qual passaram as artes de curar e o próprio Estado espanhol. Pode-se supor que durante o reinado dos Reis Católicos⁵⁷, Fernando e Isabel, a instituição já estivesse tomando forma. A lei de 30 de março do ano de 1477, assinada pelos mesmos, procura aclarar as funções dos protomédicos, talvez, como uma forma de oficializar uma prática já existente:

Mandamos, que los Proto-Medicos, y Alcaldes Examinadores mayores, que de Nos tuvieren poder, lo Sean en todos nuestros Reynos, y Señorios, que agora son, ò fueren de aquí adelante, para examinar los Físicos, y Cirujanos, y Ensaladores, y Boticários, y Especieros, y Hervolarios, y otras personas que en todo, ò em parte usaren de estos Ofícios, y en Ofícios à ellos, y à cada uno de ellos anexo, y connexo, ansi hombres, como mugeres, de qualquier ley, estado, preheminiencia, y dignidad que sean, para que si los hallaren idoneos, y pertenecientes, les dèn Cartas de examen, y aprobacion, i licencia para que usen de los dichos Ofícios libre, y desembaradamente, sin pena, ni calumnia alguna; y que los que hallaren que no son tales para poder usar de los dichos Ofícios, ò de alguno de ellos, los manden, y defiendan, que no usen de ellos (MUÑOZ, 1751, p. 40, 41).

A intenção de padronização das práticas e de centralização do controle era clara, porém, as modificações não parecem ter sido de simples realização. Pesaram nesse sentido, as dificuldades de comunicação e controle por parte de uma instituição ainda florescente, assim como a resistência de muitos dos órgãos constituídos em esfera local, que, por um longo período, responsabilizaram-se de maneira autônoma ao que concernia ao controle dos curadores. A intenção de Felipe II – de padronizar a forma de preparo dos medicamentos utilizados no Reino – serve-nos de exemplo para ilustrar tais dificuldades. No ano de 1593, o monarca lançou uma *Real Pragmatica*, pedindo que se realizasse a dita uniformização. No

justamente pela *Recompilação* já citada anteriormente, que apesar de trazer informações sobre os séculos anteriores está centrada, principalmente, no XVIII.

⁵⁷ Unificaram os reinos ibéricos que se tornaram a moderna Espanha. O título de Reis Católicos teria sido atribuído a Isabel e Fernando pelo Papa Alexandre VI.

entanto, nova determinação é expedida para os mesmos fins, através da pena de Don Joseh Cervi⁵⁸, no ano de 1739.

Passados quase 150 anos, a determinação de Felipe II ainda não havia sido colocada em prática. A nova ordem ressaltava “*la gran utilidad que se seguiria à la salud publica, de que huviessse un método fixo, y constante por donde se trabajassen los medicamentos que estan en uso en estos Reynos para la curacion de las enfermedades;*” Porém, a nova determinação impunha uma *Pharmacopea* – a *Matritense* – “*la qual contiene el método que se ha de observar en la elaboracion de los medicamentos, assi Galenicos, como Chemicos*”. Os boticários do Reino teriam seis meses para adquirir a nova *Pharmacopea* e os que não o fizessem “*incurriràn por el hecho mismo em la pena de doscientos ducados, y privacion de oficio*”, além disso, os futuros boticários, após serem examinados, deveriam receber “*el titulo de examen la dicha Pharmacopea*” (MUÑOZ, 1751, p. 173, 174 e 175).

Mas, para além da uniformização, constata-se também o intuito centralizador do Estado espanhol nas leis organizadas pelo Protomedicato. Desde sua criação, o órgão esteve integrado ao Conselho Real e, no transcorrer do tempo, esse papel sempre buscou ser exaltado, tanto que, no ano de 1749, mediante decreto Real, o monarca reiteraria seu papel como: “*Protector del referido Tribunal*”, reforçava a função de seus membros para que: “*cuideis, y celeis de que las enunciadas Facultades, Leyes del Reyno, y Decretos tengan la debida observância.*” (MUÑOZ, 1751, p. 70) Alguns anos antes, em 1744, o Rei determinou uma padronização na taxaço dos medicamentos simples e compostos que fossem comercializados no Reino:

[...] *que en las medicinas que se piden por Granos, y Gotas, se pidan doce, se consideren para su tassacion como medio Escrúpulo, llegando à veinte y quatro; y en los Intermedios, como Granos, y Gotas: guardando respectivamente esta regulacion en los demàs pesos; em cuya inteligència mandaron, que ningun Boticário, ni otra persona de qualqueira sexo, calidad, ò condicion que sea, dentro, ni fuera de esta Corte, con el pretexto abuso de baxar el tercio, exceda en las medicinas que vendiere del precio impuesto em la referida Tarifa, baxo la multa de quinientos ducados* (MUÑOZ, 1751, p. 363).

Ainda que tais determinações ultrapassem cronologicamente o período de atuação do irmão jesuíta Pedro Montenegro, elas ilustram bem um processo de gradativa centralização em curso no Reino espanhol, e que foi acelerado com a ascensão dos Bourbon ao poder,

⁵⁸ Entre outros títulos, Joseph Cervi era membro do Conselho de sua Majestade e seu primeiro médico, além de presidente do Protomedicato e presidente perpétuo da Real Sociedade de Sevilha.

culminando naquelas que ficaram conhecidas como Reformas Bourbonicas⁵⁹ que atingiram seu auge durante o reinado de Carlos III, déspota esclarecido⁶⁰, que reinou de 1759 a 1788. Dentre as diversas medidas tomadas pela realeza espanhola neste período, destacamos a expulsão dos jesuítas de seus territórios ultramarinos, em 1767, a diminuição dos poderes municipais, o aumento dos impostos e o fortalecimento dos exércitos.

Observemos, agora, a trajetória do personagem sobre o qual nos debruçamos nesta Dissertação. Não existem maiores informações sobre a formação de Montenegro na Espanha. Os dados oferecidos pelos Catálogos da Província Jesuítica do Paraguai não trazem subsídios sobre a vida de Montenegro antes de seu ingresso na Companhia de Jesus. No catálogo de 1703 é mencionado que “*su ofício era el de cirujano (Chirurgus)*”. Nos de 1715, 1720 e 1724, as informações são de que o irmão jesuíta vivia nas *Reducciones del Paraná*⁶¹, e que fazia 22, 26 e 30 anos, respectivamente, que era “*enfermero (infirmarius)*” (FURLONG, 1947, p. 67-68). Considerando essas informações, Montenegro teria iniciado suas atividades nas artes de curar em 1793 ou 1794. Porém, há que se fazer uma ressalva em relação a estes dados, pois ela dá conta, exclusivamente, da atuação de Montenegro como jesuíta enfermeiro. Avancemos um pouco mais na reconstituição de sua trajetória.

É na *Materia Medica Misionera*, obra escrita pelo próprio Montenegro, e que teria vindo a público no ano de 1710, que encontramos informações sobre sua vida antes do ingresso na Companhia de Jesus. Procurando ressaltar a larga experiência no desempenho de atividades ligadas às artes de curar, Montenegro afirmou: *Lo que te puedo asegurar es, que las plantas que aqui te doy pintadas son verdaderas medicinas para lo que te prometen curar, que por espacio de treinta y un años que há que comencé á curar en el hospital general de Madrid*” (MONTENEGRO, 1710, [1945], p. 4). Considerando o ano em que a obra foi divulgada e a informação dada pelo próprio autor, deduz-se que Montenegro iniciou sua formação no Hospital Geral de Madri no ano de 1679, com apenas 16 anos.

⁵⁹ Processo de modernização e consolidação do Estado espanhol. Influenciado pelo Iluminismo determinava medidas de centralização do poder. “Coerente com sua ênfase na clareza de raciocínio, o Iluminismo preferia a unidade e a uniformidade às distinções múltiplas. No caso governamental, isto significava a manutenção do ideal de estado unitário não embaraçado pela existência de corporações independentes.” (SCHWARTZ; LOCKHART, 2002, p. 400).

⁶⁰ Déspotas esclarecidos foi como ficaram conhecidos os chefes de estados monárquicos que durante o século XVIII aproveitaram-se das ideias da ilustração francesa para centralizarem o poder em suas mãos.

⁶¹ De acordo com Guillermo Furlong (1947, p. 68), é preciso ficar atento à correta localização da redução na qual Montenegro atuava, pois no território do atual Paraná (o ano da obra é 1947) havia apenas a estância de São Miguel, não havendo informação de que o irmão jesuíta tenha nela atuado. “As *Reducciones del Paraná* se encontravam em região atualmente pertencente à *Misiones*, na Argentina.”

Nascido na Galícia, província relativamente distante da sede do Reino⁶², o ainda jovem Pedro, muito provavelmente, escolheu transferir-se para Madri, em busca de um futuro melhor, face às dificuldades que a Espanha vivia naquele período⁶³. É necessário, contudo, advertir o leitor de que, por ter sido apresentado como cirurgião e por ter atuado no Hospital de Madri, geralmente, assume-se que Montenegro fez formação nessa área, porém, não há dados que comprovem o exercício da cirurgia, nem na Espanha, nem na América. Sua mais conhecida obra consiste, efetivamente, num receituário, focado, especialmente, nas propriedades curativas das plantas.

Antes de apontarmos para as possibilidades que se ofereciam ao jovem Montenegro recém-chegado a Madri, apresentamos a hierarquização dos ofícios ligados às artes de curar vigente na Espanha nas últimas décadas do século XVII. A organização e a hierarquização dos ofícios ligados às artes de curar eram bastante diferentes daquelas que conhecemos na atualidade, caracterizando-se pela sua rigidez. Dentre os que se dedicavam a estas atividades, podemos identificar os barbeiros, os boticários, os cirurgiões e os médicos, além das parteiras, dos sacadores de pedras⁶⁴ e outros ofícios.

Os médicos estavam no topo da hierarquia e suas funções eram de caráter exclusivamente teórico. Tal distinção era reforçada nas leis que regulamentavam os ofícios ligados à saúde: *“La Medicina, aun deve tenerse ou por mas noble, que en los tiempos antiguos;”*. Tal nobreza seria fruto justamente da separação das demais: *“porque no estava entonces separada de Ella la operacion manual de las curaciones, que hoy pertenece à la Cirugia; ni la preparacion de los medicamentos, que toca à la Farmácia”* (MUÑOZ, 1751, p. 30). Portanto, cabia aos médicos diagnosticar possíveis problemas e encontrar soluções na literatura, receitando os medicamentos adequados⁶⁵, mas sem se envolver diretamente com o paciente e com a administração de terapias ou medicamentos.

⁶² São cerca de 560 km pelas rodovias atuais. É preciso lembrar que à época as dificuldades postas aos viajantes eram muitas. Em primeiro lugar, a larga distância entre as cidades abria espaço para o bandoleirismo, que se *“constituyó un problema de graves consecuencias para los viajeros; sobre todo en los pasos montañosos y despoblados, la escasa densidad de población y las grandes distancias que, en algunas zonas, había de un lugar habitado a outro, favorecían las actividades de estos delincuentes.”* (CALVO, 1989, p. 45) Além disso, há de se ressaltar as condições das estradas: *“A la inseguridad se unia el mal estado de los caminos; [...] El firme no existia, lo que hacía que em verano fuesen pistas polvorientas, que con la llegada de las lluvias en invierno se convertían en barrizales impracticables.”* (CALVO, 1989, p. 46)

⁶³ Conforme destaca José Calvo (1989, p. 8): *“Sólo Madrid, como cabeza y centro de la monarquía, siguió creciendo a lo largo del siglo XVII, construyéndose en un importante centro de consumo.”*

⁶⁴ Os sacadores de pedras eram profissionais que se dedicavam exclusivamente a extração de pedras dos rins ou vesícula. Também eram conhecidos como litotomistas. A litotomia era: *“la extracción de los cálculos ó piedras de la vejiga de la orina.”* (PICATOSTE, 1887, p. 662)

⁶⁵ Os tipos de medicamentos que poderiam ser receitados pelos médicos dividiam-se em duas categorias: *“Magistrais eram os medicamentos cuja fórmula era prescrita pelo físico ou cirurgião e manipulada segundo a orientação deste no que respeita aos ingredientes e sua quantidade, de acordo com cada enfermo e o mal que o*

Os cirurgiões e barbeiros acabavam, muitas vezes, sendo enquadrados numa mesma categoria, porém, parece-nos importante destacar que entre eles havia uma diferença clara⁶⁶. Os cirurgiões eram os responsáveis por operações mais complexas e que exigiam maior conhecimento da anatomia humana, porém, ainda assim, *mecânicas* e inferiores às atribuições dos médicos⁶⁷. Já os barbeiros ou sangradores, seriam responsáveis por sangrias simples ou pela aplicação de sanguessugas, terapias muito comuns até o século XIX.

Aos boticários, restava o preparo das receitas que fossem aviadas pelos médicos, fato que foi reiterado no ano de 1699, quando o Tribunal ordenou: “*que los Boticarios no despachassen, ni admitiessen recetas, que no estuviessen firmadas de Medicos; y que por sí mismo no pudiessen hacer purgas ni otras bebidas, sin Recetas de dichos Medicos;*” (MUÑOZ, 1751, p. 179-180). Do mesmo modo, uma Pragmática de Felipe III já advertia que: “*ningun Medico, ni cirujano pueda hacer em su casa Purgas, ni Medicamentos para venderlos, sino que los manden hacer à los Boticarios examinados*” (MUÑOZ, 1751, p. 159).

A necessidade de constante reafirmação das divisões profissionais através de *Leis* e *Pragmáticas* reais nos dá indícios de que, na verdade, a clara distinção entre as funções que cabiam a essas profissões não era cumprida. Fatores como o baixo número de profissionais habilitados fora das grandes cidades, a falta de condições econômicas para o pagamento de médicos, a falta de fiscalização adequada por parte do Protomedicato ou, mesmo, a possibilidade de incremento de ganhos por profissionais, que apesar de não autorizados para o exercício de determinadas práticas, contavam com a conivência dos próprios doentes, foram determinantes para essa lei não fosse cumprida.

Antes de problematizarmos a questão da formação desses profissionais é importante que retornemos ao sujeito que analisamos. Na *Materia Medica Misionera*, Pedro Montenegro informa que tinha já 31 anos de experiência acumulada nas artes de curar, o que nos leva a considerar para este cálculo o período de atuação junto ao Hospital de Madri. Portanto, como já referido anteriormente, em 1679, Montenegro já se encontrava atuando naquela instituição.

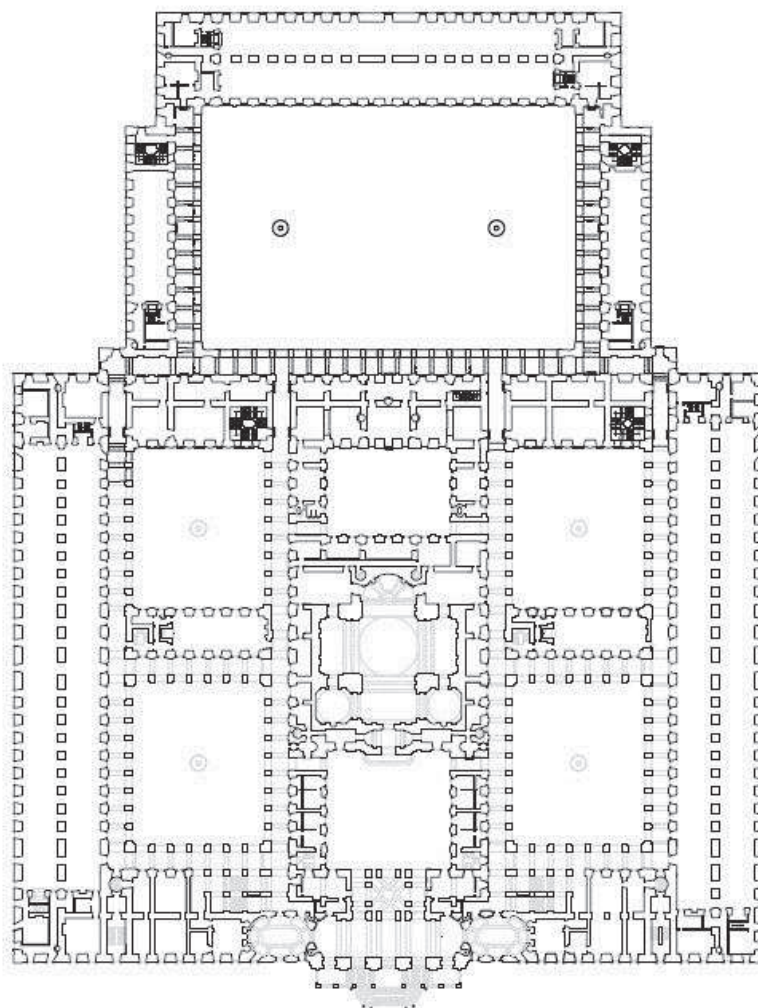
afligia. Oficiais eram os medicamentos encontrados já preparados nas boticas, prontos para o uso.” (ALMEIDA, 2010, p. 21).

⁶⁶ A pesquisa de Berenice Almeida reforça esta diferença: “Embora Vainfas (2001, p. 121), na sua definição sobre os cirurgiões associe a ele a palavra barbeiro, a documentação por nós utilizada aponta uma diferença entre esses ofícios: as atividades de cura exercidas pelos barbeiros eram semelhantes as dos sangradores, diferindo daquelas praticadas pelos cirurgiões. A esses caberiam os procedimentos cirúrgicos internos mais complexos, enquanto aos sangradores restariam os sangramentos profiláticos e as cirurgias externas de pequena complexidade.” (ALMEIDA, 2010, p. 24)

⁶⁷ Como destaca Edler: “aos cirurgiões cabiam os ofícios manuais, considerados socialmente inferiores, que exigiam o uso de ferros de lancetas, tesouras, escalpelos, cauterios e agulhas. (EDLER, 2004, p. 50-51).

Com tão pouca idade, sabemos que ele ainda não havia feito sua formação, de modo que pode-se aventar que ele tenha iniciado suas atividades como aprendiz.

Imagem 1 – Planta baixa do Hospital Geral de Madri



PLAN BAJO. **Google Imagens**. Hospital general de madrid plan bajo. Google, 2013. Disponível em: <http://www.hospitecnia.com/Tipologia-Hospitales-Generales/Documentos/hospital-museo-las-sucesivas/id-Lccbebijcdebjh.xsql> Acesso em: 21/10/13.

Além disso, as *Ordenanzas* do Hospital parecem demonstrar que médicos e cirurgiões não tinham uma atividade fixa dentro da instituição, pois o que mais se reitera em relação às funções a serem desempenhadas por esses profissionais é a observância dos horários em que deveriam se realizar as visitas aos doentes. Vale, neste sentido, destacar a presença dos *platicâtes*, que deveriam estar presentes em todas as enfermarias tanto para os misteres ligados à cirurgia, como daqueles próprios da medicina.

Havra para cada enfermeria un platicãte de cirujia examinado de barbero, o los que mas pareciere a la junta que son menester, los quales han de tener obligacion de sangrar, echar ventosas, y hazer todos los demas ministerios de su oficio que fueren menester en sus enfermerias [...]

Havra ansi mismo un platicante de medicina, que sea habil y suficiente para que quando los semaneros fueren a hazer la visita por las enfermerias, para ver como se ha cumplido lo que los medicos han ordenado vaya con ellos, y lleve el receptario: y assi mismo para que acuda a los casos que se ofrecieren de noche a los enfermos, y en otras horas extraordinarias [...] (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 14).

Interessante ressaltar que esses profissionais, assim como os *enfermeros* não tinham direito a salário, recebendo, em paga de suas atividades, casa e comida. Em relação a estes últimos, havia também a distinção entre um enfermeiro maior, que era responsável pela execução das ordens médicas na instituição, e os demais enfermeiros, que deveriam se fazer presentes em todos os momentos, visando ao atendimento das necessidades dos doentes: “*ayudandoles a levãtar y cubrir, y otras semejantes, y consolarles, dando sustento a los flacos, y haziendoles otros refrigerios necesarios, para que con el buen tratamiento y regalo cobre mas presto salud*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 2). Em um exercício especulativo, pode-se supor que Montenegro tenha ingressado no Hospital de Madri como um *enfermero platicãte*, atuando neste ofício durante o período de sua formação.

Passemos agora, às opções de trabalho e/ou de formação disponíveis para o jovem Pedro Montenegro na Madri das últimas décadas do século XVII. Em relação aos barbeiros e cirurgiões não há, nem na Recompilação do Protomedicato, nem nas *Ordenanzas* do Hospital General de Madri, uma idade exigida ou recomendada para o início das atividades. Mas, se aceitamos a informação de que Montenegro ingressou no Hospital aos 16 anos, pode-se supor que o início das atividades se desse em torno dessa idade. A título de ilustração, destacamos uma advertência que se encontra nas *Ordenanzas*, e que recomendava que o ingresso de barbeiros fosse evitado nas enfermarias de mulheres, “*por los inconvenientes, que de ser todos moços se pueden seguir*”, além da expressa recomendação de que para esta função fossem escolhidos “*moços virtuosos y habiles*”, a fim de evitar os problemas morais que pudessem vir a ocorrer (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 15). Desta advertência que consta nas *Ordenanzas* pode-se depreender que os barbeiros eram, portanto, todos muito jovens. É, portanto, plausível supor que os jovens aprendizes fossem destinados também para esta função, atividade simples e menos prestigiosa que as demais.

Antes do exame prestado perante o Protomedicato e, conseqüentemente, da aprovação para a função de médico em todo o reino, exigia-se que o candidato atuasse, por algum

período, junto a um profissional já licenciado. Isto nos leva a crer que o Hospital tenha servido de espaço também para o aprimoramento das habilidades dos futuros candidatos a médico. A formação em uma universidade era exigência feita, principalmente, aos futuros médicos, ainda que alguns cirurgiões também as tenham cursado. O fato de terem freqüentado os bancos universitários não excluía, no entanto, a necessidade de experiência prévia, como se pode constatar nesta Lei de Felipe II:

El Señor Don Felipe Segundo, en las Cortes de Madrid, año de 1579, hizo la Ley 8. tit. 16. lib. 3 que dice: Mandamos, que las Universidades de estos nuestros Reynos, y Protomedicatos, no puedan suplir, ni suplan en todo, ni en parte, el tiempo de los dos años, que por Leyes de estos nuestros Reynos está ordenado practiquen los que han de ser graduados en Medicina; ni ellos curen, no aviendolos practicado enteramente; y que Sean obligados à presentar ante la Justicia, ò Ayuntamiento de la Ciudad, Villa, ò Lugar, ò Partido donde huvieren de residir el titulo de su grado, y testimonio de aver practicado este tiempo (MUÑOZ, 1751, p. 122).

Quanto aos estudos que deveriam ser realizados para a formação de cada profissão, a Recompilação aponta para semelhanças entre os exigidos para um cirurgião e para um médico. No ano de 1563, as Cortes de Madri haviam determinado que só deveriam ser aceitos para o exame de cirurgião, os candidatos que comprovassem quatro anos de prática no Hospital Geral, junto a um cirurgião já aprovado. Este deve ter sido, muito provavelmente, o percurso de formação que Montenegro fez na instituição, tendo atuado – como exigido – junto a um cirurgião licenciado pelo Protomedicato.

Porém, a partir de uma *Pragmatica* de 1593, as exigências passaram a ser maiores para a aprovação neste ofício. A Lei 9, título 16, do livro 3 determinava que os candidatos “*avyan de tener forzosa, y precisamente, tres Cursos oidos de Medicina, aviendo oido Artes primero; y quando se vinieren à examinar, traigan probados los dichos tres cursos, y ayan practicado dos años en Cirugia, de que assi mismo traigan Testimonio*” (MUÑOZ, 1751, p. 151). A partir desta normativa, ainda que persistissem as diferenças entre as atribuições dos ofícios de médico e de cirurgião, aos primeiros passava a ser exigido, além da formação universitária – nos três cursos acima referidos –, o conhecimento prático da Cirurgia, o que parece apontar para a importância de um maior entendimento da anatomia humana, por parte destes profissionais.

Para atingir o bacharelado em Medicina, as regras eram um pouco mais rígidas. Segundo determinação real de 1563, o candidato deveria primeiro tornar-se bacharel em Artes para, posteriormente, cursar Medicina, onde “*tenga el que se huviere de graduar, quatro cursos de Medicina ganados en quatro años cumplidos*” (MUÑOZ, 1751, p. 138). Após a

formação, o candidato deveria cumprir ainda os dois anos de atividades práticas “*de los dichos dos años, no pueda ser antes de ser Bachilleres em Medicina, ni se lês tome em cuenta lo que practicaren antes de ser Bachilleres em Medicina, para los dichos dos años, que han de andar à la practica*” (MUÑOZ, 1751, p. 138). Ao contrário do previsto para os cirurgiões, para os futuros médicos não era permitida a concomitância entre o estudo e prática. A formação do médico – por sua condição de profissional liberal –, diferentemente das demais ligadas às artes de curar, era a mais longa e, ainda que a prática fosse uma exigência como nas demais, ela mantinha o médico distanciado do corpo doente e próximo dos livros que explicavam a doença e propunham medidas terapêuticas.

Em 1593, Felipe III reconsiderou a estrutura do ensino de Medicina existente na Espanha, visando à qualificação da formação dos profissionais, pois, segundo a avaliação dos protomédicos, dos médicos de Câmara⁶⁸ e também dos da Casa Real, muitos dos que atuavam haviam se desviado dos princípios teóricos hipocráticos: “*ha sido el modo que nuevamente se ha tomado de algunos años à esta parte, en las Leturas de las Universidades que es donde ha de venir el principio del bien, ò el mal*” (MUÑOZ, 1751, p. 143). Considerava-se que a Medicina excessivamente sistemática – como era conhecida a teoria que se desvinculava dos conhecimentos hipocrático-galênicos – perdia muito tempo com “*disputas desnecessarias*” que pouco importavam para o conhecimento e enfrentamento das doenças. Outra razão para críticas destacada na *Pragmática* diz respeito ao método, já que ao invés da leitura em voz alta dos clássicos (Hipócrates, Galeno e Avicena), o tempo era desperdiçado com o ditado das lições. As alterações propostas foram assim descritas:

Primeramente, que en las Universidades los Cathedraticos lean la doctrina de Galeno, Hipocrates, y Avicena, como se solia hacer antiguamente; leyendo primero la letra del Capitulo que se comenzare, llevando el Cathedratico el libro, y los Estudiantes para que lo entiendan, que este es el fundamento con que se han de quedar; y luego el Cathedratico lea las dudas, y questiones que se ofrecieren acerca de la letra que sean las utiles, y que importaren para el conocimiento de la essencia de las enfermedades; de sus causas, y señales, pronostico, y curacion; y huigan de las questiones impertinentes, porque no gasten el tiempo en valde (MUÑOZ, 1751, p. 144-145).

Além de permitir a reconstituição da rotina das aulas, a Recompilação evidencia a tentativa de um equilíbrio entre as leituras dos clássicos e o ditado daquilo que fosse

⁶⁸ Eram os médicos ligados diretamente a família Real: “*los llamados propriamente “médicos de Cámara con ejercicio y gajes”, es decir, los que no tenían solamente el honor de titularse como tales, sino que además recibían un salario y atendían de hecho a los miembros de la familia real estricta: el Rey, la Reina y sus parientes más cercanos. Naturalmente, había una imperiosa limitación de su número que, aunque con alguna variación coyuntural, se mantuvo en la época que estudiamos entre los cinco y los seis médicos.*” (TOMÁS; MARTÍNEZ VIDAL, 1996, p. 66).

considerado mais importante nas aulas. Os professores que, por exemplo, tivessem uma aula de hora e meia deveriam gastar o tempo de uma hora com leitura e a meia hora restante “*pueden dictar, y escribir en suma lo que ovieren leído*” (MUÑOZ, 1751, p. 145). Cátedras de uma hora deveriam ter 45 minutos de leitura e 15 para os ditados. Essas informações revelam um cotidiano universitário absolutamente voltado à recepção do conhecimento por um professor encarregado de transmitir o saber, característica essa ligada ao modelo escolástico então vigente.⁶⁹

A mesma *Pragmática* determinou que, a partir daquele momento, para evitar que profissionais curassem sem conhecimento ou experiência, só seria concedido grau de Bacharel nas três Universidades principais ou naquelas que tivessem ao menos três Cátedras: “*de Prima, y Visperas, y la tercera de Cirugia, y Anatomia*”. Além disso, a Universidade que concedesse grau de bacharel deveria contar com um mínimo de sete doutores médicos integrando seu corpo docente, mas “*si faltàren dos, ò tres Doctores, se cumpla, assistiendo Licenciados graduados en la dicha Universidad;*” (MUÑOZ, 1751, p. 147).

A situação dos boticários era diferenciada e, entre eles, a necessidade de experiência parece ter sido ainda mais importante. Não há nenhuma indicação de formação estruturada para esses profissionais na legislação que analisamos, mas sabe-se que o candidato a boticário deveria cumprir quatro anos de prática junto a algum profissional licenciado, sendo que, para realizar o exame, ao contrário dos demais ofícios, deveria ter a idade mínima de 21 anos. Além disso, era exigido o domínio do latim para aqueles que se tornassem aprendizes⁷⁰. Pode parecer estranho que um profissional sem formação universitária tivesse essa obrigação, mas é importante lembrar que os boticários não estavam encarregados de redigir receitas mas, sim, de manipulá-las, sob a ordem de médicos e cirurgiões, e, ainda, que nessa época, muitos desses profissionais escreviam exclusivamente em latim, tida como a verdadeira língua da ciência.⁷¹

⁶⁹ A Escolástica buscava conciliar o pensamento racional (geralmente, voltado para os autores gregos) com a fé católica. Segundo Costa (2001, p. 11-12), “o saber e o ensino escolásticos se baseavam em dois fundamentos: a *auctoritas* e a *ratio*, sendo que a autoridade dirimia as dúvidas e era inquestionável devendo ser lida e estudada cotidianamente.”

⁷⁰ Sobre os mancebos: “*Por auto acordado de 11. de Mayo de 1689. mandò el Tribunal, que los Boticarios no recibiesen Mancebos, que no supiesen Latin; com apercibimiento, que si lo hiciessen, se procederia contra ellos à lo que huviessen lugar, y los Mancebos no fuesen admitidos à examen.*” (MUÑOZ, 1751, p. 179)

⁷¹ No século XVI e no XVII, a língua erudita, por excelência, continuava sendo o latim, sendo que entre os cirurgiões havia uma clara distinção entre os *latinos* e os *romancistas*, questão que será problematizada no terceiro capítulo. Uma mudança é indicada por Darton (1992), que, ao escrever sobre a *Bibliographie de la France*, ressalta que no XVIII os romances se encontram entre os livros mais vendidos, havendo uma gradativa diminuição do uso do latim.

A necessidade de comprovação de experiência pelos futuros boticários demonstra a importância real que a mesma tinha para o exercício desta atividade, comprovada no juramento que os mesmos deveriam fazer. Afinal, enquanto os boticários “*dependen solo de su ciencia y consciencia*” para o êxito de sua atividade, os médicos e cirurgiões “*tienen precisa consecuencia al acierto, ò error de los Boticarios; y por esto las Leyes comprehenden mas Capítulos, que pertenecen à su obligacion*” (MUÑOZ, 1751, p. 170).

Não sabemos ao certo se Montenegro chegou a fazer e/ou completar sua formação como boticário, porém seus escritos revelam o quão fundamental era a experiência, capaz de garantir veracidade e conferir credibilidade ao que ele escrevia. O que fica demonstrado pelas menções à experiência adquirida no Hospital de Madri, além das referências que faz aos experimentos realizados com as plantas que descreve em seu Tratado.

Caso tenha se preparado para atuar como boticário e cirurgião, essa condição pode ter sido um dos motivadores da viagem que Montenegro fez à América. Qualquer profissional que obtivesse licença para atuar em ambos os ofícios deveria, de acordo com o Protomedicato, escolher um deles e ter a licença do outro ofício cassada. “*Que aviendo un Facultativo con dos empleos de Medico, y Boticário, ù de Boticario, y Cirujano, les manden elegir uno de los dos, y les recojan el Título del Arte que repudiare, y le remitan original, privandoles del uso de tal Arte;*” (MUÑOZ, 1751, p. 196). No caso de Montenegro, ele, com certeza, adquiriu algum conhecimento teórico e prático sobre botânica ainda na Espanha, não só por ter escrito a *Materia Medica Misionera*, mas também por ter atuado junto à botica do Colégio de Córdoba, na condição de irmão jesuíta⁷².

Mais importante do que comprovarmos qual foi e como se deu sua formação como boticário, enfermeiro ou cirurgião, interessa-nos neste tópico, apresentar as condições da Medicina praticada na Espanha no século XVII e as exigências de formação dos ofícios ligados às artes de curar. Tal como Montenegro, muitos outros espanhóis – ou portugueses, se considerarmos o período da União Ibérica – fizeram sua formação em algum dos ofícios ligados às artes de curar em universidades da Espanha e chegaram a atuar sob a fiscalização do Protomedicato, para depois ingressar na Companhia de Jesus. Buenaventura Suarez, Joaquín de Zubeldía e Josef Brasaneli – sobre os quais temos ainda menos dados – atuaram como missionários jesuítas na América platina, aplicando os conhecimentos da medicina europeia e incorporando terapêuticas curativas e saberes sobre as plantas medicinais dos nativos americanos. Desvendar como se dava o (re)conhecimento e a aplicação desses saberes

⁷² A atuação de Montenegro na América, como profissional das artes de curar, mas também como jesuíta que se tornou será aprofundada no segundo capítulo desta Dissertação.

e práticas parece-nos fundamental para compreendermos sua atuação não apenas como missionários, mas como médicos, enfermeiros, cirurgiões, boticários e, por vezes, autores de receituários, de obras de botânica médica e de tratados de medicina e de cirurgia.

Após realizarem sua formação, esses profissionais, antes de atuarem, deveriam realizar exames para aprovação que ficavam a cargo do Protomedicato. No próximo tópico, exploramos as questões de caráter administrativo, que eram de competência tanto do órgão de controle das práticas médicas – o Protomedicato –, quanto do *Hospital General de Madri*, instituições que fizeram parte do cotidiano de formação de Montenegro.

2.2 O PROTOMEDICATO E O HOSPITAL DE MADRI: ALGUMAS QUESTÕES ADMINISTRATIVAS

Após a formação como aprendizes junto a profissionais licenciados pelo Protomedicato ou a hospitais, os interessados em seguir em uma das profissões controladas por aquele órgão deveriam fazer os exames que os habilitavam a seguir com suas carreiras sem a necessidade da supervisão por outrem. Considerando as lacunas existentes sobre a trajetória de Pedro Montenegro que pretendemos reconstituir, continuaremos dando voz às instituições e aos órgãos que, provavelmente, marcaram esta primeira fase de sua atuação nas artes de curar: o Protomedicato e o *Hospital General de Madri*.

Para entendermos como se davam os exames, trataremos primeiro dos examinadores. A primeira forma organizada de exame parece ter sido estabelecida no ano de 1438, no reinado de Juan II. A petição recomendava que ficassem suspensas todas as cartas expedidas anteriormente, pois os oficiais então responsáveis pela fiscalização: “*dan sus Cartas de esamen en los tales oficios à personas inhabiles, è no suficientes, ni sabidores de los tales oficios; de lo qual se siguen muchos peligros, y daños em los cuerpos*”. Os exames, segundo a dita Lei, “*se fagan por la Justicia, é Regidores de la dicha Cibdad, ò à lo menos por dos Regidores de ella, é la dicha Justicia, porque sepan si el tal Esaminador es perteneciente para usar del tal oficio*” (MUÑOZ, 1751, p. 47).

No ano de 1588, uma Pragmática de Felipe II determinava que as decisões fossem tomadas por um protomedico, porém, no ano de 1593, uma nova lei foi imposta, reformulando o modo de fiscalização e os exames aplicados pelo órgão. A partir daquele ano, passou-se a exigir que todas as deliberações que fossem tomadas pelo Protomedicato contassem com a presença de três protomedicos por ele nomeados. Em caso de ausência, por viagem ou doença, cada protomedico contava com um examinador que o substituiria “*y lo*

que los dos de los tres acordàren, y votàren, se cumpla, y execute, aunque sean solo Examinadores” (MUÑOZ, 1751, p. 56). A Pragmática destaca que os examinadores também poderiam assinar as cartas de exame, ainda que fossem despachadas em nome dos protomedicos. Tal medida visava a facilitar a vida dos novos profissionais que, em caso de ausência de um dos protomedicos, não necessitaria esperar por sua assinatura⁷³.

Antes do exame, os responsáveis pelo mesmo deveriam, juntamente com o protomedico que fosse enviado, deliberar sobre os *“recaudos, é informaciones”* levantadas acerca dos candidatos⁷⁴. Após esse momento, aconteceria o exame teórico, no qual os examinados deveriam discorrer sobre *“metodo general, y de lo que mas les pareciere preguntar de la Medicina.”* Após, deveriam escolher um autor de Medicina, provavelmente um dos canônicos já citados anteriormente, cabendo ao candidato apresentar considerações sobre o mesmo, além de responder a questões diversas dos examinadores *“hasta que todos queden bastantemente informados de sus letras, y suficiencia;”* (MUÑOZ, 1751, p. 140).

Chegava, então, o momento da realização do exame prático do ofício, que deveria ser marcado para o Hospital Geral ou o da corte e em nenhum outro local. Essa determinação parece ser mais um indício do objetivo centralizador do Protomedicato, pois, dessa forma, os certificados só poderiam ser emitidos a partir de locais sobre os quais o órgão tivesse controle absoluto, evitando que pessoas despreparadas pudessem receber as licenças de atuação ou de cedê-las, o que parece se justificar se pensarmos que alguns examinadores poderiam encontrar formas de atuar fora das esferas do Protomedicato. Na hora do exame, as atividades expostas ao candidato eram as seguintes:

[...] *tome el pulso à quatro, ó cinco enfermos, y à los mas que pareciere à los dos Examinadores; y les preguntarán lo que há entendido de cada enfermo, y de la calidad de su enfermedad, si la tiene por libiana, peligrosa, ò mortal; y las causas, y señales que para ello halla, y el fin à que piensa atender para el remedio, y cura de los tales enfermos; y de què Medicinas, y remedios piensa usar, y lo mas que les pareciere. Y visto lo que en todo dice, y hace, se bolveràn a juntar todos los Examinadores con el Protomedico, y darà ante ellos relacion el que se examina, de los dichos enfermos, como si oviere ido èl solo à visitarlos; y si por ellas, y por la que dieren los dos Examinadores que asistieron con èl, y le examinaron de la practica, no quedàren todos suficientemente informados en sus conciencias, se haràn hasta quedallo, las demàs diligencias que les pareciere* (MUÑOZ, 1751, p. 140, 141).

⁷³ Essa espera poderia ser longa, pois alguns dos protomedicos costumavam acompanhar a família Real nas viagens que ela realizava, afastando-os da Corte por longos períodos durante o ano.

⁷⁴ É importante destacar que os candidatos tinham que comprovar possuir, além de uma boa conduta moral, a “limpeza de sangue”, tão necessária em um período em que ainda vigiam os Tribunais do Santo Ofício. Estes aspectos serão aprofundados no próximo subcapítulo.

Os cirurgiões tinham uma realidade diferente, ao menos na segunda metade do XVI, pois todas as determinações reais davam conta, exclusivamente, da comprovação da prática anterior, mas não explicam como se dava o exame em si. A título de ilustração, trazemos as determinações concernentes ao século XVIII. Ainda que distanciadas do período de formação de Montenegro, nosso foco principal, elas dão uma ideia em relação ao que um candidato deveria provar ter aprendido durante o período de preparação para o exame. Quanto à inexistência de maiores informações sobre como se davam os exames para cirurgiões, pode-se aventar que estas informações tenham se perdido ou, então, que nunca chegaram a ser organizadas, já que *“en los primeros estatutos aprobados por el Consejo, no se dava regla para los ejercicios de los pretendientes”* (MUÑOZ, 1751, p. 65).

A nova determinação, baseada nas resoluções da Sociedade de Sevilha, além do Protomedicato, determinava que os colegiais que daquele momento em diante quisessem tornar-se cirurgiões deveriam ser examinados com *“un ponto Anatomico en el primer dia, à outro Chirurgico theorico em el segundo, y em el tercero à una Operacion chirurgica con exclusion de todos los demás”* (MUÑOZ, 1751, p. 65). Em linhas gerais, nota-se uma semelhança com as determinações dos exames realizados em médicos, igualmente baseados em princípios teóricos e práticos, porém aqui parece haver uma preocupação maior com o segundo já que a operação cirúrgica, e, provavelmente, o sucesso alcançado na mesma poderia acarretar em *“exclusion de todos los demás”* (MUÑOZ, 1751, p. 65).

Outro caso que merece destaque é o dos reexames. Todos os médicos, cirurgiões e boticários que, por alguma razão, se ausentassem da Corte, por um espaço de tempo igual ou superior a dois anos, deveriam ser reexaminados antes que pudessem voltar a atuar. Acreditamos que tal exigência não decorresse de uma possível desconfiança em relação aos conhecimentos que possuísem os oficiais, mas, sim, das constantes viagens realizadas pelos súditos do reino espanhol no período. Afinal, especulava-se que qualquer homem que viesse a entrar em contato com os “selvagens” das Índias ou com professos de outra fé poderiam vir a corromper-se em suas práticas. Uma sociedade altamente centrada na religião e controladora da moral de sua população não poderia descuidar da manutenção do domínio sobre o exercício das práticas ligadas às artes de curar.

Os profissionais que tivessem feito formação em outro lugar também deveriam passar pelo Protomedicato e realizar exames probatórios para que tivessem a possibilidade de atuar no reino da Espanha. Ainda que a Lei não deixe claro, a Recompilação destaca que *“presupone que han de hacer constar del Grado por Universidad aprobada. Pero no previene, si se verificará lo mismo en los que demás del grado en Universidad estrangera,*

tengan la calidad de aver nacido fuera de estos Reinos” (MUÑOZ, 1751, p. 149). A atividade, no entanto, seria permitida, pois o direito à prática do ofício era público e natural.

Para a realização dos exames, os candidatos teriam que pagar algumas taxas, que variavam conforme o ofício pretendido pelo examinado. Enquanto os futuros médicos e cirurgiões deveriam pagar oito escudos de ouro, os boticários desembolsavam quatro escudos e, em todos os casos, não haveria retorno do dinheiro. Além da determinação de que os que viessem a fazer reexame estariam dispensados do pagamento, o que nos chama também a atenção é que os que se examinassem em “*casos particulares*”, tais como catarata, *tiña*⁷⁵, *algebristas*⁷⁶, *hernistas*⁷⁷, entre outros, deveriam pagar o mesmo valor do boticário.

O contraditório nessa determinação, assinada em 1588, é que no mesmo ano, Don Felipe II determinava que no Protomedicato: “*No se entremeteran à examinar mas, que à Medicos, Cirujanos, y Boticarios, segun està ya dispuesto por nuestras Leyes*” (MUÑOZ, 1751, p. 111). O mandado real não proibia que fossem exercidas essas especialidades, apenas destacava que o Protomedicato não possuía ingerência sobre os mesmos. Porém, uma lei de alguns anos antes (1570), assinalava que nenhum profissional da saúde deveria receber licença de atuação limitada e os que anteriormente a tivessem conseguido deveriam ser reexaminados. No entanto, a exceção para as profissões acima citadas era a mesma, desde que assistissem: “*juntamente con ellos al cortar, y curar, Medico, ò Cirujano aprobado, y que em outra manera no puedan cortar, ni curar*” (MUÑOZ, 1751, p. 113).

Essas funções com nítido caráter de especialização abrem a discussão sobre outras atribuições exercidas pelo Protomedicato: o combate aos curandeiros. Mas como classificá-los? A bibliografia parece atentar para o fato de que todos os profissionais que, em determinado momento histórico, atuassem sem a aprovação dos órgãos responsáveis pelo controle das práticas estariam incorrendo no curandeirismo.⁷⁸ Dois fatores parecem ser fundamentais para que uma sociedade mantivesse esses profissionais que, à margem do controle oficial, continuavam exercendo atividades curativas.

⁷⁵ “*La tiña es una infección de la piel causada por un hongo que puede afectar el cuero cabelludo, la piel, los dedos, las uñas de los pies o los pies.*” Disponível em: <http://www.health.ny.gov/es/diseases/communicable/ringworm/docs/fact_sheet.pdf>. Acessado em: 20 dez. 2013.

⁷⁶ A álgebra era assim definida do ponto de vista médico: “*arte de restituir a su lugar los huesos dislocados.*” (PICATOSTE, 1887, p. 61)

⁷⁷ Era definido com uma categoria especializada da cirurgia: “*el cirujano que se dedica a curar hernias.*” (PICATOSTE, 1887, p. 572)

⁷⁸ Sobre o tema em questão ver: PERDIGUERO, Enrique. Protomedicato y curandeirismo. In: TERRADA, María Luz Lopez. VIDAL, Álvaro Martínez.(dir.) El Tribunal del Real Protomedicato en la Monarquía hispánica (1593-1808). **Dynamis**. Acta Hispanica ad Medicinam Scientiarumque Historiam Illustrandam. v. 16, p. 91-108, 1996.

Em primeiro lugar, cabe destacar a ineficácia dos procedimentos próprios da medicina oficial frente a algumas moléstias. Os especialistas e, também, os curandeiros, dedicavam-se ao tratamento da maioria das doenças, mas parecem ter tido uma predileção por aquelas para as quais a medicina oficial não parecia ter sucesso. Era nessas situações de insucesso da medicina oficial e de busca da cura pelo doente e por seus familiares que os curandeiros ampliavam a sua atuação. Para além desta questão, é preciso considerar que as populações, fossem elas urbanas ou rurais, não deveriam aceitar ingênua e passivamente a medicina oficial como único recurso ou como tratamento inquestionável para a obtenção da cura. Para a manutenção dos curandeiros, deve-se considerar não apenas o baixo número de profissionais médicos, mas também sua ampla aceitação pelas comunidades, na medida em que representavam crenças e práticas populares⁷⁹.

A primeira determinação que aparece na Recompilação do Protomedicato com referência aos curandeiros, remonta aos Reis Católicos. Nela, ficava determinado que “*no usen de ensalmos, ni conjuros, ni encantamientos, so la pena ò penas que les pusieren, assi corporales, como pecuniárias [...]*” (MUÑOZ, 1751, p. 356), sendo que as penas eram aplicadas a todos que tentassem atuar sem formação e autorização. A fiscalização cabia ao Protomedicato, que tinha nesta função uma das razões para sua fundação⁸⁰:

Pero como la necesidad interessa tanto à los hombres, inventò la codicia la arte Circulatoria; que aplicada al presente assunto, podemos llamar Curanderia, la qual professan muchos, pretendiendo equivocarse con los verdaderos Medicos; tanto mas perjudicial al publico, quanto su ignorancia, ò culpa es menos conocida; pues entre todas las Artes, sola la Medica goza el privilegio de obrar ocultamente; por lo que siendo sus defectos mas sensibles, por tocar en lo mas vivo, faltando pruebas para convencer al que la exerce de ignorancia, ò delito, se vè el Juez precisado à dexarle que mate sin castigo. A fin de reprimir este genero de gentes, que con razon podemos llamar animadas pestes, y ordenar lo mas conveniente para la mas exacta direccion de la Medicina, se instituyò el Real Tribunal del Protomedicato, à quein han conferido los Reyes Catholicos toda la jurisdccion, y autoridad necessaria para el examen, aprobacion, y cumplimiento de los que professan las artes que se dirigen à la salud publica [...] (MUÑOZ, 1751, aprobacion).

⁷⁹ Em relação a esta questão, Enrique Perdiguero levanta alguns questionamentos: “*Eran más aceptados los curanderos, como sanadores creenciales, porque su modo de entender la enfermedad resultaba más coherente culturalmente para la población? ;Cómo los cambios en las concepciones populares hacían evolucionar esta aceptación y la de los que atendían y curaban respaldados por la ley? ;Eran estos últimos, sobre todo los médicos, elementos «extraños» a los que no sólo era difícil acercarse por razones pecuniarias, sino también por diferencias culturales?*” (PERDIGUERO, 1996, p. 106)

⁸⁰ Sobre esta função exercida pelo Protomedicato, Terrada afirma: “*Por ello, también se ocupaba de perseguir y castigar el intrusismo, especialmente el ejecutado con “artes mágicas”, también el ejercicio de la medicina con procedimientos empíricos o científicos, sin el pertinente título y autorización.*” (TERRADA, 2007, p. 96)

Há algo que merece também ser destacado em relação ao trecho “*sola la Medica goza el privilegio de obrar ocultamente*”. Ele parece deixar muito claro que não era a dimensão “oculta” presente no trabalho dos curandeiros que deveria ser combatida, afinal, a intervenção de Deus também era aceita e difundida pela medicina oficial⁸¹.

Tendo em vista a prática bastante difundida do curandeirismo, bem como sua condenação, na Espanha durante o período em que Montenegro fez sua formação no Hospital de Madri, pode-se inferir a posição que o irmão jesuíta assumiu em relação a esta questão em sua obra *Matéria Medica Misionera*. Sabe-se que no período de atuação de Montenegro ([1710], 1945, p. 6), o Protomedicato de Buenos Aires ainda não havia sido instituído⁸², o que, no entanto, não impediu que, com base em sua formação na Espanha, ele tivesse uma posição bem clara sobre o assunto, tendo consciência que diversos problemas de curandeirismo aconteciam mesmo na Europa, “*tierras á donde solo curan hombres capaces, y medicos y cirujanos aprobados, y que han pasado por claces de Theorica, y por maestros en practica, ó por hospitales en ambas matérias*”. A descrição que faz da realidade encontrada na América revela seu desprezo pelos homens que se dedicavam às artes de curar neste continente:

[...] *en 21 años que há que entré en ella, solo un Medico y Cirujano he visto, todos los demas Medicos Curanderos y Curanderas; mas les cuadra el nombre de matasano, que el de Cirujano, y el de carnicero que el de medico, ó curandero, y son tantos y tantas los dados á esta secta de locos, que entre tal ganado poco ó nada hay que escojer, y cierto es, que á ellos les fuera mejor arar para sustentarse, y á ellas hilar la rueca, que ciegos y cargados de ignorancia, sin advertir el peligro de sus conciencias; [...] y aseguro con toda verdad, y segun leyes naturales, que los tales deben ser castigados como á enemigos de la Republica; ó puestos en prision como locos; ó tratados y tenidos por simples, tontos, y necios, segun se lee de los Griegos y Romanos en el tiempo que florecieron: y al ver en estas tierras semejantes charlatanes, y charlatanas me tenia amedrentado el no tratar de simple alguno* (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 6-7, grifo nosso).

⁸¹ Constata-se que o que se estava condenando era, de fato, o mau uso desse poder ou o uso desautorizado do mesmo. Usando um raciocínio bastante simplista e esquemático, poderíamos dizer que a dimensão avaliativa do Protomedicato se dava da seguinte maneira: Medicina/ Deus = bem; Curandeirismo/ demônio = mau.

⁸² Durante o período abarcado por esta investigação, não houve Protomedicato na América Meridional. Uma primeira tentativa de instalação aconteceu em 1777, mas acabou frustrada. O órgão foi reorganizado em 1780: “*el Protomedicato “nuevamente fundado” el 17 de agosto de 1780, y el día 16 de noviembre de ese mismo año enviaba una circular a todos los pueblos y Villas del Virreinato, notificando esa fundación y haciendo saber que Miguel Gorman había sido electo para “Protomédico del Tribunal Real del Protomedicato nuevamente establecido y creado esta capital.”* (FURLONG, 1947, p. 162)

Outra função primordial do Protomedicato, ainda que não a exercesse de maneira exclusiva⁸³, foi a fiscalização das boticas. Como já ressaltado no primeiro tópico deste capítulo, os boticários exerciam um papel fundamental, afinal, cabia a eles a manipulação dos remédios receitados por médicos e cirurgiões, o que significa dizer que o sucesso de qualquer tratamento passava pela eficiência do boticário. Talvez por isso, perceba-se nas normas instituídas pelo Protomedicato uma rigidez muito grande em relação às atividades deste profissional.

A primeira determinação feita aos examinadores dizia respeito à necessidade de titulação dos donos de boticas: “*Que visiten los Titulos; y no teniendolos, sin passar à outro acto, les cierrren las Boticas*” (MUÑOZ, 1751, p. 195). Outra questão que deveria ser observada era o estado dos medicamentos que seriam fiscalizados durante a visita: “*Y las que hallàren ser falsas, y no buenas, y por vejedad dañadas, y corrompidas, que las tomen, y hagan quemar em la Plaza publicamente*” (MUÑOZ, 1751, p. 187). Os boticários que fossem pegos atuando fora das determinações do Protomedicato sofreriam forte exposição pública, talvez uma das formas encontradas para manter esses profissionais atuando dentro das esferas do órgão de controle.

As visitas deveriam ser conduzidas pelos representantes oficiais do Protomedicato: “*Y que ansimismo, la visitacion de las Boticas la hagan por sí mismos*”. Uma ressalva parece explicar as razões para que a responsabilidade sobre essas visitas fosse dividida com os poderes locais, já que “*en lo que fuere fuera de las cinco léguas, mandamos que los nuestros Corregidores, y Justicias Ordinárias, con dos Regidores, y um Medico aprobado de la Lugar, haga el examen de las dichas Boticas*” (MUÑOZ, 1751, p. 188). Além das dificuldades próprias do deslocamento para áreas fora da Corte e decorrentes do baixo número de examinadores habilitados para tal função, deve-se considerar que a permanência desse “poder local” pode ter sido uma forma de o Protomedicato conciliar seu interesse centralizador com as demandas municipais⁸⁴.

O Protomedicato deveria realizar as visitas de dois em dois anos, mas parecia estar consciente de que alguns destes boticários, por conhecerem o período em que seriam

⁸³ Terrada (2007, p. 96) destaca que tais funções eram divididas com as autoridades locais: “*En esta misma línea de control de la actividad profesional, otra función del Protomedicato fue la visita a las boticas y a tiendas donde se vendieran medicamentos o especias, tarea que siempre compartió con las autoridades locales.*”

⁸⁴ Com a ascensão dos Bourbon ao trono espanhol: “*todos los reinos hispánicos quedaron sometidos teóricamente a las leyes y tribunales castellanos y se produjo una expansión del modelo del Tribunal del Protomedicato castellano, transformado en un organismo al servicio de la política centralista.*” (TERRADA, 1996, p. 27) Porém, durante o século XVIII, os *tribunales gremiales* continuaram resistindo ao poder centralizador do Protomedicato, o que parece justificar a divisão de tarefas entre os mesmo na fiscalização das boticas.

visitados, encontravam formas para burlar o sistema e continuar utilizando medicamentos impróprios: “los Boticarios, para aquel tiempo se previenen, y proveen de medicinas buenas, pidiendolas à otros prestadas, escondiendo las malas” (MUÑOZ, 1751, p. 191). Como contramedida, o órgão determinou que fossem feitas revisitas “quando les pareciere conveniente”, com o objetivo de “ver si las dichas medicinas estàn buenas, y si tienen las que han menester, por ser muy importante para la salud universal de todos;” (MUÑOZ, 1751, p. 191).

Imagem 2 – Frontispício da Recopilación de las leyes del Protomedicato

RECOPILA ON
DE LAS LEYES, PRAGMATICAS
REALES, DECRETOS, Y ACUERDOS DEL
REAL PROTO-MEDICATO.

HECHA

POR ENCARGO, Y DIRECCION
 del mismo Real Tribunal,

P O R

DON MIGUEL EUGEN
Consejo de su Magestad, Oidor de la
lencia, Academico del Numero de la
Historia, Subdelegado del Real Proto-Medicato
en la misma Ciudad, y
Reyno. **DEL**
de Va-
de la

EN VALENCIA:

En la Imprenta de la Viuda de Antonio Bordazar, en la Plaza
 Arzobispal, Año M.DCC.LI.

Aos visitantes que necessitassem se deslocar para a realização de suas atividades, as determinações, visando ao zelo profissional, eram ainda maiores: *“Que no se hospeden en casa de los Boticarios que ayan de visitar, ni en las de sus padres, hermanos, y parientes; Além disso, os visitantes não poderiam receber “regalo, agasajo, ni gratificación”* (MUÑOZ, 1751, p. 194) de nenhuma pessoa da vila que estivessem visitando. Todos esses aspectos que levantamos na legislação do período parecem apontar para a dificuldade do controle sobre as práticas médicas, posto que, além dos privilégios de alguns grupos,⁸⁵ o grande número de orientações visando à retidão moral dos visitantes torna inevitável que aventemos o suborno como uma prática corriqueira na relação boticários/visitadores.

Quando, por qualquer das razões acima expostas, uma botica fosse fechada, o processo para reabertura da mesma não parecia ser tão complexo. Talvez complicações de ordem burocrática atrasassem o processo, mas, no geral, a única determinação era uma reavaliação: *“Mandamos, que los Protomedicos no las manden abrir, sin que todos tres, ò por lo menos los dos de ellos, se junten, y vuelvan à visitar la dicha Botica; para que enterados de la verdad, hagan justicia”* (MUÑOZ, 1751, p. 192).

Além da importância dos títulos para o exercício profissional, consideramos fundamental apresentar as penalizações aplicadas àqueles que descumprissem a lei. Neste caso, não há variação em relação ao ofício, portanto, médicos, cirurgiões e boticários estavam sujeitos às mesmas penas. Quando pegos em delito pela primeira vez: *“se les castigue, imponiendoles la pena de quinientos ducados de vellon, y destierro del Lugar donde assistieren, y diez léguas en contorno”*. A reincidência no delito era causa para *“dos mil ducados, y destierro de la Provincia;”* Por fim, se fossem pegos por uma terceira vez, o castigo seria o degredo: *“seis años de Presidio de África, aplicandose las penas pecuniárias por tercias partes, à mi Real Camara, Protomedicato, y Denunciador”* (MUÑOZ, 1751, p. 350).

O Rei deixa claro, ao final da Pragmática, que era seu interesse que a todos chegassem as informações nela contidas, *“haciendo que se ponga Copia de esta mi Carta em los Libros Capitulares de todas las Ciudades, Villas, y Lugares, para que en todo tiempo conste, y se practique inviolablemente la expressada mi resolucion”*(MUÑOZ, 1751, p. 351). A imprensa

⁸⁵ As boticas administradas por religiosos nos hospitais só passaram a ser visitadas pelos examinadores do Protomedicato, a partir do século XVIII: *“En el siglo XVIII amplía su ámbito competencial, um paso importante resulta el control sobre las visitas de todas las boticas, incluyendo las de religiosos y hospitales, que hasta el momento quedaban exentas, y la desamortización del oficio de visitador de boticas.”* (CAMPOS DÍEZ, 1996, p. 50). As questões relacionadas à relação existente entre medicina e religiosidade serão problematizadas no próximo subcapítulo.

facilitou, significativamente, a difusão destas orientações, garantindo a centralização pretendida pela monarquia e alimentando a crescente burocratização do Estado espanhol.⁸⁶

A tendência à burocratização não parece ter ficado restrita às esferas do governo. Nesse sentido, as *Ordenanzas* do Hospital Geral de Madri parecem ilustrar que o controle pela escrita era, no Antigo Regime, uma questão arraigada no seio da sociedade espanhola. Tudo deveria ser registrado, tudo deveria estar sob controle de quem estivesse no comando, a Igreja ou o Estado. No caso do Hospital de Madri, esse controle se iniciava pelo porteiro, que ao receber o paciente que dava entrada na instituição: “*tome la razon dellos, y los escriba en el libro general de la porteria, con el dia, mes, y año, y los padres, pueblo, y nacion, que ellos dixeren, y pongalos en el lugar que està señalado*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 1). Após essa triagem, os médicos e cirurgiões conduziam os pacientes à enfermaria adequada⁸⁷.

Cada profissional deveria ter controle sobre o estoque – remédios, instrumentos, alimentos, roupas – que deveria administrar. O boticário, por exemplo, deveria ter informações sempre atualizadas sobre os remédios disponíveis e sobre aqueles que deveriam ser adquiridos; o cozinheiro, por sua vez, deveria ficar atento ao abastecimento da dispensa, enquanto o *Guardaropa* deveria controlar as roupas dos doentes e de cama: “*Tendra un libro em la guardaropa, y en el escrita toda la que ay en la casa, tanto de lienço como de paño, y todas las demas cosas que em ella huviere cada gênero de por si*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 18).

⁸⁶ Alguns autores ressaltam a importância de comunicação para a manutenção do extenso Império espanhol: “uma monarquia compósita estruturada em células intercomunicantes, em que o registro das chancelarias e a comunicação com os membros dos conselhos tinham de ganhar eficácia e rapidez” (MEGIANI, 2009, p. 147). Os decretos, pragmáticas, entre outros documentos que visavam ao controle total da população são uma característica do governo de Felipe II, “quem adotou, efetivamente, a prática de mandar imprimir leis, pragmáticas, e toda sorte de determinações para que fossem espalhadas sem erro nem demora por toda a imensa extensão do Império, do México ao Japão” (MEGIANI, 2009, p. 147). O aceleramento da burocracia aumenta a necessidade de oficiais responsáveis pelo controle da mesma: “Roger Chartier aponta o desenvolvimento do sistema educacional como um dos elementos que corroboraram o aprimoramento dos oficiais régios. Aprimoramento este, necessário, segundo o autor, na medida em que cada vez mais o Estado passa a se apoiar nas práticas de escrita.” (NOGUEIRA dos SANTOS, 2009, p. 174).

⁸⁷ No ano de 1705, as enfermarias do Hospital estavam assim divididas: “*Hospital General para hombres; Casa de convalecencia del Hospital General; Casa de faltos de juicio del Hospital General; Hospital de la Pasi3n para mujeres; Casa de Convalecencia de la Pasi3n; Casa de faltos de juicio de la Pasi3n; Hospital de Ant3n Mart3n para enfermos contagiosos tales como “g3licos, hetico, sarna, lepra, tiña”; Hospital de la Misericordia de Convalecientes de unciones que salian del de Ant3n Mart3n; Hospital Real de Nuestra Se3ora de la Inclusa para ni3os exp3sitos, con m3s de 2400 ni3os ingresados en el en el momento de la redacci3n del impreso; Colegio de los Desamparados, con su triple misi3n de acoger muchachos desasistidos (cerca de 300), mujeres pobres e impedidas, y mujeres embarazadas que deseaban ocultar el parto; Colegio de San Jos3 de la Penitencia, para mujeres de buena vida (o beatas) que se retiraban all3, en sifra no superior a 24; Casa Real de Recogidas de Santa Mar3a Magdalena, para m3s de 60 prostitutas arrepentidas; Casa Real de la Galera, o c3rcel de mujeres, con capacidad para 80 3 90 reclusas.*” (OLARTE, 1999, p. 20).

Se a preocupação de controle era geral, ela parecia se tornar ainda maior quando envolvesse as finanças do hospital. As esmolas deveriam ser contabilizadas assim que fossem recebidas e quando fosse necessário fazer movimento no capital do hospital para pagamento de contas ou qualquer outra razão, as finanças deveriam ser verificadas: “*en presencia del Hermano mayor, y uno de los semaneros, y del Contador, y de los ministros que huvieren recebido la mercaderia [...] y relacion del semanero que há de hazer en la junta, se mãde librar, y no de outra manera*”(ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 13). Além disso, era recomendado que se fizesse um inventário anual das finanças do hospital, a fim de manter em dia as contas da instituição.

A arrecadação de recursos parece ter ocupado um papel central na rotina do hospital e na administração da instituição. Em um período em que não existia uma verba destinada pelo governo para os cuidados da saúde da população, as doações ou esmolas se constituíam na principal fonte de renda do Hospital Geral de Madri. Havia irmãos que tinham a função específica de recolher esmolas: “*y otros andarã por el lugar pidiendo las limosnas ordinãrias, y otras extraordinãrias, pues este es el principal caudal del hospital*”(ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 8).

As *Ordenanzas* do Hospital Geral de Madri deixam claro que não apenas os doentes, mas também os serventes e os administradores da instituição deveriam viver às custas das esmolas recolhidas junto a população: “*Todos los pobres que conforme a estas cõstituciones se há de recoger en esta casa, y los sirvientes y ministros della se han de sustentar con las limosnas que se recogieré, pues no tiene otra hazienda que sea de sustancia para poderlo hacer*”(ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 10). Ainda que não possamos desconsiderar a possibilidade de filhos da elite trabalhando no hospital, especialmente se fossem religiosos, acreditamos que aqueles que se estabeleciam por mais tempo junto a instituição fossem de origem humilde⁸⁸. O hospital garantia, ainda que precariamente, a sobrevivência desses jovens, que em troca trabalhavam junto aos doentes, muitas vezes aprendendo um ofício que poderia lhes garantir sua independência futura.

A necessidade de adquirir rendas se fazia tão imperiosa que no regulamento destinado à administração do Hospital estão expostas formas de coleta de esmolas, cabendo a cada um, a partir da posição que ocupava na instituição, encarregar-se de empenhar-se para a garantia de

⁸⁸ O fato de o hospital ser de Misericórdia também implica numa predileção para os carentes. Acreditamos que isto se aplicasse tanto aos doentes que por necessidade recorriam ao hospital, como para os serventes que pelo mesmo motivo aceitavam o trabalho em troca de comida e um lugar para viver. Outro grupo que poderia fornecer mão de obra para o hospital seria o dos órfãos ali acolhidos, já familiarizados com o cotidiano da instituição.

seu sustento. Reproduzimos a seguir passagens extraídas das ditas *Ordenanzas* que revelam as formas encontradas pelos irmãos maiores⁸⁹ para a captação de recursos, visando o sustento e a administração do hospital:

[...] y assi se ha de desponer mucho esfuerço en recoger limosna, assi en esta villa, como fuera della [...] Para esto se ha de procurar, que los mas pobres mendigos que fueren a proposito de los que se recogen en esta casa, anduve por esta villa a todas las horas del dia, acordando a los que quisieren hazer limosna [...] y los dias que huviere indulgencias, perdones, ò estaciones en algunas Yglesia, ò Monasterio, se embien tantos pobres con caxas, quanto pareciere al hermano mayor, 'q son necessarias.

Andarã de los hermanos de habito los que pareciere que son necessarios repartidos por todo el lugar, haziendo lo mismo, y en esl tiépo del Agosto, y vendimias, y esquilo de la lana, saldran algunos hermanos a pedir por esta villa, y su comarca. Tratarse con las personas principales, que dan cada dia limosna a las puertas de sus casas a los pobres mendigos que a ellas acuden, den a este hospital por semanas, ò meses, como mas bien les pareciere que huviere de dar a estos pobres, 'q en esta casa se recogen [...]

Es muy importante de gran fruto, 'q en la Yglesia del hospital aya indulgencias, y buenos sermones todos los dias de fiesta, y muchas Missas cada dia, y acabada una se pida limosna, y los altares, y ornamentos esten muy limpios, y bien puestos, para que con esto el pueblo tenga mas devocion, y aya mas concurso de gente.

El Hermano mayor acuda de ordinario a visitar las señoras principales de la Corte, y de Palacio, y dè ordenen que acudan por semanas a visitar el hospital, y darles alguna ropa blanca, que cosan, como se suele hazer: porque viendo estas señoras la necesidad que los pobres tienen, los socorran con mayor voluntad (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 10-11 e 12).

Outra forma encontrada para a obtenção de esmolas se dava através do acompanhamento de cortejos fúnebres, ocasião em que a população das cidades costumava praticar caridade. Prática que parece ter sido vantajosa, já que o mesmo regulamento recomendava: “*Para que esto pueda ser de mayor aprovechamiento, y con mayor satisfacion se haga, saque um mandamiento del Vicário, em que mande no se hagan los entierros sin los pobres del hospital*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 12).

As questões administrativas tratadas neste subcapítulo nos auxiliaram significativamente na reconstituição do período de formação de Pedro Montenegro. Após ter prestado os exames necessários para a obtenção do título, fosse ele o de cirurgião ou de boticário, o jovem Pedro Montenegro esteve sujeito à legislação vigente e às regras da instituição. Nossa intenção nos capítulos subseqüentes é a de verificar os reflexos de seu período de formação e atividade na Espanha na sua atuação e nas obras que produziu na América.

⁸⁹ O termo não implica que os que atuassem no hospital estariam necessariamente ligados a alguma congregação religiosa. Era função do Irmão Maior, este, sim, um religioso, escolher estes homens que ingressariam na casa após rigorosa avaliação de sua vida.

2.3 MANIFESTAÇÕES DA RELIGIÃO E DA CARIDADE NAS *ARTES DE CURAR*

Como ficou claro no tópico anterior, a sustentação financeira do Hospital de Madri estava amparada, em grande medida, nas esmolas recebidas da população madrilenha e daquela que vivia nos seus arredores. O sentimento que deveria mover as doações era a caridade, sentimento e prática que deveriam mobilizar a sociedade ocidental cristã naquele período.⁹⁰ Como veremos neste tópico, a caridade não deveria ser uma característica presente apenas nos religiosos, mas também dos profissionais leigos envolvidos com as artes de curar, que deveriam praticar este nobre sentimento cristão⁹¹.

Ainda que não utilize o termo caridade de maneira direta, a Recompilação das leis do Protomedicato nos dá mostras de que todo pobre que estivesse sofrendo com alguma enfermidade deveria ser assistido, ressaltando que essa orientação não se restringia aos *“pobres de solemnidad; esto es, mendigos, ò que viven de limosna; lo que no es assi en la verdad, ni por el drecho de gentes.”* Dessa forma, os menos favorecidos da sociedade, mesmo aqueles que tivessem pequenas posses, mas *“no tiene outro caudal reservado”* deveriam, ao menos pelas determinações reais, *“si enferma, [...] ser assistido como pobre”* (MUÑOZ, 1751, p. 168). Ainda que não fosse possível atender a todos os súditos, o interesse em garantir o acesso a tratamento para os doentes apresenta novas preocupações que surgem com o advento do Estado moderno. A cura, gradativamente deixaria de ser buscada através de orações ou magias, muitas vezes ligadas aos próprios monarcas⁹², mas sim através de instituições que, se não eram mantidas, contavam ao menos com o patrocínio do Estado.

⁹⁰ A caridade sempre foi uma prática estimulada pelo clero para aqueles que quisessem ser bons cristãos, além disso, a caridade sempre esteve associada à busca por prestígio social. Tal prática se estende até a atualidade e muitos trabalhos exploram a questão da caridade e suas motivações – BOSCHI, Caio César. O assistencialismo na capitania do ouro. *Revista de História*. n. 116. São Paulo: USP, jan./ jun. 1984, p.25-41. DAVIS, Natalie Zemon. Ajuda aos pobres, humanismo e heresia. In: **Culturas do povo**. Sociedade e cultura no início da França Moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 23- 61. SÁ. Isabel dos Guimarães. A assistência, as misericórdias e os poderes locais. In: OLIVEIRA, César (dir.) **História dos municípios e do poder local - dos fins da Idade Média à União Europeia**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996, p. 136-142.

⁹¹ Em alguns dos Tratados de Medicina com os quais entramos em contato é recorrente que se apresente a caridade como um sentimento esperado entre os médicos: *“pues se verificò en esta acertada practica: y mas concurriendo em Ella, como deben concurrir, tres virtudes, que distribuye un ingenio entre Medicos, y dolientes: de parte del buen Medico la caridad, y de parte del enfermo la esperanza, y la fee.”* Fr. PABLO in SANZ de DIOS, 1730, aprobaciòn. E ainda: *“el Autor manifiesta su mucho estúdio, y experiencia, movido mas de la caridad, que por hazer ostentacion de lo que sabe.”* (JUAN MAESTRO in AYALA, 1705, Aprobacion).

⁹² A obra de Marc Bloch sobre os Reis Taumaturgos apresenta a importância que a cura pelo toque régio tinha na Europa medieval e o evento que parece ter sido marco da ruptura nessa crença: *“Até a Reforma, tanto franceses quanto ingleses podiam aceitar de coração tranqüilo as ambições de ambos os monarcas; mas, quando se consumou a ruptura religiosa, essa equanimidade deixou de ser conveniente.”* (BLOCH, 1993, p. 253). Ainda que a Reforma tenha diminuído sua importância, seu desaparecimento não aconteceu

Passemos agora à análise das *Ordenanzas* do Hospital de Madri, enfatizando, em primeiro lugar, o quão difícil é precisar as funções desempenhadas por um hospital nesse período⁹³. O título do capítulo I determina o que deveria ser feito com os enfermos, a partir de certa classificação que deveria ser observada: “*Esta Casa de Misericordia general ha de tener las obras cõforme al nombre, y assi conviene aya puerta abierta para la entrada de todos los pobres hombres, y mugeres, que a Ella vinieren*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 1). O tratamento que deveria ser dispensado aos mesmos parece apontar para o papel caritativo da instituição: “*han de ser recibidos con toda piedad, y a todas horas, assi de dia, como de noche, y el portero ha de tener grã blandura, y caridad para recibirlos a todos*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 1).

Apesar de destacar a opção preferencial pelo atendimento aos doentes, a regulamentação deixava claro que “*mendigos viejos, mancebos, cojos, y otros pobres impedidos que no pueden servir, ni trabajar*” não deixassem de ser atendidos, pois pertenciam a outro *gênero de pobres*. E ressaltava que “*conforme las leyes, y pragmáticas de estos Reynos*” que “*para ellos particularmente se fundò esta casa, con intento que en ella se les procurasse el remedio espiritual, y temporal*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 1).

Chamamos a atenção para alguns pontos. De acordo com Saunier (1984), o Hospital de Madri desempenhava papel “sanitário e profilático” para os habitantes da cidade. Nas Ordenanzas, este papel parece se ampliar, na medida em que prevêm “*el remedio espiritual, y temporal.*” Como já ressaltado anteriormente, a Espanha vivia tempos difíceis, que se traduziam no aumento significativo de mendigos, idosos e inválidos abandonados, que passaram a circular pela cidade. Diante deste quadro, o Hospital cumpria uma importante função social, ao abrigar esses desvalidos. Aos ouvidos do século XXI, no entanto, podem

rapidamente, alongando-se durante o período moderno, como demonstra Le Goff, no prólogo da obra de Bloch, ao tratar sobre a morte do rito: “na Inglaterra, ele sofre fortemente o ataque do protestantismo e desaparece com a mudança dinástica de 1714; na França, seu fim coincide com a Revolução e a queda da monarquia.” (LE GOFF in BLOCH, 1993, p. 26). Porém, a continuidade na crença do poder terapêutico do sobrenatural, se estende até a atualidade e, em algumas igrejas é prática comum. Tratamos brevemente sobre o tema em: POLETTO, Roberto. **Medicina Acadêmica Espanhola: Continuidades de práticas mágico-populares e avanços científicos em Tratados de medicina do século XVIII**. 2011. 100 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [2011].

⁹³ Annie Saunier parece compartilhar desta percepção, quando destaca o papel das instituições hospitalares no medievo: “O hospital medieval era uma simples casa de acolhimento, um espaço para morrer, ou um verdadeiro estabelecimento de cuidados, representando, na cidade, um papel sanitário e profilático.” E destaca como chave de compreensão para tais questionamentos: “consultar os estatutos e os regulamentos dos estabelecimentos e, sobretudo, perscrutar as suas contabilidades, que permitem conhecer as atividades do hospital. Assim compreenderemos a vida quotidiana num estabelecimento hospitalar.” (SAUNIER in LE GOFF, 1984, p. 205.) A utilização das *Ordenanzas* do Hospital de Madri neste trabalho procura ir ao encontro das determinações da autora.

soar um tanto quanto autoritária a prática de internação compulsória prevista pelas *Ordenanzas*:

Partiran los dos alguaziles entre si la villa, para que el uno por la una parte, y el otro por la otra la anden de ordinario toda, y recogan todos los pobres que hallaren assi enfermos como sano, y los traygan al hospital para que en el se haga dellos lo que conforme a estas constituciones està ordenado (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 20).

O recolhimento, que soa quase obrigatório, nos faz pensar na internação desses pobres como uma forma de limpeza da cidade, já que, ao serem conduzidos ao hospital, as ruas, assim como o restante da população, ficariam livres dessas indesejadas presenças. Não por acaso, estava entre as atribuições do porteiro, assegurar-se que nenhum internado, são ou doente e, especialmente os mendigos, pudessem sair sem licença do médico, pois estes últimos *“trabajan por salirse de la casa”* (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 19). Nota-se que, uma vez internados, estes homens e mulheres tinham muita dificuldade para saírem do hospital, que deveria lhes recuperar o *“espiritual y temporal”*, razão pela qual, temos a impressão de que tornavam-se prisioneiros sem crime⁹⁴.

Como uma das funções principais da instituição era esse tratamento caritativo, evidentemente, era necessário recrutar pessoas com tal característica para nela atuarem. O irmão maior, espécie de responsável pela seleção dos irmãos e gestor de suas funções no hospital deveria: *“recebir personas que Sean de buena vida, y costumbres, com cuyo buen exemplo se edifique el pueblo, y anime a ahazer caridad. y para esto haran antes de recibirlos el examen de sus vidas, y costumbres”* (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 8). Voltando-nos para a obra de Pedro Montenegro, veremos que o papel da caridade estava igualmente presente. Neste momento, confundem-se no sujeito estudado, a formação técnica recebida no Hospital de Madri com a eclesiástica, à qual teve acesso após seu ingresso na Companhia de Jesus, uma vez que a caridade era valor buscado por ambas.

⁹⁴ Ao nos referimos desta forma aos mendigos e outros empobrecidos, não o fazemos de maneira gratuita. As dificuldades econômicas também geravam um grande número de delinquentes, que buscavam no crime um recurso para a sobrevivência: *“En Madrid, el bullicio se concentraba alrededor de la Plaza Mayor. Como ocurre actualmente, en las grandes ciudades tenían un lugar muy importante las gentes dedicadas a la delincuencia o de vida irregular, [...] en Sevilla su número alcanzaba proporciones alarmantes, bodegones, garitos y burdeles eran sus lugares de encuentro habituales”* (CALVO, 1989, p. 13). As Ordenanzas do Hospital deixavam claro que *“vistos y examinados los que son verdaderamente pobres, y no vagamundos, ni gente perdida, ni de mal vivir, se le dà remedio”* e aos demais *“la justicia les dà el remedio que pareciere”* (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 4).

Em relação às características buscadas nos irmãos, ressalta-se que deveriam ter boa vida e costumes⁹⁵, o que nos leva a problematizar a importância da moral para a sociedade do período e, conseqüentemente, para o funcionamento do hospital. Devemos lembrar que nem todos os que se encontravam alojados na instituição estavam doentes e que tanto homens, quanto mulheres constituíam a população de internados. As possibilidades de relacionamento eram, conseqüentemente, inevitáveis, cabendo a pergunta: como freá-los? Em primeiro lugar, alguns cargos eram estratégicos para o controle interno dos pacientes, e estes deveriam ser ocupados por “*hermanos de habito*”, caso, por exemplo, dos porteiros: “*Avra um potero procurando que sea bien entendido, y de confianza, eligiendole entre los hermanos de habito si fuere posible, y siendo lego ha de vivir dentro de la misma casa*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 19). Em um ambiente com fluxo intenso de pessoas, a escolha de um religioso para o cumprimento de funções como o controle destas entradas deveria estar associada a sua esperada retidão moral⁹⁶. Os alojamentos separados para homens e mulheres era outra prerrogativa da casa:

El quarto de las mugeres estará muy distinto, y apartado del de los hombres, y la porteria dellas ha de estar siempre cerrada, y para pedir lo que de la botica, ó botilleria huvieren menester, ó para outro recaudo, tendrán un torno, y el su campanilla, y uno, ó dos hombres viejos que acudan proveelles lo necesario: y en las enfermerias de las mugeres no se permitirá entre hombre ninguno, sino fuere con licencia del semanero, ó hermano mayor, y con causa justa, ni muger en las de los hōbres, sin la misma orden. Y esto se guarde inviolablemente (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 3).

Outras medidas utilizadas como controladores sociais reforçavam a moralidade esperada entre os internos. Entradas e saídas deveriam ser sempre evitadas e aconteceriam somente por extrema necessidade. Na hora de dormir, esperava-se “*gran recato, procurando duerma cada uno de por si*”. Além de homens e mulheres estarem separados, aconselhava-se também a separação dos meninos “*de modo que no aya ninguna comunicacion sospechosa, de noche, ni de dia*”. O próprio ambiente deveria colaborar para a manutenção da ordem moral interna: “*que los dormitorios sean anchurosos, y en ellos a trechos aya lamparas que ardan toda la noche*”. Por fim, o irmão maior, visando à prevenção de qualquer problema

⁹⁵ O termo é utilizado nas *Ordenanzas* e está claramente ligado a vida anterior do candidato a irmão. Seus costumes eram importantes, afinal, após passar a atuar no hospital, ele serviria de exemplo a população.

⁹⁶ O mesmo deveria acontecer na enfermaria destinada às mulheres: “*Para las mugeres enfermas, y para las demas, q en la casa se han de recoger, aya una madre enfermera mayor, de buena edad, la qual será honesta, y virtuosa, diligente, y suficiente para este ministerio*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 15).

faria visitas “*en todo el hospital em diferentes horas, de dia, y de noche*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 4).

Parece-nos interessante destacar a forma como era controlada a passagem entre a enfermaria masculina e a feminina, como forma de ilustrar a seriedade que a questão adquiria. A portaria deveria ter duas trancas. De um lado, ficariam com a chave o semaneiro e o irmão maior, a outra tranca seria controlada, do outro lado, pela porteira das mulheres, “*de manera que no se pueda abrir, sin estar entrambas llaves, porque las cerraduras han de ser diferentes*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 16). Assim, transpor a barreira de separação entre as alas só seria possível com consentimento mútuo. Há de se relativizar, no entanto, o sucesso alcançado por tais medidas, posto que em um dos vários pontos das *Ordenanzas*, que destacam a necessidade de separação entre os sexos, o redator deixa transparecer que as medidas eram necessárias visando à “*reputacion del hospital, como todo se ha visto por experiencia*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 5).

Apesar de todo esse controle, certas situações cotidianas tornavam inevitável o contato de alguns homens com as mulheres da casa. Não apenas os médicos, boticários e barbeiros, que teriam a entrada garantida por razões compreensíveis, ainda que, provavelmente, acompanhados pela irmã maior, mas também outros personagens essenciais ao funcionamento da instituição. É o caso do cozinheiro, que para dar conta do trabalho junto ao hospital deveria ter a sua disposição “*los ayudantes que fueren menester*”. Uma das atividades repassadas a outras pessoas era a limpeza dos alimentos, para isso “*tiene el ayuda de las mugeres sanas que em el hospital se recoé, alas quales Dara cada dia todas las cosas de la cocina para que se fregué y limpié*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 18). O encarregado pela limpeza das roupas e, mesmo dos cômodos, provavelmente, teria a mesma necessidade de auxílio e essas pequenas funções diárias poderiam corromper todo o sistema de regras imposto no hospital de Madri.

Os questionamentos morais, no entanto, não se restringiam aos ambientes controlados por religiosos, sendo parte integrante da sociedade espanhola. O mercado editorial parece ter atentado para a importância do tema, pois em um dos compêndios de medicina na Espanha, do século XIX que analisamos, o autor destacava, ao referir-se ao século XVI, que “*La enfermedad que mas llamó su atencion fue la lue venérea, segun dejamos consignado, y tanto por aclarar su origen, quanto por apreciarla em todo su valor, pocos profesores de algun mérito dejaron de ocuparse de ella*” (SÁMANO, 1850, p. 247). As doenças venéreas, tidas como decorrente de grave falha moral, geralmente, exigiam tratamentos ou cuidados diferenciados.

Na *Medula de Cirugia*, encontramos um exemplo claro da diferenciação no tratamento de uma doença, considerando-se sua procedência. Se tivesse origem em humores naturais, o *incordio*⁹⁷ deveria ser curado: “*por la cura general de apostemas, salvo que las medicinas sean huntosas*” (PORRES, 1749, p. 137). Porém, se fossem gálicos⁹⁸, havia uma mudança de procedimento seguindo “*la cura de los bubones críticos, atendiendo el dolor con los anódinos, antes de atraer, que no será con medicinas tan activas, sin intentar la resolucion que ay de que no se desahogue la natureleza de lo antecedente*” (PORRES, 1749, p. 137, 138).

Alguns outros temas recebiam grande atenção por suas implicações morais. Na Zaragoza do século XVII promoveu-se uma ampla discussão acerca da manutenção ou fechamento das “*casas públicas de mujeres impudicas*”. Várias obras foram escritas sobre o tema, sendo que onze foram relacionadas⁹⁹ no compêndio, dada a sua relevância, sendo que as resoluções acabaram sendo, em sua maioria, favoráveis ao fechamento, corroborando a importância da moralidade no cotidiano da Espanha do Seiscentos. A decisão final “*recayó á favor de la estincion de dichas casas ó lupanares*” (SÁMANO, 1850, p. 314).

Na *Materia Medica Misionera*, as questões morais também se fazem presentes, porém, de maneira um pouco controversa. Ao tratar das doenças venéreas, chamadas na obra de mal francês ou doença galica, Montenegro refere diversas plantas que poderiam ser empregadas para seu tratamento, dentre elas, a raiz da China branca, a Flor da Paixão, a aristolaquia e a salvia silvestre. Sobre esta última, o autor mencionava que: “*no dudo cura el efecto galico, y enfermedades frias, como la misma raiz de China*”, porém, destacava tê-la usado pouco, por

⁹⁷ Uma definição de *incordio* encontra-se na própria *Medula de Cirugia*: “*Un tumor preternatural, que se situa en los emuntorios del higado, y bazo, ò em las ingles.*” (PORRES, 1749, p. 136)

⁹⁸ Doença venérea, “*que se adquiere por contagio en el acto carnal.*” (PICATOSTE, 1887, p. 532) Era conhecida por diversos nomes: “*Humor Gallico. Vid. Mal Francez. Vid. Boubas*” (BLUTEAU, 1728, p. 447).

⁹⁹ As obras relacionadas no compêndio foram as seguintes: 1° *Discurso sobre si se debe permitir en la ciudad de Zaragoza la casa pública de mujeres deshonestas/ 2° De ilícita permision lupanarium/ 3° De la ilícita permision de las casas públicas de mujeres deshonestas em la ciudad de Zaragoza. Discurso dirigido al doctor don Martin Carrilo, abad de la real casa de Montaragon./ 4° Tratado moral y político sobre la casa pública de mujeres deshonestas en la imperial ciudad de Zaragoza/ 5° Memorial con reflexiones sobre la casa pública de mujeres impúdicas. Ofrecido á la imperial ciudad de Zaragoza para facilitar el remedio de este mal con la casa llamada de la Galera./ 6° Respuesta dada por el padre fray Francisco Ferriz á la consulta que esta ciudad de Zaragoza de hace, si debe quitar la casa pública de mujeres deshonestas./ 7° Memorial en que se prueba es lícito el permitirse en este tiempo, y aun necesario, la casa de mujeres impúdicas en la ciudad de Zaragoza/ 8° Discurso en forma de carta, sobre la casa pública de mujeres impúdicas en la ciudad de Zaragoza. Propónense en él los medios alegados en pro y en contra, y los medios asi espirituales como temporales./ 9° Discurso sobre si conviene ó no se restituya en Zaragoza la casa de mujeres impúdicas./ 10° Consulta y respuesta á la ciudad de Zaragoza sobre un memorial respecto á las casas públicas de mujeres impúdicas; que se dio para que se volviesen á abrir dichas casas, y pusiese remedio en los receptáculos de las mujeres malas que infestaban la ciudad, y se reformase lo profano de los trajes y de las atapadas/ 11° Apología á instancias de los señores jurados de la ciudad de Zaragoza sobre si seria lícito en ella volver á abrir la casa pública de mujeres deshonestas, y reducir á ella las cancoveras; todo sin ofensa de pecado.” (SÁMANO, 1850, p. 314-315)*

“*lo poco que hay de este mal entre los pobres Indios, que aunque tengan sus tropiezos de torpezas, no los aflige el Todo Poderoso con tan cruel azote*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 213). Ainda que tivessem suas falhas morais, os indígenas, de acordo com o autor da *Materia Medica Misionera*, seriam protegidos por Deus, que tinha importante papel em tudo que se referisse às artes de curar.

Ao encerrarmos a abordagem dada às questões morais, chegamos a um dos pontos controversos e, por isso mesmo, dos mais interessantes da obra do irmão jesuíta, Pedro Montenegro. Trata-se de uma receita para que as mulheres pudessem passar por virgens em suas núpcias. Mesmo em uma sociedade voltada para a moral cristã, cair na tentação da carne era uma possibilidade. Mas, por que um jesuíta indicaria tal receita? Podemos aventar duas razões: em primeiro lugar, se pensarmos a realidade da missão, pode-se imaginar que não fosse tido como adequado que uma indígena – depois de ter sido casada na tradição indígena – viesse a ser casar, diante dos demais membros de sua comunidade, não estando casta. Em segundo lugar, pode-se supor que as mulheres citadinas também buscassem a botica de um colégio ou de uma redução para reparar sua virgindade, o que também apontaria para a utilização das prescrições de Montenegro fora das missões. Como já observado, são apenas suposições, mas a indicação do procedimento faz transparecer sua necessidade.

A receita deveria ser preparada com raiz de um tipo específico de *Mburucuyá*¹⁰⁰ (o autor relaciona quatro), que teria como uma de suas virtudes ser “*único remedio en apretar las partes relajadas, y blandas carnes.*” A dita raiz deveria ser misturada com *consuelda mayor* na quantidade de meia libra cada em quatro quartilhos¹⁰¹ de água. Depois disso, adicionava-se alumbre de rosa. O modo de aplicação e as virtudes eram assim descritos:

[...] *y con dicho cocimiento ó composicion lavarse por espacio de ocho dias las Meretrices ó Mozuelas que hayan caido en flaqueza de carne, ántes de ser casadas, pueden estar seguras, que pasaran por virgenes en los Desposorios: mayormente si con mecha de algodón, o lana bien lavada introdujeren el cocimiento en boca de la matriz, por algunas horas al acostarse: – y á falta de las raices del Mburucuyá sirven las del dictamo segundo, ó Caaberá, miri, que digo nace por las lomas* (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 49).

Todas as questões morais, acima reproduzidas, eram fruto da importância que a religião e a instituição Igreja ocupavam na sociedade espanhola dos séculos XVII e XVIII.

¹⁰⁰ Trata-se do maracujá, planta difundida por quase todas as partes da América. Continuar....

¹⁰¹ Era uma unidade de medida para líquidos: “Medida de vinho, leyte, &c. O Quartilho da Bahia no Brasil, he húa canada de Lisboa. O quartilho de Lisboa he a quarta parte de húa Canadá.” A distinção entre as medidas de um lugar e outro parece apontar para a dificuldade em precisar a exatidão das receitas, tema que problematizaremos no último capítulo. Almeida (2009) aponta que nas medidas atuais o quartilho corresponde à 0,665 do litro. (ALMEIDA, 2009, p. 60)

Vale destacar que, por desfrutar de tamanha força institucional, a Igreja difundia a noção de Deus como o único agente responsável pelas curas. As plantas usadas para o preparo do medicamento eram a prova da divindade na natureza¹⁰² e o engenho dos homens ficava evidente no fabrico das medicinas, fruto da intervenção de uma força maior¹⁰³. Da mesma forma, a doença originava-se de um castigo ou provação encomendados por Deus. Todo lugar e qualquer situação deveria ser utilizado para louvar ao Todo Poderoso ou pedir sua intercessão.

A centralidade da figura de Deus não implica dizer que a medicina estivesse absolutamente voltada para o atendimento espiritual ou para o sobrenatural, na medida em que, como já destacado por Agnolin (2007), desconsiderar a associação entre ciência e religião impede a compreensão total do Antigo Regime. Na Recompilação do Protomedicato há uma definição sobre a fusão existente entre Deus e Ciência que ilustra bem o pensamento do período:

Algunos han limitado el merito de llamar ciencias à solo las abstrahidas de todo lo material; [...] aun los mas rigidios, que quieren que sola la ocupacion espiritual, que tiene por objeto à Dios sea ciencia, dexan campo à esta conclusion: Que la Fisica es el examen de la naturaleza: que la naturaleza obra en virtud de la potencia ordinaria de Dio, de que en su mismo sèr està dotada; y que unido el conocimiento de los efectos con los medios, y la causa, se saca una erudicion, que precisamente ha de ser ciencia, en aquella parte que tiene à Dios por objeto (MUÑOZ, 1751, p. 5).

As regulamentações presentes no Protomedicato atentam para o fato de que, desde os tempos mais remotos, os povos da Antiguidade, tais como hebreus, árabes, gregos e egípcios compreenderam que “*la Medicina procedia de la divinidad.*” Porém, apesar de estarem certos na concepção da medicina interligada à fé, os mesmos incorriam em um erro, com exceção dos hebreus, por aceitarem “*sugetos que suponen ciegamente divinos*”, já a cristandade, estava no caminho certo, por associar a prática médica com o verdadeiro Deus.

¹⁰² Segundo Le Goff (1984, p. 343): “Enquanto não conhece as razões físicas das virtudes curativas das plantas, a explicação ou a justificação sobrenatural destas prevalecem necessariamente”. O fato do poder das plantas estar, naquela época, associado diretamente ao poder de Deus reflete mais do que mera imposição eclesiástica, mas também a necessidade do ser humano de classificar a realidade de modo a compreendê-la. Se não era a explicação correta, era a possível dentro do contexto histórico aqui estudado.

¹⁰³ Sobre o tema, bem destaca Ribeiro (1997, p. 94): “Para a cultura erudita, que visava a impedir o acesso das pessoas comuns ao mundo sobrenatural, o dom curativo provinha de três fontes: do estudo (adquirido, sobretudo, nas universidades), do poder de Deus, dado a alguns indivíduos *gratis data*, e da ajuda do demônio.” E continua, ressaltando a necessidade da legitimação das práticas, trabalhada anteriormente: “Portanto, saber se a cura foi conseguida com o amparo do céu ou do inferno dependia, antes de tudo, da legitimação de tal prática.”

Na *Medula de Cirugia*, ao apresentar o que era a anatomia, o autor destaca que seriam quatro os proveitos do conhecimento dessa arte. No primeiro deles, Porres (1749, p. 19) destacava: “*dar gracias al Altíssimo, viendo tanto numero de partes distintas, en sôstancia; en qualidad, en sitio, en figura, y en oficio, sin que la una se confunda con la otra, teniendo comunicacion unas con las otra*”. Como se percebe no manual para o exame dos cirurgiões, mesmo o conhecimento técnico deveria render-se ao poder do criador. No entanto, não podemos ser ingênuos em aceitar que todos os profissionais acreditavam inapelavelmente no poder divino, portanto, muitos dos relatos/ depoimentos que analisamos podem estar impregnados de um tom de autocensura¹⁰⁴.

O prólogo da *Materia Medica Misionera* apresenta com clareza essa concepção de que Deus é, ao mesmo tempo, um senhor todo poderoso e uma espécie de fiador de nossa ciência. Assim, ele é definido como “*el inventor de la medicina,*” e fundava essa afirmação na razão, pois “*parece cosa imposible que un hombrecillo bosal, y formando de un poco de lodo, el cual á penas vé lo que tiene delante de los ojos pueda de si mismo comprender, ó alcanzar tantos y tan sublimados misterios, cuantos contiene en si el arte medicinal.*” E ressalta que, desde o princípio do mundo, foi ele quem, através de sua bondade e do engenho de “*hombres ilustrados de su Divina Providencia, y asi mismo por medio de animales terrestres, volatiles y acuaticos de hasta el dia de hoy irnos comunicando esta ciencia, y prolongando este continuado favor y consuelo*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, Prólogo).

Montenegro asseverava, ainda, que a atribuição de protagonismo exclusivo ao engenho humano era obra daqueles “*que ciegos quieren obscurecer, y borrar la grandeza de la Divina Providencia*” (MONTENEGRO, 1710 [1945], p. 4). Fica presente a noção de que Deus deixava tudo preparado ao homem, cabendo-lhe apenas a função de desvendar os mistérios e usos dados à plantas, animais e minerais. Ao falar sobre o *arazá guazú*, ou *Guayaba mayor*, e suas virtudes para o estômago e o fígado, o autor atestava, novamente, o papel do criador nas qualidades que a planta possuía e na sua localização estratégica: “*Puso la Divina bondad en estas tierras tan pobres de medicos, y boticas, y la cria en tanta abundancia, que hombres y animales se valen de ella, para sustento y medicina*” (MONTENEGRO, 1710 [1945], p. 37, 38).

Com todos os aspectos ressaltados sobre o papel de Deus, cabe que direcionemos nosso olhar novamente ao Hospital de Madri. Nas *Ordenanzas*, podemos perceber a

¹⁰⁴ Michel de Certeau (1982) adverte que, além da censura tradicional, o próprio autor poderia acrescentar – à obra – dispositivos que bloqueassem a interpretação do leitor, como uma forma de escapar de polêmicas que envolvessem seu texto. A autocensura era uma forma de refrear a crítica ao conteúdo do texto e pode nos demonstrar o medo que os Tribunais da Inquisição exerciam sobre os estudiosos da época.

religiosidade no dia a dia da instituição e notaremos, como já ressaltado acima, que todo lugar ou momento deveria ser utilizado para louvar a Deus. De acordo com as *Ordenanzas*, para que fosse mantido o silêncio no refeitório enquanto os pacientes estivessem fazendo suas refeições, “*un muchacho dirá la doctrina Christiana, ò lês leerán en un libro de devocion, y acudirã a servirles los hermanos, y practicantes*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 5). Após a refeição, “*se daràn gracias, encomendando a los pobres rezen un Pater noster por los bienhechores*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 3).

Na hora da morte, os pacientes não eram desassistidos pelo Hospital, pois havia uma série de cuidados relativos não só ao doente, mas também aos outros pacientes. Aos moribundos, recomendava-se atenção em relação ao bem morrer¹⁰⁵: “*Acudase con tiépo a los enfermos que estuvieren fatigados, para 'q se lês dè la Estremaunciõ, y hagã sus declaraciones, y testamentos*”. O irmão maior deveria manter irmãos devotos em torno do doente, e a estes cabia “*que lês encomienden el anima, y lês ayuden a bien morir, [...] animãndoles a que esten firmes em la Fee, creyendo la verdad de la santa Yglesia Catholica, y diziendoles otras cosas, para que tengan verdadero arrepimiento de sus pecados*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 2). Além disso, o ambiente deveria ser mantido bem iluminado, talvez como uma forma de promover o conforto e tornar a hora derradeira menos obscura.

Após o passamento do doente, parece acontecer uma inversão nas preocupações. Nada mais natural, pois a partir dali eram os demais enfermos que precisariam ser assistidos. Em primeiro lugar, pela perda de um possível companheiro ou amigo, afinal não podemos desconsiderar a situações favorecedoras das sociabilidades e os laços de amizade criados em ambientes como estes. Além disso, devemos considerar o medo que a própria morte podia causar nos demais pacientes.

Desse modo, o procedimento com relação ao defunto era o de que “*en su enterramiento se tenga esta orden, aviendo espirado, y dado el alma a Dios, sea sacado de la enfermeria de alli a un poco, con silencio, por no dar a los demas tristeza, y aflicion*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 3). As *Ordenanzas* ainda recomendam que se houvesse espaço disponível, deveriam morrer em separado, o que era aconselhável

¹⁰⁵ A boa morte estava diretamente ligada à realização dos ritos de passagem católicos, como segue: “Uma *boa morte* era a que acontecia em um leito, cercada de parentes e amigos, após receber os últimos sacramentos, entendidos como a confissão, seguida da comunhão e da extrema-unção, na qual o sacerdote untava, com os *óleos santos*, as orelhas, olhos, nariz, mãos e boca do enfermo. Temia-se a morte sem aviso, que impedia a realização dos ritos de passagem necessários. Destarte, jazer em um leito seria a *morte ideal*, na medida em que dava o aviso do fim terreno, dando oportunidade ao doente e aos seus parentes e amigos, de providenciarem tudo” (NOBRE; ALEXANDRE, 2011, p. 102).

para evitar sofrimentos aos demais; por fim: *“llevaran a la Yglesia, o lugar disputado con su cruz, y lumbres, y será enterrado em el modo que la Yglesia ordena, tañendo la campana, por que rueguen a Dios por el”* (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 3).

Em caso de morte de um dos irmãos da junta do hospital, os demais tinham como obrigação acompanhar seu enterramento e deveriam levar o corpo de seu companheiro nos ombros. Além disso, ficava determinado que cada um *“dirá una missa por el difunto, y la limosna para Ella se cobre por los semaneros, que a la sazón fueren”* (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 7). As missas, no entanto, eram rotineiras no hospital e esperava-se que fossem repetidas a todo momento. As celebrações, no caso do hospital, ultrapassavam a questão devocional e tinham relação direta com a sustentabilidade da instituição que necessitava das esmolas, como já observado anteriormente. As *Ordenanzas* determinam que os capelães oficiassem missa sempre que possível:

Diran Missa todos los dias en la Yglesia del hospital, a hora que la puedan oyr todos: y estando impedidos, para no la poder dezir, traerán a otros Sacerdotes que la digan por ellos, y de ordinario procuraràn se digan muchas Missas, buscando Sacerdotes: de manera que si fuere possible, a todas horas se halle Missa (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 14).

Os sacramentos da Igreja¹⁰⁶ completavam os procedimentos assistenciais que, apesar de não fazerem parte dos tratamentos oficiais, atuavam de maneira complementar no combate às doenças ou na iminência da morte. A Recompilação do Protomedicato traz uma determinação que proibia qualquer médico ou cirurgião de realizarem procedimento sem que o paciente tivesse sido confessado. Não encontramos a informação quanto ao ano da dita lei, mas ela ilustra bem o papel central desempenhado por este sacramento: *“Que le deve confejar, que piense de su alma, confessandose sus pecados; è despues que esto oviere fecho, deve el Fisico melecinarle el cuerpo, no ante”* (MUÑOZ, 1751, p. 166). Duas questões são indissociáveis, nesse caso, a Igreja enquanto instituição que determinava a obrigatoriedade da confissão ao órgão de controle da prática médica, mas, também, o conforto que a medida representava para o paciente que, em caso de falecimento, teria acertado suas contas com Deus.

Para dar entrada no Hospital de Madri, o paciente deveria estar disposto a confessar seus pecados e receber o corpo de Cristo. E essa determinação não era simples formalidade, mas antes, uma prerrogativa, já que tão logo os médicos aprovassem a entrada do sujeito,

¹⁰⁶ Vale lembrar: os sacramentos da Igreja Católica são: Batismo, Confirmação ou Crisma, Eucaristia, Penitência, Ordem, Matrimônio e Unção dos Enfermos.

“luego los Capellanes los confiessen, si estuvieren dispuestos para ello, y sino lo estuvieren, se dispongan, y antes de entrar em las camas lo hagan” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 2). Comungar era igualmente importante e também se pedia que os pacientes o fizessem quando entrassem na casa ou no outro dia antes do café da manhã. Após a entrada no hospital, os internos obedeceriam o calendário institucional, que determinava que “Sean obligados a confessar, y comulgar em ella las tres Pasquas del año, y el dia de la Purificacion de nuestra Señora, que es el dia de la fundacion, y edificacion deste hospital” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...] 1611, p. 5).

Os sacramentos foram usados não apenas como consolo, mas, por vezes, como a terapêutica em si. Além de ser garantia para o bem morrer¹⁰⁷, em diversas situações, a extrema unção foi utilizada como último recurso terapêutico. Na *Materia Medica Misionera*, observamos diversas situações em que o paciente conseguia recuperar-se, após ter recebido a extrema unção, o que parece indicar seu uso não como rito a ser cumprido na iminência da morte, mas como um recurso que poderia auxiliar o enfermo. Em uma delas, uma mulher com “*flujo de sangre por la boca*” conseguiu salvar-se após receber uma receita à base de “*llanten clarificado*” que provocou-lhe a menstruação “*y en tres dias estubo buena: la que por el peligro tenia ya recibidos los Sacramentos*” (MONTENEGRO, 1710 [1945], p. 233).

Ainda que o papel da religiosidade fosse evidente para os que praticavam a Medicina do período, isso não implicava na abertura para a atuação dos homens de fé nas artes de curar. Os religiosos foram proibidos de atuar em tais ofícios pelo Papa Alexandre III, em prerrogativa do Concílio de Tours, do ano de 1163, que destacava que os mesmos deveriam atuar somente como “*Medicos espirituales*”, ou seja, que deveriam estar atentos à alma e não ao corpo. No entanto, desde 1576, uma Bula papal – de Gregório XIII – dava permissão aos jesuítas para exercerem ofícios ligados à cura. Essa prática, porém, não poderia se dar de maneira indiscriminada. Somente membros “*entendidos en medicina*” poderiam atuar e apenas “*en el caso de que no pueda comodamente acudir a los médicos seglares*” (LEONHARDT, 1937, p. 103, 104). Os jesuítas justificavam sua atuação nas artes de curar através da prática da caridade cristã, amplamente citada neste trabalho.

Finalizando este subcapítulo, trataremos da proibição do exercício da medicina por judeus. A lei existia desde 1501, porém, na segunda metade do XVII parece ter assistido à

¹⁰⁷ Eliane Fleck (2004, p. 279) destaca as acomodações simbólicas resultantes da administração dos sacramentos aos indígenas moribundos nas reduções mantidas pelos jesuítas: “[...] é possível dizer que, a partir do novo contexto, o reducional, o “*bien morir*” para os indígenas guaranis implicava ser batizado, ter confessado e ter recebido os sacramentos da Extrema-unção ou Viático. Se o destino da alma causava o temor no homem setecentista, então os sacramentos, que contribuíam para a salvação adquiriam grande importância e o medo de morrer sem eles era avassalador”.

intensificação do controle sobre a prática das artes de curar por judeus. Na Recompilação do Protomedicato, a lei deixa claro que *“los reconciliados por el delito de la heregia, y apostasia, ni los hijos, y nietos de quemados, y condenados por el dicho delito”* (MUÑOZ, 1751, p. 72) não poderiam ocupar cargos no órgão. As determinações proibiam o ofício a homens até a segunda geração e a mulheres até a primeira. Geralmente, o Santo Ofício buscava caracterizar as práticas curativas realizadas por judeus como demoníacas, portanto, ilegítimas e recrimináveis¹⁰⁸.

Um auto do ano de 1678, anexado à Recompilação do Protomedicato, dá conta da tensão que envolvia a situação de judeus que se dedicavam às artes de curar. Nele, encontramos a informação de que muitos médicos, boticários e cirurgiões de outras nações procuravam por exame de aprovação, mas que tinham *“informaciones siniestras de limpieza”* (MUÑOZ, 1751, p. 75). E, ainda, que a maioria era proveniente de Portugal, que também passou a expulsar os profissionais de origem judaica, a partir de 1672. Tal situação pode ter levado alguns destes profissionais a imigrar para a América, onde o controle exercido pelo Santo Ofício era muito menor.

Na Vila de Illescas ocorreu um caso ilustrativo desta perseguição. Certo doutor Medina havia chegado à vila, porém, descobriu-se que o mesmo era penitenciado do Santo Ofício na cidade de Toledo. Após ser julgado, ele foi proibido de exercer qualquer atividade ligada às artes de curar, sendo que o Protomedicato recomendava ainda que devia-se *“procura extirpar, y desarraigat del uso, y exercicio de la Medicina, à los que se hallan impuros, y manchados de tan horrible vicio, y infâmia; y que siendo mas especial em la persona del Doctor Medina, por aver delinquido como es notorio”* (MUNÕZ, 1751, p. 76). No entanto, nenhuma pena foi imputada ao dito Medina, além da proibição do ofício, o que parece apontar para uma visão errônea da Inquisição como um tribunal que se apressava em adotar punições extremas.

O fato de Pedro Montenegro ter sido, ao mesmo tempo, um iniciado nas artes de curar e membro de uma ordem religiosa parece ilustrar bem o objetivo desse subcapítulo, que foi o de mostrar a impossibilidade de separarmos estes dois campos – a ciência e a religião – no período que estudamos. A prática da caridade, assim como as orações e a administração de sacramentos, além de ter sido conduta incentivada e corrente na Espanha dos séculos XVII e

¹⁰⁸ Herson (1996, p. 77) contribui para a discussão sobre o tema: “O clero instigava o povo contra os judeus e especialmente contra os médicos. A “diabolização” do judeu, e com ela, a “diabolização” da medicina judaica, passou as fronteiras da Espanha e chegou a Portugal, intensificando-se com o tempo. Ao bom êxito do médico judeu no tratamento do paciente atribuía-se algo sobrenatural, pactos com o demônio e “cura por parte do diabo”.

XVIII, fazia parte da formação de Montenegro, transparecendo em sua produção escrita. Quanto à origem de Montenegro, não temos como afirmar que ele fosse descendente de judeus, ainda que seja tentador aventar esta possibilidade. Ao tratarmos da proibição que recaía sobre os judeus, não podemos deixar de vinculá-la às viagens que muitos profissionais ligados às artes de curar fizeram à América e, também, aos muitos jovens de famílias judias que optaram por ingressar em alguma ordem religiosa para escapar das malhas da Inquisição.

2.4 A TEORIA HIPOCRÁTICO-GALÊNICA E O MERCADO EDITORIAL NA ESPANHA DO SEISCENTOS

Pedro Montenegro foi *enfermero*, missionário jesuíta e autor de botica, estando, conseqüentemente, ligado a dois universos: o das artes de curar e o do mundo dos livros. Neste tópico, tentaremos recriar o universo literário espanhol, considerando, especialmente, as obras ligadas às práticas de cura, as concepções teóricas médicas que estavam em voga no tratamento das doenças mais recorrentes, as terapêuticas preferenciais e os autores que eram lidos, sendo que alguns deles podem ter convivido com o futuro irmão jesuíta Pedro Montenegro. Compreenderemos melhor as concepções médicas que envolveram sua formação e aventaremos possíveis influências diretas que podem ter se criado, por admiração ou convivência.

Nesse sentido, um personagem emerge de nossas fontes, o cirurgião Manuel de Porres. Sabe-se que o mesmo foi doutor em cirurgia e examinador do Protomedicato, além disso, atuou no Hospital de Madri. Em 1691, quando Montenegro já se encontrava na América, Manuel de Porres foi convidado a escrever uma obra que sistematizasse os conhecimentos que deveriam ser demonstrados para aprovação no exame de cirurgião. Ainda que Montenegro não tenha tomado contato com a obra, ele, provavelmente, conheceu seu autor e pode-se aventar que, se fez formação em cirurgia, em seu próprio exame teve que comprovar conhecimentos muito próximos dos que constaram nesta obra, o que atesta a validade da análise deste Tratado.

Originalmente escrita em 1691, a obra foi composta por encomenda feita pelo já conhecido Protomedicato, segundo o próprio autor, “*casi por obediência del real protomedicato, siendo su presidente Don Francisco Enriquez de Villacorta*”. Está escrita de forma didática, com perguntas e respostas sobre as mais diversas temáticas afeitas ao campo da cirurgia, “*con el objetivo de que sirviese de manual á los practicantes y cirujanos, principalmente para examinarse*” (MOREJON, 1850, p. 179). O texto passou por 10 edições

até o ano de 1749, o que aponta para a manutenção das concepções sobre o conhecimento anatômico do corpo humano e das terapêuticas indicadas para determinados males na virada do XVII para o XVIII.

Porém, antes de apresentarmos as concepções médicas desse período, acreditamos que seja válido observar a opinião expressa por alguns autores do período posterior, para que possamos melhor compreender as razões do tom crítico adotado por eles ao se referirem a autores de obras médicas e botânicas do século XVII. De Sámano (1850, p. 289), escrevendo em meados do XIX, ressalta que pela quantidade de teorias médicas que proliferaram, assim como pela literatura do período, “*el siglo XVII ha sido el mas perjudicial para la ciencia pátria por lo que se refiere á sus progresos*”.

Como bem sabemos, o que se segue a um período considerado áureo tende a ser depreciado. A cultura clássica greco-romana, por exemplo, é valorizada pelos renascentistas, em detrimento da cultura produzida durante a Idade Média. Analisando o caso exclusivo da Espanha, fica claro que o século XVII foi, como já citamos, um período de declínio econômico que sucedeu ao *Siglo de Oro*, o período de glórias da Coroa Espanhola. Portanto, o tom crítico manifestado em relação ao XVII e o de louvação dos períodos anteriores devem ser analisados sem descuidarmos do contexto de sua produção.

A principal crítica se devia ao fato de os autores espanhóis estarem dando voz às novas teorias que surgiam na Europa, rompendo com os pressupostos de Hipócrates¹⁰⁹: “*El fué quien privo del gusto á las lecturas de las obras de hipócrates*” (SÁMANO, 1850, p. 289). A escola hipocrática buscava uma racionalização das práticas médicas¹¹⁰, que se encontravam ligadas a ideias de caráter mágico- supersticioso. Assim, os médicos deveriam reunir informações específicas sobre cada caso, baseando suas conclusões na observação de cada paciente¹¹¹.

Com Hipócrates, as doenças poderiam ser combatidas através de três diferentes formas, pois havia o *Similia Similibus* – em que doença deveria ser combatida por agentes

¹⁰⁹ Sobre Hipócrates, “Sabe-se que nasceu na ilha de Cós, de uma família de antigas tradições médicas, filho de um médico que foi o seu primeiro mestre. Os autores concordam em fixar a data do seu nascimento cerca do ano 460 a.C. Testemunho da sua existência, que alguns chegaram a pôr em dúvida, é a citação que dele faz Platão, seu contemporâneo embora mais novo, em alguns dos Diálogos.” (TAVARES DE SOUZA, 1996, p.51).

¹¹⁰ “A escola médica grega ligada ao nome de Hipócrates (c. 460 a.C 377 a.C): uma escola que, afastando-se das práticas mágicas dos adivinhos, como das receitas empíricas dos curandeiros, queria elaborar uma medicina racional, a partir de um duplo procedimento: procurar as causas das doenças com a ajuda de múltiplas observações e depois aplicar os remédios apropriados.” (LE GOFF, 1984, p. 40)

¹¹¹ Segundo Le Goff (1984, p. 44): “Esta preocupação de reunir o maior número possível de observações atesta também o “modernismo” da escola hipocrática: cada doente, de fato, é um caso especial, e como tal deve ser tratado; e, se a atitude do médico consiste em descobrir as leis gerais da evolução das doenças, é-lhe também necessário ter em conta os seus aspectos específicos”.

semelhantes à ela; o *Contraria Contrariis* – em que somente elementos contrários aos que se originavam da doença deveriam ser empregados na cura; e o *Natura Medica* – que determinava que a natureza humana deveria enfrentar a doença e restabelecer a saúde do corpo¹¹². Contudo, a partir do século II e dos estudos realizados pelo romano Galeno¹¹³, o combate às doenças foi centrado no *Contraria Contrariis*, o que determinou que a teoria passasse a ser conhecida, a partir de então, como hipocrático-galênica.

Para conhecermos as principais bases dessa teoria que continuava sendo enaltecida durante o século XIX, retomaremos a análise da *Medula de Cirurgia*, de Manuel de Porres. A exposição das principais concepções médicas do período é feita de uma forma bastante simples e claramente didática, o que tornava as exposições dos conteúdos relativamente superficial, especialmente, se considerarmos que muitos dos profissionais a teriam não apenas como uma referência para a realização do exame de cirurgião, mas também para sua prática cotidiana. Iniciamos, tratando da questão dos quatro humores básicos, que seriam o sangue, a fleuma, a bile amarela (ou cólera) e a bile negra (ou melancolia), os quais deveriam estar perfeitamente combinados no corpo humano¹¹⁴. Os humores são definidos como um dos componentes naturais do corpo humano sendo: “*Un cuerpo humedo, y fluido, en el qual se convierte el primer nutriente, que es el quilo*” (PORRES, 1749, p. 5).

Pela grande influência que a astrologia ainda exercia na mentalidade do Antigo Regime, era comum que os humores fossem associados aos quatro principais elementos da natureza, ou seja, fogo, água, terra e ar¹¹⁵. Dessa forma, os humores teriam certas qualidades/características que seriam provenientes dessa associação. Assim, ao referir-se aos

¹¹² Sobre o tema ver: CORRÊA, A.D, SIQUEIRA BATISTA, R., QUINTAS, L. E. M. Similia Similibus Curentur: notação histórica da medicina homeopática. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 43, n. 4, 1997.

¹¹³ “Galeno nasceu em Pérgamo, cidade grega da Ásia Menor, cerca do ano 130 da era cristã” (TAVARES DE SOUSA, 1996, p. 110). “Faleceu cerca do ano 200, [...] escrevera, além das obras de medicina, 125 livros sobre filosofia, matemática, direito e gramática. Calcula-se em cerca de quatrocentas o número das suas obras, uma grande parte das quais se perdeu sem que delas existissem cópias” (TAVARES DE SOUSA, 1996, p. 113).

¹¹⁴ “Se um ou outro estava em excesso, o doente sofria da perturbação correspondente (as afecções eram classificadas como sanguíneas, coléricas, melancólicas ou fleumáticas, segundo este critério). O médico, para levar a cura, deve, portanto, aplicar um tratamento que restabelece o equilíbrio entre os humores.” (LE GOFF, 1984, p. 62)

¹¹⁵ Sobre este tema, Thomas afirmava, falando sobre o século XVI: “No início do século XVI, a astrologia fazia parte da imagem que o homem culto tinha do universo e do seu funcionamento. Era geralmente aceito que os quatro elementos que constituíam a região sublunar- terra, ar, fogo e água- eram mantidos no seu estado de incessante permuta pelo movimento dos corpos celestiais. Os vários planetas transmitiam diferentes quantidades das quatro qualidades fisiológicas de calor e frio, secura e umidade. Na interação resultante estava compreendida toda a mudança física. [...] A astrologia era assim menos uma disciplina separada que um aspecto de uma imagem do mundo aceita por todos. Ela era necessária para o entendimento da fisiologia e, portanto, da medicina” (THOMAS, 1991, p. 238). Ainda que estejamos analisando um período posterior, a manutenção desses pressupostos, observada nas fontes, autentica as palavras de Thomas para o que concerne aos séculos XVII e XVIII.

humores, a *Medula de Cirugia* destaca também suas qualidades: “*Quatro; sangre caliente, y humeda; flema fria, y humeda; cólera caliente, y seca; y melancolia fria, y seca*” (PORRES, 1749, p. 5).

De acordo com a teoria hipocrático-galênica, algumas partes do corpo eram fundamentais para o funcionamento do todo, pois desempenhavam importante função na distribuição dos nutrientes. Para Porres (1749, p. 9), um membro principal: “*Es aquel, que comunica alguna virtud à todas las partes del cuerpo y son tres, cerebro, corazon, y hígado*”. O fígado tinha grande importância por ser a “*oficina donde se elabora la masa sanguinea*” (PORRES, 1749, p. 44). O cérebro era tido como “*fonte, y origen de los espiritus animales*” (PORRES, 1749, p. 27), enquanto o coração era percebido como o responsável pelas três principais faculdades humanas que seriam a razão, a imaginação e a memória, além disso, desenvolvia o calor natural, substância fundamental para a manutenção da saúde. Nos detivemos, especialmente, nos dois últimos.

Os espíritos eram divididos em três grupos, os animais, produzidos no cérebro, os vitais, originados no ventrículo do coração, e o espírito natural, que seria o já citado calor natural. O espírito era definido como: “*Una sustância tenuissima, y levissima, engendrada de lo mas sutil de la sangre, y de lo mas puro del ayre, y son tres, animal vital, y natural*” (PORRES, 1749, p. 9). No entanto, não se faziam presentes exclusivamente no corpo humano. Diversas são as receitas que tinham como base algum espírito, de plantas, de vinho, entre outros, ou que indicavam sua retirada. Uma receita encontrada na obra de Montenegro indicava para a forma com que seria produzido o *arbol de Diana*, em que deveriam ser dissolvidas: “*una onza de plata con 2 ó 8 onzas de espiritu de nitro*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 412).

A explicação sobre o calor natural apresenta-o como uma “*qualidad propria, y familiar de todos los vivientes*” que seria utilizado para a realização de “*sus acciones*”¹¹⁶ (PORRES, 1749, p. 7). Porém, ao explicar o que é putrefação, o autor a classifica como “*una total destruicion del calor natural, hecha por el calor preternatural en passo humedo*” (PORRES, 1749, p. 14). A explicação dada por Ayala (1705), de que o calor natural nunca se renova na mesma intensidade com que se produz e a que consta na *Medula de Cirugia*, de que

¹¹⁶ Consideramos a explicação da *Medula de Cirugia* um pouco vaga sobre o tema, por isso recorremos a outro autor a fim de aclarar a questão: “*Es una substancia ígnea, y aérea, la cual tiene do movimientos, uno hacia dentro, y otro hacia afuera; el proprio es de afuera, porque como es ligero, así procura salir, y subir à lo alto, que es el lugar de las cosas leves, como el bajo de las pesadas. De manera, cuando él se mueve afuera, arrebatada, y leva las tres substancias, que son, húmeda, solida, y espirituosa, y la disipa, y consume; y porque esta disipación se hace cada día, y nunca se restaura con tanta virtud, como la perdida, así nos vamos haciendo pesados, y llegándonos à la vejez; así que es, que aunque nunca tengamos enfermedad, hemos de morir de viejos*” (AYALA, 1705, p. 3).

a putrefação se dava por falta do calor natural parecem demonstrar a importância dessa substância que, ao se dissipar, levava o corpo humano ao envelhecimento e, posteriormente, à morte. Sobre o tema, encontramos diversas menções na *Materia Medica Misionera*, mas uma receita nos chamou a atenção. Feita à base de gengibre, ela “*recobra el calor natural discipados en los viejos casados, y mozos, muy dados al vicio de mugeres, proboca á lujuria, y todo lo dicho hace con notable eficacia tomado su polvo en vino blanco generoso*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 301). Nota-se, neste excerto, que os preceitos religiosos que orientavam a conduta moral do autor, por tratar-se de um tema ligado à sexualidade, não interferiram em sua avaliação técnica sobre a planta, recomendando-a para o aumento da virilidade masculina.

A difusão das concepções clássicas refletia-se também no mercado editorial, já que durante o século XVI constata-se um grande número de autores voltados para a edição de comentários das obras de Hipócrates, Galeno e Avicena. Dentre estes comentadores, destacamos alguns citados por de Sámano, como Gabriel Tárrega, Laguna, Alfonso Lopez, Benedicto Bustamente Sas, Divino Valles, entre outros¹¹⁷. As críticas feitas aos homens do século XVII – por terem se distanciado das concepções clássicas da medicina – não podem ser generalizadas. Muitos continuaram lendo, compilando e colocando em prática a teoria médica grega, dentre os quais poderíamos destacar um novo sujeito.

Tomas Murillo Velarde y Jurado, segundo consta, descendia de uma família ilustre e estudou medicina na Universidade de Alcalá. Foi catedrático em Granada e atendeu por muito tempo nos presídios de Oran¹¹⁸. Com uma carreira em ascensão, acabou sendo nomeado médico de família e, posteriormente, da câmara do rei. Velarde y Jurado parecia gostar de polêmicas, já que escreveu, entre os anos de 1650 e 1667, algumas obras questionando o uso medicinal da neve, em resposta a um certo D. Cristobal Mirez Caravajal. Este, após ficar viúvo, optou pela vida religiosa, tendo se tornado presbítero, mas nem por isso afastou-se das polêmicas. Em resposta à obra “*El monstruo horrible de la Grécia, mortal enemigo del hombre [...]*”, escrita por Gonzalo Bustos de Olmedilla, Velarde y Jurado escreveu, em 1670, uma obra apologética intitulada:

¹¹⁷ Apesar de neste momento estarmos voltados para os clássicos, citando, principalmente, Hipócrates e Galeno cabe um esclarecimento sobre as influências que Montenegro recebeu. Por ser uma obra de botânica médica, a *Materia Medica Misionera* está amplamente influenciada por outro grego, Dioscórides (c. 40- 90 d.C). Suas obras e comentadores serão devidamente analisados no decorrer do trabalho.

¹¹⁸ Provavelmente refere-se a cidade de Oran, no noroeste do atual território da Argélia, na costa do Mar Mediterrâneo.

Favores de Dios ministrados por Hipócrates y Galeno su intérprete, príncipes de la medicina. Grandezas, créditos, y utilidades de la medicina griega, muy útiles para todos estados y facultades. Autor el D. Tomás de Murillo, etc. Corrige, enseña, enmienda, y advierte verdades innegables, sobre el uso de las sangrias á D. Agustin Gonzalo Bustos de Olmedilla, médico inventor de novedades y de opiniones dañósísimas, y contrarias á la salud de todos los mortales (MOREJON, 1847, p. 336).

Na obra, o autor relata a sua experiência no Hospital Geral de Madri e traz alguns dados favoráveis ao uso da sangria, terapêutica largamente empregada no período e, como veremos, no hospital em que atuou. Velarde y Jurado destaca que durante o ano de 1669 entraram na instituição 8856 enfermos, dos quais 7583 foram curados mediante o uso da sangria: “*pues aunque muchos no se sangraron por no tener fuerzas para este remedio, ordinariamente se lês ponian en su lugar, por ser vicarias de ellas, ventosas sajudas en todo el cuerpo*”. Não sabemos se Velarde y Jurado conviveu com Pedro Montenegro. A última obra do presbítero está datada de 1675 e não temos o ano de seu falecimento, porém percebemos que apesar das críticas feitas aos autores seiscentistas, ainda havia um amplo espaço para os conhecimentos hipocrático-galênicos, em especial, do uso das polêmicas sangrias¹¹⁹.

As sangrias eram consideradas *terapêuticas atraentes*, isto é, atraíam os humores para a parte externa do corpo, pois: “*siendo caliente y seca, llama, y atrae los humores de las partes internas, à las externas*” (PORRES, 1749, p. 247). Outras práticas eram incluídas no mesmo grupo, tais como o uso das sanguessugas e das ventosas, entre outras. Junto com as purgas e evacuações, essas terapêuticas formaram o principal conjunto de procedimentos curativos ligado à medicina hipocrático-galênica. As sangrias eram tão importantes que, muitas vezes, deviam ser realizadas de maneira preventiva.

Além das questões relativas ao corpo como definidoras da saúde ou da doença, havia outros fatores conhecidos como *coisas não naturais* que poderiam interferir. A *Medula de Cirugia* citava seis: “*el ayre ambiente, la comida, la bebida, el sueño, la vigilia, la replexion, y la expulsion*”. Sua influência sobre a saúde estava relacionada com o comportamento de cada pessoa “*porque si no se usa bien de ellas, causan enfermedad, si bien, sanidad*” (PORRES, 1749, p. 9-10). Não era apenas o que era comido que importava, mas o modo como a pessoa procederia na alimentação e na vida. A ideia do equilíbrio, tão importante para a questão dos humores, é igualmente importante para o que se refere às coisas não naturais. Transcrevemos a seguir trechos do que poderíamos denominar de *conselho para o bem viver*,

¹¹⁹ Felipe Borbon (1705, p. 105), um dos autores referenciais para Montenegro, em especial, para o *Libro de Cirugia*, destacava que: “*Acerca de la sangria, no es menor la duda, porque muchos Autores graves sangran frequentemente; otros no de menor nota, nunca.*”

apresentado sob a forma de verso e que traz os hábitos considerados adequados para uma vida equilibrada, portanto, com foco em várias das coisas não naturais. Sabe-se que seu autor foi um certo Juan Sorapan de Rieros¹²⁰:

*“Si quieres vivir sano
Házte viejo temprano*

*De hambre á nadie ví morir,
De mucho comer cien mil. [...]*

*Pan de ayer, carne de hoy,
Y vino de antaño,
Traen al hombre sano.*

*Come poco, y cena mas:
Duerme en alto y vivirás. [...]*

La teja sobre la oreja.

*Quien quisiere vivir sano
Coma poco y cene temprano. [...]*

*Despues de comer, dormir,
Y de cenar, pasos mil.*

*Mas mató la cena
Que sanó Avicena. [...]*

*Aceituna una, es oro,
Dos, plata,
Y la tercera mata.*

*Agua mala,
Hervida y colada.*

*Agua que corre
Nunca mal coge. [...]*

*Comida fria, bebida caliente,
Nunca hicieron buen vientre. [...]*

*Quien se ejercita descansa,
Y el que está en ócio trabaja. [...]*

*El viejo múdale el aire,
Y darle ha el pellejo. [...]*

*Si quieres que tu hijo crezca
Lávale los pies, y rápale la cabeza (SÁMANO, 1850, p. 294-296).*

¹²⁰ Poucos são os dados sobre esse médico. Sabe-se que era natural de Logrosan, na Estremadura, e que atuou em Llerena, tendo sido familiar da Inquisição. O título de sua obra é: *“Medicina española contenida en provérbios vulgares de nuestra lengua, muy provechosa para todo género de estados, para filósofos y médicos, para teólogos y juristas, para el buen regimiento de la salud, y mas larga vida*. Granada, por Martin Fernandez Zambrano, 1616 en 4^o” (MOREJON, 1846, p. 305).

Os versos transcritos insistem na importância do equilíbrio para o *bem viver*. Dentre os cuidados que deveriam ser tomados, destacaremos alguns deles, iniciando pela alimentação, que era tida como fundamental para a formação dos humores¹²¹, razão pela qual a alimentação dos pacientes era um dos eixos sobre os quais se apoiava a teoria hipocrático-galênica.

Mas qual era a alimentação que os doentes recebiam? Voltemos aos regulamentos do Hospital Geral de Madri. As *Ordenanzas* fazem uma breve referência à alimentação dos pacientes, mas que permite deduzir que as refeições oferecidas na instituição consistiam de pães, caldos e carne. Na hora da refeição: “*darles han el pan que fuere necesario, y a cada uno su escudilla de caldo*. A carne, deveria ser dividida “*entre tres hombres una libra*¹²² *de vaca, y a cada uno una, o dos vezes de vino aguada*”. A ração das mulheres era a mesma, com a diferença de que apenas as mulheres velhas tinham direito a beber vinho. Às sextas-feiras e em dias de vigília havia uma alteração na dieta: *se les darà una escudilla de potage de algunas legumbres, y un plato de pescado: y si huviere alguno a quien hiziere daño, en lugar del se le daràn huevos*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 5). Além disso, recomendava-se que as frutas doadas ao hospital, sob a forma de esmolas, deveriam ser repartidas entre todos que estivessem habitando a casa¹²³.

Na *Medula de Cirugia*, são feitas algumas menções quanto aos cuidados que deveriam ser tomados com a dieta, mas sem quaisquer particularizações. Uma das poucas receitas que traz indicações específicas quanto à dieta do paciente é a que tem relação com a criação de porco¹²⁴ no corpo, como segue: “*Si fuere el enfermo débil, ò flaco, dandole Buenos alimentos, como caldos de despojos de carnero, y que coma las mismas manos com arroz, vino tinto, y bañando el miembro con los dichos caldos*” (PORRES, 1749, p. 219). Como se pode perceber, esta receita da *Medula de Cirugia* previa alimentos que integravam também a dieta que os doentes recebiam no Hospital de Madri, apontando para poucas opções ou, variações na sua composição.

¹²¹ “A saúde e a doença estariam relacionadas à alimentação, já que esta contribuiria para a composição dos humores. Os alimentos precisariam ser transformados em substâncias corporais e isso aconteceria através de seu “cozimento”, digestão ou “maturação” (MARTINS, SILVA, MUTARELLI, 2008, p. 11).

¹²² A libra era uma unidade de medida muito comum durante todo o período do Antigo Regime, seu uso se estendeu, ainda que não oficialmente, até o século XX: “*Peso que comunmente consta de diez y seis ozas.*” (PICATOSTE, 1887, p. 656). Em medidas atuais, equivaleria a cerca de 459 gramas.

¹²³ Em sua análise sobre a alimentação dos hospitais na Idade Média, Annie Saunier corrobora a ideia de uma alimentação forte naquelas instituições: “No conjunto, a alimentação hospitalar na Idade Média parece bastante forte, rica em produtos animais e em matérias gordas. Cereais e leguminosas entram em quantidade importante na dieta. Legumes verdes e frutos, mais raros, permitem, contudo, uma alimentação vitaminada. Repartida em 3 refeições equilibradas, o almoço, o jantar e a ceia, esta alimentação revela-se mais consistente do que a consumida vulgarmente pelos pacientes antes de sua hospitalização.” (LE GOFF, 1984, p. 214)

¹²⁴ A definição da época é: “*agujero pequeño y natural en los cuerpos é imperceptible en los más de ellos. Poroso.*”(PICATOSTE, 1887, p. 836)

Passemos, agora, às questões relativas à higiene.¹²⁵ A despeito da sujeira¹²⁶ que imperava nas cidades espanholas setecentistas, nos hospitais parece ter existido uma genuína intenção de manter limpos os espaços e asseadas as pessoas envolvidas no tratamento de doentes¹²⁷. Em relação a este último aspecto, a *Medula de Cirugia* estabelecia que um cirurgião deveria possuir determinadas “*prendas*”: “*Que sea Christiano viejo, prudente, de agudo ingenio, estudioso, virtuoso, manos diestras, diligentes, y firmes: perfecto en los cinco sentidos externos, aseados, y de perfecta salud*”¹²⁸ (PORRES, 1749, p.1, 2).

Nas *Ordenanzas* do Hospital de Madri fica também evidente a preocupação com a observância de alguns preceitos de higiene em relação aos pacientes: “*Antes que los desnuden, los quiten el cabello, si lo tuvieren crecido, y despues los desnuden, y limpien, y vistan una camisa de las que el hospital tiene para su limpieza*” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 2).

O atendimento destas orientações e a manutenção da limpeza do ambiente interno deveriam ser tornados públicos para os demais setores da sociedade local, de forma que todos soubessem que o hospital, apesar das dificuldades, conseguia tratar bem seus internos. As *Ordenanzas* recomendam, ainda, que era “*de muy gran fruto, y edificacion para el pueblo*” que continuassem sendo realizadas as visitas semanais de “*todas las religiones del*”¹²⁹. Estes religiosos deveriam estar presentes “*a las visitas de los medicos, y comidas de los pobres, para que vean el regalo, y limpieza con que se curan, y la necesidad que padece la casa,*

¹²⁵ É importante ressaltarmos que consideramos higiene enquanto limpeza e não no sentido de higienização que passou a ser termo corrente durante o século XIX.

¹²⁶ Sobre as cidades espanholas do período, Calvo (1989, p. 8 aponta que: “La falta de higiene era total. Las calles, polvorientas en verano, y auténticos lodazales en invierno, carecían de iluminación nocturna, lo que hacía que el ritmo de la vida se adaptase al de la luz solar.” E destaca o caso específico de Sevilla: “Muchas calles adoptaran el nombre de algún vecino popular y conocido y, otras veces, debían su denominación a las más variadas circunstancias. En Sevilla ocho calles llevaron el significativo nombre de Sucia, aunque ello no significa que las demás fuesen limpias.” (CALVO, 1989, p. 8-11)

¹²⁷ No entanto, a manutenção da limpeza não parece ter sido tarefa fácil. Soma-se a isso o desconhecimento sobre os perigos das infecções e o resultado foi, muitas vezes, de piora na situação dos pacientes. Na obra *Doctrina Moderna para los Sangradores*, o autor justifica que, por vezes, as feridas gangrenavam pelo ambiente ao qual os pacientes estavam expostos: “*como he visto algunas veces, particularmente en los Hospitales en donde el ayre està corrompido, ò quando corre alguna epidemia;*” (LE PREUX, 1717, p. 72).

¹²⁸ Mossé transcreve um trecho do Tratado do Corpus de Hipócrates, no qual encontramos que: “O médico deve ter autoridade. Ele terá boa cor e boa disposição de acordo com a sua natureza. Porque a multidão crê que aqueles que não estão bem não sabem cuidar convenientemente dos outros. Além disso, será muito limpo consigo próprio: aspecto decente, perfumes agradáveis, com odores discretos.” (LE GOFF, 1984, p. 42).

¹²⁹ Ao empregar esta expressão, acreditamos que as *Ordenanzas* estivessem se referindo a todas as congregações religiosas que já vinham prestando assistência espiritual aos enfermos no século XVII. Em uma das obras consultadas, constatamos que no século XIX: “*Subsisten en este Hospital General y de la Pasion la congregacion de hermanos obregonos, la de seglares de San Felipe Neri, las hermanas de la Caridad, y outra de mujeres de Ntra. Sra. de la Caridad, todas las que se dedican al cuidado y alivio de los enfermos*” (MOREJON, 1846, p. 50)

para que lo divulguen en el pueblo, y en sus conventos” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 11).

No funcionamento interno da instituição, alguns dos profissionais, irmãos ou não, tinham obrigações mais diretamente voltadas para os cuidados com a higiene. É o caso específico do enfermeiro maior, nomeado diretamente pelo irmão maior, cujas funções passavam pela organização e limpeza da casa:

[...] el qual terna cuydado de hazer que las enfermerias, y salas de los enfermos esten limpias y bien adereçadas, y que las camas se hagan por lo menos una vez al dia, y hara que los vasos y las demas cosas se limpien con todo cuydado, y que se pongan sahumerios por las enfermerias, para que en ellas no aya ningún mal olor, mayormente quando entrare en ellas el santissimo Sacramento” (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 15).

É interessante atentarmos, novamente, para a importância da religiosidade, pois o ambiente limpo não estava sendo preparado exclusivamente para o adequado tratamento dos internos, mas também visando à recepção dos santos sacramentos que não eram compatíveis com ambientes pouco asseados. De maneira mais prática, outros profissionais também deveriam atentar para questões ligadas à limpeza. O *Guardaropa* era responsável pelo asseio das camas dos internos, portanto: *“Tendra cuydado que cada semana se lave la ropa suzia de la pasada, haziendo la recoger por las enfermerias,”* (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 18) além de serem lavadas, as roupas de homens e mulheres não deveriam ser misturadas. Não há uma explicação para tal determinação, mas acreditamos que pudesse haver a ideia que algumas doenças específicas pudessem ser passadas pelo contato das roupas, ainda que estas fossem lavadas.

Como já ressaltamos em um momento anterior, o cozinheiro recebia ajuda das mulheres da casa para que toda a comida que fosse preparada estivesse rigorosamente limpa. Durante o preparo, o cozinheiro também deveria estar atento aos *“instrumétos de su ministério”* (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 18), ou seja, aos materiais que estivessem sendo usados no preparo, para que não corrompessem os alimentos que já estavam limpos. Os cuidados com o asseio dos alimentos não terminava no seu preparo, pois havia também normas que deveriam ser observadas por aqueles que serviam a comida. Em cada enfermaria: *“aya um aguamanil, y una toalla larga, para que se laben las manos todos los que huvieren de servir, y partir la comida a los enfermos”* (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 3). Quando o sino que anunciava as refeições fosse tocado, o procedimento deveria ser o seguinte:

A la puerta de cada una de las enfermerias aurà una mesa grãde con manteles limpios, sobre que se parta la comida, la qual estè por la parte de fuera de la enfermeria, para escusar el fastidio, y mal olor a los enfermos. Los que huvieren de partir, se pongan unas camisuelas de lienço, que para este efeto aurà, procurando de que siempre esten limpias (ORDENANZAS y CONSTITUCIONES [...], 1611, p. 3).

Na obra de Pedro Montenegro, a noção de limpeza se faz amplamente presente. Nela, localizamos 47 referências ao verbo limpar e a variáveis. A concepção, porém, era abrangente e agregava desde cuidados com a limpeza das plantas após serem colhidas, com os objetos usados no preparo dos medicamentos, como, também, com os remédios utilizados para limpar chagas e feridas ou os cuidados que se deveria ter com a limpeza da alma. Destacamos o preparo de um xarope feito com *piñas*¹³⁰. Para o seu preparo, deveriam ser colhidas as “*mas pingues y bien sazoadas que se hallan, y se pelan de todas sus ojuelas sin quitar la piel, limpiando muy bien de todas sus comisuras y ojas de lo escrementicio, que de ellos arroja, y al fin se lavan, y se machacan en mortero limpio*” MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 52).

Durante o Seiscentos, encontramos também um mercado editorial preocupado com as questões relativas à higiene e alimentação. Juan Valverde escreveu, entre outras obras, “*Joannis Varverdi Hamuscussis de animi el corporis sanitate tuenda libellus*” e a Pedro Mercado são atribuídos os “*Diálogos de filosofia natural y moral*”, livro voltado para a explicação de quais os alimentos mais saudáveis. Estes exemplos dão conta da importância que a temática adquiriu no período e evidenciam que as concepções originárias da teoria hipocrático-galênica não só se mantinham, como também se reinventavam, favorecendo a proposição de novos pressupostos e procedimentos terapêuticos dela decorrentes.

Reservamos para a conclusão deste capítulo, as páginas finais da *Medula de Cirugia*, nas quais seu autor faz questão de destacar a legitimidade de sua autoridade, por “*averme salido en algunas curaciones de lo regular*” e, ainda, porque “*lo he practicado em treinta años de Hospital*” (PORRES, 1749, p. 210). Como já observado em relação à formação dos cirurgiões, o conhecimento teórico deveria andar lado a lado com a prática empírica, como parece ter sido a experiência de Porres. A noção de experiência servia como um legitimador, do qual não se furtou também Montenegro, ao escrever sua obra e ao destacar seus trinta anos de prática. Constata-se, pelos fatores expostos, que a validação do conhecimento passava por outros procedimentos, além do estudo acadêmico e sistemático.

¹³⁰ O abacaxi é também conhecido como *ananás*.

Neste capítulo, atentamos para aspectos que devem ser considerados para a reconstituição da formação que Pedro Montenegro teve para atuar como cirurgião e boticário. Além de caracterizarmos o cotidiano do espaço de sua formação – o Hospital Geral de Madri – e de destacarmos quais eram as preocupações com a saúde e a higiene vigentes na Espanha da segunda metade do século XVII, procuramos evidenciar – através da análise de sua obra *Matéria Medica Misionera* – o quanto esse primeiro período de experiência profissional se refletiu nas concepções e procedimentos ligados às artes de curar. O universo dos Seiscentos no qual Montenegro se encontrava inserido foi, evidentemente, marcado pela presença dos pressupostos da medicina hipocrático-galênica, que, apesar do influxo de novas teorias, não perdeu, ao menos até as reformas ilustradas, a sua hegemonia em nenhum momento. A incursão que fizemos no mercado editorial do período, por sua vez, nos apontou quais eram os temas preferenciais, sobretudo, moral, religião e higiene, e o controle que continuava sendo exercido pelo Estado e pela Igreja.¹³¹ No próximo capítulo, depois de termos nos familiarizado com o período de formação de Pedro Montenegro como *enfermero* e cirurgião na Espanha, nos dedicamos a reconstituir a trajetória do irmão jesuíta, a despeito das tantas lacunas existentes sobre a sua história.

¹³¹ Vale, no entanto, observar que priorizamos o levantamento de informações sobre as obras mais referidas na documentação que analisamos, preocupando-nos com os elementos pré-textuais, tais como as dedicatórias, licenças e/ou aprovações e, especialmente, com a circulação que estas obras tiveram.

3 O JESUÍTA

3.1 POR QUE VIAJAR? POR QUE A AMÉRICA?

Antes de compreendermos como se deu a formação de Pedro Montenegro como membro da Companhia de Jesus, é importante que analisemos aquele que talvez tenha sido o movimento de ruptura mais relevante feito por ele em sua vida: a travessia do Atlântico. Em determinado momento, e por circunstâncias que nos escapam, ele tomou a decisão de viajar para a América, tornando-se, para além de *enfermero*, também um imigrante. Pelo que sabemos, ele já havia viajado, saindo de seu pequeno povoado na Galícia para viver na capital do Império espanhol,¹³² assim como é certo que depois ele passaria de leigo a membro de uma ordem religiosa, porém, a vinda para a América traria experiências sem comparação em relação a sua vida anterior.

Ainda que a viagem dentro do território espanhol tenha apresentado ao jovem Pedro as oportunidades da vida na capital do Império, ela não trouxe, para ele, nenhuma grande modificação de costumes. Da mesma forma, acostumado com o rigor do Hospital Geral de Madri e seu cotidiano claramente orientado pela religião, a posterior entrada na Companhia de Jesus não deve ter sido um choque no cotidiano do sujeito que estudamos. Porém, a vinda para a América, representou o contato com todo um universo de práticas e sujeitos antes desconhecidos por Montenegro. Ainda que o século XVII já se encaminhasse para o seu final e o contato inicial com aquele que havia sido o “novo continente” já contasse com quase 300 anos o (re)conhecimento *in loco* apresenta novidades que nenhuma história conhecida por livros ou pela oralidade pode dimensionar. O contato com o novo é sempre subjetivo e as experiências vividas, e, posteriormente narradas, elaboraram-se nessa subjetividade.

A imigração galega para a América, especialmente, no período contemplado por este estudo, não é tarefa fácil. Em primeiro lugar, cabe destacar que a província não contava com um porto habilitado para tal tarefa até a segunda metade do século XVIII, o que faz com que a documentação sobre os imigrantes galegos esteja dispersa, especialmente entre Sevilla e Cádiz, principais portos de saída para a América¹³³. Além disso, segundo Cristóforis (2009) é

¹³² Não existem dados concretos sobre o ano exato da chegada de Montenegro a Madri. A bibliografia em geral apresenta apenas a data de 1679, já citada neste trabalho, como o início de sua atuação na capital do Império. Mais sobre o tema: RODRIGUEZ, Alberto. V. **Los Gallegos en Argentina**. Buenos Aires: Imprenta Lopez, 1966. SEIXAS, Xosé Nuñez. **La Galicia Austral**. La inmigración Gallega en Argentina. Buenos Aires: Editora Biblos, 2001.

¹³³ Cristóforis (2009, p. 26) destaca que a partir de 1767, com a instalação dos Correios Marítimos é que se intensifica a imigração e o comércio através da própria Galícia: “Recordemos que desde 1764 era legal el

extremamente difícil precisar como se deram esses fluxos migratórios, posto o fato de que muitas pessoas saíram da Espanha por vias ilegais ou ainda por portos insulares.

Mas, como já foi dito anteriormente, Montenegro não partiu diretamente da Galícia para a América, portanto, é preciso que consideremos, em primeiro lugar, as ondas de migração interprovinciais comuns ao XVII espanhol. Falando sobre o século XVI, Ofelia R. Castelao destaca que a distância de Sevilha pode ter sido um dos impedimentos para fluxos mais contínuos de imigrantes para a América, favorecendo migrações dentro da própria província, que se faziam necessárias por “*el crecimiento demográfico y su descompensación respecto de los recursos económicos obligaban a emigrar*” (CASTELAO, 2001, p.23). A mesma historiadora destaca que a introdução do milho na região durante o século seguinte fez com que o fluxo de emigrantes se reduzisse.

Essas migrações parecem ter se realizado, preferencialmente, para Castela, Andaluzia e Portugal e aconteciam, em geral, de maneira temporária, especialmente durante os meses de verão. Em geral, agricultores e artesãos parecem ter buscado colocações temporárias, porém, ao cabo da temporada de trabalho, retornavam a sua província de origem. O movimento interprovincial destes galegos parece ter tido como principal objetivo a complementação da renda possível na própria Galícia¹³⁴. Porém, Montenegro não se enquadra nos fluxos de migração de sua província natal e parece ter partido para jamais retornar.

Acreditamos que Montenegro tenha ingressado no Hospital de Madri logo após sua chegada à capital do Império. Jovem, na casa dos 16 anos, podemos aventar que mais do que uma simples possibilidade de emprego para garantir sua sobrevivência, a atuação nas artes de curar pode ter representado, para Pedro, um desejo, um projeto de vida. Ele, aliás, deixou transparecer nas linhas de sua *Materia Medica* que sempre havia sido um entusiasta do conhecimento da natureza: “*puedote decir como cosa cierta, que desde que acuerdo tener uso de razon me siento inclinado al de conocer y saber la virtud de las plantas, y el curar con ellas, á mi, y á mis projimos*” (MONTENEGRO, 1710, [1945], p. 4).

desplazamiento de pasajeros desde La Coruña hacia La Habana y desde 1767 hacia Montevideo (por la instalación de los Correos Marítimos). En 1765 fueron declarados abiertos al tráfico directo con las islas de las Antillas los puertos de Cádiz, Sevilla, Alicante, Cartagena, Málaga, Barcelona, Santander, La Coruña y Gijón. A partir del “Reglamento y aranceles reales para el comercio libre de España a Indias” del 12 de octubre de 1778, ser permitió la salida de pasajeros (y mercancías) con destino a Almería, Cartagena, Alicante, Alfaques de Tortosa, Barcelona, Santander, Gijón, La Coruña, Palma y Santa Cruz de Tenerife). Posteriormente los puertos de Vigo (1783), Ferrol (1785) y Grau (1791) también fueron autorizados al comercio libre con América.”

¹³⁴ É o que afirma a historiadora Nadia Cristóforis (2009, p. 37): “Cuando el trabajo que había motivado la partida finalizaba, el “emigrado” solía retornar a su lugar de origen. De esta forma, trataba de complementar los ingresos obtenidos del trabajo agrícola en su tierra natal, con la modesta ganancia lograda en suelo castellano, andaluz o portugués.”

Pode-se, inclusive, aventar que ele tivesse adquirido conhecimentos básicos como aprendiz ou curioso ainda em seu povoado local, já que ressalta que: *“Esta inclinacion de la Divina bondad á mi dada, por sola su gran misericordia desde niño, como deyo dicho, me ha siempre como costreñido y violentado á meterme por bosques, Sierras muy encumbradas, y de no pequeños peligros [...]”* (MONTENEGRO, 1710, [1945], p. 4). Esse saber adquirido poderia lhe dar certa vantagem para a obtenção de um posto no hospital. Além disso, reforça seu interesse por atuar junto às artes de curar, pois, em uma grande cidade, se fosse de seu interesse, poderia buscar uma nova profissão com maior facilidade. Com conhecimentos anteriores ou não, o fato é que em Madri, Pedro Montenegro passa a atuar como enfermeiro, profissão que jamais abandonaria.

Esse desejo pessoal pode ser aventado também como uma das motivações de Montenegro para viajar. Os conhecimentos básicos adquiridos em seu povoado podem não ter sido suficientes e restava ao jovem procurar uma grande cidade em que pudesse aprofundar seus saberes. Essa, aliás, parece ter sido a realidade da grande maioria dos profissionais ligados às artes de curar na Espanha dos séculos XVI e XVII. Não aludimos apenas à necessidade de deslocamento para os grandes centros, posto que essa é uma realidade que se apresenta até a atualidade. Nos referimos, aqui, à grande mobilidade observada entre esses profissionais e, para ilustrar tal fato, nos valem da *“Historia Bibliográfica de la Medicina Española”* de Antonio Morejon, já citada anteriormente. Nessa obra, o autor apresenta as biografias de diversos médicos, cirurgiões e boticários que foram considerados ilustres por sua atuação¹³⁵. Contemplando os objetivos de nosso trabalho, nos concentramos em analisar os dados dos profissionais atuantes entre os séculos XVI e XVII que foram citados na obra, focando, especialmente, nas seguintes informações: local de nascimento, local de formação e atuação¹³⁶ (Anexo A) para, a partir desse levantamento procuramos criar uma projeção dos deslocamentos destes profissionais durante o período.

Do espectro total de 232 profissionais, apenas 135 possuíam todos os dados analisados. Consideramos apenas estes para a projeção de quantos profissionais das artes de

¹³⁵ Ao falar de Gregorio Lopez Madera, Morejon (1846, p. 73) explica quais as qualidades buscadas nos profissionais que estava biografando: “Aun quando este médico madrileño no fué escritor, y por consiguiente no debia ocupar lugar alguno en esta historia, sin embargo, le dispensamos la honrosa distincion de ser colocado al lado de los célebre escritores del siglo XVI”. Como se percebe, para Morejon, ter escrito era o signo de distinção que selecionaria os profissionais que estariam em sua obra, mesmo com exceções como no caso de Gregorio Madera. A importância da escrita e da autoria para o período serão temas trabalhados no terceiro capítulo desta dissertação.

¹³⁶ A escassez de informações sobre o período faz com que vários dos sujeitos biografados por Morejon não contenham todas as informações que buscamos. Portanto, nos utilizamos apenas daqueles que possuíam ao menos duas das três variáveis utilizadas, o que representou um total de 232 profissionais.

curar não realizaram qualquer deslocamento durante sua carreira¹³⁷. Destes, apenas 26 ou 19.2% jamais tiveram que sair de sua cidade natal. E, evidentemente todos eles eram nascidos nas principais cidades da Espanha, o que permitiu que tivessem uma formação adequada e, posterior, atuação. É importante que recordemos que os profissionais arrolados por Morejon são aqueles que tiveram maior evidência em sua época, mas acreditamos que nas esferas de menor destaque a realidade não se modificava.

Os personagens com menor projeção, especialmente, cirurgiões, barbeiros e boticários, nem sempre possuíam as condições para uma formação adequada, mesmo nos grandes centros, como já foi apresentado no capítulo anterior, o que poderia determinar uma maior acomodação. Da mesma forma, um grande centro apresentava essas vantagens, além de maiores probabilidades para atuar. A tensão entre limitações e possibilidades parece ter se apresentado a todos aqueles que atuaram junto às artes de curar e pode ter sido um dos grandes motivadores para os deslocamentos analisados. Cabe, na continuidade, que busquemos levantar informações sobre o destino destes sujeitos.

Dos 232 nomes analisados, apenas 32 não apresentaram o local de nascimento. Não se percebe nenhuma cidade com destaque nesse quesito, ainda que Valencia, Sevilha e Zaragoza liderem a lista com 17, 16 e 14 sujeitos, respectivamente. Porém, quando o quesito é formação, o quadro muda significativamente¹³⁸.

A cidade de Alcalá de Henares formou 44 dos profissionais analisados que contavam com o dado relativo à formação, ou 25.2%. As cidades seguintes são Valencia com 25; Zaragoza, 20 e Salamanca, 19. Mas o que estimulava essa convergência para Alcalá? Evidentemente, a proximidade de Madri parece ter sido fundamental para isso¹³⁹. A cidade que já era capital do Reino parecia se tornar, cada vez mais, o principal centro de confluência dentro da Espanha. Além disso, cabe destacar que apenas um profissional havia se formado em Madri, mas como cirurgião¹⁴⁰. Pelo que se percebe, Alcalá foi, o local estratégico para a formação de profissionais para a capital do Reino.

¹³⁷ Tal medida foi adotada, pois o dado faltante poderia ser justamente aquele que determinaria um deslocamento. Além disso, esclarecemos que nossa base é exclusivamente a obra de Morejon, pela falta de documentos oficiais. Assim, possíveis deslocamentos que tenham escapado ao autor consequentemente, nos escaparão. Mais do que dados exatos, buscamos com isto ilustrar aquele que parece ter sido o cotidiano dos profissionais do período.

¹³⁸ Cinquenta e oito nomes não contavam com o dado relativo à formação. Diversos profissionais fizeram formação em mais de uma cidade e, mesmo que em outra área que não a medicina, os contabilizamos em todas as cidades citadas, posto que nosso interesse aqui é verificar os deslocamentos realizados.

¹³⁹ São cerca de 35km pelas rodovias atuais.

¹⁴⁰ O profissional citado foi Marcos Garcia, nascido em Valladolid e que, antes de ingressar no Hospital Geral de Madri tentou estudar cirurgia em Valencia: “*Parece que Garcia trató de estudiar la cirujia en la Universidad de Valencia, mas como en ella no se admitia al que no hubiese estudiado el idioma latino, tuvo que recurrir á*

E, após terem concluído sua formação, para onde iam estes profissionais? Evidentemente, as grandes cidades do reino foram os principais pólos de convergência, mas Madri, capital, não foi o principal destino destes sujeitos. Sevilha lidera a lista com 30; Zaragoza, 26 e, somente depois, Madri com 25. Porém, se retornarmos à questão da proximidade com Alcalá e somarmos os sujeitos das duas cidades, o número salta para 42. É importante que ressaltemos que boa parte daqueles que tiveram sua atuação profissional realizada na cidade de Alcalá, teve alguma relação com o ensino da medicina, mostrando a destacada importância desta formação profissional para a cidade. Dos 17 sujeitos que atuaram em Alcalá de Henares, 8 foram catedráticos de sua Universidade.

Como se pôde perceber através destes dados, a mobilidade foi uma característica dos homens ligados às artes de curar na Espanha do Antigo Regime. É muito provável que a chance de uma formação qualificada ou de maiores possibilidades de atuação tenha impulsionado Pedro Montenegro para Madri. Mas, quais as razões que o fizeram partir da capital do reino espanhol para a América? E, já na América, quais as motivações para o seu ingresso na Companhia de Jesus? É sobre essas questões que nos debruçaremos a partir de agora.

Desde a descoberta do “novo continente”, muitas pessoas viram na exploração das longínquas terras em favor de seus Reis, uma possibilidade de enriquecimento. Com o descobrimento de metais preciosos, especialmente na porção espanhola do continente, o que aconteceu de maneira bastante imediata, um grande fluxo de homens passou a convergir para estas terras. É fato, porém, que a grande maioria não logrou alcançar tais objetivos e, longe de sua terra de origem tiveram que se adaptar às condições, geralmente, pouco favoráveis que se apresentavam. Dentro de uma “margem de manobra” possível, esses sujeitos buscavam uma nova forma de inserção à sociedade colonial americana.

Alguns personagens emergem de nossas fontes. Na Carta Ânua de 1635-37, encontramos referência a um certo Manuel de Sos, cujo necrológio se caracteriza pelo tom elogioso. O dito Manuel, português de nascimento, teria ingressado na Companhia de Jesus em 1634 e, após cumprir os dois anos relativos ao noviciado, teria sido encarregado pelos superiores do exercício de enfermeiro. E foi exercendo suas funções que Sosa acabou contraindo sarampo, vindo a falecer no dia 30 de dezembro de 1636. Seu necrológio nos informa as razões que o levaram a cruzar o Atlântico: *“Vino de España en un navio que llegó al puerto de Buenos Aires con ánimo de pasar al Perú a buscar tesoros, como otros lo han*

Madrid, donde pudo conseguir su intento” (MOREJON, 1846, p. 265). Como se percebe o latim continuava com grande importância no período. Retornaremos ao tema e ao personagem no próximo capítulo.

hecho” (C.A. 1635-37. In: PAGE, 2004, p. 104). Nota-se que ao sair de Portugal, Manuel foi à Espanha para, de lá, passar a Buenos Aires, tendo o Peru como seu objetivo. Porém, Sosa acabou não chegando ao seu destino final devido ao chamado para a vocação religiosa¹⁴¹.

Quase um século depois, no ano de 1734, as Cartas da Companhia registram o falecimento de um sujeito cuja trajetória se parece com a do supracitado Manuel. Trata-se do Irmão escolar e ouvidor do quarto ano de teologia André de Acosta, natural da cidade de Porto, em Portugal. A carta registra que ele aderiu à vida religiosa em 30 de Julho de 1722, na cidade de Córdoba, onde cumpriu seu noviciado e seus estudos posteriores. Segundo Pedro Lozano¹⁴², relator da carta: “*Había venido al Brasil, y después a Buenos Aires en busca de riqueza (como todos que van a America)*” (C.A. 1730-35, [1928], p. 24). Todos que vinham a América, na opinião bastante crítica do jesuíta, tinham como objetivo a riqueza. Ao não alcançarem seu intento inicial, muitos parecem ter encontrado nas ordens religiosas uma forma de reorganizar a própria vida, seja espiritualmente, pois não desconsideramos a fé que norteava os homens daquele período, mas, também, materialmente, como uma estratégia de sobrevivência em uma terra estranha.

Houve também aqueles que, após conseguirem juntar grande fortuna na América resolveram abdicar de tudo para se tornarem jesuítas. Foi o caso de Don Pedro Echezárraga, natural do País Basco que chegou a ser Governador das Minas de Prata em Lípez, no alto Peru. Após realizar os Exercícios Espirituais de Ignácio de Loyola, se sentiu “*encendido de tan vehemente deseo de hacer participar de la dicha propia.*” (C.A. 1720-30, [1928], p. 30). Para tanto, “*propuso deshacerse de su cuantiosa fortuna y hacerse pobre en la Compañía, para que con sus recursos se comprase una estancia, cuyas rentas se distribuyesen para todos los colegios para sufragar los gastos del sustento de los ejercitantes*” (C.A. 1720-30, [1928], p. 30- 31). Foi aceito na Companhia no ano de 1728, tendo investido cinquenta mil pesos para a aquisição da dita estância.

¹⁴¹ Ao ressaltarmos tal fato, estamos apenas dando voz ao relato edificante, próprio da Companhia de Jesus, que se refere a Manuel de Sosa da seguinte forma: “Nuestro Señor le escogió para que entrando en la Compañía en esta provincia atesorase em breve muchos tesoros de virtude y méritos y los fuese a gozar en breve en el cielo.” (C. A. 1635-37. In: PAGE, 2004, p. 104). Dar voz a essas narrativas, no entanto, não significa que as aceitamos de maneira inocente.

¹⁴² Nasceu em Madri em 1697 e faleceu em Jujuy, Argentina em 1752. É considerado um dos principais historiadores da Companhia de Jesus e foi um dos primeiros autores da ordem a dar relevância ao nome de Pedro Montenegro, na obra *Descripción chorográfica del Gran Chaco Gualamba*. Ver: LOZANO, Pedro. **Descripción chorográfica del terreno, rios, árboles y animales de las dilatadísimas provincias del gran Chaco Gualamba, y de los ritos y costumbres de las innumerables naciones bárbaras é infieles que le habitan**. Córdoba, 1733.

Mas, ao contrário do que citou Lozano, nem todos os sujeitos que vinham à América aspiravam, necessariamente, alcançar riqueza e são as próprias cartas da Companhia que nos apresentam sujeitos com trajetórias distintas. Um deles foi Blás Gutiérrez, que nasceu em Castilla la Vieja, em 1565. Não sabemos quando viajou para a América, mas a Carta de 1635-37 destaca que saiu da cidade de Vegacervera com destino ao Peru, “*para ejercer su oficio de barbería y cirugía en que era primo y tenía lindas [trances]*” (C.A. 1635-37. In: PAGE, 2004, p. 109). Blás parece ter alcançado sucesso em seu intento já que na cidade de Lima viveu na casa do arcebispo Toribio Mogrovejo, onde foi, “*estimado y querido por todos así por su oficio como por su buen trato y modesto proceder*” (C.A. 1635-37. In: PAGE, 2004, p. 109). Com a morte do arcebispo, transferiu-se para o Chile acompanhando o governador Alonso de la Rivera, no ano de 1614. Já em Santiago, passou a perceber, segundo a carta, quão vãs eram as coisas do mundo:

[...] *habiendo llegado a la ciudad de Santiago de Chile, quiso tener unos ejercicios espirituales¹⁴³ en nuestra casa, retirado del tumulto y trabajo de los hombres, para con maduro acierto, determinar el modo de vivir que había de tomar. Tuvo sus ejercicios y Nuestro Señor le declaro su voluntad dándole vivos deseos de ser religioso de la Compañía. Y así trató luego que le recibiesen, haciendo grande instancia a los superiores para que lo admitiesen. Vencidas algunas dificultades, y quedó el Hermano tan agradecido a Nuestro Señor por este beneficio y con tanto aprecio de su vocación y estado cuanto le mostraba el fervor y el cuidado con que se entrego todo a la obediencia para todos cuantos oficios de pudieran ocupar con tanto tesón y afición al trabajo y continuación, que parecía hecho de acero. Acudiendo a muchos oficios juntos, de cocinero, soto-ministro, enfermeiro y refitolero que cada uno de ellos era bastante para ocupar a outro cualquiera que no fuera el Hermano.* (C.A. 1635-37. In: PAGE, 2004, p. 109)

Nota-se que, novamente, o relator da carta atribuiu ao chamado divino a decisão de Blás Gutiérrez para aderir à vida religiosa. Porém, é importante que destaquemos a série de mudanças pelas quais o mesmo passou. Com a morte do arcebispo, por interesse próprio ou obrigação profissional, Blás teve que mudar-se para o Chile. Somente depois da mudança, a carta refere o interesse de Gutiérrez em examinar sua própria vida: “*para con maduro acierto, determinar el modo de vivir que había de tomar*” (C.A. 1635-37. In: PAGE, 2004, p. 109). A mudança e a perda da proteção do arcebispo parecem ter sido fatores determinantes para a adesão deste sujeito à vida religiosa. Blás Gutiérrez parece ter entrado para a Companhia no mesmo ano de sua chegada ao Chile, fazendo seus últimos votos no ano de 1626, sendo que viveu mais 10 anos, sempre trabalhando diretamente no trato dos doentes, tanto do colégio jesuíta como das pessoas que a ele recorriam.

¹⁴³ Os Exercícios Espirituais são parte da formação dos membros da Companhia. Trataremos deles no próximo subcapítulo.

Houve outros que, após terem se estabelecido profissionalmente na Europa, resolveram tornar-se jesuítas, caso de Benito Panis. Conta a Carta de 1667 que o mesmo nasceu em Flert, na França, filho de pais católicos e honrados. Alfaiate de profissão foi obrigado a deixar sua terra natal por necessidade. Apesar de não citar a cidade para onde partiu, a carta destaca que encontrou emprego junto a um professor da mesma profissão que era encarregado da confecção das roupas dos jesuítas. Procurando destacar as qualidades de Benito, o relator da carta destaca que, após perceber os predicados do jovem em seu ofício, o mestre encarregou-o do trato das roupas da Companhia:

[...] por el trato familiar con los nuestros, le vino poco a poco un aprecio de la Compañía aunque antes no la podía ver siquiera. Por el mismo tiempo llegó la noticia de los trabajos y privaciones de los de la Compañía en las Indias, en especial, por falta de Hermanos coadjutores; entonces no dejó piedra por mover para alcanzar la admisión el la Compañía y la destinación a aquellas tierras, para poder afrezer allí sus oficios. Dos años enteros se había empeñado incesantemente a ser recibido en la Compañía, marchándose a Barcelona, para hablar con el Padre Provincial, para que le facilitara la tan deseada admisión y aquel viaje (C.A. 1667. In: PAGE, 2004, p. 214).

Após os votos, foi destinado à Zaragoza, onde conheceu o padre procurador da Província do Paraguai que, na ocasião, era Francisco Vázquez Trujillo, para quem teria manifestado o desejo de ser mandado para a América, onde poderia ajudar na conversão das almas. Teve seu intento alcançado, chegando a Buenos Aires no ano de 1622, sendo que faleceu no ano de 1667, em Córdoba. Além da questão profissional, emerge da experiência vivida por Panis, no que se refere a sua vinda para a América, um outro sujeito que, na hierarquia da Companhia, era fundamental para o contato entre a América e a Europa: o Padre Procurador.

Em se tratando dos procuradores que saíam das províncias da América para a Europa, sabe-se que tinham como principal função em suas viagens o cuidado das questões temporais da Companhia. No século XVIII, os colégios, as fazendas e as reduções já estavam, em grande medida, estruturados. Contavam com uma produção alimentar suficiente para a população que abrigavam e produziam diversos materiais e produtos, porém, muitos dos bens adquiridos pelos povoados vinham da Europa e tinham a figura do Procurador como emissário para estas aquisições. Diversas cartas do período dão conta de pedidos de padres responsáveis pelas missões e ilustram quais eram as principais demandas por parte destes. Em duas cartas de 1738 encontramos pedidos de livros e relíquias: “*Carta Del Padre Bartholome*

*De Mora Al Padre Juan Joseph Rico Para Que Realice Una Compra De Libros*¹⁴⁴; “*Carta Del Padre Pedro Joseph Jofre De Fraguas Al Padre Juan Joseph Rico Sobre Pedido De Envío De Libros Y De Reliquia*”.¹⁴⁵

Porém, além das preocupações com os bens materiais da Companhia, os procuradores tinham a obrigação de buscar na Europa novos sacerdotes em condições para a vida em missão, assim como para o trato e conversão dos povos nativos. A carta Ânua de 1720-30 destaca que no ano de 1728 foi eleito pela Congregação Provincial como Procurador à cidade de Roma o padre José López, porém, este veio a falecer, dando lugar a Antonio Machoni. Entre suas funções: “*llevará estas cartas Anuas a Vuestra Paternidad, pasando por España a Italia, en compañía del Padre Sebastián de San Martín, su substituto*” (C.A. 1720-30. In: PAGE, 2004, p. 297). Além disso, o padre relator da Ânua destacava que esperava seu pronto retorno em saúde para a Província, “*acompañados con una copiosa expedición de nuevos operarios, muy necesarios para promover la gloria de Dios y la salvación de las almas!*” (C.A. 1720-30. In: PAGE, 2004, p. 297).

Na carta de 1730-35, ainda com Machoni como Procurador, encontramos a informação de que o Colégio de Córdoba havia sido reformado, passando a contar com um novo refeitório e oito novos quartos. Além disso, destacou a aquisição de 700 livros para a biblioteca do Colégio: “*traídos acá de Europa [...] con ocasión de la llegada de la nueva expedición de misioneros, comprando los libros el padre procurador Antonio Machón, con fondos que le habían regalado algunas personas devotas*” (C.A.1730-35. In: PAGE, 2004, p. 309).

Além das funções institucionais exercidas por estes sujeitos, devemos ter em conta também os contatos estabelecidos na Europa. Através deles, é provável que muitos sujeitos leigos ou mesmo professores de outra fé que gravitavam nesse ambiente possam ter sido convencidos das vantagens de se tornar membro da Companhia, muitas vezes, pelos próprios Procuradores. Alguns destes homens merecem ser destacados.

Os professores de outra fé que acabaram se convertendo ao catolicismo sempre parecem ser destacados como uma conquista especial para os jesuítas, afinal, ao contrário das populações nativas que desconheciam a “verdadeira fé”, estes eram europeus que a negavam em preferência a outras, em especial, as de origem protestante.

¹⁴⁴ AGNA, *Carta Del Padre Bartholome De Mora Al Padre Juan Joseph Rico Para Que Realice Una Compra De Libros*. Legajo 411 6-9-6- 525, 1735

¹⁴⁵ AGNA, *Carta Del Padre Pedro Joseph Jofre De Fraguas Al Padre Juan Joseph Rico Sobre Pedido De Envío De Libros Y De Reliquia*. Legajo 411 6-9-7- 21, 1736

Pela importância de seu porto, a cidade de Buenos Aires parece ter atraído muitos homens de diversas nações que, por vezes, de maneira provisória, por vezes permanente, instalaram-se na cidade. A opinião dos padres da Companhia sobre eles é sempre negativa, mas expressada com o otimismo dos que iam vencendo as ideias heréticas em prol do catolicismo. Por exemplo, quando destacam, na Carta de 1720-30, que os oradores jesuítas conseguiram livrar a cidade de grandes escândalos públicos, sendo, *“el más grande de todos el cual consistía en el hecho de que algunas mujercillas pobres se iban al anochecer a la bolsa de comercio de los ingleses herejes, como si fuese ella nada más que un burdel, para prostituirse”* (C.A. 1720- 30, [1928], p. 87).

A preocupação com a moral dos cidadãos mostra o quanto os membros da Companhia estavam presentes em todas as esferas da sociedade colonial americana não ficando restritos ao trato com as populações nativas.¹⁴⁶ A presença dos *herejes* ingleses abria uma nova frente de trabalho aos jesuítas que, na Carta de 1714-20, destacam os sucessos de tal empreitada: *“Hubo muchas conversiones de herejes ingleses, de los cuales hay muchos en este puerto, dedicados al comercio”* (C.A. 1714-20, [1928], p. 19). A presença dos ingleses gerava também uma demanda para a Companhia por sujeitos aptos para o trato com esses homens, como fica expresso na continuidade da carta: *“Hubiera mucho más de estas conversiones a la religión católica, si hubiera un Padre que domina el inglés. El otro inconveniente es, que el itinerario de los buques los obliga a volver demasiado pronto a Inglaterra”* (C.A. 1714-20, [1928], p. 19).

Foi buscando dar conta dessa nova demanda que, a partir do século XVIII, passou-se a encontrar, com maior frequência, no seio da Companhia de Jesus, protestantes convertidos de origem britânica. Apesar dos poucos dados disponíveis sobre esses sujeitos, suas motivações para vir à América não eram, com certeza, diversas daqueles até aqui já explorados. Caso, por exemplo, do irmão coadjutor Guillermo Shelton¹⁴⁷, falecido no ano de 1734. A carta de 1730-35 destaca a vida de aventura que ele levava antes de seu ingresso na Companhia, viajando pelo mundo em busca de riquezas. Ao chegar ao porto de Buenos Aires, chegou, também,

¹⁴⁶ Além da importância dos jesuítas no campo das artes de curar, sabe-se da influência que a Companhia exerceu na educação, especialmente, das elites coloniais. A afirmação da ordem fez com que crescesse seu patrimônio, o que acabou por gerar novas demandas aos padres- administradores: “A ação dos padres administradores-procuradores, que organizava e dava impulso às atividades produtivas, revela que muitos deles deveriam possuir, além de um arcabouço espiritual, um conhecimento profundo do sistema produtivo a que estavam vinculados. Essa configuração exteriorizou, não raras vezes, as feições do poder dos membros da Companhia, sujeitos, em algumas circunstâncias, aos ataques e às críticas de seus próprios pares, por condutas que se distanciavam do ideal jesuítico. Crítica que também era feita por setores da sociedade colonial que alertavam para o fato de o temporal e espiritual possuírem interesses convergentes.” (ASSUNÇÃO, 2004, p. 24).

¹⁴⁷ Os dados que constam na Carta dão conta que era inglês e faleceu em 1734, com 45 anos de idade, sendo 13 deles como membro da Companhia.

segundo o relator, ao porto de sua verdadeira fé, assim, “*Abjuró sus errores hereditario, y abandonó al mundo, siendo admitido en la Compañía*” (C.A. 1730-35, [1928], p. 33).

Já o calvinista escocês Juan de Elliot veio à América com o intuito de exercer sua atividade profissional. Cirurgião de formação, ele viajou para Buenos Aires a fim de trabalhar junto ao consulado inglês daquela cidade. A *Ânu*a de 1735-43 reforça os aspectos negativos dos hereges, dizendo que o dito Juan levava “*la vida libre que permite aquella secta*” (C.A. 1735-43. In: PAGE, 2004, p. 334). O caso de sua conversão, chamado de vocação singular pelo relator da carta, destaca que Nossa Senhora teria lhe aparecido, porém com a imagem envolta em sombra. A interpretação de dita visão foi de que se deu dessa maneira por que Elliot estava envolto nas sombras da heresia. Assim, teria prometido tornar-se católico, sendo que foi aceito pela Companhia no ano de 1741.

Mas, talvez o mais famoso entre os jesuítas convertidos no âmbito da Província do Paraguai tenha sido Tomás Falkner. Nascido em Manchester-Inglaterra, calvinista e filho de médico, ele escolheu seguir a mesma profissão que o pai e para tanto viajou a Londres, para realizar seus estudos. Sua formação parece ter sido bastante avançada já que foi discípulo de Newton¹⁴⁸ e, posteriormente, do médico Ricardo Mead¹⁴⁹ o que sugeria um futuro próspero em sua profissão. Acabada sua formação, é comissionado pela *Royal Society* de Londres para viajar à América, como botânico e físico, a fim de estudar as plantas e águas deste continente. Falkner já pertencia a uma leva de viajantes claramente identificados com as concepções setecentistas de reconhecimento e catalogação da natureza.¹⁵⁰

Porém, sua vinda para a América se dá a bordo de uma nau da *South Sea Company*, responsável pelo transporte de negros para a América. Foi assim que partiu de Londres em fins de 1729 e, após uma temporada em Cádiz, chegou a Buenos Aires. Pouco se sabe sobre o que aconteceu quando da chegada, mas há registros de que teria adoecido, e foi assim, que tomou contato com a Companhia de Jesus, já que quem tomou conta de Falkner durante a enfermidade foi um jesuíta chamado San Martín: “*Una vez libre de su dolencia, fué Falkner recibido solemnemente en el seno de la Iglesia Católica, abjurados sus errores calvinistas, y poco después admitido entre los miembros de la Compañía de Jesús*” (FURLONG, 1920, p. 7). Difícil explicar a imediata conversão de Falker e, mais ainda, seu pronto ingresso na

¹⁴⁸ Sobre isso, Furlong destaca, citando um companheiro de Falkner que ele seria o: “prediletto Discipolo del gran Newton” (FURLONG, 1947, p. 99).

¹⁴⁹ Furlong (1947, p. 99) menciona as realizações de Mead: “Ricardo Mead, autor de la Mechanical Account of Poisons, profesor de anatomía en el Surgeon’s Hall y director desde 1703 del St. Thoma’s Hospital.”

¹⁵⁰ Mais sobre tema em: NIETO, Mauricio. Políticas Imperiales en la Ilustración española: História natural y la apropiación del Nuevo Mundo. Universidad de los Andes. *Historia Crítica*, p. 39-52, 1995. RAMINELLI, R. J. Viagens e inventários. *História. Questões e Debates*, Curitiba, v. 17, n. 32, p. 27-46, 2000.

Companhia em 1732, mas, sem dúvida, a doença que lhe pôs de cama por um período e o tratamento recebido pelos jesuítas, podem ser aventados como razões que o fizeram optar pela sotaina preta.

Os sujeitos apresentados até aqui servem para ilustrar o contexto da Espanha e de suas colônias na América entre os séculos XVII e XVIII. Não temos como comprovar se as motivações de Montenegro foram as mesmas dos sujeitos acima apresentados, mas, dada a ausência de documentos que nos possibilitem avançar no conhecimento da vida do enfermeiro, o estudo de pessoas com trajetórias próximas ajuda a lançar luz sobre sua obscuridade. Não acreditamos que Montenegro tenha vindo à América em busca de riqueza, pois sua atuação junto ao Hospital de Madri, assim como o interesse pela botânica parece ter se refletido de maneira bastante significativa em sua *Materia Medica*. Da mesma maneira, a própria atuação nesse hospital de orientação claramente católica faz com que descartemos que se enquadrasse entre os convertidos protestantes ou mesmo que professasse o judaísmo, como destacamos no primeiro capítulo.

Assim, acreditamos que sua atuação profissional seja o principal motivador de sua vinda para a América. Faltam-nos datas precisas sobre a mesma, ainda que, se levarmos em conta que a obra é datada de 1710, e que, no início do texto, falando sobre sua chegada à América, Montenegro destacava que: “*en 21 años que há que entré en ella*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 6), podemos calcular que sua chegada tenha se dado por volta de 1689. É difícil saber se Montenegro tentou se estabelecer como leigo nos dois primeiros anos ou se ingressou na Companhia, devido a contatos estabelecidos durante a viagem ou no porto de Buenos Aires, por onde, provavelmente, ingressou na América. As informações sobre sua débil saúde nos fazem aventar que ele talvez já sofresse de alguma enfermidade na Europa¹⁵¹, o que também poderia servir como motivador para tornar-se um jesuíta, já que contaria com o cuidado necessário, caso viesse a adoecer mais seriamente.

Apesar das incertezas, sabe-se que no ano de 1691, Pedro Montenegro, então com 28 anos, entrou para a Companhia de Jesus, iniciando sua formação no Colégio de Córdoba. O interesse pelo estudo das plantas e o trato dos doentes nunca foi deixado de lado pelo enfermeiro, porém, a partir daquele momento, suas ações passam a ser norteadas pela busca da “maior glória de Deus”. É sobre a formação recebida por Montenegro como irmão coadjutor que nos debruçaremos na sequência.

¹⁵¹ Sabe-se que após seu ingresso na ordem, ele contraiu tuberculose, devido ao trato de enfermos no Colégio de Córdoba, sendo impossível precisar se as informações acerca de sua saúde têm origem exclusivamente nesse problema ou em doenças anteriores a sua chegada à América.

3.2 A FORMAÇÃO NA COMPANHIA DE JESUS

Ao resolver entrar para a Companhia de Jesus, Pedro Montenegro passava a fazer parte de uma ordem católica com quase dois séculos de existência e que, desde sua fundação, por Ignácio de Loyola, em 1539, havia se tornado uma prestigiosa instituição, presente nas principais casas Reais da Europa, assim como nos territórios ultramarinos que vinham sendo conquistados pelos soberanos europeus. Responsáveis pela educação da maioria da nobreza do período, os jesuítas vieram para a América, buscando, em primeiro lugar a conversão dos povos nativos, mas com o passar do tempo, e com o crescimento de sua força institucional, como já vimos anteriormente, acabou envolvendo-se em muitas questões que extrapolavam a esfera religiosa.

Os jesuítas já estavam presentes na América meridional desde 1549, quando chegaram à América portuguesa, acompanhando o primeiro Governador Geral, Tomé de Souza. Desde então, a correspondência interna da Companhia registrava o interesse de seus membros em penetrar o território conhecido como Paraguai a fim de catequizar os grupos indígenas daqueles territórios. No entanto, os jesuítas só passaram às porções espanholas da América no ano de 1568. Com relação à Córdoba, que com o passar dos anos tornou-se o principal centro de formação da ordem¹⁵² naquela que ficou conhecida como a Província Jesuítica do Paraguai, os jesuítas só adentraram no ano de 1587, sendo que sua primeira casa foi adquirida somente após 12 anos.

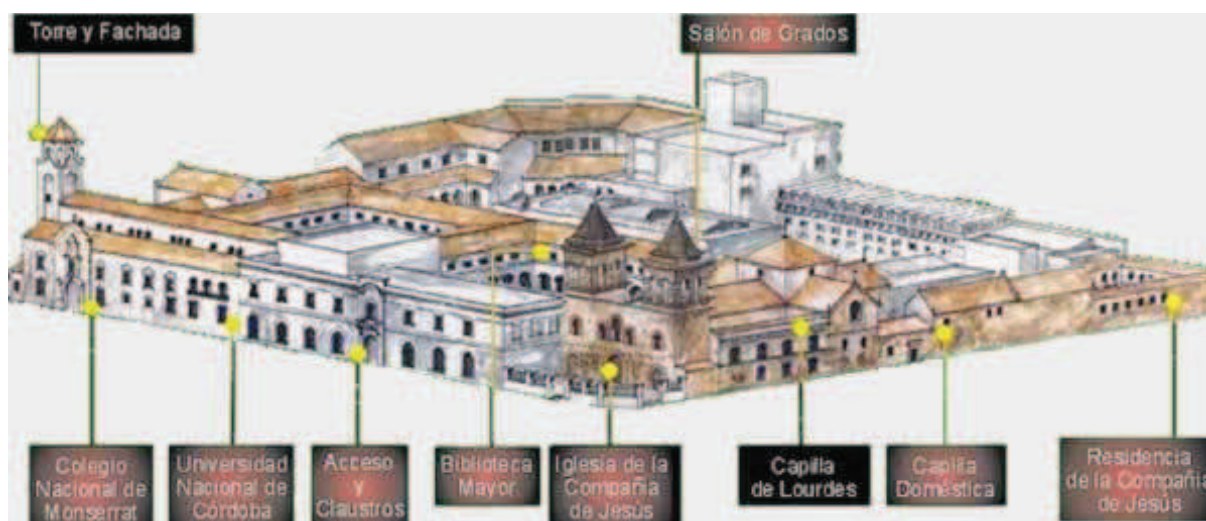
Alguns anos depois, foram construídos, no mesmo local, a igreja e o colégio da ordem que, a partir de 1610, passou a ser chamado de “*Colégio Máximo de la Compañía de Jesús*”, sendo elevado à Universidade de Córdoba, em 1621. Ao mesmo tempo em que ampliava suas ações na cidade de Córdoba, a ordem jesuíta aumentava também sua atuação junto às populações nativas, fundando missões tais como as de São Miguel, São Cosme e Damião, São José, Santo Tomás, dos Apóstolos, São Carlos, Santos Mártires, Candelária, Santo Inácio e de Corpus. No entanto, apesar do cenário de crescimento evidente da ordem em território

¹⁵² A localização da cidade de Córdoba como caminho principal entre o porto de Buenos Aires e a Província do Peru parece ter sido fundamental para a escolha da cidade como principal reduto da Ordem na Província do Paraguai. Tal localização permitia, além do contato com as rotas comerciais que se estabeleciam na região “*Esta ciudad esta situada en el camino que conduce del puerto de Buenos Aires a la región del Perú, lo cual tienen los sujetos de este colegio buena ocasión de ejercer su celo con los viajeros, como se verá en los casos que pondré aquí.*” (C.A. 1614. In: PAGE, 2004, p. 52)

americano, muitas foram as dificuldades enfrentadas pelos jesuítas até consolidarem-se plenamente. A compra de estâncias, assim como as constantes doações realizadas por pessoas influentes, tanto em vida, como em bens deixados em testamento, ajudaram a ultrapassar as dificuldades dos anos iniciais. Porém, a retórica jesuítica deixa claro que nada é mais importante para a manutenção temporal da ordem do que o trabalho de seus membros:

De aquí es que los sujetos que aplican su solicitud, trabajo e industria para mantenerlas no sin mucha razón pueden merecer el renombre de insignes benefactores de la Compañía porque el ornato, y culto de los templos, ya el sustento y vestuario de los sujetos, ya lo material de los edificios y los avios para los dilatadísimos viajes que hay en esta Provincia y lo que mas es el excesivo gasto que los padres procuradores generales que van a Roma hacen en conducir sujetos para esta provincia no depende de otra renta que la que se adquiere con sudor del rostro. Este es el fruto principal y la más segura finca de esta provincia (C.A. 1681-92. In: PAGE, 2004, p. 239, 240).

Imagem 3 – Mapa ilustrado da Manzana Jesuítica de Córdoba



MANZANA CÓRDOBA. **Google Imagens**. Colégio Jesuítico de Córdoba. Google, 2013. Disponível: <<https://blu173.mail.live.com/default.aspx?fid=flinbox#tid=cmBdOVGiml4xGNHAAiZMGXIg2&fid=flinbox>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

Já em meados do século XVII os jesuítas pareciam estar plenamente consolidados no território espanhol da América. Com relação ao ensino, a carta de 1644 deixa claro o adiantamento do Colégio de Córdoba, como “*el primero y mas frecuentado de nuestra provincia y es la Atenas de nuestros escolares*” (C.A 1644. In: PAGE, 2004, p. 142). Mas, os documentos da ordem também procuravam exaltar os avanços alcançados no atendimento dos mais pobres, demonstrando que os jesuítas estavam plenamente atuantes naquela que seria sua principal tarefa. A carta de 1637-39 destaca, que a portaria do colégio era ponto procurado “*por los pobres y hambrientos que hallan allí alivio en sus sufrimientos materiales. Se les*

reparte, sean pocos o muchos, alimentos en abundancia; no pocas veces también abrigos para cubrirse” (C. A. 1637-39. In: PAGE, 2004, p. 119).

A mesma carta destaca que esse era o tratamento dispensado aos sãos, mas que os jesuítas não esqueciam também do atendimento aos doentes: *“Así logra la Compañía acudir a todas las necesidades humanas, las del cuerpo, todo por amor a Dios y por caridad para con el prójimo”* (C. A. 1637-39. In: PAGE, 2004, p. 119). Além do atendimento dispensado aos necessitados pelos padres e irmãos da ordem, no colégio havia, também *“una botica especial en casa, de donde se reparte gratis toda clase de medicinas”* (C. A. 1637-39. In: PAGE, 2004, p. 119). Nota-se que a documentação jesuítica privilegiou sempre as informações que dessem conta das conquistas no campo espiritual e as benesses feitas através da caridade e humildade. Na continuidade, procuraremos reconstituir os passos que Montenegro deve ter seguido após sua admissão como noviço da ordem.

Segundo dados de Storni (1980), acredita-se que Montenegro ingressou na Companhia de Jesus no ano de 1691. A Carta Ânua de 1681-92 destaca a situação em que se encontrava o colégio. Sobre o número de sujeitos, encontramos que: *“no pasa de 210 sacerdotes, 119 hermanos estudiantes, 91 coadjutores, novicios 78, divididos en 8 colegios de que consta la provincia, 22 reducciones o residencias de indios cristianos”* (C.A. 1681-92. In: PAGE, 2004, p. 234). Quando do envio da carta escrita pelo padre Tomás Dombridas ao Geral da Companhia, Pedro Montenegro era um dos 78 noviços que se preparavam para a realização de seus votos.

No intuito de reconstituir a trajetória de Montenegro no período em que aderiu à vida religiosa, nos valem novamente da documentação da ordem, que permitirá reconstruir seus passos dentro daquele que seria o caminho recomendado pela própria instituição. Para tanto, recorreremos às Constituições da Companhia, que versavam não apenas sobre as regras quanto à entrada dos noviços, como também buscavam orientar os passos daqueles que já estivessem integrados à vida jesuítica¹⁵³. É interessante observar que pesquisadores da própria Companhia têm alertado para o fato de que o estudo de suas Constituições permite

¹⁵³ Sobre a estatutária das Constituições observa-se que: *“Dejando aparte el Examen, las Constituciones están compuestas de un proemio y diez partes, que siguen el orden de la ejecución no el de la 'consideración que descende del fin a los medios' Para formar el cuerpo de la CJ, lo primero es admitir los miembros (parte I) y despedir a los que no son aptos (II); continúa el conservar y formar a los admitidos, primero con los medios espirituales y corporales (III), luego en las letras y otros medios de ayudar al prójimo (IV); sigue la incorporación de los miembros cuando estén suficientemente preparados, en los diversos grados de la CJ (V), se describen las obligaciones de los ya incorporados respecto a la propia vida religiosa (VI) y a su misión apostólica (VII); se indican (VIII) los medios para mantener unidos los miembros dispersos de esta Orden apostólica entre sí y con su cabeza y (IX) todo lo que concierne a la guía y gobierno de este cuerpo; concluye (X), proyectando el conjunto en el futuro: cómo conservar y hacer progresar en su buen ser este cuerpo de la CJ.”* (O'NEILL, DOMINGUEZ, 2001, p. 929- 930)

acompanhar o postulante a jesuíta, “desde que se presenta para la admisión hasta que, una vez formada, se incorpora vitalmente, como miembro de este cuerpo apostólico, y proyecta su acción como persona y como corporación” (O’NEILL, DOMINGUEZ, 2001, p. 930).

Escritas por Ignácio de Loyola¹⁵⁴, essas Constituições têm o intuito de unificar as ações da ordem servindo também como um conjunto de leis norteadoras das ações de seus membros¹⁵⁵. Após sua fundação, alguns jesuítas partiram para as missões solicitadas pelo Papa, assim, Loyola e Jean Coduri ficaram responsáveis por redigir àquelas que seriam as instruções da ordem, porém com a morte do último restou a Ignácio a responsabilidade da tarefa.

Envolvido em diversos afazeres relativos à estruturação da ordem, o fundador retomava esporadicamente o estudo do documento, realidade que se altera quando Juan de Polanco passa a ser o secretário da Companhia. Foi ele quem redigiu grande parte do texto inicial que já estava pronto por volta de 1549, com base em Regras de ordens mais antigas¹⁵⁶. Esse texto inicial sofreria correções e adições praticamente até a morte de Loyola, em 1556. Nos deteremos agora sobre o texto em si, atentando para o fato de que estas regras para admissão definitiva à ordem devem ter sido realizadas por Montenegro.

Uma ordem fundada para a ação, assim pode-se definir a Companhia de Jesus dos primeiros tempos, e que teria no apostolado sua principal atividade. Assim, a seleção dos interessados em tornarem-se jesuítas deveria ser necessariamente criteriosa. Já no início das normativas estabelecidas por Loyola (1558, p. 1) ficava estabelecido que: “*Hágase un detallado examen personal de la vida, dotes y aptitud de los candidatos para la Compañía, de la rectitud de su intención, defectos tanto psicológicos como físicos, y de los impedimentos posibles*”. Boa moral, boas condições físicas e psicológicas e, claro, atenção as habilidades de cada um dos futuros jesuítas. O direcionamento dentro da ordem iniciava-se desde o primeiro instante.

¹⁵⁴ Pécora (1999, p.380, 381) apresenta algumas das preocupações, expressas desde muito cedo, por Ignácio de Loyola. Ao menos três aspectos são considerados por Pécora: “o da informação, o da reunião de todos em um e, enfim, o da experiência mística ou devocional.”

¹⁵⁵ O’Neill destaca que: “*son, además de leyes “expresión viviente del espíritu ignaciano, por el que han de regirse e interpretarse todas nuestras leyes (CG XXXI, d.4), como los Ejercicios. En ellas se contienen algunas cosas substanciales para el Instituto. Ignacio dice en el proemio, que pretendió recoger en las Consituiones las “cosas inmutables y que universalmente deben observarse”, dejando para otras ordenanzas, llamadas Reglas y consideradas también necesarias las que “se pueden acomodar a los tiempos, lugares y personas, en diversas casas y colegios y oficios de la Compañía”* (O’NEILL, DOMINGUEZ, 2001, p. 928)

¹⁵⁶ De acordo com O’Neill (2001) seriam as ordens de S. Basílio, S. Agustín, S. Benito e S. Francisco.

Mas, antes desse processo de direcionamento, orientado por aquilo que Castelnau-L'Estoile (2006) chamou de “política dos talentos”,¹⁵⁷ era necessário que o candidato passasse pela primeira casa de provação. Nessa casa, os mesmos eram recebidos como hóspedes por um período de 12 a 15 dias para “*mejor mirar en sus cosas antes que entren en la Casa o Colegio de la Compañía para [H] cohabitar y conversar con los otros*” (LOYOLA, 1558, p. 4). Durante esse período, os futuros jesuítas deviam ter o mínimo de contato possível com o mundo exterior, tratando exclusivamente com os padres orientadores.

Após essa provação, os noviços passavam por um período mínimo de dois anos em que, mediante novas provações, orientações e avaliações tinham seu caminho definido dentro da ordem. Estes dois anos eram o período de preparação para que os irmãos coadjutores, categoria à qual pertenceu Montenegro, fizessem seus votos e deixassem de ser noviços, tornando-se, efetivamente, jesuítas. Já os irmãos escolares teriam uma preparação de três anos, enquanto aqueles que se tornariam sacerdotes poderiam, em função da necessidade da formação teológica, levar até dez anos para a conclusão deste processo.

Esse primeiro contato com a comunidade da ordem permitia que os superiores “*Analicen entonces su vocación evaluando eventualmente las dos posibilidades -para hermano o para el sacerdocio- y su decisión personal ante Dios...*” (LOYOLA, 1558, p. 2). Nota-se, claramente, que a Companhia se propunha a avaliar criteriosamente seus candidatos, a fim de explorar da melhor maneira possível os talentos de cada um, visando ao maior sucesso nas atividades internas e externas da própria ordem.

A política de avaliações, aliás, não se restringia aos noviços da ordem. Catálogos com avaliações periódicas dos membros da ordem eram elaborados pelos provinciais para serem enviados ao Padre geral. Atestando o cuidado da ordem com estas informações sobre seus membros, esses catálogos eram desenvolvidos de forma a associar cada jesuíta a um número que constava em outros documentos, a fim de garantir seu sigilo, pois deveriam circular

¹⁵⁷ Segundo Castelnau-L'Estoile (2006, p. 211), “Podem-se classificar os talentos em diferentes categorias: talentos para ensinar, seja em nível elementar (ad docendum), seja em nível superior (ad legendas facultates); para a administração, que são ou de governo (ad gubernandum), ou de conselho (ad consultandum); para as tarefas espirituais: a pregação (ad condicionandum), a confissão (ad audiendas confessiones), o cuidado dos outros (ad agendum cum proximis), enfim, talentos ligados à gestão dos bens e à organização da vida material da província (ad negotia curanda, ad officia domestica). Os talentos concernentes ao trabalho missionário junto aos índios são claramente especificados; trata-se do talento para converter os índios (ad convertandos Indos), para catequizar (ad erudiendos Indos), para instruir (ad docendos Indos), para confessar (ad audiendas confessiones Indorum), para tomar conta (ad agendum cum Indis). Os talentos junto aos índios são claramente identificados e isolados dos outros (talentum ad agendum cum Indis é diferente de talentum ad agendum cum proximis; talentum ad docendos Indos é diferente de ad docendos). O contato com eles é, assim, percebido praticamente como uma questão de distinção de categoria”.

exclusivamente na hierarquia jesuítica. O catálogo de 1730¹⁵⁸ revela que os membros da ordem eram avaliados em uma escala que conferia os seguintes graus de habilidade: ínfimo, pequeno, médio, suficiente, bom ou ótimo, a partir de sete diferentes questões: *ingenium, judicium, prudentia, experientia, profectorim litteris, naturalis complexio e talentum et ministeria*.

Através desta avaliação é que se definiam para quais as tarefas estaria mais apto o jesuíta. A título de exemplo, apresentamos os jesuítas assinalados sob os números 208 e 295. Enquanto o *judicium* do primeiro foi avaliado como pequeno; para o segundo, foi considerado bom. Além disso, enquanto o jesuíta 208 apresentava experiência nula e complexo natural colérico, o 295 foi descrito como de muita experiência e compleição natural temperada. Tais fatores determinavam que o *talentum et ministeria* do primeiro fosse nulo, enquanto o outro, pela experiência e temperamento, era tido como apto para a pregação junto aos indígenas e também espanhóis radicados na América. Provavelmente, o jesuíta que respondia ao número 208 foi destinado a tarefas de caráter manual. Sua falta de aptidão no que concerne à pregação não determinava que, em outras tarefas ele não fosse útil à Companhia e servisse à maior Glória de Deus, como almejava a ordem.

Após passarem pela casa de primeira provação, os noviços eram submetidos ao segundo período de exames e provações que os tornariam aptos para a realização de seus votos. Neste período, o candidato deveria mostrar sua aptidão para a vida religiosa através do cultivo de algumas características pessoais muito caras à Companhia de Jesus: caridade, obediência e pobreza. Seus membros deveriam estar conectados com o modo de vida do filho de Deus, sendo assim, suas ações deveriam ser sempre norteadas pelo desprendimento do mundo secular e a imitação de Cristo¹⁵⁹.

Os dois anos destinados à formação espiritual dos noviços eram preenchidos com diversas experiências: “*antes que entre en la Casa o Colegio o después de haber entrado en ella, se requieren seis experiencias principales, sin otras muchas de que se hablará en parte adelante*” (LOYOLA, 1558, p. 8). Elas deveriam promover o engrandecimento do espírito dos noviços através das características acima descritas. Essas experiências, no entanto, não eram realizadas de maneira uniforme por todos os noviços: “*pudiendo las tales experiencias anteponerse y posponerse y moderarse y en algún caso trocarse con otras con autoridad del Superior según las personas, empos y lugares con sus occurrencias*” (LOYOLA, 1558, p. 8).

¹⁵⁸ AGNA, **Catálogo Secreto De La Provincia Del Paraguay Realizado Por El Padre Provincial Geronimo Herran**. Legajo 411 6-9-6- 355, 1730

¹⁵⁹ Neste sentido, vale destacar que uma das obras mais constantes nas bibliotecas da ordem foi a “*De Imitatione Christi*” escrita por Thomas Kempis na primeira metade do século XV.

Os primeiros seis meses poderiam contemplar seis diferentes experiências, de acordo com as necessidades observadas pelo Superior, considerando o perfil do próprio candidato. A primeira seria a realização dos Exercícios Espirituais, prática comum entre os membros da ordem, elaborados pelo próprio Ignácio de Loyola¹⁶⁰. O período indicado para sua realização era de cerca de um mês, em que os noviços estariam “*examinando su consciencia, revolviendo toda su vida pasada y haciendo una Confesión general, meditando sus peccados y contemplando los passos y misterios de la vida, muerte, resurrección y ascensión de Cristo nuestro Señor*” (LOYOLA, 1558, p. 8). Aí, nota-se que o período de provação é, fundamentalmente, um momento de transformação espiritual. A passagem da condição de candidato a membro da ordem passa pela aceitação do modelo místico proposto pela Companhia.

Mas as experiências propostas para a entrada na ordem tinham também características práticas. A segunda delas propunha o trabalho junto a algum hospital, também por um mês: “[...] *comiendo y durmiendo en él o en ellos, o por alguna o algunas horas en el día, según los tiempos, lugares y personas, ayudando y sirviendo a todos enfermos y sanos*” (LOYOLA, 1558, p. 8). Através dessa experiência junto a um ambiente que pressupunha o sofrimento, o candidato exercitaria sua humildade¹⁶¹, assim como testaria sua capacidade em ambientes adversos, nos quais poderiam ter que viver, caso fossem enviados para alguma das missões junto aos gentios. Assim, o candidato estaria mostrando sua humildade e devoção: “*por mas se abaxar y humillar, dando entera señal de si, que de todo el século y de sus pompas y vanidades se parten, para servir en todo a su Criador y Señor crucificado por ellos*” (LOYOLA, 1558, p. 8).

Era, basicamente, o mesmo objetivo que a terceira experiência buscava, ao propor um mês de peregrinação sem dinheiro algum, tendo que buscar comida e abrigo como pedinte, tanto para que aumentassem sua fé, como para que se despojassem de tudo que era material¹⁶². As próprias Constituições, no entanto, fazem uma ressalva quanto a estas duas

¹⁶⁰ Publicados em 1558, após a morte do fundador da Ordem, os Exercícios já foram trabalhados sob diversos aspectos pela historiografia, destacamos aqui alguns artigos: HERNANDES, Paulo R. **Os Exercícios Espirituais e o Teatro: Educação História e Cultura no Brasil Colônia**. São Paulo: Arké, 2007. HERNANDES, Paulo R. Os Exercícios Espirituais a Companhia de Jesus e a Educação. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 30, p. 292-312, 2008. FARIA, Marcos Roberto de. Ética e educação jesuítica no século XVI: formar soldados para cristo. **Revista Filosofia Capital**, Brasília, vol. 5, n. 11, p. 62-76, jul/2010.

¹⁶¹ Castelnau (2006), ao tratar sobre o tema das longas marchas desenvolvidas quando em missão considera-as como leitmotiv da causa jesuítica. Acreditamos que o termo também possa ser utilizado quando pensamos os noviços ainda em formação.

¹⁶² Sobre a importância da peregrinação para os jesuítas ver: FEBRE, P. A. 'Ils iront en pèlerinage'...L' 'expérience' du pèlerinage selon l' 'Examen général' des Constitutions de la Compagnie de Jésus et selon les pratiques contemporaines. In: P, BOUTRY, P. A. FABRE; D. JULIA (eds.) **Rendre ses vœux: les identités es dans l'**

experiências, destacando a possibilidade de que se cumprissem: “*o los dos meses en hospitales o en alguno dellos, o los dos peregrinando, según que a su Superior pareciere mejor*”¹⁶³ (LOYOLA, 1558, p. 8). Aqui, cabe que aventemos algumas hipóteses acerca da trajetória do noviço Montenegro.

Acreditamos que os Superiores jesuítas tomassem as decisões relativas a estas experiências considerando tanto a vida anterior do candidato, como as necessidades imediatas que pudessem se apresentar em sua província. Montenegro, como sabemos, tinha adquirido larga experiência como enfermeiro no Hospital de Madri, portanto, conhecia bem o funcionamento de um hospital e as asperezas de seu cotidiano, o que aponta para duas possibilidades. Em primeiro lugar, por ter domínio do trabalho em um hospital, ele pode ter sido dispensado de tal experiência, cumprindo um período maior de peregrinação, de modo a expor-se de maneira mais direta às dificuldades que eram inerentes a elas.

Do mesmo modo, se considerarmos as dificuldades existentes na área da saúde na América colonial, e se levarmos em conta a experiência de Montenegro, podemos aventar que ele tenha sido dispensado da peregrinação, cumprindo os dois meses diretamente no hospital. Nesse caso, a Companhia estaria utilizando esse período de provação de maneira pragmática, no sentido de aproveitar os conhecimentos do candidato em favor das necessidades que se impunham. Mais importante do que a experiência seria a de ampliação da atenção dada aos doentes por um profissional. Estas possibilidades parecem fazer sentido, contudo não encontramos qualquer documento que pudesse confirmar qual a decisão tomada pelos Superiores de Montenegro.

As demais experiências também buscam testar e incrementar a humildade dos noviços. A quarta delas pressupõe a prática de ofícios baixos e humildes na casa da ordem em que estiverem vivendo. A quinta e a sexta experiências levam em conta a pregação da doutrina cristã para crianças ou pessoas humildes. As Constituições alertam que durante o período em que estiverem cumprindo estas experiências, os jovens jamais deviam informar que eram

Europe moderne (XV- XVIII siècle), Paris: Editions EHESS, p. 159- 188, 2000. PIRES, Fabiana P. **Eles irão em peregrinação**: a “experiência” de peregrinação segundo o “Exame geral” das Constituições da Companhia de Jesus e as práticas contemporâneas. Resenha. **História Unisinos** 14 (1): p. 100- 105, Janeiro/ Abril, 2010.

¹⁶³ Como se pode perceber, mesmo as Constituições permitiam, através de certas ressalvas, que a formação dos padres e irmãos sofresse determinadas alterações, quando fosse necessário ou conveniente à própria ordem. Do mesmo modo deveria ser a atuação individual de cada um dos membros que deveria adaptar-se as situações a que fosse exposto: “A adaptabilidade é assim uma outra resposta à dispersão dos membros jesuítas através do mundo. Confrontados a novas situações, a dados desconhecidos do centro romano, isolados de seus superiores, os jesuítas dispersos devem poder agir segundo seu discernimento, sem prescrições. A adaptabilidade não é imposta pela prática a uma regra que teria sido concebida de forma muito rígida e que se revelaria impossível de aplicar; ao contrário, ela está prevista nas Constituições como sendo a contrapartida necessária a toda regra. Cada regra remete o jesuíta à sua capacidade de discernimento e à sua liberdade de agir e está assim enunciada: “pode ser assim, salvo se for outra a situação.” (CASTELNAU, 2006, p. 69)

membros da ordem, pois, especialmente no contexto colonial em que a Companhia ocupava grande espaço junto a sociedade, os jovens poderiam ser ajudados a contornar as dificuldades de suas provações, tornando as experiências menos edificantes.

Os dois anos de noviciado serviam também para que o candidato se familiarizasse com tudo que dizia respeito às ordens e regras vigentes entre os jesuítas. Assim teriam como deveres: “*conocer más profundamente los documentos, tanto antiguos como modernos, que describen el fin, espíritu e índole de la Compañía*” (LOYOLA, 1558, p. 2). A leitura de livros pios e textos adequados para o conhecimento da Companhia de Jesus e da vida do próprio Cristo fariam parte do aprendizado do noviço. Além disso, eles também deveriam conhecer o texto das Constituições, porém: “*No será menester que los novicios vean todas las Constituciones, sino un extracto dellas, donde se vea lo que ellos han de observar, si ya no pareciese al Superior que todas se debiesen mostrar a alguno, por particulares causas*” (LOYOLA, 1558, p. 4). O desenvolvimento de um conhecimento não necessariamente uniforme entre os membros, desde o seu noviciado, deixa ver também que, desde esse momento eles estavam sendo direcionados para tarefas e escalas hierárquicas diferentes dentro da Companhia de Jesus.

Tanto é perceptível essa política interna da Companhia que, entre os questionamentos que deveriam ser feitos aos membros estavam os seguintes: “*Si ha aprendido alguno officio mecánico. Si sabe leer y escribir, y si sabe pruébese cómo escribe y lee, si ya no se supiese*” (LOYOLA, 1558, p. 6). Novamente, destacamos que as possibilidades eram variadas. Assim como o conhecimento específico poderia ser valorizado e utilizado em prol da ordem, ele poderia ser relegado, considerando-se tanto os interesses de seus Superiores, como também as intenções que o futuro jesuíta tinha para a continuidade de sua vida religiosa.

Tais questões mostram que, apesar de todo um ordenamento hierárquico na estrutura da Companhia, os questionamentos direcionados aos futuros jesuítas levavam em conta as experiências anteriores, assim como os gostos pessoais do candidato, como se percebe nesta recomendação: “*Qué modo o inclinación ha tenido en su primera edad y después hasta agora cerca las cosas saludables a su conciencia*” (LOYOLA, 1558, p. 6). Ainda que as Constituições dêem destaque ao que concerne à religião, é provável que não fossem desconsiderados fatores anteriores à vida eclesiástica do noviço e que pudessem contribuir em sua posterior atuação. Se considerarmos que Montenegro destaca em sua *Materia Medica* ter tido o conhecimento das plantas como seu grande interesse desde a primeira infância, parece claro supormos que isso tenha sido levado em conta quando de sua entrada na Companhia.

Porém, assim como os questionamentos permitiam que os candidatos demonstrassem quais seus interesses, eles também serviam para observar quais os candidatos possuíam alguma limitação em seus históricos pessoais que os impediam de tornarem-se efetivamente jesuítas. A primeira restrição tinha relação com a religião, pois se o candidato tivesse cometido crimes contra a Igreja ou contra a fé isso o tornaria inapto para a vida eclesiástica¹⁶⁴. O segundo condicionante são os casos de homicídio, ainda que não se proibisse o ingresso do sujeito na ordem¹⁶⁵. O quarto caso é de matrimônio legitimamente contraído ou servidão legítima. O quinto está relacionado com enfermidades que poderiam prejudicar o juízo ou vir a afetá-lo: “*Estos casos dichos son impedimentos con ninguno de los cuales se puede recibir nadie en la Compañía*” (LOYOLA, 1558, p. 5).

Há ainda, um terceiro aspecto a ser considerado, que se refere a homens que anteriormente tivessem: “*tomado hábito de Religión alguna de Frailes o de Clérigos viviendo algún tiempo con ellos en obediencia, hecha profesión o no, o sido Hermitaño con vestidos monacales*” (LOYOLA, 1558, p. 5). Analisamos separadamente esta preposição, pois ela dá conta de uma questão fundamental para a ordem dos jesuítas, que é o equilíbrio nas atitudes. Por aceitarem muitos homens já maduros como noviços era importante que o candidato tivesse constância em suas ações. O fato de ter feito parte de outra ordem parecia depor contra o candidato, pois demonstrava justamente uma falta de compromisso com sua vocação¹⁶⁶.

Passado o período de sua formação, chegava o tempo de o noviço tornar-se efetivamente um jesuíta. Nesse momento, eles deveriam fazer os votos que os ligariam permanentemente à Companhia de Jesus. Enquanto os sacerdotes faziam quatro votos: obediência, pobreza, castidade e obediência ao papa, os irmãos ficavam dispensados deste último¹⁶⁷. Cada uma das posições dentro da ordem tinha um voto em específico. Apresentamos, aqui, aquele destinado aos coadjutores temporais:

¹⁶⁴ Apesar disso, as próprias Constituições deixavam um alerta para tal fato: “*Aunque en las cosas siguientes sean impedimentos que excluyen de la Compañía, no es bien proponerlos como tales, hasta que se saque a luz la verdad, porque quien tuviese deseo de entrar, podría encubrir la verdad, entendiendo que sean impedimentos etc.*” (LOYOLA, 1558, p. 4, 5). Além disso, sabe-se que muitos foram os judeus convertidos que entraram para a Ordem, às vezes como uma forma de defesa contra a Inquisição. Sobre o tema ver: HERSON, Bella. **Cristãos- Novos e seus descendentes na medicina brasileira (1500/ 1850)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

¹⁶⁵ Nestes casos, porém, além de comprovado arrependimento, as Constituições recomendavam que o sujeito não atuasse próximo ao local em que aconteceu o crime.

¹⁶⁶ Ao menos é esta a advertência feita pelas Constituições: “*Así mismo no se resciben con el tercero, pareciéndonos en el Señor nuestro que cada buen cristiano debe estar firme en la su primera vocación, mayormente quando aquella es tanto santa, y donde dexado todo el século, se dedica uno en todo a mayor servicio y gloria de su Criador y Señor.*” (LOYOLA, 1558, p. 5)

¹⁶⁷ O irmão faria seu voto conforme a posição que ocupasse. Os escolares que, conforme apresentamos anteriormente, recebiam uma formação mais extensa, faziam um tipo de voto, os coadjutores, responsáveis pelas tarefas mais simples e hierarquicamente inferiores aos demais, faziam outro.

[Dios todopoderoso y eterno: Yo, N.N., aunque indigno de presentarme ante ti, confiado en tu amor infinito e impulsado por el deseo de servirte, en presencia de María la Virgen, y de nuestros hermanos los Santos, te prometo con voto, pobreza, castidad y obediencia perpetuas en la Compañía de Jesús. Y prometo entrar en la misma Compañía para vivir en ella perpetuamente, entendiendo todo esto según las Constituciones de la Compañía. Te pido con humildad, por la sangre de Jesucristo, que te dignes acoger con agrado este sacrificio; y como me has ayudado a deseárla y ofrecértela, ayúdame a cumplirlo con la abundancia de tu gracia. Roma (o en otra ciudad), en la capilla ..., el día ...] (LOYOLA, 1558, p. 55).

A cerimônia de leitura pública dos votos encerrava o período de noviciado e dava início à vida do novo jesuíta. Neste ato público conduzido pelo Padre Geral ou pelo Superior da Casa, aquele que estava sendo admitido ao sacerdócio, após confessar-se, fazia a leitura dos votos com o Santíssimo Sacramento voltado para si. Ao final do cerimonial, o novo jesuíta deveria assinar o livro que a casa teria para esse fim, destacando data, assim como o professo com quem realizou o ato.

Com o fim do processo de formação, o irmão coadjutor passava a integrar-se ao cotidiano da casa, colégio ou missão para onde fosse enviado. Porém, apesar de suas tarefas formais estarem diretamente ligadas a atividades práticas, isso não significava dizer que suas obrigações espirituais diminuíssem. Os exames de consciência deveriam ser feitos repetidamente, de modo a manter-se vigilante e constante na fé em Deus e no comportamento esperado dentro da ordem. As Constituições recomendavam a seguinte observância para tais exames: *“Usen el examinar cada día sus conciencias, y cada ocho días a lo menos confesarse y comunicarse, si por alguna razón otro no ordenase el Superior”* (LOYOLA, 1558, p. 28). Especificamente sobre as confissões determinavam que tivessem sempre um confessor fixo em quem sentissem confiança para contar todas as aflições que lhes pudessem perturbar.

Um manual dos Irmãos Coadjutores¹⁶⁸, composto pela própria ordem, também dá detalhes sobre a importância cotidiana dos exames de consciência. O primeiro deles, chamado de exame particular, deveria ser realizado todos os dias, preferencialmente, ao levantar-se, após o jantar e após a ceia. Recomendado, especialmente, para vencer defeitos como as paixões dominantes – a soberba, ira, inveja, preguiça, sensualidade, gula, avareza e outros –, esse exame apregoava a prática contínua do arrependimento, assim como a comparação entre os exames anteriores, verificando se havia alguma melhora na conduta. Em caso negativo, o manual recomendava a repetição do mesmo: *“Se tiveres alguma paixão que te domine traz*

¹⁶⁸ CABRAL, João S.J. **Manual dos Irmãos Cadjutores da Companhia de Jesus**. [S.l.]. OYA Tipografia Particular, 1931.

sobre ela o exame particular até a vences; e, se reviver, volta a trazer sobre ela o exame” (CABRAL, 1931, p. 268).

O retiro mensal também servia como forma de autoexame das ações tomadas cotidianamente. A reflexão deveria ser guiada, justamente, através dos votos que foram realizados para a entrada na ordem. Em primeiro lugar, pensando sobre a pobreza, depois sobre a castidade e, posteriormente, sobre a obediência. Além disso, o coadjutor deveria estar atento para as suas ações do dia a dia: “Examina enfim, as acções ordinárias de comer, dormir, varrer, servir a mesa, etc., se as fazes materialmente e por costume, ou se as acompanhas com espírito interior, unindo-as devotamente às acções de Jesus e Maria” (CABRAL, 1931, p. 281). O exercício prático dos três votos, como se percebe deveria ser cotidiano. É para eles que agora nos voltamos.

A pobreza deveria ser exercitada não apenas pelos seus membros, mas a própria ordem deveria passar tal imagem. Desde a fundação, esse foi um dos esteios sobre os quais a Companhia procurou se estabelecer¹⁶⁹. Nas Constituições, ela é definida como “*valuarte de las Religiones,*” que por sua importância para a vida religiosa, sofria constantes abordagens do demônio através da avareza que os membros da ordem deveriam combater: “*no admitiendo renta o possessiones algunas o salarios por predicar o leer o por Missas o administración de Sa,cramentos o cosas espirituales, [...], ni convirtiendo en su utilidad la renta de los Colegios*” (LOYOLA, 1558, p. 84).

Porém, a busca pela sustentação dos seus membros fica evidenciada nestas mesmas Cartas Anuais, que trazem informações sobre as formas encontradas para garanti-la. Na Carta de 1611, o então Provincial Diego de Torres, relata que conseguiu, não sem resistência de seus Superiores, que fosse estabelecida uma estância na área, a fim de gerar rendas para a Companhia: “*tuve mucha dificultad en persuadir al padre rector pusiese una estancia de ganado para lo cual yo pedí limosna y dieron cuatrocientas vacas y unas mil ovejas con que se fundó cerca de la ciudad y en muy buenas tierras*” (C.A. 1609. In: PAGE, 2004, p. 13). Com o correr dos anos, a ordem acabou por acumular uma grande quantidade de bens, o que acabou sendo utilizado como um dos pretextos para a sua expulsão dos domínios hispânicos em 1767.¹⁷⁰

¹⁶⁹ Quando da fundação da Companhia de Jesus, Loyola imaginou uma ordem: “que não teria outro lugar que não o mundo, uma Companhia essencialmente itinerante, que nada possuiria de próprio.” (CASTELNAU, 2006, p. 52)

¹⁷⁰ Sobre a questão do enriquecimento da Companhia de Jesus e sua posterior expulsão: HERNÁNDEZ, Pablo, S. J. **El extrañamiento de los jesuitas del Río de la Plata, y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III.** Madrid, 1908; JUNCOS, Nancy Elizabeth. La junta de temporalidades de Córdoba: Fernando Fabro y el Colegio Máximo. **Investigación.** n.4, p. 2128, 2004; LEONETTI, Juan Eduardo. La expulsión de

Apesar do inegável enriquecimento da Companhia, seus membros tinham a obrigação de manter uma postura que remetesse à pobreza, questão que ia dos bens materiais¹⁷¹ à consciência¹⁷². Além disso, o cultivo da humildade também era uma forma de mostrar-se pobre, como o menor dos servos de Cristo. Com relação aos irmãos, isso já estava diretamente ligado às suas tarefas. Apesar de poderem ascender na hierarquia da ordem, essa jamais deveria ser uma ambição: *“aunque pueden ocuparse em cosas mayores según el talento que Dios nuestro Señor les diere, es más próprio exercitarse em todos los servicios baxos y humildes que se les mandaren”* (LOYOLA, 1558, p. 13).

Nas obras escritas por jesuítas, pode-se perceber esse posicionamento humilde. Montenegro não foge desse padrão, sendo que, já na dedicatória, ele exalta tal sentimento: *“humilde pongo á vuestras Sacratissimas plantas la proteccion de este mi pobre y corto trabajo, suplicando á vuestra Divina Magestad tome á su cargo el dirigir y gobernar mis yerros”* (MONTENEGRO, 1710, [1945], p. 1). Ademais da humildade cotidiana, nascida nas ações rotineiras da casa, a retórica jesuítica procurava apresentar os feitos de seus membros em relação direta com o sagrado. Assim, a Deus, a Virgem Maria e aos Santos é que deviam ser creditados os sucessos de seus trabalhos.¹⁷³ Ao mesmo tempo, os entes sagrados garantiam aos membros da ordem a proteção para o desempenho adequado de suas funções.

O sentimento da humildade, porém, só se completaria através do exercício de outro, muito caro à Companhia e já explorado neste trabalho: a caridade. Um parece impulsionar o outro: *“A caridade é rainha, a humildade fundamento. Se a santidade é árvore, a caridade é flôr, a humildade raiz”* (CABRAL, 1931, p. 295). E a casa, ambiente de convívio dos membros, era o lugar indicado para o exercício da caridade, pois se o colégio era o espaço próprio para as letras e o conhecimento, a casa: *“para exercitallas los que las han aprendido, o preparar el fundamento dellas de humildad y virtud los que las han de aprender”* (LOYOLA, 1558, p. 31). Além disso, o trato dos doentes parece ter sido, desde o início da ordem, uma das formas de conformar o espírito dos membros ao sentimento caritativo:

los jesuitas y la política fiscal en la América Hispánica. **Jornadas internacionales sobre las misiones jesuíticas**: “interacciones y sentidos de la conversión, n. 12, 2008, Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/141141.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2013.

¹⁷¹ As Constituições referem que: *“De otras cosas muebles, como dineros o libros o que toquen al comer o vestir, puede tener en común la Compañía propiedad para el uso suyo.”* (LOYOLA, 1558, p. 58). Isso reforça a questão de que os bens eram da Companhia, enquanto instituição, e jamais deveriam ser pessoais.

¹⁷² Sobre isso, os supracitados exames de consciência referem qual deveria ser o sentimento indicado com relação à pobreza: *“Se te alegras quando experimentas algum efeito da santa pobreza, tendo para teu uso coisas inferiores, ou padecendo falta do que desejas, ou ainda do necessário, e se te consolas com a lembrança de que és pobre, não só de nome, mas também de facto.”* (CABRAL, 1931, p. 279)

¹⁷³ O Manual dos Irmãos reforça o protagonismo de Deus em todas as ações: *“Humildade é estimar-se cada um quanto vale, e não mais, atribuindo tudo a Deus de quem tudo recebeu”* (CABRAL, 1931, p. 295)

En las obras de misericordia corporales también se emplearán, quanto permittieren las spirituales que más importan, y quanto sus fuerzas bastaren, como en ayudar los enfermos, specialmente en hospitales, visitándolos y dando algunos que los sirvan, y en pacificar los discordes; así mesmo en hacer por los pobres y prisioneros de las cárceles lo que pudieren por sí, y procurando otros lo hagan [G], midiendo quanto conviene de todo esto con la discreción del Preósito, que tendrá siempre ante los ojos el mayor servicio divino y bien universal (LOYOLA, 1558, p. 61).

A questão da castidade, também aparece nas fontes, ainda que de maneira mais discreta. A vigilância sobre os corpos deveria ser exercida tanto pelos superiores, como através do autocontrole. A entrada de mulheres nos ambientes da Companhia era terminantemente proibida, e os responsáveis pelas casas e colégios deveriam reunir pessoas de sua confiança que fiscalizassem os mais jovens, que apresentariam maior tendência para infringir as regras¹⁷⁴. Tais eram as preocupações com relação ao comportamento dos jovens que, em habitações compartilhadas, o acesso aos fiscais deveria ser irrestrito de modo a evitar problemas:

Comúnmente no es bien que conversen unos Novicios con otros; antes que entre sí guarden silencio, en fuera de las cosas donde es necesario hablar, tratando más con personas maduras y discretas que serán por el Superior señaladas a cada uno. Y así mesmo si dos tienen sus lechos en una mesma cámara, sea el uno dellos tal con quien no se dude que haya el otro de mejorarse, y por la mesma causa entre las cámaras de los más mancebos que están solos, es bien que estén algunos de los más antiguos. Ordinariamente sin licencia del Superior no entre uno en la cámara de otro, y si la tiene para entrar, esté la puerta siempre abierta entretanto que con el otro en ella stuviere, porque pueda entrar el Superior y los Officiales destinados para ello cada vez que fuere conveniente (LOYOLA, 1558, p. 27).

Por fim, destacamos a questão da obediência. Os membros da Companhia deveriam ter sempre presente que faziam parte de uma ordem hierarquicamente constituída e que, para permanecerem vinculados a ela, deveriam aceitar suas regras. Os jesuítas tinham suas correspondências lidas, deveriam transmitir seus pensamentos aos Superiores através das confissões gerais e estavam proibidos de sair da casa sem que tivessem autorização para isto. Como parte de um corpo que funcionava corretamente¹⁷⁵, deviam manter seus superiores

¹⁷⁴ Nas Constituições ficam determinados os cargos que auxiliariam na fiscalização dos membros: “*Los Officiales de que tiene necesidad el Rector, parece sea en primer lugar un Buen Ministro, que sea Vicerector o Maestro de Casa, para proveer en todas las cosas que al bien universal convienen; con un Síndico para lo exterior, y un otro que en las cosas spirituales superintendiese; y dos o más personas de cuya discreción y bondad mucho se confiase [G], para poder conferir con ellos en las cosas en que hallase dificultad, y le pareciese ser justo comunicarlas con los tales a mayor gloria divina; y estos sin los otros que para officios más particulares son necesarios.*” (LOYOLA, 1558, p. 44)

¹⁷⁵ A associação que podemos fazer é a do funcionamento de um corpo, como também apresentamos no primeiro capítulo, quando expusemos a relação entre o rei e seus vassallos. Aqui, a cabeça seria o Padre Geral, como segue: “*De parte del Preósito General lo que ayudará para esta unión de los ánimos son las qualidades de*

sempre cientes do andamento de suas tarefas. Assim, os membros de casas ou colégios deveriam manter informados os Reitores e, estes, os Provinciais, que deveriam remeter as informações ao Padre Geral: “*Porque así guardada la subordenación mantendrá la unión que muy principalmente en ella consiste, mediante la gracia de Dios nuestro Señor*” (LOYOLA, 1558, p. 69).¹⁷⁶

Pode-se perceber, através da análise das Constituições da Companhia, que a estrutura de funcionamento e a escolha dos candidatos, entre outros fatores, passavam por questões muito semelhantes àquelas relativas ao Hospital de Madri. Por isso, e como já destacamos anteriormente, acreditamos que o ingresso na Companhia de Jesus não tenha representado uma grande alteração na vida de Pedro Montenegro, que já havia vivido o cotidiano do hospital em Madri, que também se caracterizava por regras bastante claras e rígidas. Na sequência do trabalho, procuramos reconstituir a trajetória do enfermeiro Montenegro após a entrada na Companhia, sua atuação no colégio de Córdoba e sua destinação às missões, onde viria a falecer, trabalhando, tanto na conversão, quanto na observação e experimentação das plantas nativas que viriam a compor seu livro de botica.

3.3 A TRAJETÓRIA MISSIONEIRA

Como já dissemos no primeiro capítulo, não sabemos ao certo qual foi a formação que Montenegro teve na Europa. Devido à falta de dados, arrolamos todas as possibilidades que se apresentavam ao jovem Pedro na Espanha das últimas décadas do século XVII. Porém, algumas informações fornecidas por sua *Materia Medica*, nos permitem fazer algumas inferências sobre sua turva trajetória. Além de ter destacado, já no início da obra que desde muito jovem tinha grande interesse no conhecimento das plantas, ao longo da obra apresenta situações que demonstram que, ainda na Europa, esteve envolvido com o trabalho de boticário.

su persona [G], de que se dirá en la nona Parte principal, con las cuales él hará su officio, que es de ser cabeza para con todos los miembros de la Compañía, de quien a todos ellos descienda el influxo que se requiere para el fin que ella pretiende. Y así que salga del General como de cabeza, toda la auctoridad de los Provinciales, y de los Provinciales la de los locales, y destes locales la de los particulares. Y así de la mesma cabeza salgan las misiones o a lo menos con su comisión y aprobación. Y lo mesmo se entienda del comunicar de las gracias de la Compañía. porque más dependiendo los inferiores de los Superiores, se conservará mejor el amor y obediencia y unión entre ellos.” (LOYOLA, 1558, p. 69)

¹⁷⁶ Dessa forma: “Foi traçado assim, nas Constituições, um conjunto de operações de comunicação que compunha um sistema de informações. Neste sistema se estabeleciam responsabilidades para a geração das informações e destinatários destas. Foram fixados prazos, determinada a produção de cópias, definida a circulação destas, consideradas as línguas e apontados os temas a serem tratados nas cartas. Coerente com o entendimento hierárquico de Loyola, a comunicação deveria existir de forma vertical para o governo e horizontal para a união dos ânimos.” (LONDOÑO, 2002, p. 14)

Ao mencionar o uso das *escobiosas*, Montenegro ([1710], 1945, p. 322) refere que havia várias espécies e que, nas missões, ele teria encontrado a referida por Dioscórides e Laguna. No entanto, esta seria uma espécie diversa e inferior a europeia, a qual conhecia através da obra de Mathiolo: “*en Madrid he visto vender esta mesma en los arbolarios de la plazuela de los herradores, y yo mismo lo he comprado*”.

Outra passagem que aponta para sua formação é aquela em que menciona o pouco conhecimento que as pessoas tinham das plantas, o que levava a muitos problemas decorrentes de medicamentos estragados ou utilizados de maneira incorreta.¹⁷⁷ Ao apresentar o *Pinó Mirí*, Montenegro ([1710], 1945, p. 377), destaca que muitos o utilizavam como uma outra espécie de Anacardo: “*usan algunos Boticarios, por no alcanzar el verdadero anacardo; no sin grave daño nuestro*”, ainda, que teve que tratar de um colegial de Alcalá de Henares, devido ao mau uso da planta. O rapaz a teria ingerido, o que o fez ficar surdo, porém, pôde continuar seus estudos, tanto que, anos mais tarde, foi transferido para Madri, vindo a atuar como predicador do Rei. Porém, aos 44 anos: “*se volvió loco de atar, sin poder dormir de noche ni de dia, y asi, viendo cuales efectos causó en dicho Predicador, procuré saber, que maldita semilla fuese el Anacardo*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 377).

Com estas questões postas, acreditamos que podemos deduzir e propor que Pedro Montenegro teve alguma formação ou experiência como boticário na Espanha, antes, portanto, de desempenhar esta função na América. Considerando esta proposição, podemos preencher um pouco mais as lacunas existentes sobre sua trajetória. Como era necessário um período mínimo de quatro anos de experiência antes da realização do exame para boticário e que a idade mínima exigida prestá-lo era de 21 anos, Montenegro, com certeza, não teria feito seu exame antes de 1884, ou seja, sua vinda para a América não teria se realizado antes da segunda metade da década de 80 do século XVII, sendo que, como já foi dito, considerando seus próprios dados, a chegada se deu próximo a 1689, diferentemente dos dados apontados pela historiografia clássica.¹⁷⁸

¹⁷⁷ No entanto, devemos ter presente que se trata de um sujeito com algum conhecimento específico, escrevendo em inícios do século XVIII, período em que cada vez mais se acentuava a necessidade de técnicas apropriadas para quaisquer atividades. Porém, está claro que os saberes populares sobre as plantas medicinais se faziam presentes na sociedade colonial, como destaca Ribeiro (1997, p. 32-33): “*Ervas, raízes e outras plantas produzidas nos quintais das casas, cujo preparo e conhecimentos eram passados de mãe para filhas, certamente, foi uma dentre as várias soluções encontradas para contornar o problema dos medicamentos manipulados nas casas especializadas. Como bem notou Mary del Priore, os quintais constituíam-se num espaço privilegiado para a transmissão de conhecimentos e saberes acerca das relações entre o corpo e os mistérios da natureza.*”

¹⁷⁸ Há discordância entre alguns autores quanto ao ano da chegada de Montenegro à América. Rodriguez (1966), cita o ano de 1679 para a chegada de Montenegro ao continente americano. A maioria dos historiadores, no entanto, utiliza as informações de Furlong (1947), elaboradas a partir da análise da *Materia Medica Misionera*,

Ao descrever as qualidades da *galanga*, Montenegro ([1710], 1945, p. 300) ressaltou ter encontrado em várias boticas da Europa, raízes de *cípero* ou *juncia*, que eram vendidas como se fossem a primeira. Ele toma de empréstimo uma constatação de Laguna, a qual advertia que: “*venden los falsarios herbolarios á los pobres ignorantes boticarios, raices de cipero puestas en adobo de vinagre fuerte con pimienta por galanga verdadera*”. Pelas fortes dúvidas que o irmão jesuíta possuía sobre a procedência da planta, garantia que “*jamás me atrevi á usar de la que por acá he hallado trahida de España á la botica de Cordoba*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 300). Além de atestar a importação e a circulação de medicamentos na região platina,¹⁷⁹ o trecho revela que Montenegro atuou junto à botica do colégio.¹⁸⁰

Ainda que a botica de Córdoba fosse uma das principais na América meridional, acreditamos que dificilmente ela contaria com mais de um membro da ordem atuando, exclusivamente junto àquele espaço. No relato sobre uma epidemia ocorrida no ano de 1653, o padre relator destaca os esforços do Colégio de Córdoba para atender a todos os doentes, assim: “*un boticario de los nuestros apenas encontraba un tiempo breve de descanso*” (C.A. 1653. In: PAGE, 2004, p. 180). Outro irmão que foi responsável pela mesma botica, também destacou as dificuldades que encontrou: “*El boticario tiene aquí que desempeñar el oficio de médico. [...] a veces en medio de tempestades, otras con calor sofocante*” (PESCHKE, apud FURLONG, 1947, p. 94). A fluidez entre os diferentes ofícios ligados às artes de curar, já ressaltada nesta dissertação, fica evidenciada nas fontes analisadas. Assim, acreditamos que durante algum tempo Pedro Montenegro tenha sido o responsável pela botica do colégio, o que teria lhe proporcionado acesso, tanto aos medicamentos provenientes da Europa, constantemente adquiridos pelos procuradores, como às plantas que pôde localizar e testar através de experiência nas proximidades do colégio.

E, assim como os outros profissionais de sua época, o irmão jesuíta parece ter se responsabilizado por diversos ofícios, muitas vezes, pela falta de pessoas com algum preparo para exercer funções ligadas às artes de curar. Em sua *Materia Medica* encontramos uma passagem, em que relata um acidente com um índio no colégio de Córdoba: “*le paso por medio del pecho una rueda de la carreta que venia picando, y le hizo pedazos cuantos huesos*

¹⁷⁹ Dedicaremos o próximo subcapítulo para as questões relativas à circulação de saberes e de produtos no período.

¹⁸⁰ A bibliografia não confirma tal dado, porém algumas obras ilustram aspectos interessantes sobre o cotidiano da botica: PAGE, Carlos, FLACHS, María Cristina Vera de. *Textos Clásicos de Medicina en la Botica Jesuítica del Paraguay. Cuadernos del Instituto Antonio de Nebrija*. Madrid, n. 13, p. 117-135, 2010. Ver artigo em co-autoria com a Prof^a Eliane Fleck, intitulado “Os colégios e boticas da Companhia de Jesus como centros de formação intelectual e de difusão da cultura científica na América meridional setecentista” [ainda no prelo], no qual apresentamos uma análise do inventário da botica do Colégio de Córdoba.

tiene el pecho por traer mas de ciento sesenta arrobas de peso el eje” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 123). A responsabilidade de um boticário seria, exclusivamente a de preparar o medicamento usualmente empregado nestas situações, Montenegro ([1710], 1945, p. 123) não só responsabilizou-se pelo preparo de certo cozimento à base de *Solimán de la tierra*, como também pela sua aplicação, com o que: “*desengrumé la sangre, soldaron los huesos, y quedó dentro de un mes sano y bueno*”.

Vale ressaltar que o atendimento que os jesuítas prestavam aos doentes foi um dos fatores responsáveis pela mortalidade de missionários na América. Apesar de possuírem os anticorpos para doenças como sarampo e varíola, responsáveis por dizimar um número incalculável de nativos¹⁸¹, o contato constante com os doentes fazia com que, muitas vezes, padres e irmãos acabassem sendo contagiados. A Carta Ânua de 1635-37 destacou tal fato: “*Con la continua comunicaci3n que los nuestros tenían com los enfermos y apestados, se les pego el contagio y peste, de suerte que a pocos lances la trajeron a casa*” (C. A. 1635-37. In: PAGE, 2004, p. 103).

Os relatos que dão conta de jesuítas que morreram em função do atendimento a indígenas doentes são inúmeros. Destacaremos apenas alguns, dentre os casos citados na Carta de 1714-20, como o do irmão Antônio Martínez, que faleceu após ter sido enviado para a Estância de Santa Catarina, para tratar a índios e mestiços infectados. A mesma epidemia vitimou o padre Antonio Torquemada, que era reitor de Colégio de Córdoba. Porém, alguns dos infectados conseguiam se recuperar, caso de Lorenzo Rilo que durante uma epidemia “*casi sucumbió al trabajo*” (C.A. 1720-30, [1928], p. 13), e que, posteriormente, chegou a ser Provincial. O trabalho junto ao colégio e aos doentes não poupou Montenegro ([1710], 1945, p. 21), como ele mesmo destaca: “*qué de asistir á tísicos á visitarlos la contrajimos en el Colegio de Cordova*”. O irmão jesuíta empenhou-se em buscar uma forma de curar-se, o que conseguiu através do estudo de algumas obras e do emprego de uma planta chamada *Guaicurú*. Todas estas informações parecem evidenciar que Montenegro permaneceu em Córdoba para além do período de seu noviciado.

Após isso, parece ter sido enviado para o Colégio de Tucumán. É o próprio Montenegro ([1710], 1945, p. 329) quem nos fornece tal dado, quando relata as qualidades da *yerba de la vivora de Tarija*. Ele destaca que havia obtido informações sobre a mesma e suas

¹⁸¹ Diversos pesquisadores trabalharam as doenças que acometeram os indígenas guaranis nos séculos XVII e XVIII. Destacamos aqui: FLECK, Eliane Cristina Deckmann. La muerte es buena maestra: os corpos doentes e a salvação das almas (Província Jesuítica do Paraguai, séculos XVII-XVIII). In: COLVERO, Ronaldo B. MAURER, Rodrigo F.. (Org.). **Missões em Mosaico**. Da interpretação à prática: um conjunto de experiências. 1.ed. Porto Alegre, RS: Editora Faith Ltda, v. 01, p. 41-52; 2011. NOELLI, F. S. SOARES, A. L. R. **Para uma história das epidemias entre os Guarani. Diálogos (Maringá)**, v. 1, p. 165-178, 1997.

qualidades “*estando en el Colegio de Cordoba, y pasando al de Tucumán, quiso mi fortuna, y la de otros muchos, que con ella he curado, el que la viese con todas sus partes, menos la flor*”. A planta, no entanto, não parecia ser nativa da região de Tucumán, já que o jesuíta destaca tê-la recebido do então reitor do Colégio, padre Diego Ruiz, “*quien partió conmigo la tercia parte del ház que traia, y hallé ser amarga sin acervidad alguna, ántes si, un amargor grato al estomago, y muy confortativo al corazon y cerebro*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 329).

Em sua *Materia Medica*, Montenegro ainda refere outras informações sobre a região de Tucumán. Em especial, são destacadas nomenclaturas de plantas que seriam típicas da região, como, por exemplo, ao referir-se a *Correguela*, que seria a mesma “*Purga criolla, que llaman por toda la gobernacion de Santiago y Tucuman*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 55). Em outro momento, são destacadas as quatro espécies diversas de *Guayacán* que eram encontradas na América: “*he hallado [...]dos en Tucumán, y otras dos en estas Misiones*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 21) e apresenta suas apreciações acerca das qualidades das mesmas, destacando a mais adequada para o uso: “*pero solo en medicina se ha de tomar el negro de corazon, que es esa estampa segunda, que cierto es Guayacán, seguro, como he sabido en Tucumán sanaron varios que lo tomaron: y lo mismo en Santiago del Estero el llamado Tarco*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 21).

Após esse período em Tucumán, cuja duração não podemos precisar, Pedro Montenegro, finalmente, foi enviado para atuar nas missões. Em outro trecho de sua descrição sobre a *yerba de la vivora de Tarija*, ele informa o ano em que isto ocorreu, assim como o *pueblo* para onde foi enviado:

Pasando el año le 1702 por enfermero á estas Doctrinas por orden de mis Superiores; viendo la plaga de Sabandijas venenosas, que la tierra produce, á causa del mucho calor y humedad: dije al P. Tomas Moreno, que venia en mi compañía enfermo, y acababa de venir á la Congregacion de aquel Colegio de Tarija, y la conocia muy bien: si tubieramos aqui la yerba de Tarija presto curaramos á un pobre Indio, que le acaba le morder una vivora tal, que luego que le picó ó mordió le faltó todo el sentido, y movimiento, y aunque este entonces lo remedie con ajos, y triaca con aguardiente, traje muy á la memoria la tal yerba, y llegando con dicho P. Tomas al Pueblo de los Apostoles, pegado al camino en un bajio de tierra humeda, cerca del agua estancada de la lluvia habia cantidad de ella, y su R.^a me dijo: aqui tienes mi hijo la yerba de la vivora de Tarija, á que respondí: cierto, que en compañía de S.S.^a espero descubrir, cuando bueno tiene el Cielo, y la tierra” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 329, grifo nosso).

Sabe-se, portanto, que o jesuíta permaneceu, pelo menos, onze anos entre Córdoba e Tucumán. Provavelmente, durante esse período, ele se preparou para a sua atuação junto aos

nativos, já que nas missões não lhe bastariam os conhecimentos que possuía sobre as artes de curar, devendo estar preparado para atuar na conversão dos indígenas, o que representava a necessidade de um domínio sobre certas questões teológicas, assim como da língua que fosse falada na redução para onde fosse enviado. Montenegro parece ter adquirido ao menos um conhecimento básico sobre o guarani, pois sua obra apresenta a nomenclatura de todas as plantas descritas, também em língua nativa.

Ao considerarmos as informações apresentadas ao longo de sua obra, esses onze anos devem ter representado um longo período para alguém tão interessado em conhecer a natureza da América em sua plenitude. Ainda que ele tenha tido, tanto em Córdoba, quanto em Tucumán, acesso a diversos ambientes naturais nos quais e sobre os quais podia desenvolver seus estudos, podemos inferir que, suas obrigações cotidianas, provavelmente, ligadas às boticas desses colégios, o mantivessem mais tempo em ambientes internos, cuidando de doentes e do preparo de medicamentos, do que junto à natureza, estudando as plantas americanas.

Ao chegar à redução de *Apostoles*, ele pôde, finalmente, se deparar com a potencialidade da natureza americana. Mesmo que muitas das plantas nativas não representassem uma grande novidade para Montenegro, que ainda na Europa, pôde tomar contato com elas, a vivência na missão representava a possibilidade de seu conhecimento *in loco*. Impõe-se pensar na subjetividade envolvida nesta experiência, especialmente, para alguém que, por sua narrativa, deixava transparecer o interesse pelo conhecimento da natureza como objetivo de vida. A surpresa e a admiração pelo novo que a América representava ficam evidentes quando ele destaca a magnitude de sua natureza em comparação com a do restante do mundo: “*yo he averiguado, por esta America mas fertil, y abundante de ellas, que ninguna de las otras tres partes del mundo, y estoy en que ella sola posehe tanta variedad de plantas, que juzgo iguala á las otras tres juntas*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, *Modo de conocer* [...]).¹⁸²

Se Deus tinha um papel fundamental sobre todas as ações humanas, a narrativa constituída por Montenegro mostra, também, como o criador se fazia presente na própria constituição da natureza americana. Por isso, ressalta sempre o papel de Deus como Pai bondoso, que tinha como fim de todas as suas ações a ajuda a seus filhos e a salvação dos

¹⁸² Ainda que tenhamos destacado o papel da subjetividade na nova realidade que a América representava para Montenegro, não desconsideramos a influência que as infundáveis descrições sobre a flora e fauna americanas podem ter exercido sobre o sujeito, ainda na Europa. As descrições maravilhosas eram frequentes, como se percebe naquela que é considerada a certidão de nascimento do Brasil. Na carta de Caminha ele descreve com exuberância a natureza do lugar: “Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.” (CAMINHA, 2014 [1500], p. 14).

mesmos. A forma de uma planta, por vezes, seria uma singela lembrança de um ato sagrado, o que demonstra ao descrever a flor do maracujá que continha “*casi los misterios mas sobresalientes de la Pasion de Cristo*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 42). Na narrativa, Deus a constituíra dessa maneira, com um propósito que era ao mesmo tempo didático e catequético, afim de “*obligar á la continua memoria de los misterios de la Pasion de su Santissimo Hijo*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 42).¹⁸³

Da mesma forma, quando ressaltava a ausência de alguma planta na região das missões, e que considerasse importante por suas propriedades curativas, Montenegro procurava apresentar alguma outra planta que pudesse ser encontrada facilmente na região. A presença de um substituto tão eficaz quanto a planta inicialmente conhecida era calcada no discurso religioso. É o que faz ao destacar que “*del todo faltas estas tierras de almaciga del verdadero Lentisco*”, mas que: “*proveyó la Divina Providencia de la Almaciga verde de Plinio, que no es nada inferior la que ésta yerba destila de suyo*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 304).

Cada lugar do mundo possuía sua flora típica que fora disposta por Deus para suprir as necessidades específicas do lugar. Por isso, ao descrever o cacau, o autor justifica a ausência da dita planta na região pelo fato de já terem sido agraciados com a erva mate: “*veo que el Padre de las misericordias, y Todo poderoso Dios, que rige y gobierna á sus criaturas en el mundo, concedió á estas regiones la Yerba*” e esta teria, na região missioneira, a mesma função que “*á la nueva España el Cacaho, por conducir á sus havitantes, y á estas conducirles la yerba caá miri*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 381).

Mas, ao mesmo tempo em que a narrativa de Montenegro estava influenciada pela sua formação católica, que centralizava todas as ações terrenas na figura Deus, ela também estava inevitavelmente em consonância com alguns dos pressupostos que passavam a vigorar entre fins do XVII e inícios do XVIII. Assim, o domínio sobre a natureza também passava a ser cada vez mais destacado, sendo que, em fins daquela centúria, era ideia comum que os europeus deveriam “domesticar” a selvagem natureza daquele continente, como já destacamos anteriormente. O próprio Montenegro ([1710], 1945, p. 314) descreve, em tom de reclamação, as dificuldades que encontrava devido aos muitos nomes utilizados para designar a mesma

¹⁸³ É importante termos presente que essa concepção, assim como a analogia da flor do maracujá com a lembrança do sofrimento de Cristo era uma descrição comumente utilizada no período, sendo que autores como Frei Vicente do Salvador, Padre Simão de Vasconcelos, Pero M. de Gândavo entre outros também a utilizaram.

planta, sendo que, muitas vezes, cada grupo adotava aquele que lhe parecia melhor.¹⁸⁴ Para remediar tal situação, ele utilizou-se do nativo Clemente, seu contato de maior confiabilidade entre os nativos:

El tal Indio es cierto, es el único que hallo en todas las Doctrinas, que tenga conocimiento de yerbas, y sepa usar de ellas con prudencia y acierto, del cual me aseguré del nombre verdadero de muchas yerbas y palos, por la variedad que hallo en varios pueblos, entre los Cruzúyaras, y Indios capaces: ahora sea por que esta gente son de muy varios sitios, ó parcialidades, ó por haberselos puesto cada una de las parcialidades distintos, ó corromperlos con nombres que á ellos parecieron adecuados.

Além disso, muitas das plantas descritas como não naturais da região passavam, pouco a pouco, a ser encontradas, em função de um longo processo de aclimação de espécies que foi levado a cabo pelos europeus. Tanto é assim, que muitas das plantas que o irmão jesuíta descreve ter localizado em ambientes livres, não eram naturais da região da América Meridional. Outras que eram encontradas, mas de maneira silvestre, passaram a ser cultivadas, pelos benefícios alimentícios ou medicinais que pudessem apresentar, como é o caso do *anchiote*, que possuía dois tipos de árvores: “*entre ambos silvestres, aunque el uno de ordinario lo plantan yá por los huertos, que es el que aqui doy estampado, que el otro no lo hallo en uso para el efecto de sustento*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 197).

Mas se a América representava o novo para Montenegro, ela também despertaria o mesmo sentimento em alguns de seus potenciais leitores. Ainda que a obra tenha nomenclaturas apresentadas em língua nativa, o que representaria seu uso por indígenas alfabetizados¹⁸⁵, é fato também que muitos de seus leitores seriam espanhóis ou *criollos*, que não tinham domínio sobre questões básicas de botânica, o que explica o estilo, muitas vezes didático, apresentado pela narrativa. Um leitor sem os referenciais básicos da flora americana, mesmo vivendo no continente, precisaria ter ou recorrer a elementos comparativos, que permitiriam uma tradução e compreensão do narrado.¹⁸⁶

¹⁸⁴ A substituição dos nomes comuns à população em geral pela nomenclatura latina adotada após a classificação elaborada por Lineu é descrita por Thomas na obra: THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁸⁵ Diversos pesquisadores têm trabalhado a questão da leitura e da escrita entre indígenas nas missões, destaco aqui, alguns trabalhos recentes de Eduardo Neumann: NEUMANN, E. S. De letra de índio: cultura escrita e memória indígena nas reduções do Paraguai. **Varia História**, v. 41, p. 177-196, 2009. NEUMANN, E. S. Documentos escritos por indígenas; as duas mensagens de Hilario Yrama (1757). **CORPUS- Archivos virtuales de la alteridad americana**, v. 3, p. 1-6, 2013.

¹⁸⁶ A preocupação de explicar através de pontos de vista conhecidos por seus possíveis leitores, ou seja, traduzir, é assim descrita por Hartog: “Em seguida vem outro procedimento, a preocupação constante de agrimensar, de medir, de enumerar, de quantificar, que é justamente o modo de traduzir, de transcrever, de reduzir, de transcrever, de reduzir, em resumo: de tornar visível o thôma”. (HARTOG, 2004, p. 62)

Assim, ao apresentar as plantas que compõem sua obra, Montenegro busca, constantemente, referenciais que pudessem ser conhecidos pelos futuros leitores. Uma das alternativas utilizadas foi comparar as plantas com partes do corpo humano. Isto pode ser constatado quando informa que: “*Es pues el Mburucuyá amarillo silvestre un Isipó tan grueso como la muñeca de un hombre*”, ou a flor do anime que teve seu desenvolvimento assim descrito: “*bán creciendo y ensanchando, como dos dedos de ancho, ó dos y medio, de largo del dedo pulgar*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 48 e 235). Encontramos, também, alguns momentos em que outras plantas, que eram mais conhecidas por seu uso cotidiano, serviram como parâmetro comparativo na narrativa. Como se constata na descrição que fez da semente do *salsafraz*: “*es como un grano de trigo pequeño algo larga, y no tan grueso*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 12).

Essas estratégias narrativas, somadas ao uso de unidades de medidas, empregadas no período, como a vara¹⁸⁷, faziam com que os leitores pudessem criar uma imagem do narrado. Mas, ao mesmo tempo em que utilizava tais recursos a fim de facilitar o acesso de seus leitores ao que era descrito, Montenegro poderia estar também buscando, através da comparação, uma forma de assimilar o novo universo que ele próprio encontrara e, através de paralelos conhecidos, apreendê-lo. Por ser oriundo da Europa, o fator de comparação principal era a flora do velho continente. Plantas são apresentadas como contendo, ora as mesmas características, ora as mesmas qualidades daquelas já conhecidas, ou, então, em nada se assemelhando a elas.

Um preparo feito à base das folhas do *aguarandio* foi apresentado pelo jesuíta como tendo as mesmas qualidades de um outro, feito com *yedra*, que ele conhecia da Espanha: “*aplicadas á las llagas de las piernas, con destemplanza caliente, y flemonica, en breve las cura, y hace purgar las fuentes, asi como la yedra en España, mayormente las de aquellos cuerpos crasos, y flematicos*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 279). Imersos em um continente desconhecido, sem os recursos medicinais frequentemente utilizados na Europa, missionários, aventureiros e colonizadores tiveram nessas análises, calcadas na comparação com elementos conhecidos, uma forma para, gradativamente, encontrar plantas, raízes e minerais com propriedades terapêuticas eficazes em solo americano.

Por vezes, a planta podia ser descrita como sendo a mesma localizada em outro continente, ainda que em tudo se diferenciasssem, caso do *Orozús*: “*El Orozús de estas Misiones, y de estas Provincias del Paraguay es muy distinto en todas las señales estricicas*

¹⁸⁷ A vara portuguesa correspondia a “cinco palmos caveiros”. (SILVA PINTO, 1832, p. 136)

del de Europa”, porém, suas qualidades seriam praticamente as mesmas, já que: “*aunque muy semejante en las cualidades dulzor, y gusto, y en el olor [...]y asi digo, que el primero es muy semejante, y aún mas dulce que el de Europa, pues yo he usado muy rica azucar de su zumo, á modo de pastillas*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 171).

Algumas plantas, no entanto, só alcançariam tais qualidades através do manejo e preparo adequado de suas composições, caso, por exemplo, do *mangará*, que: “*cierto se allegan mucho al sabor de las espinacas de España, si las guisan con limpieza*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 190). O preparo de uma infusão à base de rosa mosqueta, considerada por Montenegro uma das mais poderosas e eficazes plantas, deveria ser feito com “*Sus flores cojidas despues de perdido el rocío, cortadas sus uñas amarillas con tixera, como se cortan los de la rosa castellana y Alejandrina*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 67). Ou seja, até mesmo o período do dia, ou do ano, em que fosse feita a colheita da planta ou, então o preparo do medicamento, poderia influenciar no seu sucesso.

Outras comparações pareciam servir, tanto para situar, quanto para legitimar os escritos de Montenegro ([1710], 1945, p. 283), já que muitas das plantas foram analisadas e contrapostas às descrições de autores de conhecidas farmacopeias. Ao descrever os *aguarandios*, ele ressalta que este era “*muy semejante al Asaro de Dios Corides en las virtudes.*” Já ao apresentar uma planta que os índios chamavam de *Caátsí*, ele usa das mesmas obras de referência para demonstrar o engano dos mesmos quanto à nomenclatura: “*por parecerse algo á la yerba de la almaciga de Plinio*”, completando que a dita planta, que na verdade seria uma *coniza* “*es menor de ojas, y hace sus flores como aquellas de la agrimonia, ú Eupatorio de Avicena, algo menores sus pomos, y no tan morada la flor*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 308).

A utilização de citações e comparações com autores consagrados parece deixar claro que, ainda que tenha dado um tom didático à obra, visando uma melhor compreensão e um maior alcance, Montenegro também buscava o reconhecimento de futuros leitores que tivessem algum conhecimento de botânica. Mas, como já dissemos anteriormente, essa também poderia ser uma forma de Montenegro dar sentido e organização a todo o potencial da flora americana, com a qual vinha tomando contato desde o final do século XVII.

Os cuidados necessários no preparo dos fármacos e as alterações em suas qualidades, conforme o modo com que fosse manejado e preparado, assim como o estudo constante das farmacopeias clássicas parecem reforçar o fato de que, ainda que a medicina praticada no período colonial seja vista como precária, os medicamentos eram manipulados a partir das concepções científicas vigentes. Caracterizar as práticas dos séculos XVII e XVIII,

descontextualizando-as das práticas e teorias comuns ao período, implicaria em perigoso anacronismo. No caso de Montenegro, esses conhecimentos estiveram alicerçados naquilo que se pode chamar de “ciência jesuítica”¹⁸⁸, sendo a observação um de seus pilares fundamentais.

Se Montenegro pôde basear diversos pontos de sua obra nas experiências que ele mesmo vivenciou ao longo do tempo em que esteve em solo americano e, também, legitimar seus escritos em função de suas vivências, nota-se que elas só foram possíveis através da observação paciente de tudo que envolvesse o ambiente no qual esteve imerso.

Percebe-se no irmão jesuíta um olhar bastante interessado sobre tudo que fosse parte do ambiente natural da região das missões.¹⁸⁹ Não bastava apenas observar as plantas, também era necessário tomar contato com a forma como homens e animais delas se utilizavam. É o que depreende-se, quando descreve uma planta que era chamada de erva de touro, justamente pelo uso que dela faziam esses animais: “*el Indio llama asi, por vér que los toros, bueyes, y novillos la buscan y la pacen, ó comen con gran gusto, hasta consumir sus troncos*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 163).

A narrativa de Montenegro deixa claro a sua opção – e preferência – por realizar, ele mesmo, as observações, o que aponta para o valor da experiência pessoal, tão importante para os jesuítas. Algumas das plantas, como observou o irmão Montenegro ([1710], 1945, p. 184), eram utilizadas por homens e animais, sendo que cada um se servia do que fosse mais adequado para si, caso da *virga-aurea*: “*unos tomando su flor, otros sus ojas y raices, como lo he observado;*”. Até mesmo a quantidade empregada por cada espécie foi aferida pelo observador: “*pero en poca cantidad, y no dudo que es con particular instinto, porque los bueyes, caballos y mulas la toman en corta docis, como dos bocados á lo mas: los pajaros y palomas torcaces la toman su flor, y poca*”. A observação dos comportamentos dos animais e os saberes construídos através de séculos mediante a experimentação pelos homens ficam presentes no trecho que destacamos acima.

¹⁸⁸ Carolino (2009, p. 258-259) aponta para a modificação da visão da historiografia recente sobre os jesuítas que também escreveram obras científicas durante o período moderno: “Descrita tradicionalmente como uma corrente filosófica e científica encerrada sobre si, sem diálogo com as novas idéias e com os projectos intelectuais que floresceram no início da Idade Moderna, a ciência recentemente designada de “ciência jesuíta” ou “filosofia natural jesuíta”, uma das manifestações mais distintas da filosofia escolástica (*Schulphilosophie*) católica, tem sido caracterizada pela historiografia recente como uma corrente multifacetada, marcadamente heterogênea, com fortes tensões internas e em diálogo constante com o debate filosófico e científico seu contemporâneo.”

¹⁸⁹ Informações sobre as plantas medicinais e sua ocorrência na América podem ser encontradas em: SANTAMARÍA, Daniel J. **Archivo de plantas medicinales de zonas aborigenes y campesinas de sudamerica**. 1 ed. Jujuy: Centro de Estudios Indígenas y Coloniales, 2003.

Ainda que, geralmente, adotasse um tom crítico em relação ao estado de abandono em que os indígenas viviam, especialmente, quando se tratava das artes de curar, sua narrativa acaba deixando transparecer certa admiração pelo ambiente natural americano, que, pela sua descrição, era mais harmonioso do que aquele que conhecera na Espanha de sua juventude. Tanto é assim que, em tom de admiração, ele acaba elogiando: “*cosa digna de reparo: que los brutos y animales enseñen al hombre como debe vivir sano, y que éste á titulo de racional sea peor que muchos brutos*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 336).

As observações feitas por Montenegro dependiam, além de seu interesse pessoal, também de tempo para que fossem executadas. Isso demonstra que sua fixação na região das missões também pode ter servido de incentivo para a escrita da obra, afinal ele teria, a partir daí, um contato mais direto com a flora que viria a ser objeto de sua investigação. Na descrição que fez das raízes do *bacucú*, o jesuíta procura apresentar a relação entre o tempo de cultivo e o peso das mesmas: “*Sus raices de un año suelen ser de seis y ocho libras, de dos años la he visto de 19 libras y media; pero las de dos años son muy duras, y algo leñosas*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 379). Além disso, os efeitos que uma planta poderia ter sobre quem a ingerisse, muitas vezes, também demandava tempo de observação e de acompanhamento dos efeitos, o que é demonstrado quando da descrição que Montenegro faz do *guembé*:

[...] *hasta los gatos madrugan á hurtar su fruto, siendo de complexion tan calientes y secos como son los cuales; á pocos dias que lo han comido arman unos con otros graves y sangrientas pendencias, despues de las cuales he observado se bân secando y pelando, de suerte que vienen á morir á los cuatro ó cinco meses, y conozco es la causa el faltarles agua despues de haberlos comido* (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 205).

Tendo bem presente esta relação que Montenegro passou a estabelecer com o ambiente no qual se inseriu em 1702, após sua transferência para as missões, reconstituímos uma das únicas experiências de Montenegro sobre as quais tem-se registro, a sua participação no conflito ocorrido em 1704, na Colônia de Sacramento. Os dados que dispomos sobre ela são, no entanto, mínimos. Além de um documento oficial, em que um dos oficiais agradece aos indígenas e jesuítas envolvidos no confronto, outras informações sobre sua participação se encontram na *Materia Medica Misionera*.

O certificado expedido em 15 de junho de 1705, por Baltasar García Ros, destaca os serviços prestados pelos nativos Diego Gaivipoy, Bonifacio Capi, Juan Mañani e Pedro Mbacapi. Além deles, são mencionados alguns padres pelos serviços espirituais que

prestaram: “*al lado de ellos los hermanos Pedro de Montenegro, Joaquín de Zubeldía y Josef Brasaneli 'sus cirujanos'*” (CHARLEVOIX, 1913, p. 377). Interessante destacar que, aqui, Montenegro é definido como um cirurgião, sendo que, algumas das passagens da *Materia Medica* reforçam sua atividade também nesse ofício.

Porém, ainda que não estivesse dedicando-se, exclusivamente, à botânica, nota-se que as terapêuticas por ele descritas, mesmo nesses casos, estão baseadas na ação curativa das plantas, mostrando que sua atuação estava necessariamente baseada naquilo que conhecia e em procedimentos com os quais tinha maior afinidade. Foi o que fez, ao apresentar uma receita à base da raiz de *orozús*, que teria utilizado com grande eficiência: “*Esto tengo con mas de cuatro hecho la experiencia, que atravezados el pecho de lanzas y balas, en las guerras que me hallé, que nadie pensaba que los tales pudiesen vivir 24 horas*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 176). Curiosamente, ele não faz menção à extração das balas e, sim, ao efeito da aplicação da infusão de *orozús* nos que haviam sido alvejados.

No cotidiano da missão, Montenegro. ([1710], 1945, p. 244) parece ter encontrado a necessidade de aplicar esses conhecimentos, devido aos acidentes que cotidianamente podiam acontecer. O bálsamo de *Yuquíripei*, por exemplo, foi utilizado “*á una dislocacion, con grave contucion del espinazo y rodilla de un Indio, que por recojer guabirás se cayó del arbol sobre piedras, quedando alli casi muerto*”. O índio, segundo Montenegro ([1710], 1945, p. 244), foi atendido por ele passados 16 dias da queda, sendo que a aplicação do bálsamo “*mitigó los dolores, y quitó la inflamacion en 24 horas*”. Porém, ele destaca que não foi possível salvá-lo, apenas aliviar as dores em seus últimos momentos.

A citação sobre o conflito em Sacramento nos permite outro questionamento, pois Montenegro menciona *las guerras que me hallé*, no plural, o que nos permite aventar a possibilidade de que o jesuíta tenha participado de outros confrontos, ainda que não tenhamos registros que o comprovem. Nada mais comum, considerando que, durante o período, a utilização de índios e padres das missões foi bastante frequente nos confrontos que procuravam determinar os limites entre os territórios lusos e espanhóis na América.¹⁹⁰ Outras descrições sobre o confronto também deixam evidentes as dificuldades cotidianas vividas durante o mesmo. Em três momentos da obra, ele relata os problemas que os soldados enfrentavam, sobretudo, com “*camaras de contagio,*” sendo que, nas duas primeiras referências, ele destaca ter obtido a cura da epidemia através do *arrayán* e do *arazá*, e relata

¹⁹⁰ Sobre a participação dos nativos das reduções em batalhas, ver: NEUMANN, E. S. A lança e as cartas: escrita indígena e conflito nas reduções do Paraguai- Século XVIII. *História Unisinos*, v. 11, p. 160-172, 2007; POSSAMAI, P. C. SANTOS, R. S. As frotas de socorro para a Colônia do Sacramento (1736-1737). *Navigator* (Rio de Janeiro), v. 8, p. 62-74, 2012.

que estas plantas nasciam em “*abundancia sobre la Colonia de San Gabriel*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 37). Já quando faz a descrição do uso do *toropé*, ainda que esteja se referindo ao conflito em Sacramento, Montenegro não informa em nenhum momento que a situação tenha se passado em São Gabriel, ou seja, poderia estar se referindo a qualquer outra batalha de que tenha participado. As *camaras*,¹⁹¹ curadas com essa planta, eram, na sua opinião, fruto das: “*muchas lluvias; y poco abrigo, y no tener mas que carne, y aquella flaca*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 110).

Desse período até sua morte, as informações sobre a vida de Montenegro são escassas, constando apenas de algumas notícias apresentadas nos catálogos da Companhia de 1715, 1720 e 1724, e que dão conta de que ele permanecia nas missões do Paraná, dedicando-se ao ofício de enfermeiro. Foi em uma dessas missões, a de *Martires*, segundo Furlong (1947), que Montenegro faleceu a 21 de janeiro de 1728. As ações tomadas durante sua trajetória parecem reforçar o interesse e o conhecimento que adquiriu no campo da botânica, sempre descritos em consonância com suas motivações/obrigações de ordem religiosa. Na continuidade do trabalho, apresentamos como se dava a circulação de informações, medicamentos e livros no ambiente das reduções e colégios da Companhia de Jesus.

3.4 ENTRE OS SABERES NATIVOS E A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS

Com os dados apresentados até o momento, pode-se perceber que Pedro Montenegro, após chegar ao continente americano, continuou, apesar de tornar-se jesuíta, diretamente envolvido em atividades que privilegiavam o campo médico, tanto no contato direto com os doentes, quanto com a flora nativa que fornecia as principais terapêuticas necessárias para o abastecimento das boticas e hospitais coloniais. Para a utilização adequada dessa flora, porém, mais do que a observação contínua realizada pelos homens que vinham da Europa, foram fundamentais os saberes das populações nativas que os orientavam sobre formas de uso e sobre as quantidades a serem utilizadas.¹⁹² Além disso, a obra de Montenegro revela que viajantes, fugitivos, religiosos, entre outros, também foram de suma importância, desempenhando o papel de informantes.

¹⁹¹ As *camaras de sangre* referidas por Montenegro nada mais eram do que diarréias que acometiam os soldados, que poderiam ter diversas variantes e causas.

¹⁹² Indicamos, aqui, alguns trabalhos recentes sobre o tema: FLECK, Eliane Cristina Deckmann; POLETTO, Roberto. Esto es lo que yo buscaba (...) el conocimiento de las yerbas y su aplicación. **Anos 90 (UFRGS. Impreso)**, v. 19, p. 411-436, 2012. PERUSSET, Macarena. La ocupación indígena del territorio rioplatense: intercambios culturales durante el período colonial (siglos XVI- XVII). **Revista Complutense**, v. 38, p. 9- 32, 2012.

Para o período em que Montenegro viveu na América, é preciso que tenhamos uma visão mais ampla sobre quais eram grupos com que ele se relacionava e com quem poderia buscar informações sobre as qualidades dos fármacos. Além das populações autóctones, devemos considerar também os diversos grupos de *criollos*, já estabelecidos no território americano. O jesuíta demonstra atenção em relação aos distintos conhecimentos com que poderia tomar contato, ao valorizar os saberes de todos os grupos como nesta descrição das qualidades do tabaco, que chegou a ser conhecida pelos antigos como erva sagrada, devido as suas qualidades: “*pondré aqui algunas muy eficaces, que yo he hallado entre los Españoles, y Indios, muy necesarias á la pobreza de estas tierras tan faltas de medicos y medicinas, y mayormente de Cirujanos péritos*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 348).

Novamente, como se constata nesta passagem, o irmão jesuíta procurou ressaltar as dificuldades encontradas no continente americano. A reafirmação constante das limitações pela falta de médicos e medicinas adequadas abria espaço para que sujeitos como Montenegro, interessados em ampliar os conhecimentos sobre a flora nativa justificassem suas experiências não por mera curiosidade, mas pela necessidade imposta pelo ambiente. Para alcançar o sucesso esperado, era necessário não só ouvir os habitantes locais, mas, também, observá-los, tarefa que se inseria no cotidiano de qualquer jesuíta que atuasse em uma missão.

A descrição que faz da *Raiz de la China* vem ao encontro da necessidade, acima mencionada, de que os missionários ou viajantes atentassem para as experiências que os nativos já haviam realizado com cada planta. Sobre a dita raiz, Montenegro ([1710], 1945, p. 273) ressalta a seguinte observação sobre a planta: “*luego que se cortan sus ramas y raices hace sudar en gran copia á los que la arrancan, por mas fresco que corra el viento, y deja el tal sudor tal alivio en la naturaleza, y tal alegria en el corazon, que parece estar los cuerpos otros de lo que ántes,*”. Na continuidade da narrativa, ele destaca alguns de seus usos que “*me hicieron reparar los Indios que la cojieron, diciendome tenia aquella propiedad*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 273).

As observações realizadas por Montenegro ([1710], 1945, p. 206), apesar de privilegiarem as propriedades medicinais das plantas, muitas vezes procuravam ressaltar, também, outras das suas utilidades. Se pensarmos nos possíveis leitores europeus, da obra tal recurso poderia ser visto como meramente ilustrativo, para mostrar certas curiosidades sobre a flora nativa americana. Porém, a obra escrita pelo autor jesuíta dá constantes mostras de ter interesse no cotidiano das populações nativas na América. Portanto, parece-nos que, mesmo quando seu olhar não estava voltado para as plantas medicinais, Montenegro buscava juntar

informações que poderiam ser úteis aos seus futuros leitores. Assim, na descrição sobre o *guembé*, procurou destacar que a pele de sua raiz era utilizada na confecção de cestos, esteiras, e que: “*se sirven los naturales de ella para muchas cosas que pretenden atar muy fuerte, como son sus flechas, arcos &c*”.

Por vezes, o reconhecimento das qualidades de uma planta dava-se de maneira casual, quando o missionário era exposto a ela, e descobrindo propriedades que poderiam ser úteis no tratamento de enfermidades. Foi assim que Montenegro veio a perceber as virtudes do *Tucumán Laurel*, que, segundo o autor, seria o verdadeiro *Inciense Arabigo*.

[...] *herido ó cortado yede á escremento humano, de suerte, que á penas se puede sufrir, un baston hecho de él en un aposento cerrado, como á mi me sucedió, viniendo en balsa por rio, que cierto palo de lanza, que habian los Indios hecho recién cortado y pelado, me tuvo todo un dia engañado, hasta que viendome inquieto buscando la causa del mal olor, y me desengañé, y conocí ser eficazísimo remedio para en tiempos pestilenciales, preservarse con olor de su humo*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 217).

Os indígenas que acompanhavam com o jesuíta nesta viagem cortaram a árvore em forma de *palo de lanza*, porém, ao descobrir que vinha dela, o forte odor que sentia, Montenegro percebeu que poderia utilizá-la para outros fins. Em períodos de pestes, bastante comuns na Europa desde a Idade Média, seu forte odor seria útil para a prevenção de contágios.¹⁹³ Como se pode constatar, o acaso permitiu que Montenegro propusesse um novo uso para o já conhecido *Inciense Arabigo*.

A vinda para a América permitiu que Montenegro ([1710], 1945, p. 84) encontrasse plantas que jamais havia tido a oportunidade de observar na Europa, caso do *Esquinato*, o qual, segundo ele, muito procurou durante o tempo que viveu em Madri. Porém, ele ressalta que sempre lhe ofereciam outras plantas, que não correspondiam às descritas pelos autores que haviam tido contato com a mesma. Montenegro descreve o contato com o “verdadeiro” *esquinato* como uma obra do acaso, pois ao parar para descansar à beira de um rio sentiu certo aroma e “*hise reparo, que en sentandome en tierra olia mas, por lo cual me puse á buscar entre las yerbas y pasto el tal olor, cuando el uno de los Indios me dijo: tú hueles este Capiñ-cati dijele si esto huelo, y esto es lo que buscaba*”.

Novamente, o contato com os nativos foi fundamental para potencializar os conhecimentos de Montenegro ([1710], 1945, p. 83, 84), que nos informa que quem o alertou

¹⁹³ Alguns manuais como o Regimento Proveitoso contra a Pestilência destacam a utilização de substâncias olorosas, contra contágios. Ver mais em: SOUSA, Jorge Prata de. Uma apresentação: o Regimento proveitoso contra a pestilência (c.1496). *História, Ciências, Saúde -Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 1-11, 2005.

para o cheiro que estavam sentindo havia sido um nativo. Aliás, pouco antes, o jesuíta mencionou que três índios o acompanhavam na expedição: *“venian en mi compañía, registrando arboles, y matorrales de al rededor”*.

Como já se registrou anteriormente, Montenegro ([1710], 1945, p. 118) preocupou-se, como foi um procedimento que seria comum no século XVIII, com uma padronização dos registros.¹⁹⁴ Porém, ele próprio, muitas vezes, apresentou mais de um dos nomes que os indígenas davam às plantas. Além disso, por vezes, sua total falta de referência fazia com que adotasse, de imediato, a nomenclatura nativa, como fica registrado na descrição do *Yacaré caá*, que lhe teria sido apresentada por um velho índio conhecedor das plantas medicinais, que: *“dijome llamarse así, por tener el olor del Yacaré”*.

Muitas vezes, o próprio Montenegro não teve contato direto com a planta ou medicamento dela resultante, isto, no entanto, não o impediu de descrevê-las. Fundamental, nestes casos será o papel desempenhado pelos informantes que de uma forma ou de outra tomavam contato com o ambiente da missão.¹⁹⁵ Além disso, é preciso considerar que, no período por nós estudado, muitas vezes, esses saberes permaneciam circulando apenas de forma oral.

Uma das descrições feitas por Montenegro ([1710], 1945, p. 331) ilustra perfeitamente essa questão. Um europeu conhecia certa planta que poderia ser útil contra as picadas de cobras, tão comuns naquele ambiente, mas não revelava a ninguém qual era esta planta: *“por el interéz que le corria”*. Porém, um dia ele próprio foi picado por uma cobra, o que o fez correr ao campo a fim de buscá-la:

[...] corrió á un vallecito de un arroyuelo, y un Indio tráz de él, vió que cojió esta yerba, la mascó y aplicó á la herida, y mascando mas tragó el zumo. Dicho Indio fué mas Cristiano, por que luego comunicó el secreto á un su compañero, y de aquí resultó el descubrimiento para conocer su preciosa virtud, y aquel secreto del codicioso europeo. Esto me lo contó dicho P. Tomas Moreno.

¹⁹⁴ Sobre essa necessidade de fazer ciência de uma maneira, ao mesmo tempo, inovadora e prática, destaca Di Liscia: *“Cual es la orientación a seguir a principios del siglo XVIII, cuando la guía botánica por excelencia es todavía la de Dioscórides, y la medicina se debate entre el galenismo y la iatroquímica, entre Paracelso y el nuevo vitalismo? [...] Los investigadores de la flora americana, y también de la fauna y de los minerales buscaban una base científica- categorizar, sistematizar, ordenar de cierta manera- pero también un evidente fin práctico: salvar la vida en una situación crítica o utilizar los conocimientos con un fin económico.”* (DI LISCIA, PRINA, 2002, p. 296)

¹⁹⁵ Destacamos aqui alguns trabalhos que nos foram referenciais sobre o tema: DI LISCIA, María S. PRINA, Aníbal O. Los saberes indígenas y la ciencia de la Ilustración. **Revista Española de Antropología Americana**, v.32 p. 295- 319, 2002. GESTEIRA, H. M. . Manuscritos médicos e circulação de idéias nas missões jesuíticas da América. VII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2006, Campinas. **Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC**, 2006.

A descrição da *Yerba de la vivora de Tarija* ilustra bem o longo trajeto que uma informação percorria e a confiança que o receptor da informação deveria ter no informante para que continuasse sendo difundida. Nesse caso, Montenegro ouviu esta história do padre Moreno, seu companheiro, quando da chegada às missões, porém o próprio padre já havia recebido a notícia de outrem. Montenegro, como se constata, recebeu a notícia de um jesuíta que, além de seu companheiro, era um homem a quem admirava, ainda assim, apresenta receitas e formas de aplicação, mostrando que a erva já havia passado por um processo de experimentação.

Na descrição da *virga-aurea* observa-se uma alteração na narrativa: “*Sus raices hallo que los Indios las cojen para ayudas de camaras de sangre, que juzgan ser de gusano ó lombrices, y los mismo[s] infieles la usan para lo mismo, segun me dijo un medico de los Guanosas*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 185). Ao contrário do que havia feito com a informação recebida através do índio Clemente, que por ser “bom cristão” e experiente no uso das plantas, conferia confiabilidade a sua informação, Montenegro ([1710], 1945, p. 185) menciona a sugestão recebida do médico Guanosa, mas não parece ir além da mera descrição. Demonstrando certa desconfiança com relação a ela, finaliza da seguinte maneira: “*No lo he usado, ni sé sus buenos ó malos efectos*”.

Apesar de destacar, em determinado momento, que só havia confiado em Clemente, nota-se, ao longo da obra que diversos personagens, muitos deles sem terem seus nomes citados, figuraram entre o rol de informantes que ajudaram a compor a *Materia Medica Misionera*. Na maioria das vezes, além das receitas apresentadas, Montenegro ([1710], 1945, p. 122) procurava enaltecer sua fonte de informação, talvez como forma de oferecer maior confiabilidade ao conteúdo que compunha sua obra. Assim, ao relacionar as virtudes do *Solimán de la tierra*, ele destaca que as conhece “*segun personas fidedignas me han informado, testigos de vista de los casos, que á la verdad no lo he yo experimentado, por no ofrecerse la ocacion*”. O mesmo acontece na descrição do *bejuco*, que em tupi era conhecido como ipecacuanha, que o autor assim descreveria: “*estoy informado, de varios medicos Indios los mas capaces*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 209).

Porém, apesar de a narrativa revelar um cuidado muito grande do autor com as informações que ele recebia, parece estar claro que elas eram absolutamente necessárias, especialmente, para Montenegro, que tinha o objetivo de arrolar o maior número possível de plantas existentes na América platina e, ainda, sem utilização para fins medicinais. Apesar da chegada ao território da missão ter ampliado a possibilidade de coleta das plantas nativas, Montenegro estava restrito àquele ecossistema, ou seja, plantas que não existiam, não se

adaptavam ou não eram conhecidas na região das missões de *Apóstoles* ou *Martires* só poderiam chegar às mãos do jesuíta através de descrições ou escassos exemplares.

Quando descreve as possíveis virtudes do *Palo santo oloroso*, ressalta que o mesmo só se fazia presente na região do Chaco e refere só ter tido contato com partes da planta: “*solo he visto su rama y corteza, no sé cual sea su fruto, porque cierto no he podido hallar personas de cuantos he visto venir de entradas al Chaco que me diese noticia*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 222). Percebe-se, nesta passagem, um interesse contínuo na referida planta, porém a busca por maiores informações, especialmente sobre seu fruto, parece não ter alcançado sucesso. O mesmo acontecia em relação à *copayba*, que apesar de existir no Brasil e, segundo informação que tinha de outros jesuítas, também, nos montes de Jesus e do Paraná “*aunque fuera de tiempo sacaron de uno muy corta cantidad, con solo picar su corteza*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 231).

Muitas vezes, as informações acabam por confrontar-se, pois a planta que já era conhecida e utilizada em uma missão não encontrava o mesmo tratamento em outra por mero desconhecimento. Caso do *macaguá*, que era conhecido por Montenegro há mais de 18 anos, através das obras de Monardes e Huerta. Segundo ele, somente após o contato com a obra de Piso foi possível uma comparação bem fundamentada que deixou claro que se tratava da mesma planta que em São Borja era conhecida como *Macaguá isipo* e utilizada contra picadas de víboras. Se na missão em que se encontrava, o autor jesuíta, a confirmação das qualidades da planta veio através da observação e comparação entre diversos manuais, em outro povoado deu-a a conhecer “*un Indio Tupi, que se vino de la Ciudad de San Gabriel huido, segun me han dicho*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 101).

Por vezes, era a falta de notícias que servia de estímulo ao jesuíta para registrar e tentar, na medida do possível, descrever determinada planta. Situação que se observa com relação à *Mangifera*, que era facilmente encontrada no Brasil. Apesar de nunca tê-la encontrado, Montenegro ([1710], 1945, p. 258) destacava que “*no dudo lo hay en ellas, particularmente en el Paraguay, á orillas de su rio, ó en el Paraná*”. Após ressaltar que, possivelmente a planta só não fora encontrada por falta de homens com conhecimento para tal, o jesuíta aponta sua intenção em descrevê-la: “*Me parece acertado poner aqui su estampa y virtudes sacada del libro de plantas de Jacobo Bontii, escrito en el Brasil, por ser casi el mismo clima y plantas del Brasil, y las de estas Misiones, y Paraguay*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 258).

Porém, como europeu e jesuíta que era Montenegro ([1710], 1945, p. 25) não se furtava de apresentar momentos em que o seu conhecimento era levado até os “pobres

índios”, que por ignorância não faziam o adequado uso do potencial da natureza americana. É o que podemos perceber na descrição do *Guabiyú*, que era: “*muy poco usado por los Indios por no saber sus virtudes y modo de úsarlo, aunque les es muy gran remedio á su naturaleza*”.

Como se pôde perceber até aqui, o contato com os saberes das populações que habitavam a América durante o século XVIII foi fundamental para constituir um conhecimento científico, baseado nas novas formas de organização e padronização dos saberes que viriam a caracterizar a Ilustração. Porém, apesar da contribuição dos povos nativos ter sido inegável na construção deste conhecimento, percebe-se o interesse de Montenegro em demonstrar que os principais agentes desse conhecimento eram os europeus. Os nativos poderiam deter os saberes sobre flora e fauna, mas cabia aos europeus organizá-los e, por que não dizer, domesticá-los.

A análise realizada até o momento deixa claro que a circulação de plantas com potencial para uso farmacológico já estava bastante organizada durante o período sobre o qual nos debruçamos. Plantas as mais diversas eram transportadas para todos os lados do mundo, formando, devido ao intenso intercâmbio, uma rede comercial de extensões globais. As possíveis propriedades medicinais das mesmas eram, muitas vezes, levadas ao nível da extravagância, sendo que algumas plantas, tais como os *palos santos*, a quina, entre outros, eram vendidos com promessas de curar os mais diversos males.

Muitos trabalhos atuais já puderam demonstrar a existência dessas redes comerciais, considerando, especialmente, Europa e América, e provar os mais variados intercâmbios entre esses continentes¹⁹⁶ e entre as culturas que caracterizavam esses espaços. Parece-nos importante considerar, também, como se deu, efetivamente, a distribuição dos fármacos que chegavam de outros continentes, assim como as trocas que se realizavam dentro do próprio continente americano. Compreender como se constituíram os níveis de circulação existentes e quais os recursos que se faziam presentes em cada área da América platina, nos permitirá melhor entender os objetivos que guiaram Montenegro na escrita de sua *Materia Medica*.

O comércio que se estabelecia entre as diferentes regiões da América ou desta com a Europa, no entanto, sofria com as condições precárias de armazenamento e conservação dos

¹⁹⁶ Destacamos aqui: KURY, L. B. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). **História, Ciências, Saúde - Manguinhos (Impresso)**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 109-129, 2004; ANAGNOSTOU, Sabine. The international transfer of medicinal drugs by Society of Jesus (sixteenth to eighteenth centuries) and connections with the work of Carolus Clusius. **Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences**, 2007, p.293-312; EDLER, F. C. Plantas nativas do Brasil nas farmacopeias portuguesas e europeias Séculos XVII - XVIII. In: KURY, Lorelai. (Org.). **Usos e circulação de plantas no Brasil (séculos XVI - XIX)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Editora, p. 94-137, 2013.

fármacos. Isso fazia com que muitos produtos chegassem deteriorados ao seu destino ou sem as mesmas propriedades que apresentariam se fossem novos. Montenegro alertava sobre este problema, ao fazer a distinção dos dois diferentes tipos de “*caña fistola*” que teria analisado: “*no ha llegado á mis manos esta cilacasia solutiva verdadera frezca, ó de pocos meses cojida: como llegó la que digo del Rio Paraguay, que haciendo la prueba en mi mismo de las dos hallé ser muy inferior la de Chile*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 17). Apesar de destacar a inferioridade da planta recebida da província do Chile, o próprio jesuíta ressalta que a mesma não estava fresca, o que poderia ter diminuído sua eficácia.

Além da atestada circulação de produtos entre a Província do Paraguai e do Chile, a obra analisada cita também intercâmbios realizados com a província do Peru e com a própria Europa. Ao escrever sobre os tamarindos, encontrados em ambos os continentes, Montenegro ([1710], 1945, p. 229) adota novamente uma perspectiva comparativa e, talvez, no intuito de fazer eco a sua ideia da pujança da flora americana, afirma que a planta peruana possuía mais qualidades por ser “*frios en el principio del tercer grado, y secos en el principio del segundo*”. E, por não serem salgados, ao contrário: “*los que en España lleban de Lebante, por venir salados pierden mucho de su natural frialdad, y adquieren mas sequedad*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 229).

É intrigante o fato de que Montenegro, apesar de referir recorrentemente a chegada de fármacos provenientes da província do Peru, em nenhum momento de sua obra traz informações sobre aquela que, no período, era a mais reconhecida das plantas medicinais desta Província: a quina. Apesar de ter suas propriedades divulgadas desde a primeira metade do século XVII, somente na segunda metade do XVIII ela será considerada – e com unanimidade – como o principal febrífugo americano. Algumas hipóteses poderiam explicar a ausência de tal planta no receituário do irmão jesuíta.

Em primeiro lugar, por escrever num período em que a quina ainda não havia se tornado um medicamento com eficácia inquestionável, Montenegro poderia ter ainda certas desconfianças quanto ao seu uso e efetividade. Ele, provavelmente, teve acesso à quina na botica do Colégio de Córdoba,¹⁹⁷ e pode não ter aprovado seus efeitos, excluindo-a da *Materia Medica*. Outra possibilidade pode estar relacionada com as intenções da obra, já que Montenegro se propôs a destacar plantas jamais apresentadas em outros receituários, dando preferência àquelas que fossem originárias ou que haviam sido introduzidas e se adaptado à

¹⁹⁷ O inventário da botica apresenta não apenas a quina, como alguns derivados da mesma, tais como o *unguento de la condesa* e os pós cordiais.

América Meridional. Talvez por não haver a possibilidade de cultivo da quina na região onde ele se encontrava, Montenegro optou por não apresentá-la.

Por fim, podemos especular uma possibilidade diametralmente oposta à primeira. Com a aceitação da quina crescendo, tornava-se cada vez mais difícil a obtenção da planta. Com uma demanda pelo produto maior do que a quantidade extraída para abastecer o mercado, a quina, possivelmente, chegasse aos grandes centros, prova disso é sua presença na botica de Córdoba, porém, numa quantidade que inviabilizaria sua distribuição e utilização nas missões. Na impossibilidade de sua aquisição, Montenegro não a teria descrito, dando preferência a outros febrífugos facilmente encontrados na região das missões, tais como a *piña*, o *Caá pari*, entre outros.

Os responsáveis pela circulação das plantas e outros gêneros eram os mais variados. Mercadores adquiriam plantas e outros produtos na Europa, muitas vezes, vindos do Oriente, e desembarcavam na América para comercializá-los, como é destacado na descrição de uma das variações do cravo: “*El primero es el verdadero clavo que nos trahen á vender del Oriente*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 397). Montenegro não informa se era possível adquirir tais produtos diretamente na missão, mas acreditamos que as transações fossem efetuadas no porto de Buenos Aires ou em Córdoba e, posteriormente, os produtos fossem repassados para as reduções.

Em outros casos, eram os próprios padres da Companhia, visitantes, reitores e procuradores que, por terem uma mobilidade maior do que a dos demais membros da ordem, levavam e traziam, em suas viagens, fármacos que eram tidos como de difícil acesso, como por exemplo, a canela, que era encontrada na Província do Peru e entre os Chiquitos da Província do Paraguai: “*la cual trajo el Padre Gregorio Cabral, yendo á su visita Provincial, Secretario Provincial, cuando fué á visitar en lugar del Provincial, y ahora nuebamente trajo nuestro Padre Visitador Antonio Gariga otra segunda especie de dicha Canela*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 392).

Mas, não foram apenas produtos que, efetivamente, circularam pelo continente americano durante o período colonial. Muitas vezes, receitas soltas ou papéis copiados de outros manuais que chegavam até as mãos de médicos e curandeiros eram testadas e, caso aprovadas, adicionadas ao uso cotidiano. No caso de Montenegro, tais informações eram incluídas no receituário que compunha, por vezes, como dado único sobre determinadas plantas, em outros momentos, corroborando as impressões que o próprio jesuíta tinha sobre as mesmas. Na descrição da *Isica*, Montenegro ([1710], 1945, p. 9, 10) apresenta uma das suas possíveis virtudes, porém, deixa claro que ele não havia, ainda, feito uso dela: “*No falta quien*

diga, que quiebra la piedra de riñones, como lo vi en cierta receta, que vino del Paraguay de sus virtudes, de mano de cierto medico practico de la tierra”.

Não apenas as informações que eram obtidas junto aos nativos eram avaliadas com cautela, também as fornecidas por médicos europeus eram alvo de igual precaução. Assim, ao mesmo tempo em que procurava destacar o responsável pela receita, Montenegro ([1710], 1945, p. 91) não deixava de ressaltar a sua falta de experiência em relação a aplicação da mesma. Ao escrever sobre a *Quirocilla* e sua indicação para paixões de calor e sequidão, o jesuíta destaca conhecê-las através de “*apuntamientos de un practico, y muy acertado medico, que curó en Salta algunos años, (de nacion Italiano,)*”. Porém, cautelosamente, adverte: “*No lo he visto ni usado, hablo por relaciones, y me pareció ponerla en esta obra por ser planta tan señalada de la mano de su Autor*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 91).

Porém, o que mais parece comprovar que, para além da existência do comércio de produtos entre e intracontinentes, havia o que chamaremos de “níveis de circulação”, são os fármacos químicos. Mas, para que compreendamos a importância que tais medicamentos adquiriam no período em que Montenegro esteve nas missões da região da atual Argentina, é importante que contextualizemos seu surgimento. A química moderna aparece por volta de 1600 e avança juntamente com outros campos do conhecimento, tais como a metalurgia, a mineração, entre outros. Durante o século XVIII, o estudo desta disciplina seria diretamente influenciado pela iatroquímica¹⁹⁸ através de médicos-químicos como Boerhaave e Friedrich Hoffmann e da visão cartesiana-newtoniana do conhecimento científico.

O século XVIII assistiu à consolidação da química enquanto disciplina de rigor científico, distanciando-se definitivamente de atividades como a dos alquimistas. Com isso, a química afastou-se de outras disciplinas, como a medicina, tornando-se cada vez mais uma ciência específica. Porém, o avanço dos conhecimentos dessa ciência e seu afastamento de outros campos científicos geraram “um inevitável afastamento do campo com relação às práticas medicinais”, promovendo “certa estagnação nos estudos e descobertas de fármacos” (NOGUEIRA, 2009, p. 231). Assim, ao mesmo tempo em que os medicamentos químicos afirmavam-se, os estudos sobre os mesmos não conheceram grandes avanços durante àquela centúria.

¹⁹⁸ Sobre a Iatroquímica, Nogueira destaca que: “pode ser compreendida como um conjunto de idéias que explicava o funcionamento do corpo humano e as doenças segundo processos químicos. Neste contexto, a principal inovação desta escola foi a introdução de medicamentos específicos no tratamento de doenças, em contraposição à idéia dos galenistas de que apenas forças ocultas, aliadas às ervas medicinais, surtiriam efeito na cura dos males do corpo.” (NOGUEIRA, 2009, p.231)

Desse modo, podemos concluir que os medicamentos de origem química que estavam disponíveis para Montenegro durante seu período de atuação, como boticário, tanto na botica do Colégio de Córdoba quanto nas missões, não tenham se alterado de maneira significativa até o período da expulsão dos jesuítas, que ocorreu mais de 50 anos depois. Recorremos a esta hipótese para, de maneira comparativa, identificar quais os medicamentos arrolados na obra e aqueles que se encontravam disponíveis na botica do colégio, quando da realização dos inventários entre 1768 e 1772.

A *Materia Medica Misionera* possui quatro referências a fármacos de origem química. Três referências se encontram ao final da obra, na seção intitulada “*Otras Curiosidades. Recetas Sueltas.*” Podemos especular que estas receitas não fizessem parte dos conhecimentos adquiridos e testados por Montenegro ([1710], 1945, p. 407) e, sim, como o próprio título sugere, se tratariam de curiosidades que completariam a obra. Tanto é assim que a primeira das receitas químicas que aparece é a de um composto contra a calvície. A primeira das medidas sugeridas seria a ingestão de doze grãos de pedra infernal¹⁹⁹, sendo a outra opção um fármaco aplicado à cabeça após lavá-la, sendo que: “*en la cual se disolverá un poco de alumbre, luego se tomará dos onzas de cal viva apagada al ayre, una de litargirio, y una y media de cal de plomo, albayalde*”. Todos estes deveriam ser dissolvidos em pó e espalhados pela cabeça, com água rosada. Os outros fármacos relacionados como curiosidades seriam um vomitivo à base de prata e o chamado *árbol de diana*, usado contra tosses²⁰⁰.

Portanto, a única referência direta a elementos químicos no corpo da obra aparece quando da descrição da *virga-áurea*, em uma receita para dissolver pedras dos rins e bexiga, em que a referida planta faria parte de uma receita, que incluiria “*un pollo algo grande, añadiendole unas raices de peregil, de borraja, achicoria, de esparragos, y inojo*”, (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 407), sendo que o tal elemento químico, que seria o cremor tártaro,²⁰¹ era recomendado em substituição ao sal no composto.

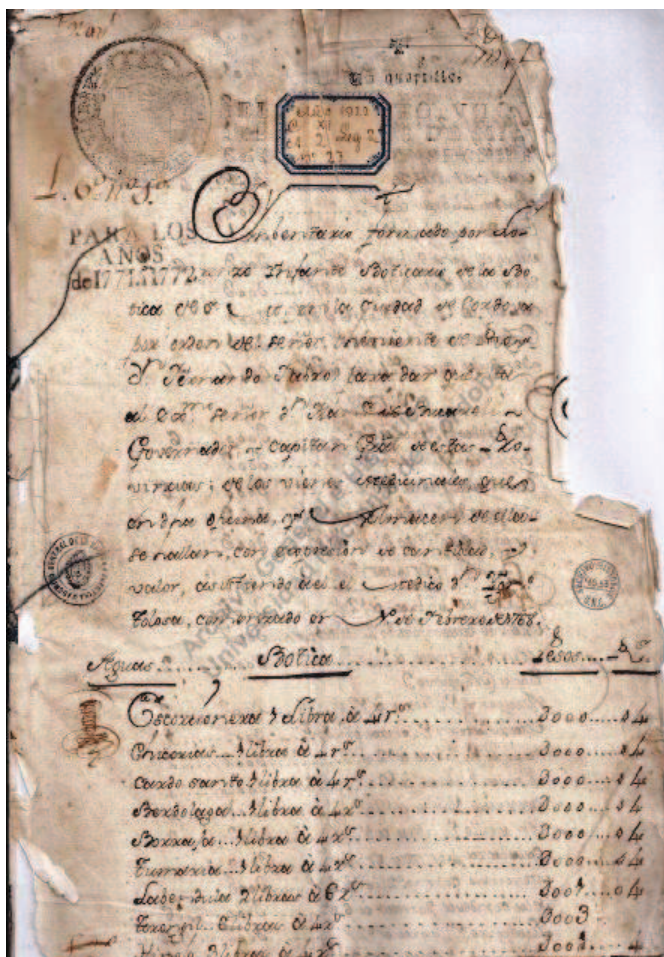
¹⁹⁹ Pedra infernal era o nome pelo qual era conhecido o nitrato de prata; AgNO₃.

²⁰⁰ A receita do dito *árbol* inclui uma série de produtos químicos, como segue: “*Se forma de este modo: – Se disuelve una onza de plata con 2 ó 8 onzas de espíritu de nitro: avaporase esta disolucion á fuego de arena hasta consumirse cerca de la mitad, lo que resta se mezcla en bazo proporcionado con 20 onzas de agua comun muy clara, y dos onzas de azogue, dejando despues esta mistura en reposo por 40 dias, en este espacio de tiempo se bá formando un arbol de plata con bastante analogia á los naturales.*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 413)

²⁰¹ Creme de tártaro; bitartarato de potássio KC₄H₅O₆.

Diferentemente da escassez de referências a estes elementos no receituário de Montenegro, no inventário da botica abundam elementos químicos, tanto em seu estado puro, como com derivados dos mesmos²⁰².

Imagem 5 – Inventário da Botica de Córdoba, realizado após a expulsão da Companhia de Jesus



Fonte: AHUNC, CAJA nº. 10, legajo 2, nº 27, f. 4533r.

O que poderia explicar esta diferença entre um grande centro como era a Córdoba colonial e o ambiente da missão, cenário de escrita da *Materia Medica Misionera*? Em primeiro lugar, podemos considerar que a manipulação desses elementos não era tão simples quanto seriam os processos a que eram submetidas as plantas medicinais. O inventário da botica parece confirmar que os jesuítas tinham acesso a materiais que possibilitavam a manipulação dos químicos, pois além de caldeirões, peneiras e cortadores, são arrolados

²⁰² Para citar um exemplo, o mercúrio arrolado no inventário da botica do Colégio de Córdoba, era encontrado em seu estado puro, mas também contava com diversas variações, tais como: mercúrio doce, pílulas mercúriais, precipitado branco, marmellon, cinabrio nativo e azogue. Recomenda-se se a leitura da versão transcrita do inventário, divulgada em: FLECK, Eliane Cristina Deckmann; POLETTO, Roberto. Transcrição do Inventário formado por Lorenzo Infante Boticário en la Ciudad de Córdoba de los bienes medicinales, Julio de 1772. *IHS - Antiguos jesuítas en Iberoamérica*, v. 1, p. 162-247, 2013.

também “*Yt. dos forneles viexos con sus pies de hierro quebrados (...); Yt. dos pequenitos de cobre el uno con un pie menos, que tasaron en dos pesos: se advierte que el del Pie menos es de hierro*”²⁰³.

Outra questão que pode ter inviabilizado o acesso de Montenegro a elementos de origem química, depois de seu envio às missões, pode ter sido o seu alto preço. Autores do período ressaltavam que o preço era uma das principais dificuldades para a consolidação dos químicos:²⁰⁴ Para ilustração disso, apresentamos alguns valores de plantas medicinais, comparando-os com os dos químicos. O absinto e a violeta eram comercializados ao valor de 12 *reales*²⁰⁵ a libra; enquanto isso, o funcho, a rosa e a canela valiam pouco mais de 1,5 real a cada libra. Entre os químicos, apenas o chumbo tinha valor aproximado ao das plantas, de 12 *reales* para cada libra. O vitríolo estava cotado em 4 pesos por libra; o nitro e o sal amoníaco a 5 pesos a libra, e o petróleo, pela provável dificuldade de sua extração no período, valia 6 pesos/ libra.

Além dos elementos que identificamos no inventário da botica de Córdoba, podemos considerar, também, os livros que foram relacionados nos inventários da biblioteca do Colégio de Córdoba e aqueles arrolados nos das missões em que Montenegro viveu. Não desconsideramos a importância do colégio que, por ser um centro de referência, inevitavelmente, possuiria mais obras do que os acervos das missões. Porém, chama-nos a atenção a expressiva diferença encontrada entre estes ambientes.

A biblioteca de Córdoba possuía 80 obras que tinham conteúdo ligado às artes de curar,²⁰⁶ sendo que estão escritas nos mais diversos idiomas. Algumas das obras relacionadas no inventário são aquelas citadas pelo autor jesuíta em sua obra²⁰⁷. Porém, ao observarmos os inventários das missões, as obras relacionadas são extremamente escassas. A missão de *Apóstoles*, a primeira em que Montenegro se estabeleceu, contava, no ano de 1767, com mais de 150 livros em sua biblioteca, divididos em nove categorias²⁰⁸, porém, apenas uma obra está diretamente relacionada à medicina: *Obra Medico Quirurgica de Madame Fouquet*. Já na

²⁰³ AHUNC, Documentos de la Junta de las Temporalidades de Córdoba, caja 10, legajo 2, n. 27, Fólio 4577r. Aqui, estamos aventando a hipótese de que os jesuítas possuíam a ciência adequada para a manipulação de elementos químicos.

²⁰⁴ “[...] los medicamentos quimicos merecen la antelacion, por su facil administracion, pero su coste no se acomoda à la pobreza; y assi numeramos los mas baratos, para no retroceder del instituto.” (BORBON, 1705, p. 1-2).

²⁰⁵ As moedas espanholas de 8 reales valiam o equivalente a um peso, o chamado “peso de ocho”.

²⁰⁶ A separação dos conteúdos presentes nos livros foi realizada considerando apenas o título, já que não temos acesso a maioria das obras. Dada esta limitação a divisão foi, assim, estabelecida: Medicina, 31; Farmácia/ Botânica, 18; Moral, 13; Cirurgia, 8; Astrologia/ Astronomia, 5; Química, 4; Enfermaria, 1.

²⁰⁷ Nos aprofundaremos neste tema no próximo capítulo.

²⁰⁸ Bíblia, 5; Teológicos, 5; Expositores, 9; Predicadores, 30; Espirituais, 28; Moralistas, 18; Vidas, 16; História, 31; Vários, 24.

missão de *Mártires*, foram relacionadas 149 obras, divididas em seis categorias²⁰⁹, sendo quatro obras ligadas a área da medicina: *Florilegio Medicinal*, *Oto Verius Medicus e Chirurgica Guidones e Jaquet*, *Remédios em Francês*.

Os dados apresentados até aqui parecem demonstrar que o cotejo entre diferentes documentos permite o aprofundamento da análise quanto às diversas formas de circulação de produtos, especialmente, de fármacos, na América Meridional durante o período colonial. A existência de diferentes níveis de circulação, tendo como base a obra de Montenegro, elucidaria as razões de sua preferência pelas plantas locais, uma vez que a chegada de medicamentos, vindos da Europa, especialmente de químicos estava bastante comprometida. A diversidade de ambientes e condições dentro do mesmo continente acabava por gerar espaços completamente diferentes de atuação. As limitações encontradas pelos *pueblos* missionários para a aquisição de medicamentos vindos da Europa pode ter sido um dos motivadores da obra de Montenegro. Tal constatação não apenas confirma que os jesuítas se valeram dos conhecimentos indígenas, como revela a aplicação de concepções médicas de vanguarda provenientes da Europa.

No próximo capítulo, temos como foco principal questões relativas à narrativa de Montenegro. Nos aprofundaremos nas motivações que levaram o jesuíta a tornar-se *autor de botica*, assim como na problematização do que era ser autor entre fins do século XVII e início do XVIII. Além disso, nos detemos na análise do estilo narrativo adotado pelo autor e como o mesmo apropriou-se das concepções europeias de cura e como as ressignificou na América.

²⁰⁹ Escolásticos, 2; Moralistas, 14; Escriptuários, 7; Ascéticos, 46; Historiadores, 35; Miscelareos, 45.

4 O AUTOR DE BOTICA

4.1. SER AUTOR NO SÉCULO XVIII

Ao desembarcar no porto de Buenos Aires e, posteriormente, ao estabelecer-se em Córdoba, Pedro Montenegro deixou para trás a Espanha, o Hospital de Madri, as feiras livres em que tantas vezes adquiriu fármacos, como refere em sua obra, e todos os outros espaços institucionais e de convivência que fizeram parte de sua infância e juventude. Aos 28 anos de idade, ao tornar-se jesuíta em um novo continente, ele, provavelmente, passou a vivenciar uma série de novas experiências, porém, cabe que nos perguntemos: como os antigos conhecimentos adquiridos em seus tempos de Europa se fizeram presentes na América? E, como o influenciaram na escrita de seu receituário? Perguntas que este último capítulo buscará elucidar.

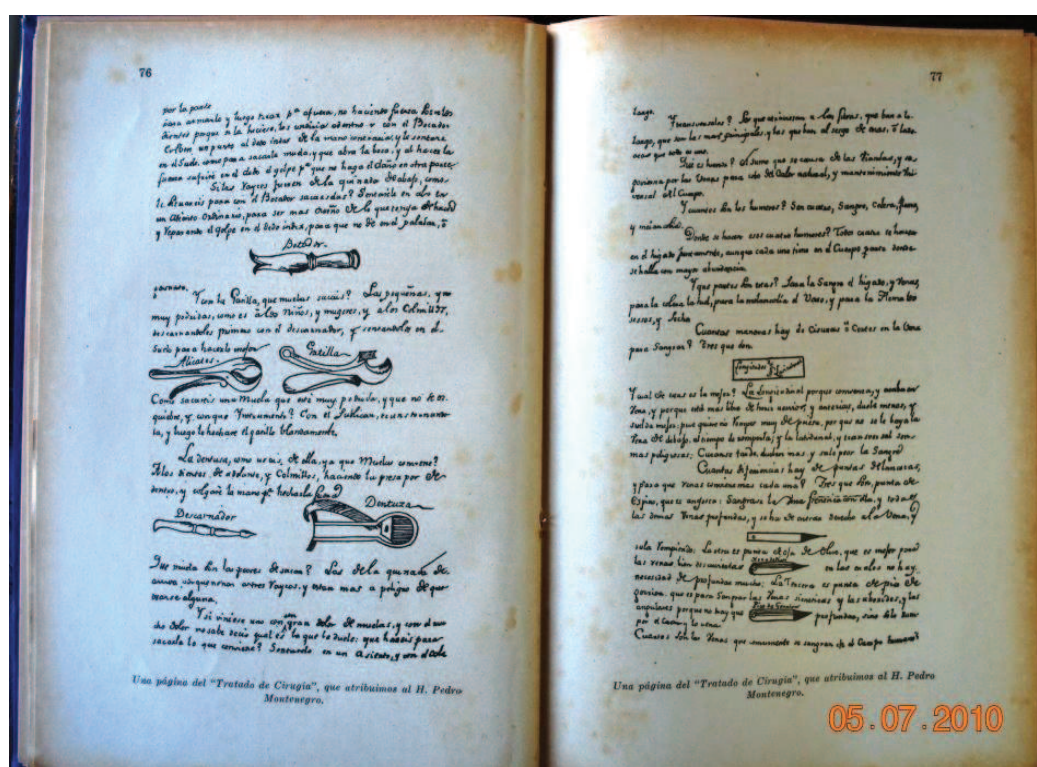
Montenegro foi, sem dúvida, um homem ligado às artes curar menos prestigiosas, mas também possuía inegável conhecimento técnico. Em um dado momento de sua trajetória, o autor decidiu que seria importante, para o exercício de sua atividade ou para o reconhecimento da mesma, que ele escrevesse. E é sobre as motivações que levaram Montenegro ([1710], 1945, prefácio) a tornar-se autor, contra sua própria inclinação, como insistia em destacar em seu texto, que nos debruçaremos neste primeiro momento. O prefácio da obra nos oferece algumas pistas, quando o jesuíta indica que o ambiente tão desfavorecido de profissionais para o atendimento dos doentes foi uma das razões para que ele iniciasse esta seara: *“por hallarme en estas tierras de la America sin Botica, ni Boticarios, me ha forzado á que con ellas hacerme autor de Botica, confecionanando unas con otras, cual se puede ver en sus tratados”*.

Na sequência imediata do texto, o irmão jesuíta justifica que: *“no siendo de mi estado el escribir libros,”* (MONTENEGRO, [1710], 1945, prefácio) erros poderiam ser encontrados, em relação aos quais o irmão jesuíta desculpava-se antecipadamente. O autor ainda complementava, com informação já conhecida, de que foi devido ao ambiente de abandono em que se encontravam as populações da América platina, que ele havia se sentido motivado a iniciar o trabalho: *“puedes estar cierto, me muebe mas la caridad de haser bien á mis hermanos, que la ambicion de Autor de un libro”* (MONTENEGRO, [1710], 1945, prefácio). O prefácio de outra obra a ele atribuída pode nos oferecer outros argumentos.

Voltamos, aqui, ao *Libro de Cirugia*, referido na introdução desta dissertação. Alguns indícios, assim como algumas obras reconhecidas sobre o tema, levam a crer que o autor

dessa obra tenha sido Montenegro.²¹⁰ Independente dessa polêmica, as motivações do sujeito que escreveu este tratado parecem ter sido outras, o que justifica nosso interesse em sua análise. Novamente é o prólogo, única parte parcialmente existente da obra, que nos apresenta as motivações do escritor: “*el deseo de reunir en un Cuerpo, lo que no he podido hallar en libro alguno, quanto es preciso teniendo que caminar continuamente y por diversas partes; no pudiendo llevar muchos libros que me hallaba falta*” (MONTENEGRO, apud CREMADES, 1999, p. 19)²¹¹.

Imagem 6 – Detalhe dos Instrumentos Cirúrgicos arrolados no Libro de Cirugia.



FURLONG, 1947, p. 76-77.

²¹⁰ O principal defensor dessa ideia foi Guillermo Furlong (1947, p. 74), que, assim, se posiciona sobre o tema: “Montenegro es el indiscutido autor de la tan zarandeada Materia Medica Misionera pero, a nuestro parecer, es el igualmente el autor del “Libro de Cirugia que, em 1916, Dio a conocer el doctor Félix Garzón Maceda en magna y eruditísima historia de la “Medicina en Córdoba”. Ainda que se posiciona favorável a ideia de que seria Montenegro o autor, Furlong menciona que havia uma polêmica entre os pesquisadores do tema, de que o autor pudesse ser um franciscano conhecido como Pacheco.

²¹¹ Pela falta de comprovação ou mesmo de indícios sobre outros possíveis autores, mantivemos o nome de Montenegro como autor do *Libro de Cirugia*. Em conversa com o professor Miguel de Ásua, no dia 09 set. 2013, quando estivemos em Buenos Aires, perguntamos sua opinião sobre a autoria e localização do texto. Ásua diz ser impossível, pelo pouco que restou do texto, precisar quem o escreveu, mas que o conteúdo parece indicar justamente para a compilação, com o conteúdo retirado de diversos autores. O compilador poderia sim, ter sido Montenegro. Sobre a localização, Miguel de Ásua garantiu não haver nenhuma pista concreta.

Aqui, as razões apresentadas não se atêm à questão da caridade e têm como mote a praticidade que a composição de uma obra traria para o seu autor. Tendo que percorrer caminhos diversos, provavelmente a pé ou, na melhor das hipóteses, com ajuda de transporte animal, era impossível em termos de logística que o autor levasse consigo, a cada atendimento, as obras que poderiam lhe ser úteis. Isso sugere que o *Libro de Cirugia* teria sido concebido como um compêndio, elaborado a partir das necessidades e vivências cotidianas daquele que o organizou.²¹²

Retomemos a *Materia Medica Misionera*. A posição humilde em que o autor se coloca, destacando a caridade de suas ações, constitui-se em recurso narrativo exaustivamente usado pela Companhia de Jesus. Apesar de afirmar não ter como uma de suas preocupações a “*ambicion de Autor de un libro,*” algumas passagens parecem indicar o contrário. Em primeiro lugar, o fato de desconsiderar a importância de ser autor, mas, já ao início da obra, intitular-se como tal: “*me ha forzado á que con ellas hacerme autor de Botica*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, prefácio). Outra questão interessante é apontada na continuidade do texto, afinal, alguém que iniciou desculpando-se por possíveis erros que surgissem ao longo do Tratado, altera de maneira significativa o tom de sua narrativa, como segue:

[...] *y si quisieres ver por tus ojos la verdad que en ello se halla, llegate donde yo asisto, y traheme el simple que quisieres, ó que dudares ser verdadera su virtud, y verás que aplicado en la forma que digo, y con las circunstancias que pide la medicina si es verdadero, ó no lo que digo, como quien lo ha experimentado, esto es con la practica, en el tiempo dicho, que algunos de los tales simples bá, para 18 años que estoy averiguando sus cualidades (MONTENEGRO, [1710], 1945, prefacio, grifo nosso).*

Ao destacarmos as características da narrativa de Montenegro, que concilia humildade com auto-afirmação, não estamos questionando os seus posicionamentos ou a validade de suas afirmações, mas, sim, situando-o no universo do qual buscava tomar parte: o de autor de livro no período estudado. Em diversas obras, essa mescla entre humildade e auto-afirmação pode ser encontrada como um recurso narrativo, ao menos entre os autores de Tratados

²¹² Falando sobre a questão dos compêndios, Chartier (apud FAULHABER, 2012, p. 60) alerta que: “A unidade dependia da vontade do leitor que desejasse reunir diversas obras em um único livro, ou do copista que decidisse copiar e associar uma série de textos heterogêneos. Essa concepção de livro ainda estava presente nos séculos XVI e XVII, no âmbito de uma cultura manuscrita que sobreviveu à invenção da imprensa.”

Médicos, que evitariam posicionar-se de maneira pretensiosa em tema tão delicado como aquele que envolve a saúde das pessoas.²¹³

A tentativa de posicionar-se como um autor de fato pode ser observada, também, nos diversos momentos em que Montenegro pleiteou originalidade sobre alguns dos conteúdos de sua obra. Tanto nos compêndios, quanto nas obras de comentários sobre os clássicos, o conteúdo apresentado era avaliado em função da difusão do conhecimento, da problematização dos temas tratados ou do aprofundamento teórico de suas percepções. O mais importante era a ampliação da gama de conhecimentos existentes, fosse através da descoberta ou experimentação de plantas, antes desconsideradas pelo campo médico, da apresentação de novos compostos ou, até mesmo, através da adição de comentários ou da tradução de uma obra antes desconhecida na língua para a qual fosse traduzida.²¹⁴

Uma das receitas mais polêmicas apresentadas na obra, que garantiria que as jovens que tivessem caído em tentação antes do casamento passariam por virgens na noite de suas núpcias, já apresentada no primeiro capítulo, foi indicada como sendo criada pelo jesuíta. A receita deveria ser preparada, tendo como base a quarta espécie do *mburucuyá*. Antes de indicar todos os passos para o preparo do composto o autor destacou suas qualidades: “*en todos aquellos flujos inmodicos de las mujeres, y relajaciones de la Matriz*” e, ao indicar o outro ingrediente da receita, aproveitou para afirmar a autoria da mesma: “*en fin, mezclada su raiz con la de la Consuelda mayor indica, que aqui doy por estampa, y doy de mi diligencia descubierta.*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 49).

Quando narrou as virtudes da erva chamada *taperibá*, o autor mencionou as qualidades da mesma para combater males estomacais que fossem causados por humores grossos. Além disso, sua semente aplicada a um composto com diversas outras ervas ajudaria a madurar apostemas de causa fria²¹⁵. Outra de suas qualidades seria na composição de uma bebida, utilizada para o alívio de infectados com sarampo e varíola. Apesar de mencionar que a planta já era usada antes de ser por ele descrita, especialmente pelos próprios jesuítas, Montenegro

²¹³ Não era apenas o autor que procurava posicionar-se de maneira humilde frente aos leitores, até mesmo os responsáveis pela aprovação da obra lhe imputariam tal característica, se o conteúdo da obra estivesse de acordo com aquilo que esperava a Igreja. A aprovação escrita pelo frei Juan Maestro para a obra de Ayala ilustra bem essa característica: “*he reconecido que el Autor manifiesta su mucho estudio, y experiencia, movido mas de la caridad, que por hazer ostencion de lo que sabe.*” (MAESTRO, apud AYALA, 1705, aprovação)

²¹⁴ Um trecho da aprovação da obra de Borbon ilustra bem essa realidade: “*Ni el ser en parte traduccion le quita sus quilates al comum beneficio, pues de Region tan opuesta nos trae tan benignas influencias, que viniendo en ageno idioma, quanto mas ocultas, eran menos beneficas. [...] A mas que el Autor deste libro, en los Escolios que añade, en los nuevos medicamentos que recoge, en las advertencias que previne, y en el metodo, y claridad con que todo se dispone, da tal lustre, y realce à la Obra, que con mucha razon puede llamarla suya.*” (ARDANUY in BORBON, 1705, aprovação)

²¹⁵ Madurar, neste caso significa: “Fazer coser as materias das apostemas; supurar.” (SILVA, 1789, p. 259)

([1710], 1945, p. 264) ressaltou o seguinte: “*no he visto en ninguno de los herbarios escritores, ni tampoco en ninguna otra parte de esta W-^a*”.

Ainda que sua utilização fosse anterior ao próprio Montenegro, a escrita de suas virtudes medicinais em uma obra do gênero dava novo *status* à planta, que, se fosse reconhecida pelos pares de Montenegro, teria seu uso ampliado e o conteúdo referente às suas qualidades medicinais reproduzido em novos tratados. Por mais que o uso da mesma fosse comum, somente a escrita, cristalizando o conteúdo que versava sobre suas qualidades, podia salvá-la da crueldade do tempo e garantir a divulgação e a aplicação desses conhecimentos sobre suas virtudes medicinais.

Se tinha como intento apresentar aspectos originais de sua obra, Montenegro também tinha a preocupação de não ser repetitivo em relação a autores anteriores ou de ser excessivamente prolixo em suas reflexões. Pode-se aventar aspectos práticos, tais como a dificuldade de acesso a papel, o que implicaria em um controle do investimento nas explicações. Mas acreditamos que as principais razões para frear as suas reflexões estariam ligadas ao estilo que, acreditamos, Montenegro procurou imprimir ao tratado. Estender-se demasiadamente confundiria os leigos e, se não contivesse reflexões extremamente refinadas ou originais, acabaria entediando ou gerando críticas dos profissionais que viessem a consultar o manual que vinha escrevendo.

Talvez por isso, ainda no início do texto, o autor tenha se comprometido, após garantir que sua obra, baseada em experimentos realizados ao longo do tempo e com os cuidados devidos, era “*solo lo muy breve, y compendioso, que se puede decir, dejando dilaciones en la pluma, asi por no ser molesto al lector, como por no referir los que otros mas lacta, y eruditamente han escrito de esta materia*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, *Explicase la virtud [...]*). Ser sucinto nas palavras, sem ser raso nas reflexões, parecia ser a estratégia narrativa do autor, porém a leitura do tratado deixa evidente que nem sempre esse objetivo foi alcançado.

Ao expor opiniões pessoais sobre os mais diversos assuntos, o autor pareceu desvirtuar-se daquele que era seu intento principal, ou seja, a composição de um receituário que divulgasse as plantas medicinais encontradas na América meridional. Tal característica não encontra espaço especial na obra, pelo contrário, o texto está repleto de reflexões que aparecem em meio à descrição das plantas, deixando a impressão de que, por alguns momentos, o autor se distraiu das virtudes medicinais do simples que vinha descrevendo para divagar sobre qualquer tema que, de assalto, lhe tomara o pensamento.

Por vezes, estes pensamentos têm relação com as artes de curar. Assim, ainda que se afastasse da descrição da planta propriamente dita, estava falando sobre questões relativas às condições de trabalho encontradas, ao ambiente da região em que escrevia ou das populações com as quais convivia. Tais opiniões, apesar de extrapolarem o conteúdo objetivo da obra, poderiam ser úteis, especialmente se considerarmos a utilização do manual no seio da Companhia de Jesus, pois com isso, novos missionários que chegassem à América teriam no Tratado de Montenegro não apenas um receituário sobre o uso de plantas, mas também um texto informativo sobre a região em que estariam se inserindo.

Ao longo da narrativa, observa-se o constante reforço das condições desfavoráveis de trabalho, tanto pela falta de “medicinas adequadas,” quanto pelos poucos profissionais habilitados que atuavam na América. Além disso, a presença dos curandeiros também recebeu diversas referências, posto que, para Montenegro, os métodos incorretos de trabalho daqueles sujeitos, que prejudicavam mais do que ajudavam, acabavam por aprofundar ainda mais a situação, já precária, do atendimento aos doentes na América. Um exemplo claro está no uso do *eneldo*, que podia ser utilizado pelas mulheres como perfume, para lavatórios e, até mesmo, para controlar a menstruação, porém, o autor advertia sobre os riscos de seu uso interno para a saúde da mulher. Sobre a aplicação incorreta, ele tinha informações, de que: “*en la provincia, cierto matazano se atrevia á darla por bebida al sexo femenino; no sin grave riesgo de esterilidad, que cierto es de temer*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 153).

Ainda que tenha atuado em regiões distintas da América platina, com condições ambientais diversas, ele não apresenta, no texto, diferenciações com relação ao ecossistema de cada lugar, referindo-se sempre de maneira genérica às condições da América. Na descrição do *arbol de la yerba*, a conhecida erva-mate, ele ressaltava que entre suas virtudes: “*socorre á los atolondrados del humo, ó fuego de las fornallas de metales y ladrillos, ó cal*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 4). As razões que tornavam tão importantes estas características estavam justamente nas condições ambientais encontradas: “*porque en estas tierras hay varios metales imperfectos, y en estos las mas veces hay azogue, y otras calidades de vapores muy nocivos al cerebro, como es el cardenillo, antimonio, azogue y otros y para bajarlos es único el remedio arriba dicho*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 4).

Considerando todos os assuntos sobre os quais Montenegro procurou se manifestar a partir de suas experiências no continente americano, cabe destacar as suas impressões e as preocupações com as populações nativas. Na descrição do *pan porcino*, ele ressaltava suas virtudes para o combate dos “*flujos epacticos del higado*”, que constatara ser um mal muito frequente nas populações nativas: “*por ser muy sanguin[e]os, y no sangrarse jamás de*

prevencion” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 106). Sem as sangrias preventivas, ao adoecerem, eles perderiam as substâncias do fígado demasiado rápido: “*asi prorrumpen en sangre para alivio, y si al pri[n]cipio no se cura con un par de sangrias, y tales medicinas que preserven de corrupcion, casi todos mueren, ó muy raro escapa*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 106).

E, mesmo que, por vezes, adotasse certo tom crítico, ressaltando a natureza selvagem dos indígenas por seus desvios morais e religiosos, em alguns momentos, o autor deixou transparecer certa admiração por eles. Um exemplo disso encontra-se na descrição do *Yapacarií*, que os indígenas utilizavam para combater lombrigas: “*aunque como pobres en la ciencia de la medicina no bân muy errados en el juicio*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 252). Em outro momento, em citação já apresentada anteriormente, reforçava que tanto os nativos, quanto os animais tinham a ensinar ao homem tido como civilizado: “*cosa digna de reparo: que los brutos y animales enseñen al hombre como debe vivir sano, y que éste á titulo de racional sea peor que muchos brutos*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 336).

Porém, em outros momentos o jesuíta teceu opiniões sobre temas em relação aos quais não se esperaria sua manifestação. Ao descrever o *Arrayán*, Montenegro destacou que, conforme indicavam alguns autores, o correto era chamá-lo *arrayán menor* ou, então, *Guabiyú miri*, segundo os nativos. Chamou-nos a atenção, contudo, a reflexão que faz na continuidade:

“Sucedele á esta noble planta lo que sucede el dia de hoy á muchos hombres en el mundo, que siendo de virtudes y cualidades muy superiores, actos para gobernar Provincias, Republicas, y Reynos, no se hase caso de ellos, por verlos en estado bajo, y humilde, echando mano para tales cargos de los grandes y altivos; muchas veces llenos de ambición y de soberbia, y de otros muchos vicios, como lo muestra la experiencia, porque con su mal ejemplo arruinan las Republicas, y con sus vicios corrompen las costumbres, que á valerse de los humildes, y al parecer despreciados, todos estos inco[n]venientes se evitaran, hubiera paz, tranquilidad, y bonanza en los gobiernos” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 28-29, grifo nosso).

Quais seriam as razões para que, em meio à descrição sobre as virtudes de uma planta, chamada menor pelos autores conhecidos, ele realizasse tal digressão de cunho político, que terminava por criticar as condutas dos governantes de então? A obra não nos dá margem para levantar hipóteses sobre quem seria o alvo das críticas de Montenegro, que tanto poderia ser um representante da monarquia espanhola, quanto um governante local. Impossível saber. Porém, se não temos subsídios que permitam aclarar as razões para o surgimento de tema tão pouco usual na obra, podemos, sim, destacar algumas das motivações que podem tê-lo levado a escrever sobre esta questão.

Em primeiro lugar, pode-se aventar que a escrita do tratado sobre plantas medicinais pode ter se apresentado como uma possibilidade para tecer opiniões sobre outros temas. Opiniões que, possivelmente, tivesse formulado ao longo da vida, resultantes de suas leituras, vivências, observações e contatos com outros sujeitos que circulavam pelos ambientes que frequentou. Opiniões, que provavelmente, não tivessem tido lugar para serem expressadas. A ideia de escrever sobre o tema que conhecia, as plantas medicinais, pode tê-lo inspirado a tecer opiniões, ainda que bastante rasas, sobre assuntos diversos que fugiam de sua alçada, mas, que de alguma forma, o intrigavam.

Sobre outras leituras que o jesuíta tenha feito, é impossível trazer informações além das que se encontram em sua obra. Porém, é plausível supor que, por ter tido ao seu alcance a biblioteca do colégio de Córdoba e, depois, as bibliotecas dos *pueblos*, ele tenha realizado leituras que não estivessem relacionadas às artes de curar. Na própria *Materia Medica Misionera*, algumas das obras arroladas não têm relação, especificamente, com estes ofícios. O texto do jesuíta José de Acosta, assim como o do padre Telles, versavam sobre diversos temas, sendo, geralmente, categorizados como obras de Moral, frequentes nos acervos das bibliotecas jesuíticas.²¹⁶

Além de todos os fatores até aqui destacados, devemos considerar também a posição hierárquica inferior de Pedro Montenegro na Companhia de Jesus. Irmão de vocação tardia ele, possivelmente, não pudesse expressar tão livremente as suas opiniões. Pode-se somar à posição que Montenegro tinha na hierarquia da ordem, a muito provável saudade da terra natal, a solidão sentida em ambiente tão diverso daquele que conhecera em sua juventude²¹⁷, o que construiria um cenário favorável a essas pequenas fugas narrativas, possíveis em obras manuscritas em que o autor ficava livre do peso das aprovações.²¹⁸

Outro tema a ocupar o pensamento e também a pena de Montenegro foram os assuntos religiosos. Isto faz com que o irmão Montenegro faça surgir a todo instante na narrativa a

²¹⁶ Nas bibliotecas dos dois *pueblos* em que Montenegro atuou foram arroladas obras de autores “moralistas”. Em Apóstoles eram 18 títulos em um universo de 151 livros, o que representa 11.9% do total. Em Mártires, eram 149 obras no total, sendo 14 desta categoria, o que representa 9.7%.

²¹⁷ Falando sobre as cartas, Pinto (1957 apud MASSIMI, MAHFOUD, 1997, p. 20) as define como “remédios para a dor da ausência”. A escrita permitia “tornar presente o ausente [...] A carta permite viver a paradoxal experiência dos companheiros *habitare in unum* mesmo separados por grandes distâncias geográficas e culturais” (MASSIMI, MAHFOUD, 1997, p. 123).

²¹⁸ É importante destacarmos que, apesar de a censura se dar de maneira mais intensa sobre as obras publicadas, isso não significa dizer que não houvesse nenhum controle sobre os manuscritos, como bem colocou Bouza: *Aunque el Index, como instrumento de control, estaba fundamentalmente atento a las obras impresas, no es infrecuente encontrar entre los textos cuya posesión y lectura se prohibía menciones expresas a títulos manuscritos, lo que constituye una prueba irrefutable de la difusión que éstos estaban alcanzando*. (BOUZA, 2001, p. 66-67). A vantagem da obra manuscrita estava em sua possibilidade de se inovar a cada nova cópia, com adições e subtrações que poderiam alterar seu conteúdo e a visão de leitores e censores sobre ela.

figura de Deus, de Nossa Senhora ou de algum santo. Já na dedicatória da obra, feita à Nossa Senhora, isto fica evidente. E, ao longo da obra, quando refere a benevolência de Deus, criador de todas as medicinas ou alerta para os sinais que Ele deixava na natureza. O fato é que o sagrado está amplamente presente na obra.

Chamou-nos a atenção, contudo, o fato de que, apesar de a obra ter sido escrita com o autor imerso no ambiente das missões jesuíticas, não há nenhuma menção aos xamãs, tão condenados nas narrativas do século XVII, ainda que estejam presentes críticas ao modo como os nativos encaravam e tratavam as doenças. Outras religiões, no entanto, não passam ilesas aos olhos de Montenegro. Na obra, encontramos algumas críticas aos seguidores do islamismo, aos judeus e aos protestantes. Ainda que o tema fosse corrente entre os membros do clero que se “faziam autores,” é curioso observar que o irmão jesuíta, em ambiente tão distante das acaloradas discussões teológicas que aconteciam na Europa, também tenha se manifestado sobre o tema, ainda que conectando-o a outras questões pertinentes a sua obra.

Novamente, encontramos na descrição do *Esquinato* elementos que possibilitam algumas especulações. O jesuíta destaca que havia buscado incessantemente a planta por todas as boticas da corte, durante seus tempos em Madri, e que jamais encontrara o verdadeiro, conforme as indicações constantes na literatura. Havia encontrado algumas folhas, mas em nada parecidas com o verdadeiro, que eram, no entanto, vendidas como tal. A responsabilidade por tal falsificação, segundo o autor, “*por á donde me persuado, que aquellos malditos Mahometanos, enemigos del nombre cristiano, con la longitud del tiempo nos venden cierto pasto, ó paja aromática, que yo he hallado por estas Misiones, ni mas ni menos que las que nos trahen de Meca*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 83).

Ao chegar à América, Montenegro encontrou o *esquinato* que era vendido como originário da Ásia, constatando que tratava-se de uma imitação. Curiosamente, ele não reflete sobre a conduta dos comerciantes de plantas de Madri, que, aliás, sequer foi considerada. A dificuldade para a aquisição do verdadeiro fármaco foi atribuída, exclusivamente, aos *Mahometanos*, permitindo ao autor que emitisse suas opiniões sobre os seguidores do islamismo.

Em um dos vários momentos em que alertava sobre os riscos do uso incorreto das plantas, Montenegro ([1710], 1945, *Explicase la virtud [...]*) fez uma insólita comparação, desta vez mencionando outra religião, que para os católicos envolvia um crime de fé. Após citar os perigos provenientes da alteração das quantidades na composição dos fármacos, ele fez a seguinte afirmação: “*Cata aqui amigo lector el riesgo de la ignorancia, que es tan peligroso, y mas que el de la heregia*”. Tal afirmação, feita por um membro do clero, parece

evidenciar o quanto Montenegro levava a sério a necessidade de certos cuidados e de conhecimentos adequados para a manipulação dos simples.

As críticas ao protestantismo, no entanto, não incidiram sobre um de seus principais referenciais, o autor holandês Guillermo Pisón, ainda que sua obra tenha sido alvo da censura exercida pelas autoridades católicas. Como observaremos posteriormente, Montenegro ([1710], 1945, p. 101) só pôde ter acesso às obras de Pisón quando estava concluindo seu Tratado, como nos informa na descrição que faz do *macaguá*: “*pasados diez y ocho años de inquisicion llegando á mis manos las obras de Guillermo Pisson, y las de Jacobo Bonti, informado mejor de sus circunstancias vine á descubrir*”.

Neste momento da narrativa, o autor não tece qualquer crítica à censura imposta ao livro de Pisón, mas em um dos tópicos que antecedem a parte principal da obra, o autor, ainda que de passagem, faz referência ao fato de que os erros cometidos no uso dos fármacos, assim como a malícia dos homens que os manipulavam, fizeram com que a Igreja fosse obrigada a tomar certas atitudes: “*por el daño que se ha experimentando en la malicia humana, en los tiempos pasados, que ha obligado á muchos Siervos del Señor el comprar tales tratados para echarlos al fuego. &c*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, *Explicase la virtud [...]*). A referência indireta à Inquisição, expressa com intenção justificadora, num período em que a mesma perdia força, nos parece de difícil interpretação, especialmente, se considerarmos que duas páginas depois, ao defender o conteúdo de seu próprio Tratado, o autor emitiu a seguinte opinião:

*[...] y mo nunca faltan censores de libros (á veces sin estar diputados para ello, de los magistrados ó monarquias,) y sucede que sin leerlo con la atencion debida, por un solo punto en que su corto ingenio ó estudio no alcanza la razon lo arrojan de la mano, y comienza á cargarle de censuras; y esto es ordinaria flaqueza de aquellos poco amigos de ver libros de genios inquietos y bulliciosos, á modo de ciertos peces de las aguas, que su genio es ponerse en las corrientes y turbulencias suyas para dár sobre sus compañeros con gran velocidad, tragando al pequeño, que su maliciosa boca puede tragar; tirando á este la tarascada, al otro el gienchonazo, y en fin turbando la caridad, y quietud de sus hermanos, y lo que mas es, impidiendo su aumento y multiplico, por que quitan su sosiego. ¡Ordinaria causa de abortos y destruccion de toda generación, y Monarquia!!!” (MONTENEGRO, [1710], 1945, *Explicase la virtud [...]*, grifo nosso).*

Como explicar que o autor tenha emitido opiniões tão distintas em momentos tão próximos? Impossível responder. Porém, algumas hipóteses podem ser consideradas. Ao justificar o fato de que muitas obras eram jogadas ao fogo, o autor parece aceitar a decisão, devido à imprecisão do conteúdo das mesmas; já na crítica que faz aos censores, logo após apresentar o teor de seu tratado, Montenegro crítica a atuação dos responsáveis pela avaliação

das obras. Parece uma tentativa de mostrar que a Inquisição, enquanto ação promovida pela instituição Igreja, devia ser vista em separado das ações promovidas pelos responsáveis pelas aprovações dos livros, conseqüentemente, de sua circulação.

Mas, então, a quem o jesuíta se referia ao tecer críticas à leitura rasa, que levava à proibição de algumas obras? Ao censor que não liberou as obras de Pisón e Bonti, o que, pelo que se deduz da narrativa de Montenegro, dificultou muito composição de seu receituário? É preciso considerar, no entanto, que as obras dos holandeses já contavam com certo reconhecimento à época, o que nos leva a cogitar que se tratasse de algo distinto.

Na citação acima, percebe-se que Montenegro ([1710], 1945, *Explicase la virtud [...]*) dá destaque à presença constante de censores que: “*á veces sin estar diputados para ello, de los magistrados ó monarquias*” e ainda faz uma analogia com peixes que tinham o hábito de engolir: “*al pequeño, que su maliciosa boca puede tragar*”. Teria ele sido alvo de censores, ao tentar publicar sua obra? Não temos informações que nos permitam comprovar isto, mas é intrigante o fato de o autor expressar, de maneira tão veemente, sua insatisfação com os censores exatamente após ter apresentado sua obra resultante de largas experiências, todas elas realizadas com o devido cuidado.

Interessante também é a menção de que os censores não contavam sequer com a autorização dos magistrados para proibirem a circulação das obras. Com certeza, não era à Inquisição que ele estava se referindo, o que nos leva a supor que ele estivesse se referindo aos censores da própria Companhia. Sabe-se que a ordem mantinha os livros escritos por seus padres e irmãos sob a avaliação de outros membros em posição hierarquicamente superior, afinal, a obra e o conteúdo nela contido seriam associados à Companhia mais do que ao próprio autor do texto.²¹⁹ Talvez, por isso, a analogia feita a um peixe maior que aproveitava-se do menor, devido à facilidade de engoli-lo.

É importante ressaltar que tais hipóteses não constituem mais do que suposições, que nos ocorreram a partir da leitura do tratado de Montenegro. Não afirmarmos que o autor tenha sido censurado ou sequer que tenha tentado publicar seu texto, apenas destacamos que essas eram tanto possibilidades, quanto limitações a que estava sujeito como membro da Companhia de Jesus. Com relação à possibilidade de publicar sua obra, sabemos que, desde 1705, as missões da Província Jesuítica do Paraguai contavam com uma prensa que

²¹⁹ As recomendações para que os membros da ordem tivessem cuidado com o que escrevessem eram prerrogativas que remontavam ao fundador, Loyola. “A razão que santo Inácio dá para essa preocupação é a de que “o que se escreve é ainda mais de cuidar que o que se fala”, sobretudo “por que a escrita fica e dá sempre testemunho, e não se pode assim bem emendar ou glossar tão facilmente como quando falamos.” (PÉCORA, 1999, p. 383).

possibilitaria sua publicação e conseqüente maior divulgação, o que justificaria certa mágoa em relação a uma não autorização. Porém, ao que tudo indica, apenas obras de vulto foram impressas entre 1705 e 1727, período em que a prensa esteve em funcionamento²²⁰. Sabe-se que a primeira obra a ser impressa, foi “*La diferencia entre lo temporal y eterno*” de Eusebio de Nieremberg.²²¹

Independente de ter sofrido a ação de censores ou não, de ter tentado a publicação de seu tratado ou não, o fato é que Montenegro compôs um texto e estruturou seu livro fazendo-o o mais inteligível possível para as pessoas que viessem a manuseá-lo. Exemplo disso foi a preocupação demonstrada em relação à nomenclatura das plantas. A indicação de todos os nomes conhecidos é feita tanto em castelhano, quanto em guarani, língua corrente nas reduções do Paraguai e, também em tupi, outro importante tronco linguístico da América.

Com isso, Montenegro garantiu que sua obra se tornasse acessível ao maior número de pessoas que tomassem contato com o manual que havia elaborado. Tal atitude, também parece atestar uma preocupação com a disseminação do conhecimento, já que pessoas de lugares diversos da América poderiam identificar plantas recorrendo apenas ao seu nome. A adição da “*Tabla de los nombres de los arboles y yerbas*” revela outra preocupação de estar em sintonia com as ações tomadas por autores referenciais, já que Laguna, um dos autores lidos por Montenegro, também procurou apresentar as ervas de seu tratado no maior número de línguas que fosse possível.²²²

Outra questão importante foi o uso que Montenegro deu aos elementos pré-textuais,²²³ no intuito de tornar sua obra o mais didática possível. A impressão que temos é de que o autor tentou desdobrar seu tratado em duas partes, a primeira, em que procuraria mostrar didaticamente quais as formas e usos possíveis das plantas e os riscos de utilizá-los de maneira incorreta. Na segunda parte, quando inicia a descrição dos simples, o conteúdo do

²²⁰ É instigante o fato de que a prensa jesuítica foi utilizada por apenas um curto espaço de tempo. Medina, apresenta algumas hipóteses para o fato: “*Las producciones de la imprenta de las Misiones abarcan los años transcurridos entre los de 1705 á 1727. No se conoce libro alguno impreso con posterioridad á esa última fecha. ¿Porqué cesó tan repentinamente aquella imprenta? Misterio es este que tampoco es fácil de explicar. Acaso las autoridades reales se mezclaran en el asunto por no haberse fundado quizás el establecimiento, como parece, ajustándose á las leyes; ó fué, acaso, por haberse publicado con sus tipos la Carta de Antequera y Castro, condenado poco después al suplicio por el Virey de Lima. El hecho es de que esa imprenta allí nació y allí acabó.*” (MEDINA, 1892, introdução)

²²¹ Juan Eusébio Nieremberg nasceu em Madri no ano de 1595. Jesuíta, foi escritor, humanista e um dos teólogos mais respeitados da Companhia em seu tempo. Faleceu em 1658.

²²² Miguel Alonso (2008, p. 1) destaca a novidade representada pelo glossário que constava na obra de Laguna, como segue: “Un glosario multilingüe de nombres de plantas, de hasta doce lenguas, imprescindible para que los lectores de diversos países pudieran reconocer con facilidad la planta descrita, y que propició el asentamiento de la nomenclatura botánica en nuestro idioma.”

²²³ Utilizamos o termo para nos referirmos aos diversos tópicos que antecedem a parte principal do texto, tais como dedicatória, aprovação, prólogo etc.

texto torna-se mais denso e específico, voltado para a utilização e modo de preparo de cada planta ou composto.²²⁴ Tal intenção parece se confirmar, ao constarmos que o autor deu início a uma nova paginação na segunda parte, como se ali estivesse começando uma nova obra.²²⁵ Dessa forma, o autor tentou construir uma narrativa que fosse, ao mesmo tempo, acessível para os leigos e adequada para os entendidos em botânica médica. E é sobre estas questões que nos debruçaremos nos próximos subcapítulos.

4.2. PEDRO MONTENEGRO: O AUTOR DIDÁTICO

Um homem dividido entre os ambientes a que pertencia. Essa talvez seja uma das melhores formas de caracterizar Pedro Montenegro. Dividido, entre a Espanha de sua juventude e a América de sua maturidade, com os recursos que cada ambiente apresentava. Dividido, entre sua formação técnica como enfermeiro e boticário e sua vida religiosa. Dividida, necessariamente seria sua obra, entre todos os aspectos supracitados, mas também na forma como se constituiu a narrativa do missionário. Percebe-se que ela flutua constantemente entre o objetivo de se mostrar técnica e, portanto, válida para outros profissionais que a utilizassem, como ficou demonstrado anteriormente, mas também procurando ser didática, para que, no ambiente – americano e missionário – em que foi produzida, pudesse ser útil aos diversos sujeitos que dela necessitassem.

A forma como o autor organizou seu texto já indicava uma preocupação de se apresentar absolutamente acessível. Após a dedicatória e o prólogo da obra são encontrados seis divisões, ou subtítulos, que têm como principal objetivo a orientação daqueles que viessem a manusear o receituário. As divisões são o “*Modo de Recojer las Plantas*” e “*Explicase la virtud y modo de conocer las plantas y graduar sus cualidades*”, retirados das obras de Dioscórides, Mathiolo e Laguna²²⁶; as “*Advertencias para el uso de las plantas*”; “*Explicación de los vocablos de esta obra*”; “*Tabla de los nombres de los Arboles y yerbas, que estan dibujadas en esta obra, en Castellano, y Tupi*”; “*Tabla de las enfermedades que*

²²⁴ Schlanger ressalta o hábito, comum entre os autores, de buscar interferir na estrutura de suas obras: “Nada é mais comum do que o autor que pretende ser editor de seus textos.” (SCHLANGER in CHARTIER, 2012, p. 8)

²²⁵ Cabe referirmos que sempre que nos utilizamos do número da página presente no Tratado, está se refere a parte principal da obra, sendo que os já referidos elementos pré- textuais são referenciados com o título do espaço ao qual pertencem.

²²⁶ Os autores que foram lidos e apropriados por Montenegro são devidamente apresentados e problematizados no próximo subcapítulo.

curan los simples” e apenas então tem inicia-se a obra em si, com as descrições das plantas. Ao final, ainda recebe um tópico intitulado “*Otras curiosidades*” ou “*Recetas Sueltas*”.

O “*Modo de Recojer*” versa sobre as formas e períodos corretos em que as plantas deveriam ser colhidas, visando à sua melhor conservação. Neste tópico, organizado em 12 regras, percebe-se que, muitas dessas normas ainda estavam ligadas a aspectos da astrologia, sendo que a inobservância das mesmas poderia corromper o fármaco em questão, como se depreende da segunda regra: “*Pueden ser dañosas, ó á lo menos sin efecto. Se han de recojer en tiempo sereno, que ba mucho en recojerlas en tiempo seco ó humedo, y que la luna esté menguante, en el último cuarto*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, *Modo de Recojer [...]*). Ainda que a ênfase nesse cuidado seja apresentada neste subtítulo, menções sobre estes cuidados são recorrentes ao longo da obra.

A quinta indicação também nos parece relevante, pois demonstra como, para Montenegro, aquele que tivesse sua atuação profissional ligada às plantas medicinais, independente da atividade que desenvolvesse, deveria acompanhar continuamente o desenvolvimento das mesmas:

*5ª Conviene para usarlas con acierto en las medicinas, que el que las ha de recojer para usarlas, ó venderlas las vea, y comple cuando nacen y cuando florecen, y están en su fuerza, y cuando perfeccionan sus semillas, que es cuando declinan, porque el que las viere solamente al nacer, ó al estar en su fuerza, ó al declinar, no las conocerá perfectamente en los otros tiempos, porque mudan de figura, y esta es la causa porque muchos se engañan recojiendo unas por otras, de muy opuestas cualidades, aunque en algo parecidas, y así mismo es la causa de que muchos han predescrito, y dibujadonos unas yerbas por otras, poniendo tallo á los que no lo tienen, y dejando de ponerlo á las que á sus tiempos por su naturaleza lo posehen (MONTENEGRO, [1710], 1945, *Modo de Recojer [...]*, grifo nosso).*

Fica claro que essa preocupação de Montenegro está diretamente ligada a sua formação técnica que condicionava o aproveitamento adequado das plantas ao conhecimento integral do desenvolvimento das mesmas, sem mencionar seu envolvimento quase sentimental com o universo da natureza. Porém, a própria presença de tal recomendação em sua narrativa, indica uma realidade absolutamente contrária. Talvez, por isso, as constantes recomendações por cuidado em todos os aspectos relacionados à manipulação das plantas medicinais.²²⁷

O tópico seguinte descreve as virtudes, assim como formas para conhecer as plantas e identificar quais suas qualidades. Aqui, o autor destaca quais seriam as quatro qualidades possíveis de serem encontradas nas plantas, a saber, calor, frio, umidade e sequeidão, assim

²²⁷ Da sexta até a décima segunda indicações, as orientações são para o período em que cada parte da planta deveria ser colhida. Por exemplo, a sétima: “*7ª Los palos leñosos se recojerán por el Invierno en menguante de Luna.*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, *Modo de Recojer [...]*).

como quais seriam os quatro níveis em que estas características poderiam se apresentar nos fármacos.²²⁸ Apesar da descrição simples, as divisões entre essas qualidades, na opinião de Montenegro, poderiam ser muito complicadas de serem determinadas, pois muitas vezes até três delas seriam encontradas na mesma planta, além de partes distintas apresentarem características diversas.

Seria pelo tato que uma pessoa poderia identificar quais as qualidades de que a planta seria portadora. Porém, uma parte específica dos dedos deveria ser utilizada, a fim de uma análise mais acurada da mesma: “*el cuerecito interior de los dedos.*” Ao final da indicação, aparece novamente a prudência de Montenegro ([1710], 1945, *Explicase la virtud [...]*), aconselhando que, junto com o tato, deveria vir a razão, evitando, assim, perigosos desvirtuamentos no diagnóstico dos simples: “*para juzgar esto perfectamente, es necesario que el tacto se acompañe con la razon, porque como el tacto juzgue por las apariencias todo lo duro por seco, y lo blando por humedo, suele ordinariamente engañarse*”.

Outras formas para o reconhecimento das virtudes das plantas são mencionadas, sendo que algumas delas foram desconsideradas por Montenegro, que também não se mostrou simpático aos profissionais que utilizassem tais procedimentos. Nesse sentido, a avaliação dos simples através dos cheiros e cores foi altamente questionada pelo autor. A verificação da variação destas qualidades dentro da escala utilizada por Montenegro ([1710], 1945, *Explicase la virtud [...]*) poderia ser feita através do gosto, sendo altamente arriscado, como já apresentamos através das palavras do autor.²²⁹ Além disso, era preciso considerar a forma como diversos sabores podiam se misturar no mesmo fármaco: “*en cada sabor de los dichos hay de ordinario complicacion de otros*”.

O reconhecimento adequado das plantas fazia com que se pudesse saber quais seriam aquelas que, por suas qualidades, só tinham a trazer benefícios com seu uso, como seriam, o *azogue* e o *palo santo*, nos exemplos propostos pelo jesuíta. No entanto, havia também

²²⁸ As qualidades apresentadas possuíam ligação direta com os quatro elementos básicos da natureza. Teria sido Aristóteles quem primeiro teria atribuído qualidades para estes elementos, assim: “[...] a água era fria e úmida; o ar era quente e úmido; enquanto o fogo era quente e seco e a terra, seca e fria” (REIS, 2009, p. 1). Numa consequência lógica, essas qualidades foram passadas também para a questão dos humores, do que resultou que a fleuma era fria e úmida como a água, o sangue seria quente e úmido como o ar, a bilis amarela era quente e seca como o fogo e a bilis negra seria fria e seca como a terra.

²²⁹ Apesar dos riscos, o autor não se furtava de buscar avaliar as qualidades de diversos fármacos através do paladar. Fossem de origem vegetal, mineral ou animal, Montenegro os poria sob experimentação como nos deixa ver quando da descrição da *virga-áurea*, que surpreendeu o autor pela pouca quantidade com que os animais observados se serviam dela. A única exceção foi um pássaro de peito amarelo ou vermelho que a consumia como alimento. Para tentar compreender as particularidades do pássaro, assim procedeu o jesuíta: “*yo los he muerto con el intento de reconocer la virtud de su carne, la cual comí y es muy densa y amarga, tira á parda como la de la paloma torcáz, con alguna agudeza en su amargor, la cual no dudo ser única para los que padecen piedra de riñones y vejiga, asi su caldo como su carne*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 184)

algumas plantas que seriam extremamente prejudiciais ao homem, o que tornava tão complexo o exercício de averiguação das qualidades dos simples. A complexidade de seu ofício e a existência de plantas tão perigosas levou Montenegro a expressar a seguinte opinião: *“por no convenir el que la sepan todos, me parece conveniente el no tratar de ella; por el daño que se ha experimentando en la malicia humana, en los tiempos pasados”* (MONTENEGRO, [1710], 1945, *Explicase la virtud [...]*). O autor se furta de apresentar exemplos das plantas nocivas e cita a malícia humana como razão desse cuidado. Referência clara aos inúmeros curandeiros que se faziam presentes no território americano, sobre os quais já apresentamos a opinião do irmão jesuíta.

Porém, num dos vários momentos em que o autor parece divagar, distanciando-se da narrativa sobre a planta que descrevia no momento, ele apresentou um exemplo dessas perigosas plantas. Na descrição sobre as virtudes do *arrayán*, o autor destacava a simplicidade de suas formas, assim como de outras plantas: *“que tienden sus ramas y ojas por la haz de la tierra, no sin cierto misterio, que parece las dotó su Autor con dotes muy superiores”* (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 29). Depois, refere outras que, apesar de portentosas e exuberantes em suas formas, acabavam não apresentando nenhuma virtude e, mais ainda, sendo prejudiciais à saúde dos homens. Implícito na narrativa está o elogio aos homens simples na comparação com aqueles que tinham na ostentação uma característica. Na continuidade, Montenegro diz que silenciaria sobre tais plantas:

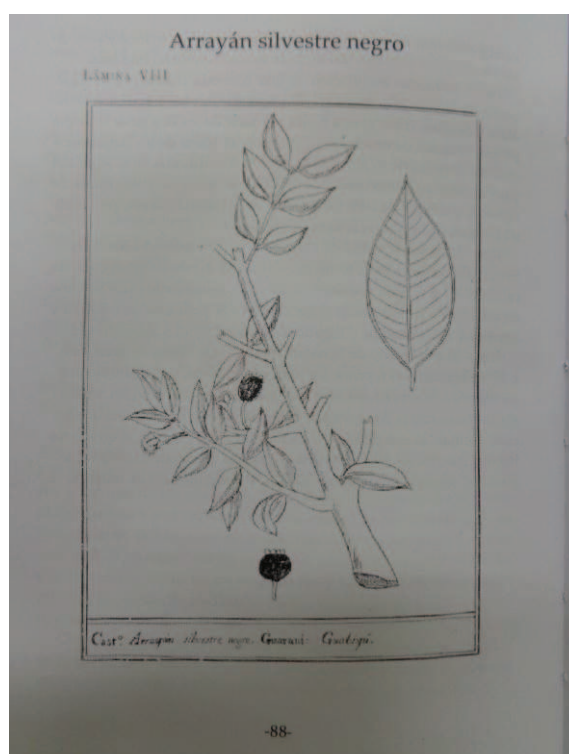
[...] *pues casi todas ellas son venenosas, que de estas ni nombrarlas pretendo, porque como deixo dicho, es cierto, que no conviene, porque **dado caso, que el que lo lee no haga daño por su mano, puede hacerlo diciendo á otros**, por modo de amistad ó confianza, y con dichas confianzas ó amistades de ordinario para la noticia en animos crueles y vengativos; de á donde se han seguido la muerte á muchos; yo de sola una planto trato, y de ello casi estoy arrepentido; **pero viendo el grande úso que tiene en esta tierra en comer su fruto, me vi como obligado á ley de religion á decir su bueno y suma lo que es la planta del Guembé*** (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 29).

Além de ressaltar a permanência da transmissão oral de conhecimentos, já destacada ao tratarmos do papel dos informantes, o autor menciona a necessidade de explicar as vantagens e os riscos do *guembé*, por ser planta de uso contínuo na região na qual se encontrava. Esse compromisso, atribuído, neste momento, à *“ley de religion”* era mais uma forma de tornar a obra acessível, mas acima de tudo, útil àqueles que a manuseassem. Por ser um conhecedor das plantas, Montenegro tornou-se também exímio na averiguação de seus perigos, que só eram apresentados em casos como este, quando a planta era largamente utilizada.

Em alguns momentos, no entanto, o receio do autor foi tão grande que ele preferiu não fazer uso do fármaco, por não ter certeza sobre as reações que o mesmo poderia causar. Ao descrever as qualidades do azeite retirado das bagas do laurel, Montenegro ([1710], 1945, p. 219) citou algumas de suas qualidades para uso tópico, porém ressaltou não ter experiência “*de su uso por lo interior*”. Ainda que mencione não duvidar de suas possíveis qualidades finaliza dizendo que “*por temor he dejado de averiguarlo*” Foi pela falta de experiência que também não apresentou maiores informações sobre a água de laurel destilada, tarefa que deixou para outros: “*de mejor ingenio, ir con el tiempo averiguando sus virtudes poco á poco, por ser tan peligrosas las experiencias de los simple*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 220).

Por outro lado, as plantas que fossem de grande utilidade foram amplamente descritas por Montenegro. No exemplo do *Guabiyú* ou *Arrayán negro*, destaca-se a presença da imagem como uma forma de a população reconhecer a planta: “*me pareció poner aquí su dibujo para que se puedan valer de el, por hallarse mas a mano, y mas cercano á Pueblos, y de ordinario en las huertas*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 31). Depreende-se da narrativa que, apesar de comum na região, a planta teria suas virtudes pouco conhecidas. A utilização da imagem foi a forma encontrada pelo jesuíta para tentar alterar este quadro.

Imagem 7 - Arrayán silvestre negro



MONTENEGRO, [1710], 2009, p. 88.

Ao falar sobre os *arazás*, o jesuíta apresentou um cozimento feito com suas frutas verdes, adicionados a *romero* e *labatiba*, que seria indicado contra fluxos de sangue e com o qual teria, com apenas uma aplicação, salvo a vida de um jovem, fato que chegou a considerar um milagre. Ao final da descrição, chama a atenção o tom de desabafo assumido pelo irmão jesuíta: “*Esta noticia doy para el bien de algun desdichado projimo, porque los de categoria se burlarán de mi caritativo aviso – S. M*”²³⁰ (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 38). Aqui, não foi apenas pelas grandes vantagens em seu uso que Montenegro citou o cozimento, mas também pelo fato de que “*los de categoria*” o teriam rejeitado.

Talvez a alusão tenha sido direcionada a outros médicos ou boticários da região, o que deporia contra a própria afirmativa do autor de que era escassa a presença destes profissionais na região. Talvez a menção tenha sido irônica e feita contra aqueles que se consideravam de categoria, mas não passavam de charlatães. Porém acima de tudo, o fato de uma receita de Montenegro ter sido refutada e o próprio autor mencionar isso, pode nos indicar uma nova razão de seu interesse em fazer-se útil àqueles que não tinham conhecimento sobre os fármacos de origem vegetal. É possível aventar que suas habilidades tenham sido questionadas, levando-o a compor uma obra que buscava agradar tanto aos profissionais do meio, quanto às pessoas comuns, buscando reconhecimento em pelo menos um desses grupos.²³¹

O terceiro tópico tem como foco algumas advertências quanto ao uso das plantas. A justificativa para a adição deste tópico seria a de que: “*muchos que no son péritos, ó exercitados en el uso de las plantas se hallan congojados en no hallando en todas las recetas las cantidades y proporciones*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, *Advertencias [...]*) Neste trecho, o autor expõe como cada tipo de planta deveria ser manipulada. Por exemplo, enquanto algumas plantas deveriam ser levemente cozidas, caso do *Sen* e do *Mechoacán*, outras como as de característica lenhosa deveriam ficar de molho por diversas horas. Além disso, explica o que eram e de que formas seriam feitas infusões.

Na continuidade, aparece a “*Explicacion de los vocábulos de esta obra.*” São 165 termos apresentados em ordem alfabética que variam desde explicações sobre plantas como no caso da *Siliquia*: “*la baina de cualquier fruto, aunque tambien se toma por cierto peso*”

²³⁰ Não encontramos nenhuma referência sobre as letras “S.M”, ao final da citação.

²³¹ Sobre os manuais de medicina popular, que seriam úteis e acessíveis a população comum, ver: THOMAS, Keith. **Religião e o Declínio da Magia**. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1991; GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as Artes de Curar**: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. Rio de Janeiro, Casa de Osvaldo Cruz/ Fiocruz, 2003.

(MONTENEGRO, [1710], 1945, *Vocablos [...]*), passando por termos utilizados na definição de doenças como as *Achoras*: “*Tiña humeda, 1ª especie de lepra.*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, *Vocablos [...]*) e partes do corpo humano, como na definição do *Diaphragma*: “*la tela carnosa que divide el pecho del vientre*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, *Vocablos [...]*). A adição de um dicionário explicativo como este, evidencia a expectativa que seu autor tinha na utilização da obra por pessoas que não estivessem familiarizadas com termos comuns à área, e que necessitariam de explicações quando de sua leitura.

Após isto, os últimos dois tópicos apresentam duas tabelas, sendo que a primeira relaciona todos os vegetais desenhados na obra, o que seria útil tanto aos profissionais, quanto aos leigos, como forma de organizar o conteúdo apresentado e direcionar o leitor diretamente para a planta que estivesse buscando. A segunda, destinada às doenças que seriam tratadas com as plantas apresentadas na obra, também poderia servir a qualquer pessoa que manuseasse o receituário, porém, devemos aventar os possíveis usos da mesma, considerando cada leitor em potencial.

Um boticário, em tese, um conhecedor das potencialidades dos fármacos poderia consultá-la para descobrir novos usos e ampliar seus conhecimentos. Porém, quando um leigo estivesse consultando a obra, tal glossário permitiria um ganho de tempo, posto que ele não teria a necessidade de consultar todo o tratado para encontrar a terapêutica indicada para a doença que teria que tratar. Assim, se buscasse, por exemplo, remédios para os nervos, encontraria o seguintes itens: “*Nervios contusos, y cortados. 3, 9, 142, 232, 240; Nervios encojidos. 74, 214, 237, 268, 291, 394*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, *Tabla de las enfermedades [...]*). Como se percebe, o interesse em tornar prática a vida do leitor no momento da adversidade da doença era tão grande, que a organização da mesma foi feita pela página em que o tratamento deveria ser buscado. Foram indicadas 348 enfermidades, organizadas em ordem alfabética.

Outras questões também parecem ter estado entre as preocupações que afligiam o autor durante a escrita da *Materia Medica Misionera*. Uma delas, a quantidade aplicada, tanto para a composição de um fármaco, quanto para o tratamento, quando este poderia pôr em risco a vida do paciente. Ainda no prefácio, o autor ressaltou tais riscos quando mencionava a forma desleixada de atuação dos charlatães, que ao saberem que uma erva poderia curar a retenção de urina, se aplicada em uma dosagem de duas dragmas²³², acabariam por utilizar duas onças²³³. Dessa forma, aquele que nunca havia urinado, já não poderia deixar de fazê-lo.

²³² “Drachma he a oitava parte de huma onça.” (BLUTEAU, 1728, p. 303)

²³³ “Equivaleria a 28,691 gramas” (SANTOS FILHO, apud ALMEIDA, 2009, p. 60)

E, finalizava com um conselho: “*Y asi te pido, que si quisieres curarte, ó curar á otros, no te salgas de las cantidades señaladas por el riesgo grave que tiene lo contrario...*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, *Explicase la virtud [...]*).

Até mesmo o local em que o simples deveria ser preparado merecia cuidados daqueles que o fossem manipular. Isso por que, sem essa precaução o recipiente utilizado poderia corromper as qualidades do fármaco, ou ainda, o remédio adquirir alguma das propriedades do recipiente, tornando-se nocivo. É o que se depreende de um cozimento indicado para úlceras dos rins e bexiga: “*¡Ojo!! – No hagan este cocimiento en cosas de cobre ni laton, por limpio que esté, porque adquiere lo correcibo del cobre, y entonces es muy dañoso á lo interno, y violento á las llagas*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 14).

As preocupações de Montenegro, apresentadas até aqui, mostram que o autor esteve interessado em estruturar sua obra de forma inteligível a qualquer sujeito minimamente letrado que dela viesse a necessitar. Considerando o ambiente desassistido que o autor nos narra, essa era uma atitude louvável e, altamente recomendada, considerando-se que Montenegro era também um religioso. Porém, os objetivos, a forma como estruturou e, até mesmo, as influências que recebeu e as motivações para escrever a *Materia Medica Misionera* sofreram mudanças, aumentos ou diminuições de interesse ao longo do processo de composição e é sobre estas questões que agora nos debruçaremos.

Em primeiro lugar, destacaremos os objetivos que o autor propôs no início da obra e os compararemos com as posições que Montenegro assumiu ao longo da mesma, nas descrições sobre a rosa mosqueta e a verbena, respectivamente:

Aunque mi intento no es mas que tratar de las plantas propias de esta tierra, que no están hasta hoy delineadas con nombres propios de los autores herbarios, todavia por no hallar dibujada la rosa Mosqueta en Dios Corides, Mathiolo, ni en Gaspar de Bakin francés, que añadió algunas sobre Mathiolo, me pareció necesario dibujarla, y declarar sus cualidades, y excelentes virtudes, y modo de usarla, por tratar muy poco de ella Andres de Laguna en su comentario sobre Dios Corides (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 67, grifo nosso).

Aunque mi intento cuando comencé esta obra, no fué el escribir ni dibujar ninguna de las plantas que trahen dibujadas los demas herbarios: todavia por el bien de estos pobres Indios, destruidos de medicos y medicinas, me veo obligado á darles á conocer las mejores y mas útiles, y necesarias á sus dolencias, q.e con tanta abundancia producen sus tierras, como son la Verbena, Birga aurea, Calaminta, Dictamo, Poleo, Aristoloquia, Palo Santo, ó Guayacán... (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 155, grifo nosso).

Considerando que a *Materia Medica Misionera* tem pouco mais de 400 páginas, contando a partir do início da descrição das plantas, isso significa dizer que mudanças

significativas ocorreram na narrativa do primeiro para o segundo quarto da mesma. Ao compararmos as duas citações, uma primeira evidência demonstra a alteração nos objetivos do autor: enquanto que na primeira, sua intenção de se ater às plantas locais estava posta no presente “*mi intento no es mas*”, na segunda, ele já dava a essa intenção um tratamento de passado: “*mi intento cuando comencé esta obra no fué.*” Isso demonstra que nesse momento o objetivo de apresentar um conteúdo praticamente inédito já havia sido alterado, ainda que o fizesse de maneira sutil.

Apesar de a primeira citação estar no presente e a descrição sobre a rosa mosqueta se justificar pela falta de informações nas obras consultadas, isso abria um precedente para o próprio autor, que a ele recorreria em outros momentos, considerando a relevância da planta ou a necessidade da narrativa, a fim de complementar o conteúdo da obra. No entanto, ao descrever a verbena, essa opção já se tornara, ao menos nas intenções do autor, uma necessidade para os índios que atendia. Independente das razões, os objetivos parecem ter sido ressignificados ao longo da escrita.

Da mesma forma que os objetivos sofreram alterações, o próprio texto se alterou, já que informações foram subtraídas ou adicionadas, à medida que experiências eram realizadas e a narrativa era construída pelo irmão jesuíta. Ao descrever as virtudes da *flor de la pasión*, na página 47 do texto, Montenegro ressaltou que escreveria sobre quatro espécies da planta, sendo que sobre as duas primeiras deixava ditas suas virtudes e sobre as demais: “*dejo dicho en el tratado de los Arazás, ó Guayabas, y en los del Guembe*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 14).

Ao analisarmos a localização de cada uma das supracitadas plantas no decorrer do texto, constataremos que as descrições dos *Arazás* foram feitas a partir da página 35, ou seja, estão localizadas em um momento anterior da obra. Porém, o *guembé* está localizado na página 203, muito depois da descrição sobre a *flor de la pasión* que naquele ponto da narrativa (página 47), era desenvolvida. O fato de já indicar que a receita estaria em um ponto localizado muito à frente na obra, permite-nos pensar em duas hipóteses. A primeira é de que o manuscrito sofreu constantes intervenções, inseridas à medida que novidades surgiam ou novas experiências eram realizadas. E a segunda é a de que as diversas descrições sobre as plantas tenham sido elaboradas de maneira solta e que Montenegro as reuniu posteriormente em forma de livro manuscrito.

Em diversos pontos da obra percebemos a intenção do autor em retomar o texto, caso uma nova informação, fármaco ou mesmo novas experiências fossem adicionadas ao repertório de saberes ligado à planta que naquele momento ele estivesse descrevendo. São

exemplos disso, a descrição que faz do *guayacán*, em que destaca que eram quatro as espécies da referida planta, sendo que a última delas: *“estoy esperando sus ramas y modo de dibujo para decir algo de sus admirables virtudes: si me la trajeren podré dár su estampa”* (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 21). Já na descrição que faz da pimenta, o autor revelaria certa expectativa em encontrar na natureza a planta que descrevia com base em livros e em exemplares que a ele haviam sido trazidos: *“asi las doy por estampa para que se puedan conocer por sus ojas, y modo de enredarse, que si mis ocupaciones me dieran lugar á ellos, espero en él Señor la descubriré en breve...”* (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 403).

No prefácio, Montenegro ([1710], 1945, prefácio) afirmou que seu tratado não estava fechado, sendo que novas descobertas estariam ligadas às condições que o futuro lhe reservaria: *“si mis ocupaciones y salud diere lugar pretendo sacar á luz otras nuevas plantas que boy haciendo su inquisicion y algunos animales, pajaros, y aves de partes medicinales, de que tengo yá algunos apuntamientos no de poca importancia”*. Diante desta afirmação, cabe-nos perguntar como o prefácio, que em termos de ordenação constitui o início de uma obra, já revelava um autor preocupado em continuar desempenhando suas tarefas. Esta constatação nos oferece algumas suposições.

Ao descrever os principais referenciais de sua obra, os já citados Dioscórides, Mathiolo e Laguna, o autor destacou uma aquisição recente que o ajudava na composição de sua narrativa: *“Ahora á lo último de esta obra llegó á mis manos las obras de Guillermo Pisón, y Jacobo Bonti, que escribieron en el Brasil”* (MONTENEGRO, [1710], 1945, prefácio). No prefácio, ao informar que já próximo da conclusão da obra é que foi possível tomar contato com os textos de Pisón e Bonti, parece claro que este tópico só foi escrito após a conclusão do corpo do texto.

Apesar de ter estado em contato com as obras dos autores holandeses já ao final da escrita do tratado, isso não o impediu de utilizá-las, fato que procura destacar ainda no prefácio. Ao mencionar as plantas do Brasil descritas por estes autores, Montenegro ressaltou que: *“he descubierto yá algunas, las cuales pongo con sus nombres en Tupi, y Guaraní, y asimismo las virtudes q.^e dichos autores recitan de ellas”* (MONTENEGRO, [1710], 1945, prefácio). Ao observarmos a localização das catorze menções extraídas de Pisón e as oito de Bonti presentes na obra do jesuíta, torna-se ainda mais claro que os autores só passaram a ser representativos, após metade do texto já ter sido produzido.

A primeira menção foi feita no prefácio que, conforme indicamos, parece ter sido escrito ao final do trabalho. Depois disso, ambos os autores são citados somente na página 101, na descrição do *macaguá*, e ali, é feita a menção sobre a aquisição das obras. Porém, os

autores só são retomados na descrição dos tamarindos, já na página 227. Tal fato nos leva a crer que a primeira descrição de planta em que os holandeses foram mencionados tenha sofrido uma intervenção ou deslocamento dentro da obra. As palavras de Montenegro parecem corroborar nossa suposição:

Muchos años he andado por descubrir esta tan noble y escogida raiz, despues que vi su dibujo en las obras de Menardes, y Huerta; [...] llegando á mis manos las obras de Guillermo Pisson, y las de Jacobo Bonti, informado mejor de sus circunstancias vine á descubrir (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 111).

Se consideramos as obras de Dioscórides, Laguna e Mathiolo²³⁴, todos eles são citados de maneira mais equilibrada ao longo do texto, sendo que foram mencionados, pela primeira vez, já na página dezessete, quando da descrição da casia solutiva. Todos estes fatores apontam para importância e por que não dizer, influência, que as obras de Pisón e Bonti exerceram sobre o autor jesuíta. Os elogios constantes ao conteúdo e aos autores, somados ao grande número de citações encontradas na segunda metade da obra reforçam tal suposição, sendo que, quando consideramos somente a parte final da obra, constatamos que Pisón foi o autor mais citado com nove menções, sendo que, logo em seguida, ficaram Laguna e Mathiolo com oito citações cada.²³⁵

Uma obra referida apenas uma vez ao longo da *Materia Medica Misionera* também adquire relevância em nossa suposição de que o texto foi construído de maneira contínua pelo seu autor. Já ao final da narrativa, quando faz a descrição do cravo, Montenegro mencionou uma receita feita à base de vinho e um licor extraído da planta, sendo que: “*puesto en los ojos notablemente clarifica la vista, segun afirma cierto autor Frances, ó por mejor decir autora nombrada Madame Fuchote*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 398).

Vale destacar a relutância inicial do autor na identificação de Madame Fuchote. No primeiro momento, Montenegro a chama de autor para, depois, corrigir-se e afirmar ser ela, de fato, uma autora. Interessa-nos, aqui, levantar possibilidades sobre onde, possivelmente, Montenegro teve acesso a esta obra. Consultando o inventário da biblioteca do colégio, não encontramos qualquer menção, porém, o inventário *do pueblo de Apóstoles*, o primeiro para onde o irmão jesuíta foi enviado, possuía uma escassa biblioteca, que contava com apenas uma obra de Medicina, coincidentemente, a *Obra Medico Quirurgica de Madame Fouquet*.

²³⁴ Entre esses autores, no entanto, apenas este último (Mathiolo) tem sua obra referenciada no inventário da biblioteca do Colégio de Córdoba. Outros autores mencionados por Montenegro que também apareceram nas estantes da biblioteca foram: Galeno, Juan de Vigo e Riveiro.

²³⁵ Considerando apenas a metade final da obra, os demais autores foram assim citados: Dioscórides 6 e Bonti 5.

Como se pode perceber, através das análises feitas neste tópico do último capítulo da dissertação, uma obra não pode ser considerada pronta até que esteja à disposição daqueles que serão seus leitores.²³⁶ O saber em constante transformação determinava que Montenegro se mantivesse atento a tudo que acontecia e aberto a constantes intervenções na narrativa que construía. A forma como estruturou o texto, calcado em saberes técnicos, mas procurando mantê-lo acessível a qualquer leitor em potencial demonstra a preocupação do autor em tornar relevante o trabalho que desenvolvia. Na continuidade, procuraremos observar quais as obras que foram utilizadas, por Montenegro, de maneira contínua durante a escrita da *Materia Medica Misionera*, além disso, procuraremos observar como o autor jesuíta se posicionou com relação ao “estado da arte” do campo médico.

4.3. PEDRO MONTENEGRO: O AUTOR TÉCNICO E O “ESTADO DA ARTE”

Neste momento, temos como objetivo identificar e avaliar como Pedro Montenegro se posicionou com relação aos autores dos Tratados Médicos que foram referenciais para a composição de sua *Materia Medica Misionera*. Para analisarmos como o jesuíta se posicionou em relação aos conhecimentos já consagrados da área da botânica médica, recorreremos novamente a sua obra, onde, apesar da valorização dos saberes nativos, pode-se perceber toda a influência de seu ambiente de formação na Europa.

Ao longo deste trabalho, procuramos ressaltar como os conhecimentos clássicos do período grego continuavam exercendo grande influência nas concepções relativas às artes de curar. Assim, os nomes de Hipócrates e Galeno continuavam sendo tratados com reverência e como referência entre os profissionais da saúde.²³⁷ Porém, para Montenegro, que tinha maior interesse nas propriedades medicinais das plantas, o nome de maior vulto era outro: Pedacio Dioscórides Anazarbeo, médico grego, que atuou em Roma, e autor do manual de plantas mais utilizado em todo o ocidente até o século XVIII.

²³⁶ Como destaca Michel de Certeau, a leitura seria uma “caça- furtiva”, mostrando que cabe ao leitor criar significados, apropriando-se de seu conteúdo. Ao mesmo tempo, escritores e editores buscam balizar essa o caminho do leitor. Chartier define bem essa tensão: “Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la.” (CHARTIER, 1990, p. 123)

²³⁷ No período, a associação entre uma obra e um nome ainda era privilégio dos clássicos. E, ainda que a ideia de autoria que existe hoje, ainda não existisse, nestes poucos casos já era possível observar uma função- autor: “A “função- autor” é o resultado de procedimentos precisos e complexos, que posicionam a unidade e a coerência de uma obra (ou conjunto de obras) em resulação à identidade de um “sujeito construído.” (FAULHABER, 2012, p. 38)

Para compreendermos a influência que Dioscórides exercia sobre o conhecimento dos fármacos, apresentamos alguns dados sobre a obra, assim como sobre seus posteriores comentadores que, em grande medida, foram os principais referenciais para a escrita da *Materia Medica Misionera*. O texto original do autor grego foi composto em cinco volumes e continha a descrição de cerca de 600 plantas medicinais. Além disso, foram arrolados diversos minerais, assim como substâncias de origem animal.

Ao longo da Idade Média, o manuscrito de Dioscórides se popularizou em diversos lugares e, conseqüentemente, através de diferentes línguas²³⁸. Ao mesmo tempo em que tornava-se amplamente conhecida, a obra, pelas diversas traduções e intervenções que sofreu, algumas delas adicionando, outras subtraindo informações, distanciava-se cada vez mais do original. Com o surgimento da imprensa e o interesse crescente por obras do período clássico, fruto em grande medida do Renascimento,²³⁹ os editores passam a tentar reconstituir a obra com a maior fidelidade possível, buscando sintetizar seu conteúdo a partir de antigas versões que se encontravam em poder de poderosas famílias como os Médici e os Montefeltro.²⁴⁰

Considerando-se apenas as versões latinas da obra, a primeira edição teria sido lançada em 1478, na região italiana da Toscana. A obra teria sido baseada em um já conhecido compêndio intitulado el *Dyoscorides*, que teria sido organizado pelos membros da escola de Salerno. Ao conteúdo original da obra teriam sido adicionados trechos de diversos comentadores.²⁴¹ Como se pode perceber, desde a primeira versão impressa, os responsáveis por tecer comentários ou explicações sobre as obras clássicas tinham grande importância,

²³⁸ Aurora Miguel Alonso (2008, p. 3) destaca que, em diferentes períodos, a obra se fez conhecida em todas as línguas científicas do período: “*el texto griego, difundido sobre todo desde la Italia bizantina; el texto latino, traducido desde el original griego en Italia del Sur y África del Norte a partir del siglo VI; el texto árabe, traducido en Bagdad en el siglo IX y transmitido a Occidente a partir del califato de Córdoba en el siglo X; y el texto latino traducido del texto árabe preferentemente en Italia del Sur, a finales del XI o principios del XII*”.

²³⁹ Gruzinski (2001, p. 132-133) destacou a importância que a obra de Ovídio possuía durante o século XVI. Acreditamos que o exemplo possa ser estendido para as diversas obras clássicas que circularam largamente até o século XVIII: “A presença de Ovídio na América nada tem de misteriosa. Nossa surpresa - ou nosso ceticismo - só resulta do desconhecimento do século XVI e da distância crescente que nos separa do convívio com os clássicos latinos. Para os letrados do Renascimento e para um público europeu mais amplo do que se imagina, a obra de Ovídio, ao mesmo tempo clássica e “best-seller”, fazia parte de uma bagagem de conhecimentos elementares.”

²⁴⁰ As exaustivas tentativas de autores, editores e mecenas do período moderno em manter vivas as obras clássicas foram analisadas por Chartier (2012, p. 269): “A ansiedade da perda obcecou uma época afligida pela recuperação da herança antiga, pelo inventário de todos os livros que foram escritos, pelos sonhos de biblioteca universal. Nesse desejo de exaustividade, o desaparecimento das obras era vivido como uma ferida. Entretanto, era igualmente claro que nem todos os escritos tinham vocação para subsistir e se tornar arquivos. Sua multiplicação indomada era percebida como outro perigo: aquele da saturação, do sufocamento, da desordem. Ao opor os “jardins” dos discursos bem-ordenados às “florestas” selvagens dos escritos, as metáforas antigas diziam com acuidade esses temores contraditórios.”

²⁴¹ Alonso (2008, p. 6) refere que: “*se le sumaron adiciones de Gargilius, Martialis, Pseudo-Apuleyo, Pseudo-Oribasio, Isidoro, Galeno y otros. La edición incunable fue publicada con comentarios de Pietro d'Abano, profesor de Padua y conocido médico escolástico del siglo XIV*.”

sendo, também eles, reconhecidos como autores da obra em que seus escólios fossem inseridos.

Já as versões em vernáculo da obra só passaram a ser produzidas em meados do século seguinte e de maneira intensa, o que demonstra, além do interesse, uma demanda cada vez maior, já que não haviam sido publicadas em latim,²⁴² o que dificultava a leitura das obras clássicas²⁴³. As versões em italiano (1542), alemão (1546), francês (1553) e espanhol (1556) aumentaram o número de potenciais leitores e, assim, fizeram crescer ainda mais a importância dos comentários, como intermediários entre o original e o leitor, chegando: “*hasta el punto de que, normalmente, éstos superan con mucho el espacio ocupado por el texto original*” (MIGUEL ALONSO, 2008, p. 8).

A fim de evitar nos alongarmos na contextualização sobre as diversas versões comentadas da obra de Dioscórides que foram publicadas na Europa entre os séculos XVI e XVIII, nos ateremos àquelas que foram citadas como referenciais para Montenegro. Autores como Mathiolo e Laguna figuram entre os principais comentadores do autor grego, tanto pela importância concedida a estes por outros autores do período, assim como pela grande quantidade de edições destes Tratados.

O trabalho de Mathiolo²⁴⁴ constituiu-se na segunda edição comentada da obra de Dioscórides em italiano²⁴⁵ e, apesar de não contar com o ineditismo de uma primeira versão, em breve período sua obra tornou-se uma das principais no gênero do estudo das plantas medicinais. Publicado em 1544, o tratado teve, ao menos, 30 edições durante o século XVI, o que acabou por ofuscar outros comentadores do autor grego. Miguel Alonso (2008) destaca também que o estilo polemista do texto de Mathiolo, assumido para a defesa de suas

²⁴² Durante o século XVIII, com a difusão das obras vernáculas, algumas delas acabavam recebendo elogios por seu conteúdo, porém, eram criticadas pelo fato de não serem publicadas em latim, o que as valorizaria: “*Es lastima salga este escrito en castellano, porque debe recelarse no tenga el mayor aprecio de los doctos, y que abussen de sus sutilezas (por mal entendidas) los indoctos. Si se escribiesse en latin, lograria universal aclamacion, por ser su Autor el primer Español, que dà a luz un fiel trassumpto de la doctrina de los Modernos, aunque en la practica no se adelanta à los Antiguos. Assi lo siento (salvo etc) en este Colegio de la señora Doña Maria de Aragon, Orden de N. P. S. Agustin, en Madrid à 22. De Julio de 1730.*” (SANZ DE DIOS, 1730, Aprovação)

²⁴³ É o que nos adverte Alonso (2008, p. 8): “*Los lectores potenciales ya no son exclusivamente profesores de universidad o médicos, sino cualquier persona medianamente cultivada que desea profundizar en el mundo de las plantas medicinales, la flora de una región o la terapéutica.*”

²⁴⁴ É importante ressaltar que não tivemos contato com a obra de Mathiolo, assim, os comentários estão calcados diretamente na bibliografia produzida sobre ela. Destacamos aqui: SARMIENTO, F. Javier Puerto. La panacea aérea. Alquimia y destilación en la corte de Felipe II (1527-1598). **Dynamis**. Acta Hisp. Med. Sci. Hist. Rlus. 1997, 17, 107-140; VALDERAS, José María. La polémica en la investigación botánica del siglo XVI. Mattioli contra Lusitano. Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). **Collectanea Botanica** 25, 2000, p. 255-304.

²⁴⁵ A primeira edição italiana da obra foi publicada por Fausto Sebastiano, em Veneza, no ano de 1542.

concepções, o que também pode ter contribuído para o sucesso de seu tratado, em detrimento de outros.

A obra de Laguna também recebeu grande reconhecimento, desde a primeira edição realizada no ano de 1555, em Amberes. As quatro edições seguintes, com Laguna ainda vivo, foram feitas em Salamanca, entre 1563 e 1586. Sua obra está dividida em seis livros,²⁴⁶ subdivididos por temática, sendo que o sexto livro não tem relação com o conteúdo da obra de Dioscórides, sendo, possivelmente, autoral.

Destacamos ainda a obra do espanhol Nicolás Monardes que, apesar de não realizar em seu texto um comentário direto da obra de Dioscórides, utiliza-se do mesmo como referencial. Notabilizou-se por, num primeiro momento, posicionar-se contrário aos fármacos americanos e, posteriormente, atribuir grande valor aos mesmos²⁴⁷. Sua obra mais conhecida, de 1565, versou, especialmente, sobre as plantas provenientes da América que poderiam ter utilidades medicinais.

Apesar de os médicos supracitados terem se constituído nos principais referenciais do irmão jesuíta Montenegro, sua obra faz emergirem diversos outros autores que, em menor número, foram fundamentais para a composição da *Materia Medica Misionera*. Voltemos a ela. A obra apresenta um total de 35 autores citados, sendo que o estilo narrativo do período descomprometia o autor de fazer referência mais direta à obra que especificamente estivesse citando. Assim, em diversos momentos, nos deparamos simplesmente com a menção de que a obra de determinado autor foi consultada: “*El Arrayán montano que nos pinta Dios Corides*”; “*Afirma Guillermo, que socorre en tiempo de pestilencias*²⁴⁸”; “*segun de ella dice Cristoval de Acosta*.”²⁴⁹ (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 25, 198 e 259).

Apesar do grande número de autores citados, nota-se uma clara graduação de importância exercida por cada um deles para a composição do texto de Montenegro. (Anexo B). Tanto é assim, que apenas oito autores, ou 22, 8%, são citados cinco ou mais vezes na

²⁴⁶ O livro está estruturado da seguinte maneira: “Libro I. «Medicinas aromáticas, aceites, ungüentos, árboles y los licores, gomas y frutos que de ellos nacen». 147 capítulos, 102 ilustraciones; Libro II. «Animales, miel, leche, enjundia, las legumbres y la hortaliza, añadiendo todos aquellas yerbas que se muestran al gusto agudas, como son los ajos, las cebollas y la mostaza». 177 capítulos, 180 ilustraciones; Libro III. «Raíces, zumos, yerbas y simientes domésticas y ordinarias a la vida del hombre, como de las medicinales». 170 capítulos, 166 ilustraciones; Libro IV. «Otras especies de plantas y raíces». 194 capítulos, 192 ilustraciones; Libro V. «Toda suerte de vinos y minerales». 140 capítulos, 5 ilustraciones; Libro VI. «De la facultad y fuerza de los venenos, y de los remedios saludables contra ellos». 69 capítulos, 3 ilustraciones.”

²⁴⁷ Diversos trabalhos dão conta das transformações havidas no conhecimento da medicina a partir da descoberta das potencialidades medicinais da América, destacamos aqui: GUERRA, Francisco. *La medicina precolombina*. Madrid: **Cultura Hispánica**, 1990; CORBELLA, Jacint. *El conocimiento de la flora americana y su impacto en el desarrollo de la toxicología*. Gimbernat: **Revista Catalana d'història de la Medicina i de la Ciència**, v. 12, 1989, p. 53-67.

²⁴⁸ Na descrição do Achiote ou Urucú no Guarani.

²⁴⁹ Na descrição da Mangifera do Brasil.

obra,²⁵⁰ o que deixa claro que tiveram maior influência na composição textual do irmão jesuíta. Os nomes reforçam a importância dos autores clássicos gregos e romanos, mas revelam, também, o papel crescente de novos escritores, comentadores ou não dos antigos Tratados médicos.²⁵¹ Os mais citados foram Dioscórides e seu comentador Laguna, com 22 menções. Em seguida Mathiolo, outro dos comentadores do médico grego com 19. Guillermo Pisón e Jacobo Bonti, que escreveram suas obras no Brasil vem em seguida com 14 e 8 citações respectivamente. Completam a lista Monardes e Huerta com 6 e o romano Plínio com 5 menções.

O número de autores que foram mencionados apenas uma vez em toda a *Materia Medica Misionera* é bastante expressivo: 21; o que representa 60% dos nomes²⁵². Esse grande percentual nos permite propor algumas hipóteses. Em primeiro lugar, podemos intuir que, apesar de consultar suas obras, Montenegro não tenha visto relevância em suas obras para dar maior importância a esses autores, em sua maioria, menos conhecidos, e que, portanto, ofereciam menor importância do que os clássicos, largamente citados.

Em segundo lugar, podemos apresentar um quadro diametralmente oposto: é sabido que era grande o número de receitas e descrições soltas que circulavam durante esse período, não só no universo americano e missionário, mas em todo o mundo conhecido.²⁵³ Talvez, muitos desses autores menos relevantes para a composição da obra, só tenham sido referidos poucas vezes porque Montenegro não possuía suas obras na íntegra. O fato de alguns autores clássicos como o grego Theofrato e o árabe Avicena estarem entre aqueles que só receberam uma menção reforça tal suposição.

²⁵⁰ É importante esclarecermos que consideramos apenas uma citação a cada planta que o autor é mencionado. Assim quando dizemos que determinado autor foi citado cinco vezes, significa dizer que ele foi mencionado em cinco plantas diferentes.

²⁵¹ Apesar da importância crescente dos autores contemporâneos ao escritor, a manutenção dos clássicos como principal referência indica uma permanência do que era fazer ciência no medievo: “Porém, os textos que chamamos “científicos” (sobre cosmologia e os céus, medicina e doenças, ciências naturais ou geografia) somente eram considerados verdadeiros, na Idade Média, se o nome do autor estivesse indicado. Afirmções como ‘Hipócrates disse...’ ou ‘Plínio dizia...’ não eram meramente fórmulas para um argumento baseado em autoridade; distinguiam um discurso comprovado”. (FAULHABER, 2012, p. 42)

²⁵² Os nomes apresentados são os seguintes: Sirena, Leon, Andres Alcazar, Francisco Morato Portuquez, Democrates, Lerroy, Madame Fuchote, Herrera, Farfan, Cratevas, Isidro Ortiz, Theofrato, Avicena, Cristoval de Acosta, Pablo Zaichia, D. Antonio, um médico descrito como um italiano que curou em Salta, um cirurgião descrito como afirmado dos tempos de Madri, um outro cirurgião dos tempos de Madri (que poderiam ser a mesma pessoa), além dos padres Montoya e Baltazar Telles.

²⁵³ Não apenas na área da medicina é que foram utilizados os manuscritos. A praticidade de sua transmissão garantiu a manutenção de seu uso, mesmo depois da invenção da imprensa: “Podemos recordar, así, como el manuscrito en circulación permitía la rápida transmisión de noticias recién producidas; la posibilidad de sacar todo el partido de su propia rareza frente a los impresos ofreciéndolo como regalo; su capacidad para rescribirse continuamente adaptándose, por ejemplo, a las últimas novedades de la corte; el control del número de copias y de presumibles lectores de éstas, tan necesario para practicar con cautela la heterodoxia religiosa o la crítica política.” (BOUZA, 2001, p. 74)

Outra questão que merece ser destacada diz respeito ao baixo número de autores religiosos que foram citados na *Materia Medica Misionera*. Apesar de diversos padres ou membros de congregações religiosas terem se destacado também como autores de obras científicas, tais como José de Acosta²⁵⁴, Giuseppe Ascelepi²⁵⁵, Sanz de Dios²⁵⁶, entre outros, Montenegro parece não ter se utilizado de maneira direta desses autores. É bem verdade que alguns padres, especialmente jesuítas, são citados ao longo da obra, mas estes foram sujeitos que estiveram em contato com Montenegro e não efetivamente autores de obras de botânica médica, casos do padre Diego Ruiz e do P. Tomas Moreno, companheiro de viagem do irmão jesuíta.

Considerando o fato de ser membro de uma ordem religiosa, talvez tenha sido interessante para Montenegro utilizar-se de maneira mais efetiva de autores que tivessem ligação com a Igreja, especialmente jesuítas, afinal, se o autor tivesse interesse em publicar sua obra, as aprovações seriam concedidas pelo próprio clero. O estreitamento da ligação entre o livro que escrevia e a instituição que a aprovaria poderia tornar-se um facilitador.²⁵⁷ Um dos padres citados foi Montoya, jesuíta de grande relevância na América Meridional e, talvez por isso, citado na obra de Montenegro, algo que também valorizaria o trabalho da ordem na região em que atuavam.²⁵⁸ O outro padre citado, o jesuíta português Baltazar Telles, foi um dos poucos que também teve o nome de sua *História Geral da Etiópia a Alta*, mencionado pelo irmão Montenegro.

Mas, também devemos considerar quais podem ter sido as motivações de Montenegro para, como o fez, abster-se de utilizar obras de outros religiosos para a composição de seu próprio tratado. Em primeiro lugar, devemos considerar a sua formação como leigo e o contato anterior com toda uma série de obras que estavam ligadas mais diretamente ao universo científico do período. Ainda que, como já advertimos anteriormente, ciência e

²⁵⁴ José de Acosta foi um espanhol nascido em Medina del Campo, em 1539. Jesuíta, que atuou no Peru, onde escreveu uma das obras mais conhecidas entre os membros da Companhia de Jesus que estiveram na América: "*Historia Natural y Moral de las Indias*". Faleceu em Valladolid em 1600.

²⁵⁵ Nasceu na Itália em 1706. Foi um jesuíta reconhecido por seus trabalhos na área de física e astronomia. Faleceu no ano de 1776.

²⁵⁶ Graduou-se pela Universidade de Salamanca e foi membro do grêmio da mesma universidade. Foi médico da casa real e dos hospitais reais.

²⁵⁷ Sobre esta temática, recomendamos a leitura de: FLECK, Eliane Cristina Deckmann; POLETTO, Roberto. 'En este libro no hallo cosa que se oponga a los dogmas de nuestra Santa Fe ni a las uenas costumbres': um estudo sobre dedicatórias, prólogos e censuras em tratados de cirurgia e de medicina do Setecentos. **Varia História (UFMG. Impreso)**, v. 29, p. 125-142, 2013.

²⁵⁸ É provável que no século XVIII, as concepções de Montoya já não fossem amplamente utilizadas para o conhecimento das doenças e da botânica americanas, porém, no início do processo de evangelização, sua obra foi amplamente utilizada para esse fim. Sobre o tema ver: FLECK, Eliane Cristina Deckmann. **Sentir, adoeecer e morrer** - sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII. 332 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Porto Alegre, 1999.

religião estivessem bastante ligadas durante o Antigo Regime, o século XVIII aprofundou a separação entre ambas, assim, esta pode ter sido uma das razões que Montenegro teve para afastar-se dos autores/religiosos, e, assim, ser reconhecido pelos profissionais da botânica médica, que vinha se consolidando no período.

É importante que destaquemos, também, as diversas referências ao que chamamos de autores sem identidade, ou seja, citações feitas de maneira genérica a possíveis autores que corroborassem a descrição que Montenegro estivesse realizando. São 10 as menções feitas dessa forma, como nesta em que o jesuíta descreve o guembé: “*una de las mas hermosas plantas, que se halla en el Orbe, entre todas cuantas se pintan y escriben los autores*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 204). Duas motivações podem ter levado o autor a utilizar-se de tal recurso narrativo.

Em primeiro lugar, para demonstrar domínio sobre o “estado da arte”, pois ao demonstrar conhecimento sobre a opinião de diversos autores, ele estaria posicionando-se como um profissional conhecedor das discussões da área. Além disso, essa pode ter sido uma forma de demonstrar que a opinião tornara-se lugar comum entre os autores daquele campo de conhecimento. Assim, tornava-se mais interessante economizar a própria pena, citando, genericamente, que os autores, em geral, concordavam com determinada concepção. Essa concordância parece ficar presente no início da descrição da *escobiosa* quando diz: “*Todos los autores que tratan de la Escobiosa...*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 321).

Outros pontos da obra deixam evidente essa intenção do autor de posicionar-se, não como um religioso, mas, sim, como profissional ligado às artes de curar. A narrativa, muitas vezes, ultrapassa a descrição pura e simples da planta ou do fármaco com ela elaborado e apresenta informações diversas da área. Influências observadas entre autores, evolução nas percepções, informações sobre o “estado da arte” em ambientes longínquos e comparações diversas entre um tratado e outro reforçam nossa percepção de que Montenegro não apenas estava atento às discussões médicas do período, mas também queria deixar esses conhecimentos evidentes em sua narrativa.

Um exemplo claro sobre o modo como as informações acerca de uma planta evoluíram com o passar do tempo pode ser encontrado na descrição da *casia solutiva*. Em primeiro lugar, o autor apresenta a seguinte informação: “*En tiempo de Dios Corides no se sabe hayan descubierto la Caña fistola*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 18). Na continuidade, ele apresenta a primeira informação havida sobre a mesma: “*Mathiolo que escribió primero que Laguna ya trata de ella.*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 18) Laguna, sabidamente, utilizou-se do Tratado de Mathiolo na composição de sua obra, porém

as palavras de Montenegro ([1710], 1945, p. 18) deixam claro em que ponto o texto do primeiro evoluiu em relação ao do segundo: “*Laguna en su comentario trahe dos diversas cañas fistolas*”. O acompanhamento da evolução sobre os conhecimentos relativos a planta só foi possível através do domínio dos textos referenciais pelo irmão jesuíta.

Alguns termos aplicados em meio às descrições também nos revelam um Montenegro ([1710], 1945, p. 299) familiarizado com a linguagem corrente no meio a que pertencia ou se queria pertencente. Na descrição sobre o gengibre, isso fica evidenciado: “*Dos estampas diversas en figura nos muestra Guillermo Pisson, en su Dios Corides, de las plantas del Brasil, y asi mismo Jacobo Bonti en sus obras, asi del Brasil como del Oriente*”. Ao referir-se à obra de Pison como “*su Dios Corides*”, pode-se notar uma prática corrente no período, a de chamar a obra de cada autor que tratasse sobre plantas medicinais pelo nome do mais reconhecido autor desta temática.²⁵⁹ Conectando-se ao circuito das ideias correntes, Montenegro ia, também ele, compondo seu próprio Dioscórides.

As informações diversas apresentadas na obra, quer fossem elas sobre pessoas ou sobre doenças ou terapêuticas podiam ser alcançadas através de informantes, como já apresentado anteriormente, mas também através das obras de referência que o autor consultava enquanto compunha seu receituário. Muitas vezes, elas deixavam transparecer opiniões pessoais de Montenegro ([1710], 1945, p. 272), demonstrando sua admiração ou respeito por determinado autor, como nesta menção feita a Guillermo Pison apresentado como: “*insigne simplicista, y gran Fiscico*”.

Por vezes, uma doença podia ficar associada diretamente a um determinado ambiente onde sua ocorrência fosse costumeira. Além de citar, por diversas vezes, o conhecido mal francês, o jesuíta também apresenta, na descrição que faz do *pan porcino* ou *Carachirá miri* que a mesma seria indicada para a retenção dos vômitos coléricos. Montenegro ([1710], 1945, p. 106) chama a atenção para a nomenclatura da doença que: “*llaman los medicos colera morbo, ó pasion Arabiga, por haber mucho de este mal en la Arabia*”. Tais informações evidenciam um autor bem informado sobre os acontecimentos em sua área de atuação.

As comparações entre o conteúdo de um tratado e outro também foram constantes e serviam tanto para apresentar as diversas variáveis possíveis na descrição de uma planta e de seus atributos, como para refutar concepções e afirmar posicionamentos frente aos seus leitores. Apesar de o número de autores prestigiados não ser tão elevado e, no caso de obras

²⁵⁹ Prática que não se alterou até, ao menos, o final do século XIX, já que, conforme informamos no início do trabalho, Manuel R. Trelles, ao publicar pela primeira vez a obra de Montenegro, atribuiu a ela o nome de *Materia Medica Misionera*, numa referência clara ao mais reconhecido autor de uma de botânica médica, o grego Dioscórides, autor da *De Matéria Medica*.

com descrição de plantas, a maioria possuir estreita ligação com o trabalho de Dioscórides, isso não impedia que os posicionamentos fossem contundentes e, muitas vezes, divergentes, mostrando mais um dos aspectos do debate científico travado durante os séculos XVII e XVIII.

Com relação às diferenças de características existentes entre as diversas espécies de uma mesma planta, Montenegro não se furtava de apresentar textualmente todas as opções que conhecia, porém, da mesma forma, não deixava de se posicionar, situando qual seria a mais efetiva, em sua opinião. Foi o que fez no item elaborado sobre as já mencionadas *escobiosas*. Destacava que aquela apresentada por Laguna e Dioscórides era encontrada facilmente nas missões, porém fazia a ressalva: “*es muy inferior á la que nos dibuja Mathiolo, que es la que aquí queda estampada*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 322).

Apesar de apresentar, na descrição, todas as espécies de *escobiosa*, a variante escolhida para representação através de imagem foi, ao invés da mais comum, a que, na opinião do autor, apresentava maior qualidade. Tal escolha nos gera uma suposição: como a espécie apresentada por Dioscórides e Laguna era comum na região missioneira, e, portanto, facilmente encontrada, suas possíveis virtudes já seriam conhecidas entre a população local. Assim, a opção pela imagem da espécie com maior qualidade, mas também, pelo que se depreende da narrativa, menos conhecida na região, permitiria que pessoas que entrassem em contato com seu tratado pudessem conhecê-la e, vir a encontrá-la com mais frequência no espaço geográfico missioneiro.

A apresentação de concepções, muitas vezes, discordantes das suas, demonstra que, ao invés de fechar-se em torno de suas ideias e buscar a polêmica sempre que algo ou alguém as contrariassem como era comum em muitos autores da época e ficou demonstrado no primeiro capítulo, parece depor a favor do jesuíta. Na descrição da *henula campana* e de seus níveis de temperatura e sequeidão, pode-se provar seu comedimento ao registrar a opinião de outros autores: “*Tengola por caliente en el fin del tercer grado, principios del cuarto, aunque algunos lo ponen en el segundo, y seca en el segundo, aunque la ponen en el primero, como es Cratevas Jude Bigo, y otros*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 331).

A análise da narrativa de Montenegro ([1710], 1945, p. 122) evidencia, portanto, o que já apontávamos no início deste capítulo: sua predileção pelos autores clássicos. Se o elevado número de menções já deixava esta característica bastante clara, alguns pontos do seu texto fazem questão de estabelecer uma hierarquia entre aqueles profissionais que, ao longo dos séculos, tornaram-se referenciais, e seus contemporâneos, muitas vezes, sem a competência necessária para o exercício das artes de curar. Após apresentar uma terapêutica consagrada

pela medicina antiga, em tom irônico, o autor prossegue: “¿Que dirán los Dotorcillos medicos del día á estas curas admirables de los medicos antiguos? Se reirán no hay duda, porq.^e con tales yuyos no hay nesecidad de los tormentos de las mentadas operaciones”.

Se a medicina clássica se manteve, ao longo de tantos séculos, como a principal referência aos estudiosos das diversas artes de curar, também é verdade que problemas foram apontados e que, ao longo do tempo, soluções foram encontradas para resolvê-los. No que concerne ao estudo das plantas, uma das principais dificuldades que os gregos encontraram esteve ligada ao modo como as mesmas seriam reproduzidas, a fim de que os leitores pudessem reconhecê-las e passassem a utilizá-las. As dificuldades na obtenção de uma adequada reprodução iconográfica foram descritas por Plínio, em sua História Natural e demonstram as limitações que os escritores do período clássico tinham:

Hay algunos autores griegos que han tratado este tema [la botánica]. Entre ellos, Crátevas, Dionisio y Metrodoro han utilizado una fórmula muy seductora, pero que no hace más que demostrar la dificultad con que tropezaron. En efecto, han reproducido las plantas en colores y han escrito debajo sus efectos. Pero la pintura misma es engañosa, pues los colores son muy numerosos, sobre todo si se quiere rivalizar con la naturaleza, y está demasiado alterada por los diversos azares de la copia. Además, no es suficiente pintar cada una de las plantas en un periodo único de su vida, puesto que cambian de aspecto con las cuatro estaciones del año.

De ahí que otros autores hayan dado una simple descripción, algunos incluso, sin describirlas, han mencionado generalmente sus nombres sin más, creyendo que era suficiente indicar las propiedades y la eficacia de las plantas de las que se ocupan en su investigación (MIGUEL ALONSO, 2008, p. 9-10, grifo nosso).

Apesar de a arte da cópia ter sido largamente empregada, especialmente, durante o medievo, havendo copistas que eram verdadeiros mestres, não podemos desconsiderar que a continuidade de reproduções afastava os novos exemplares cada vez mais do original. Ao final das palavras de Plínio, ele ressaltava que tais dificuldades faziam com que, cada vez mais, os autores se ativessem a descrever as plantas e seus efeitos terapêuticos da melhor maneira possível com as representações gráficas ficando em segundo plano.

Considerando-se este cenário, uma mudança significativa foi alcançada durante o século XV e transformaria para sempre a reprodução de imagens: a criação da imprensa.²⁶⁰ A

²⁶⁰ Ainda que o surgimento da imprensa não tenha implicado em uma revolução na relação leitor X leitura, Chartier (1994, p. 96), aponta que ela foi responsável por uma revolução técnica, no que se refere aos modos de reprodução: “A primeira revolução é técnica; ela modifica, em meados do século XV, os modos de reprodução dos textos e de produção do livro. Com os caracteres móveis e a imprensa, a cópia manuscrita não é o único recurso disponível para assegurar a multiplicação e a circulação de textos. Daí a importância desse momento essencial na história ocidental, considerado como o delimitador da Apparition du livre (é o título do livro pioneiro de Lucien Febvre e Henri- Jean Martin, publicado em 1958), ou caracterizado como uma Printing Revolution (este é o da obra de Elizabeth Eisenstein, datada de 1983.)”.

partir do avanço trazido pelas prensas móveis de Guttemberg, tornou-se possível que a reprodução se desse de maneira cada vez mais rápida e em larga escala, como fica evidenciado na análise comparativa entre as obras comentadas de Mathiolo e Laguna, já expostas anteriormente. Ainda que diversas imagens utilizadas por Laguna não se encontrassem no Tratado de Mathiolo, a grande maioria dos gravados utilizados foi retirada da obra do italiano²⁶¹. Uma tendência para um período em que não havia a noção de autoria que impera na atualidade, como vimos anteriormente.²⁶²

Através dos dados apresentados, parece evidente que as ilustrações cada vez mais presentes em tratados científicos, com a possibilidade de uma reprodução mais exata e em grande escala, permitiram que as discussões evoluíssem de maneira significativa no campo das ciências. Como destaca Miguel Alonso (2008), tais avanços possibilitaram que o intercâmbio de ideias se estruturasse a nível mundial, favorecendo a origem da ciência moderna: *“La conjunción del libro impreso y de la estampa científica ha de considerarse como uno de los factores decisivos para el avance de la ciencia moderna”* (MIGUEL ALONSO, 2008, p. 10).

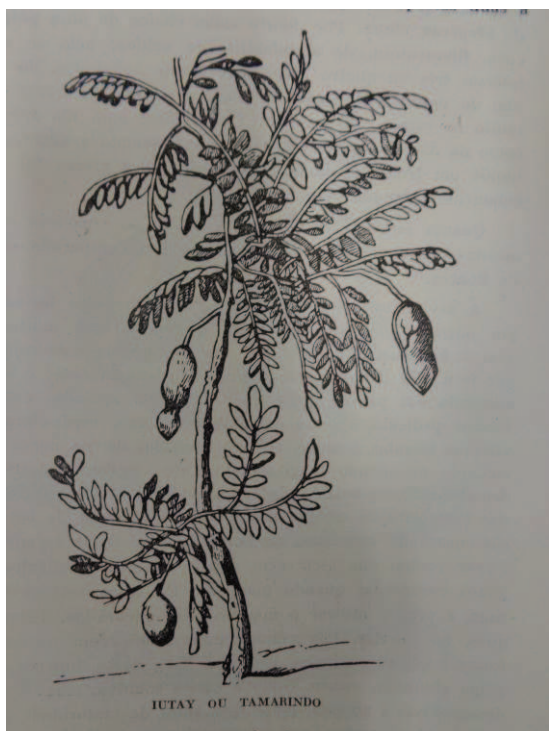
A referência apresentada anteriormente, sobre o uso da imagem da *escobiosa*, que poderia ter sido feita como forma de ajudar na possível localização da mesma na região das missões, fica confirmada na descrição dos tamarindos. Após ressaltar não conhecer informações sobre sua presença, a não ser na região de Santiago do Chile, onde estariam domesticados, Montenegro ([1710], 1945, p. 227) apresenta sua motivação, ao apresentar a imagem dos tamarindos: *“por ser estas tierras del Paraná arriba capaces de ellos me pareció poner sus estampas, copiadas de las obras de Guillermo Pisson, y de Jacobo Bontis”*. A análise do ambiente, parecido àquele encontrado por Pison e Bonti no Brasil, fez com que o

²⁶¹O cuidadoso estudo apresentado por Dobler (apud MIGUEL ALONSO, 2008, p. 20) apresenta os seguintes resultados na análise comparativa das obras de Mathiolo e Laguna: *“Ilustraciones distintas para una misma planta: 40; Ilustraciones de Mathioli que no se encuentran en Laguna: 100; Ilustraciones de Laguna que no se encuentran en Mathioli: 60.”* Das cerca de 100 imagens encontradas em Laguna e não em Mathiolo cerca de 40 eram relativas a plantas que constavam na obra deste último, ao que Miguel Alonso (2008), constata que: *“que hay que entender que Laguna prefirió seleccionar esta reproducción en otra fuente o partir directamente de un dibujo suyo.”*

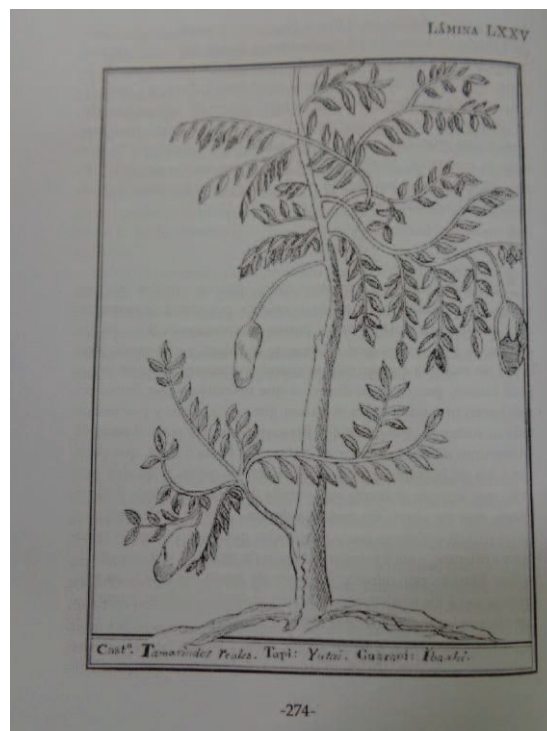
²⁶²Chartier (apud FAULHABER, 2012, p. 58), inclusive, questiona se a noção de autoria poderia ter nascido junto com o surgimento da imprensa. Ele mesmo nos responde, demonstrando que existem opiniões divergentes sobre este ponto: *“É preciso associar a primeira aparição da “função-autor” à invenção da imprensa? Para Cynthia J. Brown (e muitos outros historiadores), não há dúvida a respeito disso. As transformações na apresentação e estilização da autoria foram resultado do impacto da invenção da imprensa, do desenvolvimento de um público aquisitivo e da comercialização do livro. Na minha opinião, é possível questionar essa perspectiva com o argumento de que, por um lado, a relação de mecenato estava longe de desaparecer com a cultura impressa e de que, por outro, a afirmação da identidade de determinado autor e a função autoral antecederam a invenção dos livros impressos.”*

jesuíta considerasse provável que os mesmos ocorressem também nas missões, tornando relevantes a imagem e a informação que esta fornecia.

Imagem 8 – Tamarindo, nas obras de Piso e Montenegro.²⁶³



PISO, [16XX] 1957, p. 345



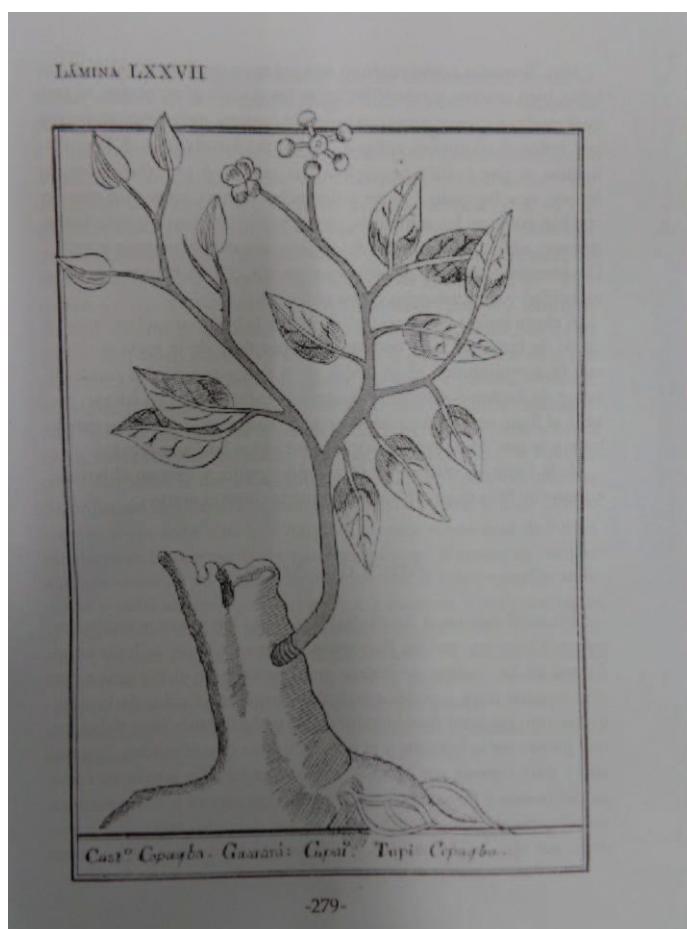
MONTENEGRO [1710], 2009, p.274

Por vezes, Montenegro desconhecia totalmente a planta ou a terapêutica que descrevia e, nesses casos, sua única fonte segura para o reconhecimento da mesma, caso viesse a recebê-la através das rotas comerciais ou a localizá-la em suas expedições, seria a sua imagem. Portanto, assim como o jesuíta creditava aos seus leitores a possibilidade de localizarem plantas medicinais, através das estampas de sua obra, ele mesmo contava com este recurso, ao apropriar-se dos desenhos presentes em outros tratados. É o que observamos na descrição da *copyba*:

[...] *no he podido hallar noticia de él por estas tierras, aunque no dudo lo hay en ellas, particularmente en el Paraguay, á orillas de su rio, ó en el Paraná; pero por falta de hombres péritos en la averiguacion de las plantas no se conocen, y asi me parece acertado poner aqui su estampa y virtudes sacada del libro de plantas de Jacobo Bontii, escrito en el Brasil* (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 258).

²⁶³ Ainda que destaque em sua obra ter copiado a imagem da obra de Piso, nota-se na comparação das mesmas que Montenegro ou quem tenha sido o ilustrador responsável, não reproduziu de maneira fiel a prancha da obra do holandês que parece ter servido como uma espécie de modelo.

Imagem 9- Árbol de la Copayba



MONTENEGRO [1710], 2009, p. 279.

Em outros momentos, a narrativa deixa transparecer a funcionalidade da estratégia comparativa entre a imagem estudada por Montenegro ([1710], 1945, p. 227) nos tratados e sua observação *in loco*. Na descrição que fez do *llanten silvestre*, o autor ressalta ter localizado outras duas espécies aquáticas da planta, sendo que: “*no desdican en nada de la estampa de Mathiolo, y Dios Corides, los cuales constan de las virtudes que ellos dicen.*”

A reprodução das imagens destas plantas muito serviu para a ciência praticada entre os séculos XVII e XVIII. Se considerarmos a área da botânica médica, que buscava a catalogação do maior número de informações possível e a padronização dos saberes, a possibilidade de reprodução das imagens era de extrema utilidade. A imprecisão das nomenclaturas foi superada em diversos momentos com a ajuda das pinturas. Esta parece ter sido a situação com que Montenegro se deparou ao analisar uma das pinturas de Guillermo Pisón: “*y segun el dibujo de la pimienta larga de Guillermo Pison, me ha dado que sospechar ser dicho Aguarandio isípó ó enredadera, y por la mucha humedad de estos climas ser menos picante*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 283). Nota-se que, apesar de constatar

tratar-se da mesma planta, Montenegro apresenta possíveis diferenças que seriam encontradas entre uma e outra, fruto da diferença climática entre as regiões de origem de cada uma.²⁶⁴

Mas, se as imagens foram utilizadas para confirmar as descrições dos autores clássicos ou as plantas localizadas pelo autor, elas também foram utilizadas para depor contra os saberes trazidos da Europa. A descrição do *esquinato*, já citado no capítulo anterior, contém essa peculiaridade. Ao localizar a planta com a ajuda de nativos, durante uma parada para descanso, Montenegro apresenta seu desenho da planta e destaca ser em tudo contrário àquele apresentado pelos autores consultados, como segue:

Muy diverso en figura es el que aquí doy por verdadero Esquinanto del que nos dibuja Mathiolo Senense, y de sus obras nos dá la copia Andres de Laguna en su ilustracion al comentario de Dios Corides, porque es la estampa propia que sacó de Mathiolo, por no tener Dios Corides mas que el codice en Griego sin estampa los dos afirman no haber visto jamás su flor, como lo puede ver el que quisiere (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 83).

Faltam-nos, contudo, subsídios para analisar de maneira mais detalhada as imagens apresentadas na *Materia Medica Misionera*, especialmente, se pensarmos em um estudo comparativo com os referenciais utilizados para sua composição. Sabe-se, no entanto, que diversas imagens presentes na obra de Montenegro, foram copiadas da obra de Guillermo Pisón²⁶⁵, e que a maioria das plantas sobre as quais o jesuíta apresenta a origem, como o cacau, o cravo e a pimenta, remontam à obra do holandês. Neste subcapítulo, procuramos observar como Montenegro posicionou-se frente ao “estado da arte” da Botânica médica e como apropriou-se das imagens divulgadas em outros tratados, o que permitiu que compreendêssemos também que o jesuíta queria vincular-se [a si e a sua obra] aos espaços ligados à ciência que se consolidava no período. Na sequência do trabalho, nosso foco será uma análise comparativa entre a narrativa de Montenegro e a de seus referenciais, a fim de observar apropriações e ressignificações dos saberes europeus em seus escritos.

²⁶⁴ Ao mesmo tempo em que atribuía diferenças entre as plantas, resultantes dos climas diversos, em outros momentos, Montenegro destacava que o clima brasileiro (consideramos que o autor refira-se à região do atual Pernambuco, onde esteve Pisón) seria parecido ao missioneiro. Esperamos que trabalhos futuros, em conjunto com pesquisadores da biologia, possam aprofundar-se nestas questões.

²⁶⁵ Pedro Arata (1898, p. 438) iniciou o trabalho de cotejo das imagens das obras: “*leyendo el texto de Montenegro he visto que éste, después de haber escrito ó agregado mucho á los Herbarios de la Compañía, que el comentaba y aumentaba con sus observaciones, tuvo entre manos la segunda obra de Guillermo Pisón, De indiae utriusque Re naturali et medica, Amsterdam, 1638 (Elzevir), in fol., con el comentario de Bontio: y sin decirlo ha copiado las láminas que figuran en las páginas del manuscrito que señalo y que me he tomado el trabajo de cotejar una por una, hasta que de aburrido abandoné la estéril tarea, el la convicción de que lo que había comprobado habría sido copiado de algún otro texto, probablemente los comentarios de Mattioli ó Laguna al Dioscórides, que ha sido la guía ó vade mecum de los jesuitas herbolarios de todo el mundo. Las figuras copiadas de la obra de Pison, de index ut. Re nat. et. med. Citada, pertenecen á las páginas siguientes: 308, 122, 146, 158, 146, 247, 261, 133, 231, 157, 118, 123, 143.*”

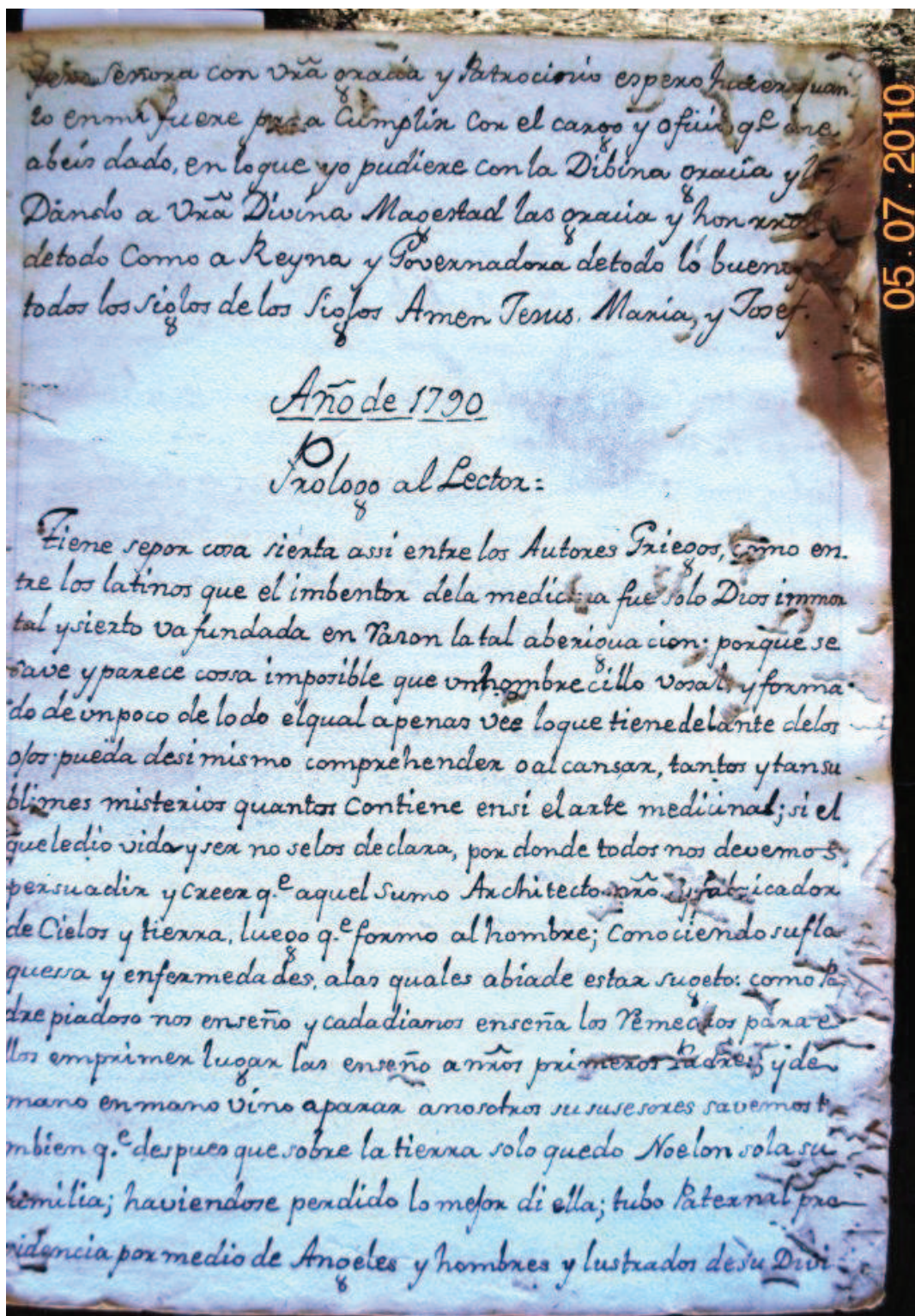
4.4 A *MATERIA MEDICA MISSIONERA*: ENTRE APROPRIAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES

No subcapítulo anterior, expusemos a hierarquização que Montenegro parece ter feito dos autores aos quais recorreu durante o processo de escrita da obra, evidenciando a sua preferência pelos clássicos. O prólogo da obra reforça nossa suposição, posto que, desde a apresentação da *Materia Medica Misionera* aos futuros leitores, o autor delineou quais foram os autores em que buscou inspiração: “*hombres con particular inclinacion al descubrimiento y averiguacion de las plantas [...], cual á un Dios Corides; un Mathiolo Senense, un Andres de Laguna*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, prólogo). Em um segundo grupo são apresentados: “*otros varios, que dejo en esta facultad eminentes y peregrinos como Plinio, Huerta, Menardes, Pisón, Bonti, Sirena, Leon, y Bauthin*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, prólogo).

Se considerarmos os oito autores que foram citados cinco ou mais vezes por Montenegro, observaremos que todos eles estão presentes neste trecho do prólogo. Somam-se a eles Sirena, Leon e Bauthin, sendo que os dois primeiros receberam uma única menção em toda obra, na citação do prólogo, acima transcrita. Não possuímos nenhuma informação sobre estes autores ou suas obras, mas é curioso que Montenegro tenha lhes concedido tanta relevância, sendo que, eles não parecem ter tido grande importância na continuidade do texto. Já Bauthin aparece em três momentos do Tratado: nas descrições do *nardo* e da rosa mosqueta, além daquela já relacionada na apresentação do texto.

A continuidade da narrativa parece oferecer pistas quanto às razões para que autores de menor importância no todo da obra tenham merecido tamanho destaque no prólogo. Após citar todos os autores, Montenegro complementa: “*son los que hasta hoy he podido leér sus obras*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, prólogo). Se considerarmos que estes foram os únicos Tratados completos aos quais o jesuíta teve acesso enquanto compunha sua *Matéria Médica*, podemos concluir que a adição de autores menos importantes tenha sido uma forma de, em busca do respeito de futuros leitores, aumentar o arcabouço teórico utilizado. A hipótese referente ao emprego de receitas e papéis soltos no que concerne aos autores citados em apenas um momento no texto também ficaria confirmada se as onze obras que constam no prólogo foram as únicas consultadas de maneira integral.

Imagem 10 – Prólogo da Materia Medica Misionera



MONTENEGRO, [1710], 1790 (manuscrito), prólogo.

Os exemplos acima apresentados demonstram que a apropriação de saberes nem sempre esteve diretamente ligada ao conteúdo expresso em um tratado. A utilização e consequente apropriação do nome do autor, muitas vezes, sem um uso mais sistemático da

obra em si, revelam a necessidade de legitimação que os sujeitos que se propunham a escrever no período sentiam. No texto da *Materia Medica*, diversos foram os momentos em que o jesuíta simplesmente referiu determinado autor, não tanto para problematizar o conteúdo, mas para apresentar domínio sobre o *corpus* existente.²⁶⁶

Assim, o autor referenciado, ora apresentava uma planta ou suas variáveis: “*Segun dice Dios Corides y Andres de Laguna, que hay Escila ó Albarrana blanca y negra.*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 65), ora algumas de suas características: “*el Aro dulce el de Mathiolo, y el que dice Andres de Laguna ser agudo y corrocivo*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 188) ou ainda emprestava seu prestígio para legitimar seu uso contra determinada doença: “*Afirma Guillermo*²⁶⁷, *que socorre en tiempo de pestilencias*”²⁶⁸ (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 198).

Utilizar o nome próprio, associando-o a um determinado medicamento foi prática corrente no período estudado. Duas vantagens poderiam advir dessa prática, pois, por um lado ela poderia representar um ganho imaterial, pelo prestígio de ter uma descoberta associada ao seu nome, como ocorreu com a *batatilla* de D. Antonio²⁶⁹ ou com o *confortativo de Juan de Bigo*²⁷⁰. Porém, ele, também, poderia representar ganhos comerciais, especialmente, se a fórmula do mesmo não fosse conhecida. Os próprios jesuítas, radicados na América portuguesa, tiveram na chamada triaga brasílica uma de suas principais fontes de renda. O reconhecido médico português João Curvo Semmedo também recorria aos seus “segredos”,²⁷¹ porém, o avanço da ciência moderna, deixava cada vez menos espaço para este tipo de prática.²⁷²

²⁶⁶ Conforme demonstrou De Certeau (1982, p. 102), ao falar sobre as citações: “Sob estas formas diversas, a citação introduz no texto um extratexto necessário. Reciprocamente a citação é o meio de articular o texto com a sua exterioridade semântica, de permitir-lhe fazer de conta que assume uma parte da cultura e de lhe assegurar, assim, uma credibilidade referencial. Sob este aspecto a citação não é senão um caso particular da regra que torna necessária, à produção da “ilusão realista”, a multiplicação dos nomes próprios, das descrições e do deíctico”. Acreditamos que, da mesma forma, a utilização do nome, seja uma forma de assumir parte de uma cultura, como bem colocou De Certeau.

²⁶⁷ Acreditamos que o Guillermo acima referido seja o mesmo Píson, já referido neste trabalho.

²⁶⁸ A planta referida seria o achiote ou urucú.

²⁶⁹ Sobre a mesma, o jesuíta destacava: “*asi la llaman por toda la Provincia del Tucumán, por haberla dado á conocer dicho D. Antonio*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 312)

²⁷⁰ Montenegro não fornece a receita do mesmo, o que sugere que fosse de uso e conhecimento corrente. Refere-se ao conhecido médico espanhol Juan de Vigo.

²⁷¹ O dito médico chegou a lançar uma obra em que, já em idade avançada, revelada os ditos segredos: SEMMEDO, Juan Curbo. **Secretos Medicos y Chirurgicos**. Madrid: Juan de Zuñiga editor, 1735. A versão citada foi lançada na Espanha e já contava com comentários do editor. Sobre os segredos de Semmedo ver: MARQUES, V. R. B. Remédios de segredo. II Seminário de História das Doenças, 2006, Rio de Janeiro. **Caderno de Resumos**. Rio de Janeiro: Gráfica da FIOCRUZ, 2006. v. 1. p. 1-13.

²⁷² Como bem destacou (ROSSI, 2001, p.64): “é preciso ressaltar que, depois da primeira revolução da ciência, tanto na literatura científica como também na literatura da própria ciência não existe e nem poderá mais existir- ao contrário do que aconteceu amplamente e ainda ocorre no mundo da política – um elogio ou uma

Montenegro também não se privou de apropriar-se diretamente de conceitos centrais nas obras que lhe serviam de base. Neste caso, além da legitimação, estava em jogo a definição das concepções centrais que estariam presentes em seu tratado. Além disso, cabe que questionemos os próprios conhecimentos do autor jesuíta. Ainda que tenha realizado uma formação de caráter profissional, para além da religiosa, Montenegro, ao que parece, sempre esteve ligado às tarefas mais simples, como de enfermeiro e boticário, portanto não devemos superestimar seus conhecimentos. O mais provável é que, em questões de caráter teórico, utilizar os clássicos também tenha sido uma forma de escapar de possíveis erros desnecessários, que apenas desprestigiariam os méritos de seu trabalho mais empírico-experimental.

Ainda no prólogo, Montenegro transcreve o: “*Modo de recojer las plantas sacado de las obras de Pedro Andres Mathiolo, hechas sobre lo escrito de Dios Corides.*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, *modo de recojer [...]*), além do tópico “*Explicase la virtud y modo de conocer las plantas y graduar sus cualidades: sacado de las obras de Dios Corides, Mathiolo, y Laguna*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, *explicase la virtud[...]*). Apesar de questionar algumas das formas estabelecidas, estes são dos poucos pontos do texto e também dos mais extensos, constituindo dois tópicos completos, em que o jesuíta menciona estar retirando o conteúdo diretamente de outras obras. E, como se percebe, Montenegro não foi o primeiro, já que no “*modo de recojer*” ele informava ter consultado o Tratado de Mathiolo que, por sua vez, o havia retirado do clássico grego Dioscórides.

No início do texto, o autor ressalta o cuidado que deveria ser tomado pelos leitores para que não cometessem erros quanto à classificação das plantas, especialmente, não confundindo umas com outras, o que acarretaria grave risco à saúde de quem fosse submetido ao fármaco errado. Após apresentar todas as regras o autor jesuíta deixa um alerta:

Ayudado pues de estas reglas universales podrá sin dificultad conocer, en llegando la medicina á la boca, de que cualidad, ó virtud es dotada, y esto sin la particular calidad, que en confirmacion de ello propone Dios Corides, y Mathiolo de los simples y yerbas.

*Los cuales encargan con sumo aprieto el conocimiento escientifico, y que no tomen unas por otras, con grave daño, por la semejanza que suelen tener unas calientes con frias, y cordeales con venenosas, cuyos ejemplos pone Pedro Andres Mathiolo, y yo dejo por evitar su latitud (MONTENEGRO, [1710], 1945, *explicase el modo de [...]*).*

Após referir Dioscórides e Mathiolo como seus referenciais, o autor ressalta que não se estenderia em apresentar exemplos do que os enganos cometidos com as plantas poderiam ocasionar, pois Mathiolo já o havia feito. Montenegro pode ter procurado não se aprofundar em matéria desnecessária – lugar comum para os entendidos – para evitar dificuldades às pessoas em geral que, por curiosidade ou necessidade, viessem a manusear sua obra. Independente da intenção que o levou a cortar estes exemplos fica claro que se apropriar, também significa selecionar, apresentando aquilo que no momento específico da escrita convinha ao autor.²⁷³

Citações diretas não estão tão presentes na obra de Montenegro ([1710], 1945, p. 217), ou ao menos a menção de que o texto estaria sendo transcrito não é referida. Nos poucos momentos em que isso acontece, o procedimento utilizado para separar o que seria de sua autoria é o mesmo utilizado na atualidade com a citação separada por aspas. Na descrição do *laurel* ou incenso arábico o autor fez uso de uma citação de Andrés de Laguna e, ao finalizá-la, concluiu com: “*palabras de dicho autor*”. Ainda que escassas no texto de Montenegro, percebe-se que elas estavam sendo utilizadas como nos textos acadêmicos atuais.

Na comparação com os textos referenciais, nota-se que a apropriação dos conhecimentos acontecia de maneiras diversas. Pode-se perceber desde o uso de pequenos exemplos semelhantes às duas obras, passando pela concordância de características ou usos da planta, chegando a longos trechos praticamente iguais, cujo conteúdo era diretamente copiado, mesmo sem referenciar, medida pouco usual à época. A análise comparada entre o texto de um autor e aqueles que lhe serviram de inspiração ajudam a revelar como se dava a transmissão do conhecimento e a constituição de uma nova obra no período estudado.

As descrições feitas sobre o gengibre nos fornecem algumas informações relevantes. Para a descrição desta planta, Montenegro cita oito autores, porém as características

²⁷³ Fica reafirmada, com isso, a independência do leitor, neste caso, de Montenegro. Apesar de tomar contato com uma gama de obras sobre o tema, o jesuíta apropriou-se exclusivamente daquilo que lhe fazia sentido e, mais do que isso, daquilo que daria sentido a sua *Materia Medica Misionera*. Sobre a liberdade dos leitores, Chartier ressalta: “Os textos não são depositados nos objetos, manuscritos ou impressos, que o suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como fariam em cera mole. Considerar a leitura como um ato concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados pela sua prática do ler, e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais- chamemos-lhes “tipográficos” no caso dos textos impressos- que são os seus. Esta constatação permite traçar um espaço de trabalho, esboçado nos estudos aqui reunidos, aprofundado noutro local, e que situa a produção do sentido, a “aplicação” do texto ao leitor como uma relação móvel, diferenciada, dependente das variações, simultâneas ou separadas, do próprio texto, da passagem à impressão que o dá a ler e da modalidade da sua leitura (silenciosa ou oral, sacralizada ou laicizada, comunitária ou solidária, pública ou privada, elementar ou virtuosa, popular ou letrada, etc.)”. (CHARTIER, 1990, p. 25-26)

ressaltadas na *Materia Medica Misionera*, a aproximam da que consta na obra de Laguna. Em primeiro lugar, o fato de ambos os autores apresentarem o gengibre, comparando-o à outra planta, sendo que Montenegro utiliza-se da *galanga*, enquanto Laguna recorreu à *zedoaria*. O curioso é que, pelas classificações atuais, ambas as plantas pertencem à família das *Zingiberaceae*, porém classificam-se em gêneros diferentes, sendo a primeira, *Alpinia*, e a segunda *Curcuma*. Um pequeno exemplo utilizado pelo jesuíta para informar a origem da planta, parece reforçar a influência da obra de Laguna na descrição do gengibre. Segundo Montenegro: “Traenlo á Italia en ciertos basos de tierra ó arena paraque no se apolille.” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 300). O dado apresentado na obra é o mesmo e a narrativa é apenas minimamente diferente: “Echanlas en adobo algunos por’q se corrompen muy facilmente, y metidas en ciertos vasos de tierra las traen a Italia” (LAGUNA, 1651, p. 238).

Uma planta, em especial, nos chamou a atenção, tanto pela semelhança da descrição entre os autores, como pela possível confusão que pode ter gerado entre pessoas menos iniciadas no trato com as plantas medicinais: a *raiz de china*. Monardes (1574, p. 18), um dos primeiros a falar sobre as plantas americanas, chamou-a apenas de *china* em seu Tratado, destacando que seria útil para diversas doenças, mas, especialmente, “*Quita melancholia y todas enfermedades causadas de dolores frios*”. Pisón ([1648], 1957, p. 540), que escreveu anos depois, já alertava para a possível confusão que a mesma poderia causar em relação à outra planta: “Produz esta terra uma raiz semelhante à denominada raiz de quina. Poderia chamar-se pseudo- quina, e sôbre ela escrevem Dodoneu e outros”.

Monardes não confundiu as plantas, já que a quina sequer havia sido descoberta quando da publicação de sua obra.²⁷⁴ O alerta de Pisón demonstra a atualidade de sua obra, já que a quina, pelas versões oficiais teria sido descoberta poucos anos antes, sendo que as diversas nomações aplicadas à planta sempre foram motivo de controvérsia.²⁷⁵ Quanto à planta supracitada, a raiz de china, Montenegro destaca-a para os mesmos fins que Monardes. Um dos usos seria para causar suores em febres de causa fria. Ao descreverem alguns dos procedimentos que seriam indicados para o período do tratamento, ambos recomendam a troca de camisetas após os suores, o que demonstra a influência direta do médico espanhol sobre a escrita do irmão jesuíta.

²⁷⁴ Como já destacamos no capítulo anterior, apesar das controvérsias sobre a data exata da descoberta da quina, o período mais provável remete ao primeiro quarto do século XVII, sendo que a obra de Monardes data da década de 60 do século XVI.

²⁷⁵ Outros nomes para os preparos da quina são *polvos de la condesa* e *polvos de los jesuitas*. Além disso, a quina também é conhecida como “*quinaquina, kin- kina, corteza peruviana, loja, china- china, ó china- canna, corteza febril, genciana índica, antiqartanario peruviano y palo de calenturas*.” Os pós feitos à base da planta também são conhecidos como “*polvos de Lugo, polvos peruvianos y polvos de Quarango*.” (SÁMANO, 1850, p. 310).

Para concluirmos a questão da apropriação, apresentamos um trecho referente à pimenta a partir da comparação entre a feita na obra de Laguna e a que Montenegro fez. Ao apresentar um remédio chamado de *Diatrion pipereon*, fica claro que o jesuíta copiou diretamente a descrição da obra de Laguna, sem apresentar referência, o que, como já mencionamos, era prática usual no período. Poucas palavras são alteradas na descrição, como segue:

Componese destes tres generos de pimienta mezclados con miel, una excelente medicina llamada Diatrion pipereon: la qual en todas las enfermedades frias y humidas del estomago, es remedio muy saludable, cuyo encendimiéto y hervor no pasa de las primeras venas, por quanto en aviendo confortado el estomago y resuelto das ventosidades del vientre, se apaga luego (LAGUNA, 1651, p. 238).

Hacese de las tres Pimientas en igual cantidad hechas polvo, amasadas con miel una composicion llamada Diatrion piperion: la cual en todas las enfermedades frias y humedas del estomago, es remedio muy saludable, cuyo ardor no pasa de las primeras venas, y luego se apaga: por quanto, en habiendo confortado el estomago, resuelta las ventocedades pierde su hervor y ardor (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 404).

Após observarmos as formas diversas como Montenegro procurou apropriar-se das obras que leu e manuseou, analisaremos outra forma de relação que estabeleceu com os conhecimentos que trouxe da Europa, ou seja, o processo de ressignificação que alguns deles sofreram. Afinal, como um autor que buscava estar conectado com as novas concepções científicas que surgiam do velho continente, não bastaria ao irmão jesuíta simplesmente recepcionar concepções teóricas e saberes práticos de maneira integral, era necessário também questionar possíveis erros, determinadas concepções, observar diferenças e sugerir substitutos a plantas e medicamentos que não seriam encontrados na América.

Por vezes, Montenegro teve que ressignificar os conhecimentos trazidos da Europa por necessidade, ou seja, a planta ou fármaco sugerido pelas obras de referência ou conhecido através de sua experiência não estava disponível na distante região missioneira da América meridional, onde estava radicado.²⁷⁶ A busca por novos fármacos que pudessem suprir essas ausências não apenas aparecia como solução, mas também contribuía para aumentar a gama de conhecimentos farmacológicos no mundo ocidental. Ainda que sua aceitação não fosse imediata, como já demonstramos com o exemplo da quina, o fato é que na missão, a experiência tornava-se imperativa e os resultados, positivos ou negativos, imediatos.

²⁷⁶ Neste caso específico, não estamos considerando a ressignificação nos moldes propostos por Chartier, porém utilizamos o termo para demonstrar como, na falta de elementos conhecidos, o autor recriou (ressignificou) seus saberes, utilizando-se dos recursos que estavam a sua disposição na América.

Uma das plantas que o autor indica como ausentes do ambiente missioneiro eram as *albarranas* verdadeiras. A principal razão para que elas não fossem encontradas ou se reproduzissem no ambiente seria, na opinião de Montenegro ([1710], 1945, p. 65), uma questão ambiental, já que a América meridional seria uma *zona torrida*. Porém, ele indica como substitutivo as *azucenas*: “*que no son agudas tanto como la Albarrana, ni tan ardientes, todabia no son inferiores en ablandar, resolver, y relajar los poros*”. Nota-se na narrativa, a preocupação do autor em dirimir quaisquer dúvidas que viessem a aparecer, por parte dos entendidos, com relação ao seu texto. Não bastava, portanto, sugerir um substituto equivalente, era necessário também expor as diferenças que este possuiria em relação às *albarranas*, ou seja, o fato de as *azucenas* não serem tão ardentes.

Alguns compostos também acabavam não sendo acessíveis e permitiam a Montenegro demonstrar a efetividade de suas experiências. Esse é outro ponto em que fica evidenciada a ressignificação, que, na maioria das vezes, surgia do estudo sistemático ou da curiosidade. Para um sujeito como Montenegro ([1710], 1945, p. 10), para quem a experiência deveria nortear todas as ações, as lacunas que não fossem preenchidas pelos saberes oriundos da Europa constituíam-se em espaços privilegiados para os experimentalismos. Um exemplo disto pode ser constatado na referência que faz ao unguento *Gumi-elemi*, que, segundo ele, não poderia ser preparado na América: “*por faltar algunos de los simples*”. Em seu lugar, o autor sugere a seguinte composição:

Consuelda mayor y menor de su raiz de cada una quatro onzas: raiz del dictamo blanco, y de lentisco negro de cada uno tres onzas, de sus cortezas: ojas de arrayán negro, ó sus cortezas dos onzas: rosa seca una onza, todo ello contuso menos la rosa se pone á cocer en un azumbre de vino hasta mermar la mitad, y dejado enfriar se cuele á expresion fuerte, en la cual se ponen pez griega dos onzas: pez de abila clara, y trasparente quatro onzas: recina de pino seis onzas: Gumi-elemi Isica una libra: cebo de toro ocho onzas: todo junto se pone á fuego lento hasta consumir el vino, y se aparta y repone en bote vidriado (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 10).

Se é verdade que em diversos momentos o autor quis promover as experiências que havia realizado, ele também não procurou ocultar os momentos em que os resultados não foram os esperados, ou ainda, em que acabou por sentir os efeitos dos testes realizados. Quando apresenta as considerações sobre as formas mais indicadas para identificar as qualidades curativas das plantas, Montenegro destacou o paladar como um dos sentidos mais seguros para esse fim, porém advertiu sobre seus riscos: “*dado, que á veces es peligrosa, como á mi me sucedió dos veces, que por probarlos me abrazaron la boca, de suerte, que á*

no acudir presto á apagar su ardor me hubieran hecho grave daño” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 16).

Porém, não foi somente a falta de componentes encontrados na Europa que levou Montenegro a procurar rever os saberes consagrados, antes vistos como inquestionáveis. Em se tratando das plantas medicinais, a simples observação de diferenças entre a imagem ou descrição encontrada nos tratados que consultava e aquilo que observava na natureza já possuía um valor significativo. O relato do jesuíta sobre o *esquinato*, já referido em outros subcapítulos, é exemplar neste sentido. Montenegro ([1710], 1945, p. 16) afirmou que jamais havia localizado ou mesmo visto esta planta com as características apontadas pelos autores clássicos, e que, ao encontrá-la, percebeu que ela não possuía aquelas referidas nas obras desses autores:

Muy diverso en figura es el que aquí doy por verdadero Esquinanto del que nos dibuja Mathiolo Senense, y de sus obras nos dá la copia Andres de Laguna en su ilustracion al comentario de Dios Corides, porque es la estampa propia que sacó de Mathiolo, por no tener Dios Corides mas que el codice en Griego sin estampa los dos afirman no haber visto jamás su flor, como lo puede ver el que quisiere.

Ao contestar as informações veiculadas por três autores referenciais para a obra, Montenegro procurou ressaltar que estava descrevendo o verdadeiro *esquinato*, demonstrando segurança nesta afirmação. Porém, a crítica não é feita de maneira gratuita, já que Montenegro afirma que dois dos autores teriam dito em seus livros jamais terem visto a flor desta planta. Percebe-se, no entanto, certa autocensura na exposição, visando não parecer presunçoso, postura, por certo, mais condizente com a de um membro da ordem jesuítica.²⁷⁷

Em relação a algumas plantas, ao mesmo tempo em que apropriava-se de certas informações, como no caso da pimenta que já referimos, Montenegro também estava ressignificando outras. Ele destaca que as imagens de Guillermo Pisón e Jacobo Bonti são diferentes da pimenta que provinha do Oriente, através dos portugueses, o que o fazia supor que houvesse no Brasil: *“estos Isípós, ó enredaderas que producen pimienta.”* (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 403). Na continuidade, a crítica recai sobre outro autor: *“Mucho se engañó Laguna en su discurso á cerca de la Pimienta, como se puede ver, pues*

²⁷⁷ Como já destacamos anteriormente, de acordo com Michel de Certeau (1982), o próprio autor podia acrescentar dispositivos à obra, visando dirigir a interpretação do leitor e, assim, evitar as eventuais polêmicas que pudessem vir a surgir. A autocensura era, portanto, uma forma de controlar ou refrear a crítica ao conteúdo do texto e sua provável proibição, confirmando tanto o poder exercido pela Inquisição, quanto o uso de estratégias para burlá-lo pelos *homens de ciência* da época.

con solo un arbol nos trahe las tres Pimientas; lo cual es falso” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 403).

Ao analisarmos a obra de Laguna (1651, p. 237), observamos que, de fato, o autor apresenta a pimenta como uma única espécie de planta. Os seus diversos tipos podiam ser observados nos frutos, que gerariam cada uma das suas variantes, conforme o período em que fossem colhidos. Assim, a pimenta larga, *“es fuertemente mordicativa, y algú tanto amarga, por averse cogido antes del tiempo”*. Já a pimenta negra: *“es mas suave, mas aguda, mas grata al gusto, por averse cogido en sazon mas aromatica que la blanca”* (LAGUNA, 1651, p. 237). Por fim, *“la mas flaca de todas, aquella pimiéta blanca que se cogio mucho antes de madurar”* (LAGUNA, 1651, p. 237). No entanto, o autor destacou, após a descrição, a baixa quantidade de informações que possuía sobre a mesma:

Muchas vezes, he querido informarme de los que viené de la India Oriental, qual sea la planta ‘q nos imbia la pimienta, pero pintanla tan diferentemente unos de otros, que ni los creo, ni me parece ‘q ninguno dellos la pudo jamas aver visto. Porque como no sean nada curiosos de lo que conviene al bien publico, ni a la comum disciplina sino solamente de granjear dinero, y dessolar los Indios desventurados, no cuidan de escudrinar aquellas (ilegível) plantas para darnos acá entera relación dellas, ni de traernos sus hojas, sino de despojarlas de su fruto para su particular provecho (LAGUNA, 1651, p. 237-238, grifo nosso).

O trecho retirado da obra de Laguna destaca a dificuldade que os europeus também encontravam para familiarizar-se com plantas exóticas. No caso dele, escrevendo no século XVI, as limitações eram ainda maiores, tanto pela baixa qualidade das descrições e imagens, quanto pela diversidade de informações. A reclamação, tantas vezes feita por Montenegro, de que possuía apenas uma parte da planta, também pode ser encontrada na obra de Laguna, evidenciando os desafios no avanço do estudo sobre inúmeras plantas e a exploração de novas potencialidades terapêuticas.

Outra questão que devemos considerar é a distância temporal existente entre as descrições de Laguna e as feitas pelo irmão jesuíta. Enquanto Laguna constatava existir apenas uma espécie de pimenta, 150 anos depois, pelo tom crítico que Montenegro utiliza em seu comentário, já era lugar comum que fossem três as espécies da planta. Porém, Pisón, que cronologicamente está situado entre os dois, já constatava serem 12 as espécies da planta, o que pode indicar que o jesuíta tenha negligenciado ou desconsiderado tal informação.

Nos momentos em que Montenegro apontava possíveis equívocos nas obras consultadas, estes poderiam ir desde prerrogativas teóricas até a indicação de que um fármaco ou planta havia sido indicado como se fosse outro. Interessante observar que, mesmo em um

dos trechos em que optou por fazer uma transcrição *ipsis litteris* do tratado consultado, ele não se furtou de adicionar observações, questionando a veracidade da informação. Nas indicações sobre o modo de colher plantas, Dioscórides atestava que as flores colhidas deveriam ser secas à sombra. Montenegro refuta tal afirmação em virtude do clima da região, aventando que as mesmas se corromperiam brevemente se fosse seguida a indicação do médico grego.

Após afirmar que podia parecer estranho que um “pobre ignorante” quisesse questionar autores como Dioscórides, Laguna e Mathiolo, o jesuíta ressalta que não estava sozinho em tal concepção: “*pero esta experiencia no es solamente mia, sin que primero me haya alumbrado el peritissimo Fr. Francisco Sirena, religioso de San Agustin, excelente boticario moderno en su farmacopéa,*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, *modo de recojer [...]*). A citação indica que, apesar de buscar legitimação em Sirena, Montenegro fez questão de demonstrar que não havia aderido à tal concepção de maneira inocente, ao revelar que a indicação de um procedimento diverso ao indicado anteriormente não partia só dele, mas de outro que também havia chegado à mesma constatação.

Montenegro ([1710], 1945, p. 381) também apontou equívocos na literatura, considerando que a combinação entre o medicamento indicado para determinada doença não seria efetivo e, mais do que isso, poderia ser prejudicial à saúde de quem a ingerisse. Foi o que fez ao questionar a ingestão de cacau para o controle da melancolia hipocondríaca, que, segundo ele: “*varios autores lo prescriben*”, e que concluiu ser muito nociva ao doente. Para Montenegro, essa recomendação pode ter servido para alertar os profissionais que viessem a ler a obra, fazendo-os questionar o uso de cacau por melancólicos, por estarem informados sobre os riscos que isso envolveria. Neste exemplo, percebe-se novamente a busca por legitimação, já que ressalta que corrobora esta concepção: “*Farfan en su libro de practica de estas regiones de la America*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 381).

Por fim, ressaltamos que as experiências realizadas faziam com que, em diversas ocasiões, mesmo com uma indicação terapêutica conhecida da literatura, Montenegro optasse por indicar outro fármaco, neste caso, por convicção. Ao apresentar medicamentos para o combate da tuberculose, mesmo que todos os tratados consultados fizessem elogios ao uso do *guayacán*, o autor preferiu utilizar outra planta: “*viendo yo las partes del palo santo del Guaicurú, y juzgado éra mejor que el Guayacán usé de él y no me engané*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 22) Por considerá-la mais adequada, o jesuíta recomendou sua utilização, constatando então que “*con mayor eficacia, y en menos tiempo, y*

con mayor firmeza la cicatriza, y mejor es la resina del palo” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 22).

A *Materia Medica Misionera* transita entre os dois universos a que pertence. Ao mesmo tempo em que foi escrita por um europeu com formação técnica e que não se furtou de utilizar esses conhecimentos na obra, ela também traz em si diversos momentos de revisão e de questionamento desses saberes ou, por assim dizer, de uma ressignificação dos mesmos, fruto da convivência com os nativos e do melhor conhecimento das potencialidades da flora nativa. É muito provável que a inexistência de tratados específicos sobre a flora medicinal da América platina tenha permitido que Montenegro desfrutasse de maior liberdade para conciliar os conhecimentos técnicos da literatura europeia com os saberes recebidos dos informantes indígenas e *criollos* com os quais tomava contato. O tempo investido pelo jesuíta nesta obra não foi em vão, já que os autores que se seguiram a ele puderam contar com uma obra de referência de Botânica médica, a *Materia Medica Misionera*, de Pedro Montenegro.

5 CONCLUSÃO

Uma obra em construção, talvez seja essa a melhor forma de definir a *Materia Medica Misionera*, que teve sua produção iniciada muito antes de passar ao papel e não se encerrou com o ponto final. Uma obra que resultou da trajetória de um sujeito que cruzou o oceano e que traduziu as vivências que este enfermeiro, jesuíta e também autor teve antes e durante sua atuação nas missões da Província Jesuítica do Paraguai. A reconstituição da trajetória de Pedro Montenegro, especialmente através da análise que fizemos de sua obra, nos revelou um homem dividido entre sua formação técnica, adquirida na Espanha, e todas as novas experiências decorrentes de seu contato com as populações e a flora nativa da América, onde também tornou-se membro da Companhia de Jesus.

Em primeiro lugar, pôde-se perceber como as teorias, as concepções, as práticas e as preocupações que caracterizavam ou eram adotadas pelas instituições que fizeram parte da formação de Montenegro acabaram por se refletir em sua escrita. Isto pode ser observado na alusão às funções que deviam ser desempenhadas pelo Protomedicato, dentre as quais estava o controle dos charlatães e curandeiros que se espalhavam pelo território espanhol. Na *Materia Medica Misionera*, encontramos – e de forma recorrente – a menção à falta de médicos e a condenação da atuação de curandeiros, apontados como um dos principais males da América, causa dos graves problemas de saúde enfrentados pela população e um dos motivadores para a escrita da obra.

Já a busca pela padronização das ações de seus súditos no ultramar – e, em especial, da língua –, própria das Monarquias Absolutistas, não parece ter sido seguida de forma tão evidente por Montenegro. Na *Materia Medica Misionera*, observa-se que devido à falta de informação ou, então, ao seu excesso – como no caso dos diversos nomes dados a algumas das plantas por ele arroladas –, o autor optou por fazer concessões, dando voz aos saberes das populações nativas com as quais estava em contato na América meridional.

O ingresso na Companhia de Jesus não parece ter representado uma alteração significativa na vida de Montenegro, acostumado à hierarquia, ao controle e às exigências próprias da rotina do Hospital de Madri. Seu receituário, no entanto, reflete a acomodação de diversos saberes, os europeus e os americanos, que não prejudicavam um ao outro. Montenegro dedicou a obra a Nossa Senhora e atribuiu a Deus os sucessos de suas receitas, o que, no entanto, não o impediu de incluir uma receita que permitia às mulheres que houvessem mantido relações antes do casamento, passarem por virgens na noite de núpcias. Ao mudar-se para um ambiente completamente novo, Montenegro não desconsiderou

qualquer informação que pudesse lhe ser útil, fosse ela proveniente de viajantes, de outros padres ou nativos. Fazia questão, contudo, de ressaltar que podia garantir somente a efetividade daquelas plantas que tivesse, ele mesmo, experimentado. Na medida do possível, Montenegro procurou cotejar informações e experiências com os resultados apresentados nos Tratados clássicos que conhecia ou aos quais tivera acesso após chegar à América.

A análise de sua obra, se a comparamos com os autores que serviram de base para a sua escrita, parece nos revelar que o enfermeiro jesuíta também queria ser visto como um autor, ainda que insistisse em atribuir a escrita do texto à caridade ou à necessidade imposta pelo ambiente pouco assistido por médicos e cirurgiões. Podemos encontrar indícios desta percepção na maneira humilde com que ele se desculpa antecipadamente por possíveis erros que viessem a ser encontrados no texto, para, logo depois, reivindicar a autenticidade das experiências que havia realizado e apresentar garantias das virtudes das plantas que havia testado, uma estratégia narrativa comum entre os autores médicos do período.

O autor Montenegro parece revelar também que tinha dois objetivos maiores para sua obra: que ela fosse útil às pessoas residentes no território em que vivia – e onde havia escrito o texto –, mas que ela também o fizesse ser respeitado e reconhecido entre os entendidos em Botânica Médica. Essa preocupação parece se refletir num texto que tenta ser, ao mesmo tempo, didático e bem fundamentado em termos teóricos. Didática é, sem dúvida, a estrutura da obra, com diversos espaços pré-textuais que buscavam direcionar um leigo que viesse a manusear o livro em busca de um tratamento emergencial. Teórica, por apresentar e discutir autores e obras referenciais, para, através da experiência de seu autor, validar ou não as terapêuticas indicadas.

Considerando, ainda, a estrutura da obra, pudemos constatar que o irmão jesuíta observou um roteiro, optando por iniciar pela descrição das características físicas da planta, passando, em seguida, às espécies que havia encontrado, destacando quais seriam as mais apropriadas por suas virtudes medicinais. Após isso, e apenas em algumas plantas, ele apresenta dados extraídos das obras que consultou para, ao final, falar de seus usos e dos possíveis compostos que poderiam vir a ser elaborados a partir delas. Essa forma de apresentação nos levou a refletir sobre a possível influência exercida por algum dos autores clássicos que ele consultou e, ainda, sobre a originalidade – o caráter autoral – desta estrutura da *Materia Medica Misionera*. Apesar da consulta parcial que fizemos às obras referenciais para o jesuíta, pudemos perceber algumas semelhanças entre sua obra e a escrita por Monardes, que adota uma estrutura de apresentação bastante semelhante a de Montenegro. Já

na obra de Pisón, percebeu-se uma preocupação muito maior com a análise física da planta, do que com suas propriedades medicinais, nas quais o irmão jesuíta se deteve muito mais.

Apesar de não podermos caracterizar a *Materia Medica Missionera* como uma escrita de si²⁷⁸, em diversos momentos, seu autor, ao relatar as experiências que realizava com as plantas medicinais nativas, acabou por narrar situações cotidianas de sua vida na Madri de sua juventude, nos colégios e instituições jesuíticas em que atuou até seu falecimento. Tal estilo narrativo, raramente, é encontrado em outros autores de tratados de medicina e de botânica médica, que, em geral, se atêm à descrição objetiva dos usos e virtudes das plantas e dos medicamentos compostos. Além desta característica tão peculiar da narrativa de Montenegro, há diversos momentos em que ele manifesta suas opiniões, o que nos leva a crer que estes desvios tenham sido considerados naturais ou até necessários para a reafirmação de certas convicções. Não temos condições de afirmar se através dessas fugas narrativas, ele estivesse buscando dar vazão a sua verve literária ou atender à necessidade que sentia de compartilhar suas experiências com seus pares, visando ao reconhecimento. Independentemente das suas motivações, o fato é que o estilo narrativo que Montenegro imprimiu ao seu tratado nos permitiu ver para além dos bastidores de construção de sua obra e enriqueceu significativamente esta dissertação.

É plausível supor que a circulação de fármacos, de informações e de pessoas pelas diferentes Províncias jesuíticas e, em especial, na região das missões em que ele atuou, permitiu que o irmão Montenegro tivesse acesso a diversas informações que constam em seu Tratado. É preciso, no entanto, considerar que um grande centro de referência como Córdoba, onde a Companhia tinha um colégio, e uma missão instalada em uma região distante de *pueblos* ou de colégios da ordem eram realidades completamente diferentes, apesar do esforço da ordem em promover a circulação de informações através de cartas e também de medicamentos e de livros, atendendo às reivindicações feitas aos Superiores e aos Procuradores da Companhia. Tal isolamento também pode ter sido um dos motivadores para a escrita, já que Montenegro se encontrava não apenas distante de sua terra natal, mas também de outros membros da ordem instalados em outras reduções ou colégios jesuíticos. Nesse caso, a escrita permitiu a ele o “*ejercicio de recrear su universo original*” (DEL VALLE, 2009, p. 70).

²⁷⁸ Segundo Ângela de Castro Gomes: “A escrita auto-referencial ou escrita de si integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. Essa de nomenclatura pode ser mais bem entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos.” (GOMES, 2004, p. 10)

Ao apropriar-se de diversas concepções apresentadas nas obras clássicas, o autor demonstrava não só a validação e a manutenção desses saberes na emergência do século XVIII, como também o interesse de ter sua obra associada às dos autores mais respeitados nas artes de curar. Ao ressignificar diversas dessas concepções, muitas vezes em função das experiências que realizou na América, o jesuíta deixa evidente não apenas a influência que a natureza e as populações nativas americanas tiveram na construção de sua obra, mas também a sintonia com os questionamentos que vinham sendo feitos no início do século XVIII aos textos clássicos que deveriam ser obrigatoriamente citados.

A *Materia Medica Misionera* parece não ter se encerrado no momento em que seu autor considerou suficiente o conteúdo que tinha em mãos para reuni-lo em forma de livro. O próprio Montenegro advertiu, no prólogo da obra, escrito após a conclusão do texto, que seguia realizando experiências e reunindo informações, e que já possuía muito material sistematizado. É muito provável que desses dados tenha nascido o *Libro de Cirugia*, obra também atribuída a Montenegro e sobre o qual, lamentavelmente, temos poucos dados.

Além de um texto em construção, a *Materia Medica Misionera* pode ser considerada também uma obra que esteve em constante transformação, por ter circulado sob a forma de manuscrito entre as reduções e os colégios da Companhia de Jesus. Ao compararmos a versão de 1790, a que tivemos acesso no IAP-UNISINOS, com a de 1710, percebemos que à primeira não foram adicionados alguns dos elementos pré-textuais presentes na versão original da obra, tais como as *tablas* com os nomes indígenas e dos vocábulos e as imagens. O fato de a versão do final do século XVIII não ter considerado a versão integral do manuscrito pode estar associado a certo pragmatismo ou a uma seleção – arbitrária ou não – do seu conteúdo quando da realização da cópia.

Também colaboram para o entendimento da circulação, as imagens presentes nas obras. Como se viu anteriormente, por vezes as plantas presentes nos referenciais foram copiadas, em outros momentos, simplesmente serviram de modelo para quem as utilizava. Além disso, pode-se observar este aspecto nas dedicatórias abaixo confrontadas. À esquerda, a imagem daquela que seria a versão original da obra e, à direita, o manuscrito recentemente descoberto na Biblioteca Nacional de Espanha, também datado de 1710. O fato de duas versões diferentes surgirem com o mesmo ano sugere-nos a possibilidade de um estudo mais aprofundado sobre qual seria a versão original da *Materia Medica Misionera*.

Imagem 11 - Dedicatórias



MONTENEGRO [1710], 1945, dedicatória



MONTENEGRO, 1710, dedicatória

Outra questão que a análise da obra de Montenegro suscitou tem relação com a (re)apropriação que outros religiosos e leigos fizeram da *Materia Medica Misionera*, ao tomarem contato com algumas das suas cópias manuscritas, ainda no século XVIII ou nos posteriores. Esta discussão remete tanto à contestação da autoria da obra, com destaque para a posição assumida por Pedro Arata (1889), quanto ao papel desempenhado por padres jesuítas, como Lozano (1733) e Sanchez Labrador (1910), que se encarregaram de assegurar a Pedro Montenegro a condição de principal autor de receituários de botânica médica da Companhia de Jesus no século XVIII.

Esperamos que esta dissertação, e, em especial, os questionamentos que levantamos nestas Considerações Finais, inspirem outros pesquisadores a desvendarem a atuação de religiosos – jesuítas ou não – nas artes de curar e, mais amplamente, nas Ciências, assim como, a analisarem a sua produção literário-científica, contribuindo, desta forma, para os estudos sobre práticas de escrita e de leitura e para os estudos sobre apropriação e ressignificação de saberes.

REFERÊNCIAS

Fontes Documentais

AGNA, **Carta Del Padre Bartholome De Mora Al Padre Juan Joseph Rico Para Que Realice Una Compra De Libros.** Legajo 411 6-9-6- 525, 1735

AGNA, **Carta Del Padre Pedro Joseph Jofre De Fraguas Al Padre Juan Joseph Rico Sobre Pedido De Envío De Libros Y De Reliquia.** Legajo 411 6-9-7- 21, 1736

AGNA, **Compulsa de los Autos de Ymbentario de los bienes secuestrados a los Regulares de la Compañia de Jesus en el Colegio de los Santos Martires de Japon.** Sala IX 22-09-04 División Colonia- Sección Gobierno Temporalidades de Misiones. 1767- 1768.

AGNA, **Testimonio de lo actuado para el extrañamiento y ocupación de temporalidades de los Reg. de la C.a e ymbentario del Pueblo de Stos Apostoles S.m Pedro y S.m Pablo.** Sala IX 22-09-04 División Colonia- Sección Gobierno Temporalidades de Misiones. 1767-1768.

AHUNC, Documentos de la Junta de las Temporalidades de Córdoba, caja 10, legajo 2, n. 27. **Inventario formado por Lorenzo Infante Boticario en la ciudad de Córdoba de los bienes medicinales.** (folios 4533r –4628r. julio 1772. cópia)

AYALA, Geronimo de. **Principios de Cirugia utiles, y provechosos para que puedan aprovecharse los principiantes en esta facultad.** Valencia: Jayme de Bordazar editor, 1705.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico.** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v. in <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1>

BORBON, Felipe. **Medicina y Cirugia Domestica Necesaria a los pobres, y familiar à los ricos.** Trascripta del Medico Caritativo, con algunos remedios de otros autores. Valencia: Jayme de Bordazar y Artazù editores, 1705.

CABRAL, João S.J. **Manual dos Irmãos Cadjutores da Companhia de Jesus.** [S.l.]. OYA Tipografia Particular, 1931.

CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisa (IAP/UNISINOS), Transcrição de Carlos Leonhardt, S. J. [1928], 1994. (mimeo) (1714- 1720); (1720- 30); (1730-1735).

DOBRIZHOFFER, Martín. **Historia de los Abipones.** 3v. In: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-74929.html>

FRASCHINI, Alfredo Eduardo (diretor). **Index Librorum Bibliothecae Collegii Maximi Cordubensis Societatis Iesu. Edición Crítica Filológica y Bibliográfica.** Buenos Aires, 2003.

GARZÓN MACEDA, F. **La Medicina en Córdoba. Apuntes para su Historia. Tomos I- II- III.** Buenos Aires: Talleres Gráficos Rodríguez Giles, 1916. (Edição Parcial do *Libro de Cirugia*).

LAGUNA, Andres. **Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca de la Materia Medicinal y de los Venenos Mortiferos** Traduzido de lengua Griega, en la vulgar Castellana, & ilustrado con claras y substanciales anotaciones, y con las figuras de innumerables plantas exquisitas y raras, por el Doctor Andres de Laguna, Medico de Julio III, Pont. Max. Valencia: Emprenta de Claudio Maçè, 1651.

LE PREUX, Ricardo. **Doctrina Moderna para los sangradores, en la qual se trata de la flebotomia, y arteriotomia.** Madrid: Imprenta de Francisco de Yerro, 1717.

LOZANO, Pedro. **Descripcion chorográfica del terreno, rios, árboles y animales de las dilatadísimas provincias del gran Chaco Gualamba, y de los ritos y costumbres de las innumerables naciones bárbaras é infieles que le habitan.** Córdoba, 1733

LOYOLA, Ignácio. **Constituciones de la Compañía de Jesús,** 1558. In: http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/14911556,_Ignatius_Loyola,_Constituciones_d_e_la_Compania_de_Jesus,_ES.pdf. Acesso em 15/09/2013.

MONARDES, Nicolás. **Primera y segunda y tercera partes de la Historia Medicinas de las nossas que se traen de nuestras Indias Occidentales que sirven en Medicina.** Sevilla: Alonso Escrivano, 1574.

MONTENEGRO, Pedro. **Materia Medica Misionera.** [1710], 1790 (manuscrito).

MONTENEGRO, Pedro. **Materia Medica Misionera.** Buenos Aires: Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1710, [1945]. (Versão digitalizada da obra)

MUÑOZ, Miguel Eugenio (org.) **Recopilacion de las Leyes, Pragmáticas Reales, Decretos, y Acuerdos del Real Prto- Medicato.** Valencia: En la Imprenta de la Viuda de Antonio Bordazar, 1751.

ORDENANZAS, y constituciones para el para el buen gobierno, y administracion del Hospital General de la Misericordia desta villa de Madrid, y de los demas Hospitales, por autoridad Apostolica y Real , a el reducidos. Madri: Por Juan de la Cuesta, 1611.

PICATOSTE, Felipe. **Diccionario Popular de la Lengua Castellana.** Madrid: Est. Tip. Editorial de G. Estrada, Dr. Fourquet, 1887.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz.** Typographia de Silva, 1832.

PISO, Guilherme. **História natural e médica da Índia Ocidental.** Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1957.

PORRES, Manuel de. **Medula de Cirugia y Examen de Cirujanos**. Madrid: A costa de Pedro Joseph Alonso y Padilla, Librero de Camara de su Magestad, 1749.

SÁMANO, Mariano Gonzalez de. **Compendio Historico de la Medicina Española**. Barcelona: Imprenta de don Agustin Gaspar, 1850.

SÁNCHEZ LABRADOR, José. **El Paraguay Católico**. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910.

SANZ de DIOS, Francisco. **Medicina Practica de Guadalupe**. Madrid: Imprenta de Domingo Fernandez de Arrojo, 1730.

SEMMEDO, Juan Curbo. **Secretos Medicos y Chirurgicos**. Madrid: Juan de Zuñiga editor, 1735.

TRELLES, Manuel Ricardo. **Revista Patriótica del Pasado Argentino**. Tomos I e II. Buenos Aires: Imprenta Europea, 1888. (Primeira Edição da Materia Medica Misionera).

Bibliografia

ANAGNOSTOU, Sabine. The international transfer of medicinal drugs by Society of Jesus (sixteenth to eighteenth centuries) and connections with the work of Carolus Clusius. **Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences**, 2007, p.293-312

AGNOLIN, Adone. **Jesuítas e Selvagens**. A negociação da fé no encontro catequético- ritual americano- tupi. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007.

ALMEIDA, Carla Berenice Starling de. **Medicina mestiça: saberes e práticas curativas nas minas setecentistas**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2009. v. 1.

ARATA, Pedro. **Botánica Médica Argentina**. Los Herbarios de las Misiones del Paraguay. Buenos Aires: La Biblioteca, año II, t. VIII, 1898.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **Negócios Jesuíticos: O cotidiano da administração dos bens Divinos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BELLINI, Lígia. Imagens do corpo e saber médico em Portugal no século XVI. **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, Niterói - RJ, v. 10, n. No. 19, p. 27-42, 2005.

BETTIOL, Maria Regina Barcelos. **A escritura do intervalo: A poética epistolar de Antonio Vieira**. 2008. 270p. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BLOCH, Marc L. B. **Os Reis Taumaturgos**. O caráter sobrenatural do poder régio França e Inglaterra. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1993.

- BOSCHI, Caio César. O assistencialismo na capitania do ouro. **Revista de História**. Nº. 116. São Paulo: USP, jan./ jun. 1984, p.25-41.
- BOUZA, Fernando. **Corre Manuscrito**. Una historia cultural del Siglo de Oro. Madrid: Marcial Pons Ediciones de Historia, 2001
- BURKE, Peter. **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e medicina no Brasil colonial. **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 61-75, 2005.
- CALVO, José. **Así vivían en el Siglo de Oro**. Madrid: Grupo Anaya, 1989.
- CAMENIETZKI, C. Z. Cientistas e religiosos. **Comciência**, Campinas, v. 65, 31 maio 2005.
- CAMPOS DÍEZ, María Soledad. El Protomedicato en la administración central de la Monarquía hispánica. In: TERRADA, María Luz Lopez. VIDAL, Àlvar Martínez.(dir.) El Tribunal del Real Protomedicato en la Monarquía hispánica (1593-1808). **Dynamis**. Acta Hispanica ad Medicznæ Scientiarumque Historiam Illustrandam. v. 16, p. 43-58, 1996.
- CAROLINO, Luís Miguel. O paraíso do astrónomo: o Céu Empíreo segundo Cristoforo Borri (1583-1632). **Clio** - Série Revista de Pesquisa Histórica - N. 27-1, 2009, p. 257, 278.
- Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal** in Fundação Biblioteca Nacional: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf Acessado em 06/01/14.
- CASTELAO, Ofelia Rey. **Monte y Política Forestal en la Galicia del Antiguo Regimen**. A Coruña: Universidad de Santiago, 2001.
- CASTELNAU- L'ESTOILE, Charlottte. **Operários de uma vinha estéril**. Bauru/ SP: EDUSC, 2006.
- CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Apropriações e resignificações do mito de São Tomé na América**: a inclusão do índio na cosmologia cristã. 2008. 219p. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2008.
- CERELLO, Adriana Gabriel. **O Livro nos textos jesuíticos do século XVI**. Edição, Produção e Circulação de livros nas cartas dos jesuítas na América portuguesa. (1549- 1563). 2007. 143p. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CHARLEVOIX, P. Pedro Francisco Javier de. SJ. **Historia del Paraguay escrita en francés pr el P. Pedro Francisco Javier de Charlevoix de la Compañía de Jesús, con las anotaciones y correcciones del P. Muriel, traducida al castellano por el P. Pablo Hernández**. 6 tomos. Madrid: Librería General de Víctoriano Suárez, 1910-1916 , T.I, (1910).

- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**. Brasília: Editora UNB, 1994.
- CHARTIER, Roger. **Cardernio entre Cervantes e Shakespeare**. História de uma peça perdida. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- COLMEIRO, Miguel. **La Botânica y los Botánicos de la Península Hispano- Lusitana**. Estudios Bibliográficos y biográficos. Madrid: Imprenta y Esteoreotipia de M. Rivadeneura, 1858.
- CORBELLA, Jacint. El conocimiento de la flora americana y su impacto en el desarrollo de la toxicología. Gimbernat: **Revista Catalana d'història de la Medicina i de la Ciència**. v. 12, 1989, p. 53-67.
- CORRÊA, A.D. SIQUEIRA BATISTA, R. QUINTAS, L. E. M. Similia Similibus Curentur: notação histórica da medicina homeopática. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 347- 351, 1997.
- COSTA, Célio Juvenal. Santo Anselmo, a Escolástica e os Jesuítas. In: **V Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas**, 2001, Campinas-SP. URL: http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDcFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.histedbr.fae.unicamp.br%2Facer_histedbr%2Fseminario%2Fseminario5%2Fc_santo_celio.doc&ei=PFmUYDLfOI4APbs4DABw&usg=AFQjCNESDAi5SvO_njLe_DUBVNR_2vY1_Q&bvm=bv.45107431,d.dmg (Acesso em 02/04/13)
- CREMADES, Norma Acerbi. Los jesuítas y la medicina de Córdoba desde 1599 a 1767. Jesuítas 400 años en Córdoba. **Congreso Internacional**. Córdoba, t.4, p. 11-26, 1999.
- CRISTÓFORIS, Nadia A. **Proa al Plata: Las migraciones de gallegos y asturianos a Buenos Aires (fines del siglo XVIII y comienzos del XIX)**. Madrid: CSIC, 2009
- DARTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- DAVIS, Natalie Zemon. Ajuda aos pobres, humanismo e heresia. In: **Culturas do povo**. Sociedade e cultura no início da França Moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 23-61.
- DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. RJ: Forense Universitária, 1982.
- DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- DEL VALLE, Ivonne. **Escribiendo desde los márgenes**. Colonialismo y jesuítas en el siglo XVIII. México: Siglo XXI, 2009.

- EDLER, F. C. (Org.) **Boticas e Pharmácias**. Uma história ilustrada da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- EDLER, F. C. Plantas nativas do Brasil nas farmacopeias portuguesas e europeias Séculos XVII - XVIII. In: Lorelai Kury. (Org.). **Usos e circulação de plantas no Brasil (séculos XVI - XIX)**. 1ªed. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Editora, 2013, v. p. 94-137, 2013.
- DI LISCIA, María S. PRINA, Aníbal O. Los saberes indígenas y la ciencia de la Ilustración. **Revista Española de Antropología Americana**, v.32 p. 295- 319, 2002.
- EISENBERG, José. **As missões jesuíticas e o pensamento político moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- FALCON, F. J. C. RODRIGUES, A. E. M. **Tempos Modernos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000. v.1.
- FARIA, Marcos Roberto de. Ética e educação jesuítica no século XVI: formar soldados para cristo. **Revista Filosofia Capital**, Brasília, vol. 5, n. 11, p. 62-76, jul/2010.
- FAULHABER, Priscila. LOPES, José Sérgio Leite. **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2012.
- FEBRE, P. A. 'Ils **iront en pèlerinage**'... L' 'expérience' du pèlerinage selon l' 'Examen général' des Constitutions de la Compagnie de Jésus et selon les pratiques contemporaines. In: P, BOUTRY, P. A. FABRE; D. JULIA (eds.) **Rendre ses vœux: les identités es dans l' Europe moderne (XV- XVIII siecle)**, Paris: Editions EHESS, p. 159- 188, 2000.
- FLECK, Eliane. Almas em busca de salvação: sensibilidade barroca no discurso jesuítico (século XVII). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.24 nº 48, p.255- 300, 2004.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann. A morte no centro da vida: reflexões sobre a cura e a não-cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-75). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso)**, Rio de Janeiro, RJ, v. 11, n.03, p. 635-660, 2004.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Sobre feitiços e ritos: enfermidade e cura nas reduções jesuítico-guaranis (século 17). **Varia História**, Belo Horizonte, MG, v. 33, n.jan. 2005, p. 163-185, 2005.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Sobre martírios e curas: medicina e edificação nas reduções jesuítico-guaranis (século XVII). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, RS, v. XXXI, n. 1, p. 35-50, 2005.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Em busca da saúde das almas: medicina e missão nas reduções jesuítico-guaranis. **Estudos de História**, Franca, São Paulo, v. 13, n.n.1, p. 117-148, 2006.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Da mística às luzes: a medicina experimental nas reduções jesuítico-guaranis (séculos XVII e XVIII). **Revista Complutense de História de América**, v. 32, p. 153-178, 2006.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. **Sentir, adoecer e morrer** - sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII. 1999. 332p. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica- RS. 2009

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. As curas de Deus e da Natureza. **Revista de História (Rio de Janeiro)**, v. 59, p. 59-61, 2010.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. La muerte es buena maestra: os corpos doentes e a salvação das almas (Província Jesuítica do Paraguai, séculos XVII-XVIII). In: COLVERO, Ronaldo B. MAURER, Rodrigo F. (Org.) **Missões em Mosaico**. Da interpretação à prática: um conjunto de experiências. 01ed. Porto Alegre, RS: Editora Faith Ltda, 2011, v. 01, p. 41-52

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; POLETTO, Roberto. Circulação e produção de saberes e práticas científicas na América meridional no século XVIII: uma análise do manuscrito *Materia medica misionera* de Pedro Montenegro (1710). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso)**, v. 19, p. 1121-1138, 2012.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; POLETTO, Roberto. Esto es lo que yo buscaba (...) el conocimiento de las yerbas y su aplicación. **Anos 90 (UFRGS. Impreso)**, v. 19, p. 411-436, 2012.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Sobre licores e xaropes: práticas curativas e experimentalismos jesuíticos nas reduções da Província Jesuítica do Paraguai (séculos XVII-XVIII). In: KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloísa (orgs.). **Ensaio de História das Ciências no Brasil – Das Luzes à nação independente**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 17-30.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; POLETTO, Roberto. **'En este libro no hallo cosa que se oponga a los dogmas de nuestra Santa Fe ni a las buenas costumbres'**: um estudo sobre dedicatórias, prólogos e censuras em tratados de cirurgia e de medicina do Setecentos. **Varia História (UFMG. Impreso)**, v. 29, p. 125-142, 2013.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; POLETTO, Roberto. Transcrição do Inventário formado por Lorenzo Infante Boticário en la Ciudad de Córdoba de los bienes medicinales, Julio de 1772. **IHS - Antiguos jesuítas en Iberoamérica**, v. 1, p. 162-247, 2013.

FRANÇOSO, Mariana de Campos. **De Olinda a Olanda**: a coleção de Johan Maurits de Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico holandês (século XVII). 2009. 296p. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

- FREITAS REIS, Ivoni. Um mapa da medicina antiga: Entre a cura através dos contrários e a cura através dos semelhantes. **Revista de historia de la medicina y epistemologia medica (Buenos Aires)** Departamento de Humanidades Médicas, v. I, p. 01-14, 2009.
- FURLONG, Guillermo. **Medicos Argentinos durante la dominación hispanica**. Buenos Aires. Huarpes, 1947.
- GARZÓN, Fernando. **Historia de la Ciencia en el Uruguay**. Del descubrimiento al fin de las Misiones Jesuíticas. Montevideo: Tridenco S/A, 1996, Tomo I
- GESTEIRA, Heloisa Meireles. A cura do corpo, conversão da alma. **Topoi (Rio de Janeiro)**, Rio de Janeiro, v. 5, n.8, p. 71-95, 2004.
- GESTEIRA, H. M. Manuscritos médicos e circulação de idéias nas missões jesuíticas da América. In: VII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2006, Campinas. **Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC**, 2006.
- GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- GONÇALVES, Leonardo. **Padronizando a arte: a Farmacopeia Tubalense de 1735 e a tentativa de construção de um modelo para a prática farmacêutica em Portugal**. 2012. 147p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Formação de Professores – UERJ. Rio de Janeiro, 2012.
- GONTIJO, Rebeca. “Paulo Amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 163- 196, 2004.
- GRENDI, Edoardo. Repensar a micro- história? In: REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- GUERRA, Francisco. **La medicina precolombina**. Madrid: Cultura Hispánica, 1990.
- GRINBERG, Keila. **O fiador dos brasileiros**. Cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as Artes de Curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império**. Rio de Janeiro, Casa de Osvaldo Cruz/ Fiocruz, 2003. (Dissertação de Mestrado.)
- Hernández, Pablo, S. J. **El extrañamiento de los jesuitas del Río de la Plata, y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III**. Madrid, 1908
- HERNANDES, Paulo R. **Os Exercícios Espirituais e o Teatro Educação História e Cultura no Brasil Colônia**. São Paulo: Arké, 2007.

- HERNANDES, Paulo R. Os Exercícios Espirituais a Companhia de Jesus e a Educação. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 30, p. 292-312, 2008.
- HERSON, Bella. **Cristãos- Novos e seus descendentes na medicina brasileira (1500/1850)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- JUNCOS, Nancy Elizabeth. La junta de temporalidades de Córdoba: Fernando Fabro y el Colegio Máximo. **Investigación**. N.4 p. 2128, 2004
- KANTOROWICZ, Ernst. H. **Os Dois Corpos do Rei**. Um estudo sobre teologia política medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KATALIN, Kéri. La medicina precolombina y su influencia en Europa del siglo XVI- algunos datos y aspectos- Hungría: Universidad de Pécs, **Centro Iberoamericano**, Pécs, 2006, p. 679-701.
- KURY, L. B. **Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810)**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso), Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 109-129, 2004.
- LANNING, John Tate. **El Real Protomedicato**. La reglamentación de la profesión médica en el Imperio español. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1997.
- LEONETTI, Juan Eduardo. **La expulsión de los jesuitas y la política fiscal en la América Hispánica**. In: **Jornadas internacionales sobre las misiones jesuíticas: “interacciones y sentidos de la conversión”**, 12. 2008, Buenos Aires. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/141141.pdf>
- LE GOFF, Jacques. **As Doenças têm História**. Lisboa: Terramar, 1984.
- LEONHARDT, Carlos. Los jesuitas y la medicina en el Río de Plata. **Estudios**, 57, Buenos Aires, 1937, p. 101-118.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org), **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 167- 182.
- LIMA, Henrique Espada Rodrigues. **A micro história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LONDOÑO, Fernando Torres. **Escrevendo cartas**. Jesuítas, escrita e missão no século XVI. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, n.43, p. 11-32, 2002.
- MARQUES, V. R. B. Remédios de segredo. In: II Seminário de História das Doenças, 2006, Rio de Janeiro. **II Seminário de história das Doenças. Caderno de Resumos**. Rio de Janeiro: Gráfica da FIOCRUZ, 2006. v. 1. p. 1-13.

- MARTÍN, Carmen M; VALVERDE, José Luis. **La Farmacia en la América Colonial: el Arte de Preparar Medicamentos**. Granana: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granana, 1995.
- MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira ; SILVA, Paulo José Carvalho da; MUTARELLI, Sandra Kuka . A teoria dos temperamentos: do Corpus Hippocraticum ao século XIX. **Memorandum (Belo Horizonte)**, v. 14, p. 9-24, 2008.
- MASSIMI, Marina, MAHFOUD, Miguel, SILVA, Paulo José Carvalho da, AVANCI, Silvia Helena Sarti. **Navegadores, colonos, Missionários da Terra de Santa Cruz**. Um estudo psicológico da correspondência epistolar. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- MEDINA, José Toribio. **Historia y Bibliografía de la Imprenta en America Española**. La Plata: Taller de Publicaciones del Museo, 1892.
- MEGIANI, Ana Paula Torres. Imprimir, regular, negociar: elementos para o estudo da relação entre Coroa, Santo Ofício e impressores no mundo português (1500-1640). In: SOUZA, Laura de Mello e; FURTADO, Junia Ferreira; BICALHO, Maria Fernanda. (Org.). **O governo dos povos**. 1ed.São Paulo: Alameda, 2009, v. 1, p. 131-151.
- MIGUEL ALONSO, Aurora. Las ediciones de la obra de Dioscórides en el siglo XVI. Fuentes textuales e iconográficas. **Alicante**: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2008.
- MOREJON. Antonio Hernandez. **Historia Bibliográfica de la Medicina Española**. Madrid: Imprenta de la Viuda de Jordan e Hijos, 1842-52 T. I-VII.
- MOSSÉ, Claude. As lições de Hipócrates. In: LE GOFF, Jacques. **As Doenças têm História**. Lisboa: Terramar, 1984.
- NEUMANN, E. S. De letra de índio: cultura escrita e memória indígena nas reduções do Paraguai. **Varia História**, v. 41, p. 177-196, 2009.
- NEUMANN, E. S. Documentos escritos por indígenas; as duas mensagens de Hilario Yrama (1757). **CORPUS- Archivos virtuales de la alteridad americana**, v. 3, p. 1-6, 2013.
- NEW YORK State Department of Health, Enfermedades Transmisibles. In: http://www.health.ny.gov/es/diseases/communicable/ringworm/docs/fact_sheet.pdf Acesso em: 22/01/2013.
- NIETO, Mauricio. Políticas Imperiales en la Ilustración española: História natural y la apropiación del Nuevo Mundo. Universidad de los Andes: **Historia Critica**, p. 39-52, 1995.
- NOBRE, E. dos Santos; ALEXANDRE, J. Ferreira. A missão abreviada: práticas e lugares do bem-morrer na literatura espiritual portuguesa da segunda metade do século XIX. **Revista Brasileira de História das Religiões**, n. 10, Maio 2011, p. 97-116.

- NOELLI, F. S. SOARES, A. L. R. Para uma história das epidemias entre os Guarani. **Diálogos (Maringá)**, Maringá, v. 1, p. 165-178, 1997
- NOGUEIRA, Luciano José; MONTANARI, Carlos Alberto; DONNICI, C. L. The History, evolution and importance of lipophilicity in medicinal chemistry: from Hippocrates and Galeno to Paracelsus and the contribution of Overnton and Hansch. **Revista Virtual de Química**, v. 1, 2009, p. 231.
- OLARTE, Juan Manuel Núñez. **El Hospital General de Madrid en el siglo XVIII**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1999.
- O'NEILL, Charles. DOMÍNGUEZ, Joaquín Maria. **Diccionario histórico de la Compañía de Jesús**: biográfico-temático. Roma : Institutum Historicum S.I., 2001. v. 4
- PAGE, Carlos; FLACHS, María Cristina Vera de. Textos Clásicos de Medicina en la Botica Jesuítica del Paraguay. **Cuadernos del Instituto Antonio de Nebrija**. Madrid, 13 p. 117-135, 2010.
- PAGE, Carlos A. **El Colegio Máximo de Córdoba (Argentina) según las Cartas Anuas de la Compañía de Jesús**. Documentos para la Historia de la Compañía de Jesús en Córdoba. Tomo I. Córdoba: 2004.
- PERKINS de Piacentino Ana María. Misiones Jesuíticas: Drogas Autóctonas Americanas Encontradas en la Botica Jesuítica de la Ciudad de Santa María de Buenos Ayres. 38 **ICHP**, 2007.
- PÉCORA, Alcir. Cartas à Segunda Escolástica. In: Novaes, Adauto (org.). **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.373-414.
- PERDIGUERO, Enrique. Protomedicato y curandeirismo. In: TERRADA, María Luz Lopez. VIDAL, Àlvar Martínez.(dir.) El Tribunal del Real Protomedicato en la Monarquía hispánica (1593-1808). **Dynamis**. Acta Hispanica ad Medicinæ Scientiarumque Historiam Illustrandam. v. 16, p. 91-108, 1996.
- PERUSSET, Macarena. La ocupación indígena del territorio rioplatense: intercambios culturales durante el período colonial (siglos XVI- XVII). **Revista Complutense**, v. 38, p. 9-32, 2012.
- PIRES, Fabiana P. Eles irão em peregrinação: a “experiência” de peregrinação segundo o “Exame geral” das Constituições da Companhia de Jesus e as práticas contemporâneas. Resenha. **História Unisinos** 14 (1): 100- 105, Janeiro/ Abril 2010.
- POLETTO, Roberto. **Medicina Acadêmica Espanhola**: Continuidades de práticas mágico-populares e avanços científicos em Tratados de medicina do século XVIII. 2011. 100p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [2011].

RAMINELLI, R. J. Viagens e inventários. **História. Questões e Debates**, Curitiba, v. 17, n. 32, p. 27-46, 2000.

REIS, João José. **Domingos Sodré**. Um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação** v. 15 n. 45 set./dez. 2010.

RIBEIRO, M. M. **A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo: Hucitec, 1997.

RODRIGUEZ, Alberto Villanova. **Los Gallegos en Argentina**. Buenos Aires: Imprenta Lopez, 1966.

RODRÍGUEZ OCAÑA, E. *La medicina en busca de público: España, siglos XIX y XX*. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13, n. 2, p. 295-301, abr.-jun. 2006.

ROSENTAL, Paul-André. “**Construir o macro pelo micro: Frederik Barth e a microstoria**”. In REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROSSI, Paolo. **O Nascimento da Ciência Moderna na Europa**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2001.

SÁ, Isabel dos Guimarães. A assistência, as misericórdias e os poderes locais. In: OLIVEIRA, César (dir.) **História dos municípios e do poder local- dos fins da Idade Média à União Europeia**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996, p. 136-142.

SANTAMARÍA, Daniel J. **Archivo de plantas medicinales de zonas aborígenes y campesinas de sudamerica**. 1 ed. Jujuy: Centro de Estudios Indígenas y Coloniales, 2003.

SANTOS, Fernando Santiago dos. **Os Jesuítas, os Indígenas e as Plantas Brasileiras: considerações preliminares sobre a Triaga Brasília**. 2003.174p. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SANTOS, Luciana Lopes. **A Madre Fundadora e os Livros: um estudo sobre santidade e cultura escrita no “Siglo de Oro” Espanhol**. 2012. 252p. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SANTOS, Marília. Nogueira. A escrita do império: notas para uma reflexão sobre o papel da correspondência no império português. In: Laura de Mello e Souza, Maria Fernanda Bicalho e Júnia Furtado. (Org.). **Governo dos povos**. São Paulo: Alameda, p. 171- 192, 2009.

- SARMIENTO, F. Javier Puerto. La panacea áurea. Alquimia y destilación en la corte de Felipe II (1527-1598). **Dynamis**. Acta Hisp. Med. Sci. Hist. Rlus. 1997, 17, 107-140
- SCHWARTZ, Stuart B. LOCKHART, James. **A América Latina na época colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SEIXAS, Xosé Nuñez. **La Galicia Austral**. La inmigración Gallega en Argentina. Buenos Aires: Editora Biblos, 2001.
- SILVA, Antonio Moraes. **Dicionário da lingua portuguesa** - recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.
- SOUSA, Jorge Prata de. Uma apresentação: o Regimento proveitoso contra a pestilência (c.1496). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 1-11, 2005
- SPOSITO, Fernanda. **Santos, Heróis ou Demônios?** Sobre as relações entre índios, jesuítas e colonizadores na América Meridional (São Paulo e Paraguai/ Rio da Prata, séculos XVI-XVII). 2012. 341p. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- STORNI, Hugo. **Catálogo de los Jesuitas**. Pro. del Paraguay 1585- 1786. Institutum Historicum S. I. Roma, 1980.
- TAVARES de SOUZA, A. **Curso de História da Medicina**. Das Origens aos fins do Século XVI. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- TERRADA, María Luz Lopez. Los estudios historicomédicos sobre el Tribunal del Protomedicato y las profesiones y ocupaciones sanitarias en la Monarquía Hispánica durante los siglos XVI al XVIII. In TERRADA, María Luz Lopez. VIDAL, Àlvar Martínez.(dir.) El Tribunal del Real Protomedicato en la Monarquía hispánica (1593-1808). **Dynamis**. Acta Hispanica ad Medicznæ Scientiarumque Historiam Illustrandam. v. 16, 21-43,1996.
- TERRADA, María Luz Lopez. El control de las prácticas médicas en la Monarquía Hispánica durante los siglos XVI y XVII: el caso de la Valencia Foral. **Cuadernos de historia de España**. Buenos Aires, v.81, p.91- 112, 2007.
- TERRERO, Jose. **Historia de España**. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, 1981.
- THOMAS, Keith. **Religião e o Declínio da Magia**. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1991.
- THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- TOMÁS, José Pardo. VIDAL, Àlvar Martínez. El Tribunal del Protomedicato y los médicos reales (1665-1724): entre la gracia real y la carrera profesional. In TERRADA, María Luz Lopez. VIDAL, Àlvar Martínez.(dir.) El Tribunal del Real Protomedicato en la Monarquía hispánica (1593-1808). **Dynamis**. Acta Hispanica ad Medicznæ Scientiarumque Historiam Illustrandam. v. 16, 1996.

- VAINFAS, R. (Org.) **Dicionário do Brasil Colonial**. Vol. 1, Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- VALDERAS, José María. La polémica en la investigación botánica del siglo XVI. Mattioli contra Lusitano. Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). **Collectanea Botanica** 25, 2000, p. 255-304.
- VARELLA, Alexandre Camara. **Receitas do Regime a dietética entre índios e espanhóis no México e Peru entre os séculos XVI e XVII**. 2012. 261p. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

**ANEXO A – TABELA DE DADOS BIO-BIBLIOGRÁFICOS DE MÉDICOS
ESPANHÓIS**

Dados retirados na obra de Antonio Hernandez Morejon.

Tomo IV. Siglos XVI e XVII/ 54 nomes.

PS: Consideramos apenas profissionais sobre os quais se conhece mais de um dos dados biográficos tabelados.

P.	Nome	Local de Nascimento	Local de Formação	Local de Atuação
77	Andres Z. de Alfaro	Alfaro	Salamanca	Sevilla
81	Gregorio Lopez Madera	Madri	Alcalá de Henares	Médico de Câmara da Real Família e Protomedico Madri
84	Gerónimo Gomez de Huerta	Escalona Arzobispado Toledo	Alcalá filosofia Valladolid Medicina	Madri, viúvo vira carmelita atua em Valdemoro e Arganda, depois médico de câmara de Felipe IV.
102	Andres de Leon	Granada	Sevilla.	Graduado praticou com Monardes; Sevilla; Valencia; Zaragoza, junto ao exército em Portugal e Inglaterra; ciudad de Baeza
115	Juan Alonso y de los Ruizes de Fontecha	Villa de Daimiel em la Mancha	Alcalá de Henares	Foi catedrático da Universidade de Alcalá.
125	Cristóbal Perrez de Herrera	Salamanca	Alcalá, discipulo de Valles	Salamanca; Madri; médico das galeras espanholas e médico de Câmara.
177	Hernando de Bustos	Granada	Granada	Acredita-se Granada
180	Antonio Ponce de Santa Cruz	Valladolid	Valladolid com Luis Mercado	Médico de Felipe IV e Protomédico Geral.
193	Valentin de Androsilla Salazar.	XX	Valencia	Pamplona.
197	Antonio de Cruz	Lisboa	XX	Acredita-se Lisboa.
197	Ambrosio Nuñez.	Lisboa	Coimbra	Catedrático em Salamanca; Sevilla e Madrid e volta a

				Coimbra como médico do Rei naquela cidade.
200	Juan Gimenez Gil	Tarazona	XX	Acredita-se Zaragoza.
201	Andres Valdivia.	Acredita-se Sevilla	Sevilla	Sevilla.
204	Francisco Nuñez	Sevilla	Alcalá	Acredita-se Alcalá
206	Juan Gascon de Angulo	XX	Sevilla	Sevilla
206	Juan Jimenez Savariego	Ciudad de Ronda	Granada	Titular de Antequera; protomedico das galeras espanholas e de Câmara em Castela.
210	Francisco Silva y Olivera	Alcalá de Henares	XX	Granada
211	Francisco Velez de Arciniega	Casarrubios del Monte		Boticário no arzbispado de Toledo
212	Juan Allemani	Catalunha.	XX	Acredita-se Catalunha.
212	Juan Bravo Chamizo	Serpa Portugal	Coimbra	Coimbra
213	Pedro García Carrero	Calahorra.	Alcalá de Henarez	Catedrático em Alcalá; médico de Câmara.
218	Juan Avellano	Vila de Cetina, Aragão.	Alcalá de Henarez	Alcalá, Madrid
219	Gaspar de Morales Alvero	Zaragoza	Alcalá de Henarez	Zaragoza; Sicilia e Valencia.
220	Alfonso de Freilas	Jaen	XX	Jaen.
242	Juan de Sosa Sotomayor	Sevilla	Sevilla	Acredita-se Sevilla.
243	Alfonso Nuñez.	Llerena, Estremadura	Salamanca	Plasencia, médico do bispo; Sevilla médico de Câmara e Protomedico;
249	Gaspar Tristan	Valencia	XX	Depois de médico, sacerdote, atuou no convento de Nrs. Senhora de Monserat Catalunha.
251	Simon Ramos	Sevilla	XX	Acredita-se catedrático Osuña.
254	Juan de Barrios	XX	Valladolid	México
256	Luis Nuñez	Amberes	XX	Acredita-se Amberes
258	Fray Blas Verdu	Catalunha	XX	Acredita-se Barcelona.
258	Gerónimo de la Fuente	Madrid	XX	Boticário do Rei.
260	Jaime Ferrer	Aragão	XX	Zaragoza.
260	Jacobo Tamayo	Sevilla	Alcalá	Catedrático Sevilla
263	Pedro de Victoria	Valencia	Valencia	Sevilla

263	Juan Sala	Zaragoza	Acredita-se Zaragoza	Zaragoza.
266	Juan de Luna Vega	Marchena	Sevilla	Sevilla
271	Gerónimo Valero	Zaragoza	Zaragoza	Zaragoza
272	Francisco Perez Cascales de Guadalajara	Acredita-se Guadalajara	Alcalá de Henares	Villa de Yepes, ciudad de Sigüenza.
275	Juan de Villareal	Ubeda	Alcalá de Henares	Acredita-se Alcalá
298	Manuel de Valderama	XX	Zaragoza	Zaragoza
298	Alonso Gonzalez	XX	Granada	Priego, Córdoba.
299	Cristóbal Nuñez	Huete	Alcalá	Alcalá
301	Cristobal Montemayor	XX	Valladolid	Acredita-se Zaragoza.
308	Vicente Garcia Salat	Valencia	Valencia	Valencia
311	Franciscos Jimenez	Villa de Luna, Aragón.	España	México onde vira franciscano.
313	Juan Soropan de Rieros	Logrosan, Estremadura	XX	Llerena e Granada.
323	Juan de Soto	Granada	XX	Catedrático em Granada
329	Francisco Figueroa	Sevilla	XX	Sevilla; Lima médico de Câmara do vice- rei
333	Alonso Romano de Córdoba	Valencia	XX	Médico de Câmara e do cárcere de Madri.
333	Diego Cisneros	Madri	Alcalá	Toledo; catedrático no México.
336	Enrique Vaca de Alfaro	Córdoba	Alcalá	Sevilla
340	Gabriel Alfonso de Villabraxima	Villabraxima, Valladolid	Salamanca	Tordesilhas; Valladolid e depois volta a cidade natal
343	Miguel Gerónimo Roma	Valencia	Valencia	Valencia

Tomo V.Continua o Siglo XVII/ 103 nomes.

19	Diego Pruñonosa.	Valencia	Valencia	Valencia
19	Vicente Miguel Gil	Valencia	Valencia	Valencia
24	Pedro de Peramato	Portugal	Alcalá e Salamanca	XX
31	Miguel Franco	Andujar	Sevilla	XX
33	Juan Rafael Moix	Gerona	Valencia	Acredita-se Barcelona
35	Cosme Novella	Albarracin	XX	Colegia boticário Zaragoza.
36	Geronimo de Alacana	Segovia	Valencia	Segovia.

	Yañez			
38	Franciso Jimenez de Carmona	Córdoba	Salamanca	Catedrático em Salamanca
39	Pedro Lopez	Portugal	Évora e Salamanca	XX
41	Francisco Matteo Fernandez Bejaraño	Badajoz	XX	Mérida
42	Matias de Porres	Toledo	Salamanca	Madri e Lima.
43	Tomas de Aguiar	Covarrubias	Alcalá	Alcalá, médico do duque de Arques com quem percorreu Alemanha, França e Itália.
44	Andres Tamayo	Madri	XX	Médico de Câmara, acredita-se Madri.
45	Antonio Nuñez de Zamora	Salamanca	Salamanca	Salamanca
47	Esteban Rodrigo de Castro (judeu)	Lisboa	Pisa	Pisa
52	Salvador Andevines Isla	Villa de Luna	XX	Aragão.
54	Juan de Castello	Burdeos (fora da Espanha)	Burdeos	Botica do Escorial e Cádiz.
55	Alejo Abreu	Alcazovas, Alentejo, Portugal	Évora e Coimbra	Lisboa e Angola.
58	Benito Matamoros Vazquez Gallego	XX	Salamanca	Osuña.
64	Antonio de Fonseca	Lisboa	Lovaina	Lisboa.
68	Gabriel Fonseca	Portugal	Salamanca	Catedrático em Pisa; Roma.
69	Juan Carlos Amat.	Catalunha	Valencia	Monasterio de Montserat.
71	Marcelino Uberte de la Cerda	Villa de Tauste	XX	Catedrático em Alcalá e Zaragoza.
73	Lorenzo Romeo	Tortosa	Valencia	Tarragona
75	Andres Ordoñez	XX	Salamanca	Catedrático em Salamanca e Protomedico de Nápoles.
77	Roque de Porrás Parra de la Asperilla	Burgos	Salamanca	Catedrático em Salamanca
81	Bernardo Mas	Manresa	Barcelona	Barcelona
82	Alonso Gomez de la Parra y Arevalo	Tembleque	Toledo, Salamanca ou Valladolid	Tembleque
86	Francisco Ruiz	Zaragoza	Zaragoza	Zaragoza
87	Pedro Camañez	Villafranca de	Valencia	Acredita-se

		Conflent, diocese de Tortosa		Valencia.
89	Francisco de Ancona	Sevilla	Sevilla	Sevilla
89	Diego Moran	Portugal	XX	França
90	Pedro Mancebo Aguado	Sevilla	XX	Sevilla
91	Luis Perez Ramirez	Sevilla	Sevilla	Catedrático em Sevilla.
92	Francisco Jimenez Guillen	Sevilla	Sevilla	Sevilla
93	Juan Francisco Rosell	Barcelona	XX	Barcelona.
95	Bernardo de Cienfuegos	Tarazona, Aragón	Alcalá	Catedrático em Alcalá; explorou todo território espanhol; Madri.
108	E. Alvaro	Espanha	XX	França
108	Juan Bautista Navarro	Castellon de la Plana	Valencia	Valencia
117	Pedro Lopez de Leon	Sevilla	Sevilla	Sevilla e Cartajena.
137	Juan Gutierrez de Godoy	Jaen	Alcalá	Jaen
145	Pedro Gago Vadillo	XX	Hospital de Guadalupe	Hospital de Guadalupe, depois passou ao Peru.
154	Diego de Valverde de Horozco	XX	Sevilla	Sevilla
158	Diego Barrosa	Portugal	XX	Espanha, Amsterdam
158	Blas Torcuato Lopez Turel	Guadiz	XX	Velez, Málaga.
159	Gerónimo Uguet de Resaire	Zaragoza	Zaragoza	Zaragoza
160	Juan de la Fuente	XX	Jaen	Jaen
163	Vicente Moles y Garcia	Valencia	Valencia e Alcalá	Acredita-se Valencia.
169	Juan de Castillo y Ochoa	Calahorra, Granada	Granada	Catedrático Granada.
172	Alonso Iñigo de Ortigosa	Villa de Osuna	XX	Boticário de Antequera.
172	Francisco Leiva y Aguilar	Córdoba	Alcalá de Henares	Córdoba
178	Juan Galleno Benitez de la Serna.	Málaga	Valencia	Médico de Câmara, acredito Madri, protomedico geral.
192	Simon de Silva	XX	Sevilla	Catedrático em

				Sevilla.
192	Gaspar de los Reyes Franco	Lisboa	XX	Évora e Carmona del Bétis.
204	Pedro Soto	XX	Granada	Málaga
205	Tomas Ferrer de Esparza	Santa María de Albarracin, Aragão	Zaragoza	Santa María de Albarracin
207	Gaspar Caldera de Heredia	Castela ou Sevilla	Salamanca	Carmona e Sevilla.
248	Juan Eusebio Nieremberg	Madri	Alcalá e Salamanca	Jesuíta, escreveu obras de moral.
251	Cristobal Unfri y Hayo	Dublin	Salamanca	Catedrático em Salamanca
253	Diego de Soria	Granada	Granada	Acredita-se Granada
254	Vicente Vazquez	Valencia	XX	Catedrático Valencia
255	Francisco Sanchez (judeu)	Braga	Burdeos e Tolosa	Itália; Catadrático em Montpellier e Tolosa
259	Geronimo Gil de Pina	Fresneda, Aragão	Valencia	Zaragoza e Valencia.
260	Diego Lopez Bernal	Sevilla	XX	Sevilla
260	Juan de Viana Montesano	Jaen	Acredita-se Málaga	Málaga.
264	Manuel Martínez	XX	Alcalá	Catedrático em Alcalá
265	Geronimo Poch	Forcia	XX	Gerona
268	Nicolas Gutierrez de Andrade y Angulo	Antequera	XX	Osuña.
269	Marcos Garcia	Valladolid	Valencia n/a não sabia latim; Madri	Acredita-se Madri
277	Duarte Madeira Arraiz	Moimenta, Portugal	Coimbra	Médico de Câmara, Lisboa.
283	Matheo Herrero	Villa de Epica	XX	Médico titular Ateca.
284	Gerónimo Rubio	Villa de Epica	Alcalá	Alcalá
286	Francisco de Dueñas	Granada	XX	Granada, boticário
288	Alonso de Burgos	Córdoba	Alcalá	Alcalá e Córdoba médico da Inquisição.
302	Matias Ramirez	Villa San Mateo	XX	Alcañiz em Aragão.
304	Cipriano Maroja	Villa de Huerta de Reys, Burgos	Alcalá, Osma e Valladolid.	Catadrático Valladolid e Médico de Câmara do Rei, acredita-se Madri.

309	Juan Geronimo Guzman y Gonzalez.	Tarazona de Aragão	XX	Catedrático Zaragoza.
309	Miguel Fernandez de la Peña	Granada	Granada	Catedrático Granada
310	Gregorio Rodriguez	Madri	Alcalá	XX
311	Dilecto Lusitano	Espanha	XX	Veneza.
312	Pedro Barba	Castelhano Velho ???	Valladolid	Catadrático Valladolid
316	Juan Lázaro Gutierrez	Sepúlveda	Valladolid	Catedrático Valladolid, Sicilia médico Duque Osuña
318	Cristobal Diatristan de Acuña SJ	Burgos	Acredita-se sem formação.	Índias Ocidentais, Espanha, Roma; Lima
318	Benedicto de Castro	Portugal	XX	Médico de Câmara da Rainha da Suécia.
319	Francisco Duarte Mendez	Cidade Real	Alcalá	XX
320	Jorge Morales	Portugal	Pisa	Catedrático Pisa e Veneza.
321	Gaspar Brabo de Sobremonte Ramirez	Aguillar de Campoó, Burgos	Valladolid	Catedrático Valladolid, médico de Câmara do Rei, Madri.
339	Tomas Murillo Velarde y Jurado	Belalcazar, Estremadura	Alcalá	Catedrático Granada, presidios de Uran, galeras espanholas, de Câmara do Rei e do Hospital de Madri.
345	José Tafalla	Zaragoza	XX	Boticário examinador Zaragoza.
345	José Stiche	Martin, Zaragoza	Zaragoza	Colegial no colégio de médicos e cirurgiões San Cosme e Damião.
350	Lucas Fuster	Valencia	Valencia	XX
361	José Cabarte y Medrano	Zaragoza	XX	Catedrático Zaragoza.
368	Alonso Granado	Sevilla	Sevilla	Catedrático Sevilla
370	Juan Lorenzo	XX	Sevilla	Jerez de la

	Estelrique			Frontera.
371	Juan Bautista Piñero	Sevilla	XX	Sevilla
375	Gerónimo Basillo Bezon	Villa de Monzon	Huesca	Vários Pueblos; Barbastro.
376	Matias Lera Gil de Muro	Arnedo	XX	Madri.
378	Francisco Carreras	Perpiñan	Barcelona	Acredita-se Barcelona.
379	Fernando Infante de Auriolos	Carrion	Alcalá	Hospital Geral de Madri.
381	José Zamora y Claveria	Albalete, Zaragoza	Zaragoza	Albalete e Catedrático em Zaragoza.
383	Lucas Maestro Negrete	Zaragoza	Acredita-se Zaragoza	Zaragoza
383	Francisco Segura	Valencia	XX	Catedrático Valencia
384	Juan Bautista Bataller	San Felipe	Valencia	Orihuela

Tomo VI. Continua o Século XVII/ 75 nomes.

10	Gerónimo Pardo	XX	Valladolid	Catadrático Valladolid
14	Enrique Vaca de Alfaro	Córdoba	Salamanca	Córdoba
17	Andres Villamediana	Alaejos	Valladolid	Tudela de Duero e Palencia.
19	Miguel Vilar	Valencia	Valencia	Valencia
22	Juan Alós	Barcelona	Barcelona	Catedrático Barcelona
26	Pedro Gerónimo Gil de Casteldases	Caspe, Aragón	XX	Zaragoza.
27	Pedro Miguel de Heredia	Alcalá	Alcalá	San Torcaz; Catedrático Alcalá; Médico de Câmara do Rei em Madrid.
35	Juan Torre y Valcarcel	Hellin, Murcia	Alcalá	Cádiz e Madri.
37	Luis Rodriguez de Pedrosa	Lisboa	Salamanca	Catedrático Salamanca
39	Juan Eulogio Perez Fadrique	Córdoba	XX	Madri, Córdoba.
40	Matias de Llera	Villa de Luna	Zaragoza	Catedrático Zaragoza.
43	Nicolas Guerra	Espanhol	XX	Nápoles
44	Diego de Arroza	Villa de Garde	Zaragoza	Villas de Alquezar, Benabare, Aren etc.
48	Agustin Gonzalo Bustos	Guasqueña,	Alcalá	Borox, Madri,

	de Olmedilla	Cuenca		médico de la cartuja de Paular.
54	Antonio Ferreira	Lisboa	XX	Lisboa.
55	Vicente Tordera	Valencia	Valencia	Valencia
56	Felix Julian Rodriguez y de Gilbau	Valencia	XX	Catedrático em Valencia
57	Pedro Biosca Casanova	XX	Alcalá	Baza e Málaga
59	Andres de Gamez	Baza	XX	Catedrático em Granada e Nápoles.
73	Juan Delgado de Vera	XX	Alcalá	Madri
80	Juan Verdugo	XX	Valladolid	Catedrático Valladolid
80	Francisco Henriquez de Villacorta	Alcalá	Alcalá	Alcalá
83	Juan Gomes Carpio y Abendaño	Toledo	XX	Toledo
85	Gerónimo de Ayala	Madrid	XX	Madrid
85	Martin Arredondo	Almaruz	Acredita-se Castela	Cirurgião da Real Guarda de Castela.
86	Damian de Mayorga y Guzman.	Toledo	Alcalá e Toledo	Colmenar de Oreja
87	Juan de Vidos y Miró	Zaragoza	Acredita-se sem formação, mas com autorização (padre)	Zaragoza
90	Francisco de Godoy	Málaga	XX	Sevilla.
93	Antonio Trilla y Muñoz	Villa de Torrubia del Campo	Alcalá	Toledo
93	Matias Garcia	Villa de Agreda, Tarazona.	Valencia	Catedrático Valencia.
101	Blas Martinez Nieto	XX	Alcalá	Alcalá
102	Francisco Morelló	Barcelona	Barcelona	Protomedico das galeras espanholas; Nápoles.
102	Jacinto Andreu	Hostalrich, Catalunha	Barcelona	Catedrático Barcelona
107	Juan Bautista Orivay de Monreal	Valencia	Acredita-se Valencia	Valencia
110	Gregorio de Lillo y Hiero	Guadalajara	Alcalá	Catedrático Alcalá, Villa de Cienpuzuelos e Guadalajara.
131	Francisco de Sayas y Bautista	XX	Alcalá	Toledo
132	Juan Bautista Ramirez de Arellano y Almansa	Villa de Almagro en la Mancha	Zaragoza	Villa de Almagro en la Mancha e Madri.
135	Juan Miguel de	Herla	XX	Zaragoza.

	Alaustey			
139	Matias Beinza	Puente la Reyna, Navarra.	XX	Reino de Navarra e Castela.
140	Juan de Hilocha	Reino de Aragão	Zaragoza	Tarazona
140	Antonio Galante de Seoane y Freyre	XX	Valladolid	Martin- Muñoz; Mondejar e Sigüenza
142	Pedro Onofre Estevan	Ilha de Mallorca	Cádiz	Cádiz
144	Juan Castillo	Sigüenza	Sigüenza e Alcalá	Sigüenza
146	Matias Domingo y Ramoin	Villa Alpuente, Valencia	Valencia	Catedrático Valencia
148	Marcos Cabrera	Catalunha	XX	Villa de Batea, Tortosa.
154	Juan de Cabriada	Valencia	Valencia	Valencia; Madri.
157	Luis Enriquez de Fonseca	Portugal	Alcalá	Catedrático em Nápoles.
158	Francisco de Elcarte	XX	Zaragoza	Pamplona; Navarra.
160	Miguel Palacio y Perez	Acredita-se Viana	Zaragoza	Viana
161	Tomas Longas	Borja	Huesca e Valencia	Tarazona.
163	Lorenzo Gonzalez	Valladolid	Valladolid	Catedrático Valladolid
167	Juan Bautista Juanini	Milão	Pavia	Sermo
170	Diego Mateo Lopez de Zapata	Murcia	Alcalá	Sevilla e Madri
176	Pedro Antonio de Navarrete y Sabogal	XX	Granada	Catedrático Granada.
180	Juan Creguenzan	Huesca	XX	Huesca (boticário)
181	José Miguel de Osera y Estella	XX	Zaragoza	Protomedico no Peru
186	Juan Tariol	XX	Valladolid	Palencia
187	José Caudi ó Cauvino	XX	Valencia	Valencia...
198	Cristóbal Francisco Luque	Marchena	Sevilla	Catedrático Sevilla.
199	Jose Rivilla Bonet y Pueyo	Zaragoza	Acredita-se Zaragoza	Cirurgião de Câmara, Vice- rei Peru e Chile.
203	Pedro Aqenza y Mossa	Sardegna	Pavia	Sasser, examinador inquisição Castela, protomedico Sardegna.
204	Pedro Lopez Pinna	Villa de Fuente del Maestre	XX	Zafra
206	Alfonso Limon Montero	Puerto- llano	Alcalá	Catedrático Alcalá
213	Salvador de Flores	XX	Sevilla	Sevilla
217	Bartolomé Sanaguja y Albacar	Bujaraloz, Aragão	Zaragoza	Zaragoza

218	Felix Osona	Vich, Catalunha	XX	Barcelona
220	Alonso Lopez Cornejo	Salteras	Sevilla	Catedrático Sevilla
223	José Escamilla	Zaragoza	Zaragoza	Zaragoza
223	Juan de Baile	XX	Motpelier	Boticário de Carlos II, Espanha.
227	Pedro Ossorio de Castro	Sevilla	Sevilla	Catedrático Sevilla
231	Juan Martinez de Zaldueño y Aguirre	XX	Vitoria	Vitoria
233	Diego Salado Garcéz de León	XX	Sevilla	Catedrático Sevilla, Utrera.
238	Diego Antonio de Robledo	XX	Salamanca	Coria, Real Casa de Nuestra Señora de Guadalupe.
243	Felipe Borbon	Zaragoza	Huesca e Zaragoza	Colegial em Zaragoza
244	Nicolas Francisco San Juan y Domingo	Badenas	Zaragoza	Zaragoza.

Total 232 profissionais

Cidade ou país de origem dos médicos:

Alcalá: 3
 Catalunha: 9
 Córdoba: 6
 Estremadura: 3
 Granada: 7
 Madri 7
 Outros: 86
 Portugal: 19
 Salamanca: 1
 Sevilla 16
 Tarazona: 4
 Toledo: 4
 Valencia: 17
 Valladolid: 4
 XX: 32
 Zaragoza: 14

Local de Formação dos Médicos:

Alcalá: 44
 Barcelona: 5
 Coimbra: 4
 Córdoba: 0
 Estremadura: 0
 Granada: 8
 Madri: 1

Motpellier: 1
Outros: ...
Salamanca: 19
Sevilla 19
Tarazona: 0
Toledo: 2
Valencia: 25
Valladolid: 15
XX: 58
Zaragoza: 20

Os Locais de Atuação:

Observação: Vários atuaram em mais de uma cidade, destacaremos apenas as mais importantes.

Alcalá: 17
Catalunha: 10
Córdoba: 5
Granada: 11
Itália: 9
Madri: 25
Outros: ...
Portugal: 8
Salamanca: 8
Sevilla 30
Tarazona: 2
Toledo: 5
Valencia: 20
Valladolid: 8
XX: 6
Zaragoza: 26

Do total de 232 profissionais, possuímos todos os dados de apenas 135. Considerando como “viajantes” aqueles que tiveram que sair de seu povoado para ir a cidades maiores em busca de formação ou aqueles que, mesmo tendo nascido em grandes cidades, migraram, observamos que dos 135 apenas 26 não se deslocaram em busca de outras cidades.

ANEXO B – ÍNDICE REMISSIVO DA MATERIA MEDICA MISIONERA

Referências aos Autores clássicos

Plínio

Prólogo

- p. 152: Caáné miri que dice el Indio, á diferencia del caáné guazú, que llama al Eneldo.
- p. 303: El Caáisí, ó Almaciga verde
- p. 308: Caáisí, Coniza mayor.
- p. 377: El Pínó miri, que dice el Indio es la segunda especie de Anacardo.

Huerta

Prólogo

- p. 101: Caápebá o Macaguá
- p. 272: raiz de la China; el Indio Guarani llama Yuápecá, y el Brasilense ó Tupi dice: Yuápecanga.
- p. 381: El arbol del Cacaho
- p. 397: arbol del Clavo.
- p. 403: Pimienta.

Menardes (Monardes)

Prólogo

- p. 101: Caápebá o Macaguá
- p. 272: raiz de la China; el Indio Guarani llama Yuápecá, y el Brasilense ó Tupi dice: Yuápecanga.
- p. 381: El arbol del Cacaho
- p. 397: arbol del Clavo.
- p. 403: Pimienta.

Pisón

Prólogo

- p. 42: El Mburucuyá que dice el Indio es lo que en España llaman flor de la Pasion...
- p. 101: Caápebá o Macaguá
- p. 227: Tamarindos
- p. 231: Copayba
- p. 272: raiz de la China; el Indio Guarani llama Yuápecá, y el Brasilense ó Tupi dice: Yuápecanga.
- p. 277: Aguarandios; el Brasilence le llama Yaborandi, y el Guaraní Yaguarandio miri.
- p. 283: Aguarandios guazú
- p. 299: Xenxibre
- p. 381: El arbol del Cacaho
- p. 397: arbol del Clavo.
- p. 403: Pimienta.

Bonti (s)

Prólogo

p. 101: Caápebá o Macaguá

p. 227: Tamarindos

p. 258: Mangifera en el Brasil.

p. 299: Xenxibre

p. 397: arbol del Clavo.

p. 403: Pimienta.

Sirena

Prólogo

Leon

Prólogo

Bauthin, Bauchkin, Bakin

Prólogo

p. 63: Nardo.

p. 67: Rosa Mosqueta.

Dios Coride (Dioscórides)

Prólogo

Modo de Recojer

p. 17: Caña fistola

p. 25 Arrayán los Indios Guabiyú

p. 27: El Ibauh ó Guabiyú miri es la segunda especie de Arrayán

p. 64: La Azucena americana

p. 67: Rosa Mosqueta

p. 79: Caá yuqui, o Llantén silvestre de estas Misiones

p. 167: Ajenjo pontico

p. 171: Orozús.

p. 175: Bledo que el Indio llama Caárurú

p. 180: Eupatorio de Mesué, ó Agrimonia, que el Indio dice Mbuí guazú.

p. 188: Aro á que el Indio Guarani llama Tayá

p. 200: Caáberá ou em Córdoba tipa.

p. 283: Aguarandios guazú

p. 291: Poleo

p. 299: Xenxibre

p. 321: Escobiosas

p. 325: El Macaguá caá; trisago

p. 367: Almiscle de la tierra

Mathiolo Senense

Prólogo

Modo de Recojer

Explicase la virtud y Modo de Conocer

p. 18: Casia solutiva.

p. 27: El Ibaúh ó Guabiyú miri es la segunda especie de Arrayán

p. 67: Rosa Mosqueta.

p. 79: Caá yuqui, o Llanten silvestre de estas Misiones

p. 167: Ajenjo pontico

p. 188: Aro á que el Indio Guarani llama Tayá

p. 251: El Yapacarií, que Mathiolo llama Pistacia

p. 253: asi como la satucrya, ó Salcifrago de Mathiolo

p. 291: Poleo

p. 299: Xenxibre

p. 321: Escobiosas

p. 340: Henula Campana es la que el Indio llama Caá cambi guazú

p. 377: El Pínó miri, que dice el Indio es la segunda especie de Anacardo.

p. 391: El arbol de la Canela, llamado en Tupi Caliacha

Andres Alcazar

p. 9: Virtudes de la Isica.

Laguna

Prólogo

p. 18: Casia solutiva

p. 21: Guayacán ou palo santo.

p. 25 Arrayán los Indios Guabiyú

p. 27: El Ibaúh ó Guabiyú miri es la segunda especie de Arrayán

p. 55: La Correguela, ó Purga criolla

p. 64: La Azucena americana

p. 67: Rosa Mosqueta.

p. 79: Esquinato

p. 167: Ajenjo pontico

p. 171: Orozús.

p. 175: Bledo que el Indio llama Caárurú

p. 188: Aro á que el Indio Guarani llama Tayá

p. 200: Caáberá ou em Córdoba tipa.

p. 217: El Ayuí; dicen los Indios en Tucumán Laurel, es el verdadero arbol del Incienso Arabigo.

p. 222: Palo Santo oloroso.

p. 293: Mercuriales

p. 299: Xenxibre

p. 321: Escobiosas

p. 372: Caá pitá guazú, es muy semejante al Salcifrago mayor de Dios Corides, y Laguna

p. 391: El arbol de la Canela, llamado en Tupi Caliacha

p. 403: Pimienta.

Referência a autores sem citar nome

Francisco Morato Portuguez

p. 21: Guayacán. → chama de palo santo.

Riveiro

p. 21: Guayacán. → chama de palo santo.

p. 222: palo santo oloroso

Ascencio

p. 21: Guayacán. → chama de palo santo.

p. 222: palo santo oloroso

Médico italiano que curou em Salta

p. 90: De la Quirocilla

Democrates

p. 152: Caáné miri que dice el Indio, á diferencia del caáné guazú, que llama al Eneldo.

Galeno

p. 152: Caáné miri que dice el Indio, á diferencia del caáné guazú, que llama al Eneldo.

p. 188: Aro á que el Indio Guarani llama Tayá

p. 299: Xenxibre

Pablo Egineta

p. 152: Caáné miri que dice el Indio, á diferencia del caáné guazú, que llama al Eneldo.

p. 299: Xenxibre

p. 377: El Pínó miri, que dice el Indio es la segunda especie de Anacardo.

p. 397: arbol del Clavo.

Guillermo

p. 197: Achiote, que en Guarani llaman Urucú

Afirmado cirurgião em seus tempos de Madri

p. 222: Palo Santo oloroso.

Cristoval de Acosta

p. 258: Mangifera en el Brasil.

Certo cirurgião de Madri

p. 299: Xenxibre

Juan de Bigo (Jude Bigo)

p. 303: El Caáisí, ó Almaciga verde - confortativo de Bigo

p. 340: Henula Campana es la que el Indio llama Caá cambi guazú

p. 371: El Ibía guazú ó pítá, que dicen los Indios, es cierta especie de acetosa silvestre.

Avicena

p. 308: Caáisí, Coniza mayor.- Eupatorio de Avicena.

Theofrato

p. 308: Caáisí, Coniza mayor.

D. Antonio

p. 312: Caápari miri es batatilla de D. Antonio.

Isidro Ortiz

p. 321: Escobiosas

Padre Montoya

p. 325: El Macaguá caá; trisago

Cratevas

p. 340: Henula Campana es la que el Indio llama Caá cambi guazú

Farfan

p. 381: El arbol del Cacaho

Pablo Zaichia

p. 381: El arbol del Cacaho

Herrera

p. 381: El arbol del Cacaho

Padre Baltazar Telles

p. 397: arbol del Clavo.

Madame Fuchote

p. 397: arbol del Clavo.

Lerroy

p. 411: Otras curiosidades

Autores referidos para as plantas descritas por Montenegro

p. 9: Virtudes de la Isica.

Andres Alcazar

p. 17: Caña fistola

Dioscórides

p. 18: Casia solutiva.

Mathiolo Senense, Laguna

p. 21: Guayacán. → chama de palo santo.

Laguna, Riveiro, Ascencio

p. 25 Arrayán los Indios Guabiyú

Dioscórides, Laguna

p. 27: El Ibauh ó Guabiyú miri es la segunda especie de Arrayán

Dioscórides, Mathiolo Senense, Laguna

p. 42: El Mburucuyá que dice el Indio es lo que en España llaman flor de la Pasion...

Pisón

p. 55: La Correguela, ó Purga criolla

Laguna

p. 63: Nardo.

Bauthin

p. 64: La Azucena americana

Dioscórides, Laguna

p. 67: Rosa Mosqueta.

Bauthin, Dioscórides, Mathiolo Senense, Laguna

p. 79: Caá yuqui, o Llanten silvestre de estas Misiones

Dioscórides, Mathiolo Senense

p. 80: Esquinato

Laguna

p. 90: De la Quirocilla

Médico Italiano que curou em Salta

p. 101: Caápebá o Macaguá

Huerta, Menardes, Pisón, Bonti

p. 152: Caáné miri que dice el Indio, á diferencia del caáné guazú, que llama al Eneldo.

Plinio, Galeno, Pablo Egineta, Demócrates

p. 167: Ajenjo pontico

Dioscórides, Mathiolo Senense, Laguna

p. 171: Orozús.

Dioscórides, Laguna

p. 175: Bledo que el Indio llama Caárurú

Dioscórides, Laguna

p. 180: Eupatorio de Mesué, ó Agrimonia, que el Indio dice Mbuí guazú.

Dioscórides

p. 188: Aro á que el Indio Guarani llama Tayá

Dioscórides, Mathiolo Senense, Laguna, Galeno

p. 197: Achiote, que en Guarani llaman Urucú

Guillermo (Pisón)

p. 200: Caáberá ou em Córdoba tipa.

Dioscórides, Laguna

p. 217: El Ayuí; dicen los Indios en Tucumán Laurel, es el verdadero arbol del Incienso Arabigo.

Laguna

p. 222: Palo Santo oloroso

Laguna, Afirmado cirurgiaão em seus tempos de Madri, Francisco Morato Portuguez, Riveiro, Ascencio

p. 227: Tamarindos

Pisón, Bonti

p. 231: Copayba

Pisón

p. 251: El Yapacarií, que Mathiolo llama Pistacia

Mathiolo Senense

p. 253: asi como la satucrya, ó Salcifrago de Mathiolo

Mathiolo Senense

p. 258: Mangifera en el Brasil

Bonti, Cristoval de Acosta

p. 272: raiz de la China; el Indio Guarani llama Yuápecá, y el Brasilense ó Tupi dice: Yuápecanga.

Huerta, Menardes, Pisón

p. 277: Aguarandios; el Brasilense le llama Yaborandi, y el Guaraní Yaguarandio miri.

Pisón

p. 283: Aguarandios guazú

Pisón, Dioscórides

p. 291: Poleo

Dioscórides, Mathiolo Senense

p. 293: Mercuriales

Laguna

p. 299: Xenxibre

Pisón, Bonti, Dioscórides, Mathiolo Senense, Laguna, Galeno, Pablo Egineta, Certo cirurgião de Madri

p. 303: El Caáisí, ó Almaciga verde

Plinio, Juan de Bigo

p. 308: Caáisí, Coniza mayor.

Plinio, Avicena, Theofrato

p. 312: Caápari miri es batatilla de D. Antonio.

D. Antonio

p. 321: Escobiosas

Dioscórides, Mathiolo Senense, Laguna, Isidro Ortiz

p. 325: El Macaguá caá; trisago

Dioscórides, Padre Montoya

p. 340: Henula Campana es la que el Indio llama Caá cambi guazú

Mathiolo Senense, Juan de Bigo, Cratevas

p. 367: Almiscle de la tierra

Dioscórides

p. 371: El Ibíá guazú ó pítá, que dicen los Indios, es cierta especie de acetosa silvestre.

Juan de Bigo

p. 372: Caá pítá guazú, es muy semejante al Salcifrago mayor de Dios Corides, y Laguna

Laguna

p. 377: El Pínó miri, que dice el Indio es la segunda especie de Anacardo.

Plinio, Mathiolo Senense, Pablo Egineta

p. 381: El arbol del Cacao

Huerta, Menardes, Pison, Farfan, Pablo Zaichia, Herrera

p. 391: El arbol de la Canela, llamado en Tupi Caliacha

Mathiolo Senense, Laguna

p. 397: arbol del Clavo.

Huerta, Menardes, Pison, Bonti, Pablo Egineta, Padre Baltazar Telles, Madame Fuchote

p. 403: Pimienta.

Huerta, Menardes, Pison, Bonti, Laguna

p. 411: Otras curiosidades

Lerroy